

J. SIDLOW BAXTER

*examinai as
escrituras*

EZEQUIEL A MALAQUIAS



examinai as escrituras

Por meio de um estudo sistemático e progressivo, o Dr. Baxter "examina" a Palavra de Deus numa série de lições básicas e amplamente interpretativas, abrangendo desde o livro de Ezequiel até Malaquias.

Este livro não é um comentário versículo por versículo nem é também uma série de análises e esboços. Antes, é um completo panorama dos eventos, lugares e pessoas que formam o conteúdo desse grupo de livros.

Pastores, seminaristas, professores e estudantes da Bíblia em geral encontrarão aqui uma riqueza de material para mensagens, lições e estudos particulares.

Ninguém poderá terminar esta série de lições e continuar a mesma pessoa. Todo estudante receberá um benefício vitalício e será infinitamente abençoado com estes estudos práticos e envolventes.

J. Sidlow Baxter é um australiano de Sydney, tendo crescido na Inglaterra. Ele não é somente um pregador de habilidade espantosa; antes de tudo, é um professor de capacidade comprovada por milhares de pessoas que já tiveram oportunidade de ouvi-lo. Recebeu o grau de Doutor em Teologia pelo Seminário Batista Central, em Toronto, no Canadá.

ISBN 85-275-0198-



0 788327 5010

*examinaí as
escrituras*

examinai as escrituras

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 1 | GÊNESIS A JOSUÉ |
| 2 | JUÍZES A ESTER |
| 3 | JÓ A LAMENTAÇÕES |
| 4 | EZEQUIEL A MALAQUIAS |
| 5 | PERÍODO INTERBÍBLICO E OS EVANGELHOS |
| 6 | ATOS A APOCALIPSE |

examinai as escrituras

J. Sidlow BAXTER

TRADUÇÃO DE
NEYD SIQUEIRA



© de J. Sidlow Baxter

Título do original: *Explore the Book*

Traduzido da edição em 1 volume de 1960, publicada
pela Zondervan Publishing House (Grand Rapids, Michigan, EUA)

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,

Caixa Postal 21486, São Paulo, SP.

04698-970

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos,
eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação,
estocagem em banco de dados, etc.). Permitida a reprodução
parcial somente em citações breves em obras, críticas
ou resenhas, com indicação de fonte.

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Coordenação de produção • ROBINSON MALKOMES

Revisão • FABIANI MEDEIROS

Revisão de provas • ALAÍS PAULA DE ALMEIDA

Diagramação • ROGER L. MALKOMES E JANETE D. CELESTINO

Capa • MELODY PIERATT

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baxter, J. Sidlow

Examinai as Escrituras : Ezequiel a Malaquias,
v. 4 / J. Sidlow Baxter ; tradução Neyd Siqueira. --
São Paulo : Vida Nova, 1995.

Obra em 6 v.

Bibliografia.

ISBN 85-275-0199-6 (obra completa) --

ISBN 85-275-0198-8 (v. 4)

1. Bíblia. A.T. - Introduções 2. Bíblia. A.T. -
Ezequiel - Comentários 3. Bíblia. A.T. - Malaquias -
Comentários I. Título.

CDD-224.407

-224.907

94-4419

Índices para catálogo sistemático

1. Comentários : Profetas maiores : Livros
proféticos : Antigo Testamento 224.407
2. Comentários : Profetas menores : Livros
proféticos : Antigo Testamento 224.907

CONTEÚDO

PREFÁCIO DO AUTOR	7
PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	9
EZEQUIEL	11
Lições 78 a 81	
DANIEL	57
Lições 82 a 85	
OSÉIAS, JOEL E AMÓS	99
Lições 86 a 90	
OBADIAS, JONAS E MIQUÉIAS	153
Lições 91 a 96	
NAUM, HABACUQUE E SOFONIAS	223
Lições 97 a 99	
AGEU, ZACARIAS E MALAQUIAS	257
Lições 100 a 103	

PREFÁCIO DO AUTOR

QUASE todas as seções compreendidas neste curso bíblico foram apresentadas em minhas palestras bíblicas das noites de terça-feira na Capela Charlotte de Edimburgo, na Escócia, justificando assim sua forma em tom de conversa, em certas partes. Não são ensaios escritos, mas foram palestras preparadas para serem proferidas em público, e julguei mais acertado deixá-las em seu molde original, acreditando que há certas vantagens práticas nisso. Peço que sejam tolerantes neste aspecto, especialmente se os olhos exigentes de algum conhecedor ou diletante literário passarem sobre elas em sua forma impressa agora estabelecida. Além do mais, em vista de estes estudos terem sido preparados sem intenção de ser publicados mais tarde, tomei em várias partes a liberdade permitida a um pregador, mas não a um escritor, apropriando-me dos escritos de outros. Só espero que minha admiração não me tenha levado a aproximar-me demais da ameaçadora fronteira do plágio. Se isso aconteceu, sinto-me aliviado com a certeza de que só pode ter sido em relação a autores que não estão mais conosco. Minha gratidão jamais será excessiva para com os caro John Kitto, de tempos idos (e, para muitos, obsoleto), John Urquhart, A. T. Pier-son, Sir Robert Anderson, G. Campbell Morgan e outros da mesma tradição evangélica. Todos eles foram mestres em seus dias e a seu próprio modo. A todos eles, e a essa incomparável obra composta, o *Pulpit Commentary* [Comentário de Púlpito], devo minha gratidão permanente e presto minha homenagem. Entretanto, no todo, este curso bíblico é basicamente resultado de meu estudo pessoal, e aceito de bom grado a responsabilidade por ele, crendo que dá verdadeira honra à Bíblia como a Palavra de Deus inspirada, em cada uma de suas partes. Que Deus possa empregá-lo graciosamente em um ministério útil para muitos que vivem e trabalham na seara de seu amado Filho, nosso Senhor e Salvador.

J. S. B.

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Esta é a quarta parte de *Examinai as Escrituras*, uma coleção de seis volumes. Esta coleção surgiu em decorrência do desejo do Pastor J. Sidlow Baxter de oferecer, com lições atraentes e práticas, um conhecimento bíblico básico aos membros da Capela Charlotte, em Edimburgo, na Escócia. O autor teve a feliz idéia de preparar os estudos de modo completo para os membros daquela igreja, começando com Gênesis e terminando em Apocalipse, sem escrever apenas mais um comentário.

O autor lança um alicerce agradável e seguro para quem deseja apresentar-se como obreiro (ou membro da igreja) “que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (2 Tm 2.15).

Neste volume, o Pastor Baxter discorre sobre temas palpitantes contidos de Ezequiel a Malaquias. Ele apresenta uma abordagem bastante prática e convidativa, sem ser maçante. Baxter informa, mas não cansa, e escreve com muita compreensão do texto, interpretando-o com lições aplicáveis à vida.

Os que procuram uma leitura edificante ou querem ensinar a Palavra, terão mais auxílio do que poderiam esperar. Este volume não é um comentário que se prende a detalhes que não fazem nenhuma diferença. Sempre sugestivo, Baxter tem uma facilidade extraordinária de descobrir e organizar a “mensagem” do texto. Ele prepara um prato espiritual que dá água na boca, pois é um pastor, não um teólogo ou professor de seminário que se isola em uma torre de marfim. Em lições muito assimiláveis, ele fornece informações bem esclarecedoras àquelas que têm pouco mais de uma vaga lembrança do conteúdo destes livros proféticos da Bíblia.

Temos convicção de que a popularidade gozada por esta obra em inglês será a mesma que se verificará na sua edição em português.

RUSSELL P. SHEDD, Ph.D.

EZEQUIEL (1)

Lição Nº 78

NOTA: Para este estudo, leia todo o livro de Ezequiel uma vez, mas sem tentar lê-lo apressadamente numa sentada. Leia os capítulos agrupados como segue:

Primeiramente, os capítulos de 1 a 3, refletindo sobre a visão inicial e o chamado do profeta.

Em segundo lugar, os capítulos de 4 a 24, observando que todos se referem a Jerusalém.

Em terceiro, os capítulos de 25 a 39, observando que se referem principalmente ao futuro e ao destino dos vários povos gentios.

Em quarto, os capítulos de 40 a 48, que são bastante separados e ocupam-se inteiramente da visão do último templo e da cidade.

A suma dela (da soberania de Deus) repousa nesta proposição, a saber, que o grande Deus, bendito para sempre, tem poder e direito absoluto de domínio sobre suas criaturas, a fim de aniquilá-las como lhe aprouver.

ELISHA COLES, *A Practical Discourse of God's Sovereignty*.

EZEQUIEL (1)

EM NOSSA série de estudos, chamamos a atenção para o fato de que doze dos livros proféticos são pré-exílicos e cinco, pós-exílicos. Os cinco pós-exílicos são: *Ezequiel, Daniel, Ageu, Zacarias e Malaquias*. Todos os outros pertencem ao período que *precede* a queda de Jerusalém e o exílio dos judeus na Babilônia, exceto, naturalmente, Jeremias, o último dos profetas pré-exílicos que na verdade viveu para testemunhar esse trágico evento, e escreveu suas “Lamentações” como um triste registro do acontecimento.

O profeta Ezequiel dá-nos um novo ponto de partida. Seu livro, como o de Daniel, que o segue, foi escrito no período após haver iniciado o exílio dos judeus na Babilônia. Tanto Ezequiel como Daniel, porém, foram levados cativos para a Babilônia alguns anos antes do cerco final e saque de Jerusalém em 587 a.C. — pois houve duas pequenas deportações anteriores de judeus cativos para a Babilônia, como vemos em 2 Reis 24.8-16, Jeremias 24.1 e Daniel 1.1-4. Esses foram os primeiros frutos daquela ceifa do cativo, que no final os babilônios colheram até o último grão.

A pessoa de Ezequiel

Ezequiel, como Jeremias, era sacerdote e profeta (1.3). Foi um dos dez mil cativos levados para a Babilônia por Nabucodonosor na época em que Zedequias, o último rei de Judá, começou o triste reinado de 11 anos em Jerusalém. Essa deportação está registrada em 2 Reis 24.11-18. Considerando-se que tenha coincidido com a ascensão de Zedequias, deve ter ocorrido 11 anos antes da queda definitiva de Jerusalém, pois a derrocada aconteceu no décimo primeiro ano do reinado de Zedequias. Sabemos que Ezequiel deve ter estado entre os dez mil, porque ele mesmo nos conta, em 40.1, que “catorze anos após ter caído a cidade” seria o vigésimo quinto ano de seu exílio na Babi-

lônia — o que confirma sua presença na Babilônia 11 anos antes da queda de Jerusalém.

Em vez de dizer que Ezequiel e seus companheiros de cativo se encontravam na Babilônia, talvez devêssemos usar expressão mais ampla e dizer que estavam na terra da Babilônia, a fim de que não se pense que realmente se encontravam na *cidade* de Babilônia. Ezequiel conta-nos exatamente onde ele se encontrava em seu exílio e quando começou a profetizar ali. Seu lar no exílio ficava em Tel-Abibe (3.15), nas margens do rio Quebar (1.1). O nome Tel-Abibe significa “monte das espigas de trigo” e talvez indique a fertilidade da região. O rio Quebar é agora conhecido como *Kabour*. Desaguava no Eufrates, ao norte da cidade de Babilônia, sendo também chamado *Nar-Kabari*, isto é, o grande canal. A respeito dos exilados judeus o Dr. Joseph Angus comenta: “Esses cativos foram distribuídos em vários povoados através de toda a Babilônia, formando pequenas comunidades com certa organização e liberdade de culto, cada um em seu ‘pequeno santuário’”. Uma dessas colônias fora estabelecida em Tel-Abibe junto ao Quebar, constituída, como pensam alguns, de judeus de classe superior. Entre eles, a figura mais notável era a do sacerdote-profeta Ezequiel, a quem evidentemente respeitavam, mas a cujas palavras resistiram na maior parte, apegando-se à falsa esperança de um rápido retorno à terra de seus pais.

O ministério de Ezequiel

Ezequiel conta-nos que começou a profetizar no quinto ano depois da deposição de Joaquim, que foi naturalmente o quinto ano após a ascensão de Zedequias (1.2). Esse foi também o quinto ano do cativo de Ezequiel na Babilônia, sendo importante notar aqui que, sempre que Ezequiel fornece a data de suas visões ou profecias (o que faz 13 vezes), ele calcula a partir desse memorável e trágico ano de sua vida, em que seu exílio começou na Babilônia. Ele próprio torna isso claro em 33.21 e 40.1. A data *mais tardia* que Ezequiel nos fornece de suas profecias encontra-se em 29.17 (“No vigésimo-sétimo ano...),

representando um intervalo de 22 anos desde a primeira visão no capítulo 1. Se nossa leitura de 1.1 estiver certa, Ezequiel tinha 30 anos de idade quando começou seu ministério profético aos exilados, o que significa que foi levado para a Babilônia aos 25 anos.

Como Ezequiel começou a profetizar no quinto ano após sua chegada à Babilônia (1.2), ele exerceu seu ministério aos exilados seis anos até a queda de Jerusalém. Eis por que nos primeiros 24 capítulos ele fala tanto do juízo iminente (pois nenhum dos primeiros 24 capítulos tem data posterior ao nono ano, ao passo que foi no *décimo primeiro* que Jerusalém caiu).

O ministério de Ezequiel entre os exilados mostrou-se bastante difícil. Uma breve reflexão das circunstâncias mostrará por quê. Jerusalém sofrera golpes ameaçadores havia pouco. Duas deportações de judeus para a Babilônia já a tinham privado da nata de sua nobreza. Todavia, em vez de perceber nessas coisas um ultimato do Senhor para que endireitassem seus caminhos a fim de não perecer, a população idólatra e depravada mergulhara ainda mais fundo na superstição e na imoralidade. Vimos isso em nosso estudo de Jeremias.

Depois da deportação dos dez mil dos quais Ezequiel fazia parte, Deus deu a Jeremias a mensagem simbólica dos dois cestos de figos (Jr 24). Os figos bons representavam os levados de Jerusalém, e os ruins, que eram *realmente* ruins, os que permaneceram. O povo de Jerusalém, porém, tirara uma conclusão tão insensata do significado dessa deportação que chegou a envaidecer-se julgando que, enquanto seus conterrâneos exilados estavam provavelmente sendo castigados com justiça por seus pecados, eles, que haviam sido poupados como remanescente na cidade, eram os favoritos dos céus, a quem a terra fora dada por posseção (veja Ez 11.15; 33.24).

Em vez de temer uma expulsão iminente da terra, convenceram-se de que os exércitos babilônicos não voltariam e de que a cidade do Senhor era inexpugnável. Essa ilusão popular sem dúvida se devia em grande parte aos falsos profetas que ministravam seus entorpecentes fatais em nome do Senhor (Jr 27.9; 28.1-11 etc.). Jeremias tentou em vão convencê-los de que o destino da cidade estava selado (Jr 21.7; 24.8; 32.3-5; 34.2, 3).

A mesma atitude pareceu firmar-se com igual obstinação entre os judeus exilados na Babilônia, em meio aos quais Ezequiel ministrava. Embora sem dúvida houvesse alguns espíritos afeitos ao de Ezequiel, os quais reconheciam os juízos do Senhor nas calamidades que estavam ocorrendo e choravam sobre Sião com os corações contritos (veja Sl 137), a maioria, porém, continuava na idolatria e nos caminhos errados (14.4 etc.; 33.32; veja também 2.4; 3.7-9). Esses exilados também foram influenciados pela idéia ilusória de que seu cativeiro logo terminaria e que o Senhor jamais permitiria que Jerusalém, sua cidade eleita, fosse conquistada. Havia falsos profetas entre eles, assim como na distante Jerusalém, os quais procuravam inculcar isso o tempo todo (13.16, 19). Jeremias escreveu sua carta aos exilados judeus na Babilônia (Jr 29) para contrapor-se à influência desses impostores, exortando o povo a estabelecer-se e procurar o bem da terra. Note como Jeremias acusa os falsos profetas em meio aos exilados. Leia de novo sua carta. Talvez os exilados tivessem aceito o conselho de Jeremias mais facilmente, não fosse a persistência desses profetas impostores. Um deles, Semaías, o neelamita, chegou a enviar uma réplica aos conselhos de Jeremias, sugerindo que o sacerdote Sofonias prendesse Jeremias como louco (Jr 29.24-28).

Fica claro que havia necessidade de um profeta como Ezequiel entre os exilados, assim como é evidente que sua tarefa era bem difícil. Seu primeiro trabalho foi desiludi-los da falsa esperança, o que exigia muita coragem. Devia também interpretar para seu povo exilado a lógica severa de sua história passada. Mas o arco-íris é visto novamente entre as nuvens, pois Ezequiel, como Jeremias, tinha um quadro glorioso dos dias posteriores para pintar e uma visão final em que via um povo reunido, um templo reerguido, um culto reorganizado e um Israel regenerado.

É provável que depois da queda de Jerusalém os ouvidos se abrissem mais facilmente à mensagem de Ezequiel. Os outros únicos aspectos que necessitamos mencionar sobre ele aqui são: que era casado (24.16-18), que evidentemente tinha a própria casa em Tel-Abibe (3.24; 8.1), que a morte de sua esposa, no nono ou décimo ano de seu cativeiro, foi um golpe triste para ele (24.16, 17) e que, segundo a tra-

dição judaica, ele por fim foi morto por um companheiro de exílio cuja idolatria censurara.

A visão e a comissão iniciais de Ezequiel (1—3) têm especial pertinência para os obreiros cristãos. Observe o final da visão: “vi”, “caí”, “ouvi”. Os profetas são sempre feitos assim. Mas no momento em que caiu “com o rosto em terra”, o Espírito o pôs “em pé” (2.2). Vamos ler, marcar, aprender!

O “livro” de Ezequiel

Embora esse livro de Ezequiel seja grande, não apresenta obstáculos para uma análise geral, pois segue uma ordem clara. Vamos examiná-lo e indicar suas principais características.

Em primeiro lugar, fica perfeitamente claro que os três primeiros capítulos devem ficar juntos. Temos neles *a visão inicial e a comissão divina do profeta*. A seguir, será visto que todos os capítulos do 4 ao 24 estão ligados aos *juízos de Deus sobre Jerusalém e o povo da aliança*, e todas as datas que Ezequiel fixa para esses capítulos precedem a queda de Jerusalém (1.2; 8.1; 20.1; 24.1). Veremos depois que os capítulos de 25 a 39 ocupam-se inteiramente do *destino futuro das nações* — primeiramente das nações gentias (25—32) e depois de Israel (33—39). Por fim, do capítulo 40 ao 48, temos uma visão magnífica, retratando simbolicamente o templo ideal e a adoração do futuro derradeiro.

Não precisamos pesquisar muito para encontrar a *idéia-chave* e a *mensagem central* de Ezequiel. Elas se nos deparam em quase todas as páginas. Com pequenas variações, a expressão “... então saberão que eu sou o SENHOR” ocorre nada menos que 70 vezes. É empregada 29 vezes em relação ao castigo de Jerusalém pelo Senhor; 24 vezes com respeito aos juízos governamentais do Senhor sobre as nações gentias e 17 vezes referindo-se à futura restauração e à bênção final da nação eleita. Poder enxergar isso é ter o cerne do livro desvendado. O povo eleito e todos os demais povos deverão saber por meio de uma demonstração incontestável que o Senhor é o único e verdadeiro Deus,

o Rei soberano das nações e da história. Eles ficarão sabendo mediante três revelações de seu soberano poder: a) pelo castigo de Jerusalém e pelo cativeiro do povo escolhido, que ocorreu exatamente como predito; b) pelos juízos profetizados sobre as nações gentias da época de Ezequiel, que também sobrevieram da maneira predita e c) pela preservação e restauração final do povo da aliança, as quais tiveram cumprimento parcial na volta do “Remanescente” com Esdras e Neemias e ainda estão sendo cumpridas na maravilhosa preservação de Israel, apressando-se agora em direção à sua consumação milenar. Isso, então, é Ezequiel: “SABERÃO QUE EU SOU O SENHOR”.

Vamos marcar bem esses três desdobramentos do livro de Ezequiel:

1. OS JUÍZOS PRESENTES SOBRE JERUSALÉM (4—24)

2. O DESTINO FUTURO DAS NAÇÕES (25—39)

3. O TEMPLO, O POVO E A CIDADE FINAL (40—48)

Examinemos agora as *subdivisões*. Veja o primeiro desdobramento (4 a 24). Aqui se verá que os capítulos de 4 a 7 consistem em símiles e mensagens da condenação iminente.

É igualmente óbvio que com o capítulo 8 começa uma nova seção, pois os capítulos de 8 a 11 descrevem uma *visão* — uma visão cuidadosamente datada — do templo e de Jerusalém profanados pelas idolatrias e pelos pecados do povo judeu, sendo seu ponto especial e clímax o fato de que a glória do Senhor agora deixa o templo e a cidade (10.18; 11.23).

Depois disso, do capítulo 12 ao 24 temos mais um trecho de comparações e profecias dos juízos que já estavam começando. Observe que o capítulo 24, que termina esse primeiro de três desdobramentos principais de Ezequiel e que nos leva exatamente até a metade do livro, coincide com o dia em que os exércitos de Nabucodonosor iniciaram o cerco decisivo da capital judaica. Veja 2 Reis 25.1 com Ezequiel 24.1, 2. Justamente no dia em que Jerusalém foi sitiada, Deus revelou tal fato a Ezequiel, na distante Babilônia. Nesse capítulo 24, também morre a mulher de Ezequiel, “a delícia dos seus olhos”, e ela não deve

ser lamentada, como um tipo trágico de Jerusalém. Assim termina o primeiro desdobramento do livro.

Capítulos de 25 a 39

Vem agora o segundo desdobramento (25—39). Temos aqui os propósitos do Senhor para as nações. Os destinos nacionais são escritos antecipadamente. Primeiramente temos os juízos vindouros sobre as potências dos gentios: Amom, Moabe, Edom, Filístia (25); Tiro e Sidom (26—28); Egito (29—32). Mas no capítulo 33 há uma interrupção. Ezequiel volta-se de novo para sua própria nação: “Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, fala *aos filhos de teu povo...*”. Daqui até o final do capítulo 39 estamos tratando do futuro de Israel. Agora Jerusalém caiu. Nesse mesmo capítulo, “um que tinha escapado de Jerusalém” levou a Ezequiel a notícia: “Caiu a cidade” (veja o versículo 21, que se reporta a 24.26). A palavra de Jeremias e de Ezequiel se cumpriu! Os falsos profetas estão agora expostos! Haverá uma nova disposição e uma nova perspectiva em meio aos exilados judeus! De acordo com isso, Ezequiel é agora *recomissionado*, nesse capítulo 33, como atalaia do Senhor para Israel (v. 7). Repare nas palavras especiais àqueles que se afastassem de suas maldades, à luz do que havia acontecido (v. 11 etc.). Então, no capítulo 34 finalmente começa a mensagem de que depois do juízo haveria um destino glorioso para Israel.

O capítulo 35, o juízo sobre o monte Seir, pode parecer à primeira vista uma interrupção desse tema superior; na realidade, porém, ele se enquadra perfeitamente aqui como um brusco contraste. Monte Seir é o nome metonímico de *Edom*, a nação gêmea de Israel (veja nosso estudo de Obadias). Os edomitas descendiam de Esaú, o irmão gêmeo de Jacó; todavia, desde o começo haviam sido o pior inimigo de Israel, com um ódio estranho, feroz, implacável e maligno. Um dos prelúdios da bênção final de Israel seria a destruição da perversa Edom. Encontramos uma especificação similar de Edom em Lamentações 4.22. Os capítulos 36 e 37 são uma maravilhosa previsão da reunião nacional e da renovação espiritual do povo terreno de Deus. O assalto culminante do final dos tempos por parte de Gogue e de Magogue é

vaticinado nos capítulos 38 e 39, e o capítulo 39 termina com *todas as nações reconhecendo o Senhor como o Deus verdadeiro, por meio de seus maravilhosos feitos em relação a Israel*. Assim termina o segundo desdobramento do livro.

Os últimos nove capítulos

Quanto à terceira parte principal do livro, fica claro que essa visão do templo, do culto, da terra e da cidade ideais, abrangendo menos que os últimos nove capítulos do livro, destaca-se por si mesma. Ela é datada com cuidado — décimo quarto ano após a queda de Jerusalém (40.1) — e suas subdivisões praticamente não precisam ser mencionadas. Podemos, portanto, apresentar agora nossas descobertas, assim:

EZEQUIEL

“Saberão que eu sou o SENHOR”

A PRIMEIRA VISÃO E O CHAMADO DE EZEQUIEL (1—3)

1. OS JUÍZOS PRESENTES SOBRE JERUSALÉM (4—24)

SÍMILES E PROFECIAS DE CONDENAÇÃO IMINENTE (4—7)

A VISÃO DO TEMPLO E DA CIDADE: A GLÓRIA AFASTA-SE (8—11)

OUTROS TIPOS E MENSAGENS DE JUÍZO (12—24)

2. O DESTINO FUTURO DAS NAÇÕES (24—39)

JUÍZOS PROFETIZADOS SOBRE AS POTÊNCIAS DOS GENTIOS (25—32)

A RESTAURAÇÃO DE ISRAEL DEPOIS DOS JUÍZOS PRESENTES (33—37)

GOGUE E MAGOGUE DESTRUÍDOS: ISRAEL EXALTADO (38—39)

3. O ÚLTIMO TEMPLO, O CULTO E A CIDADE (40—48)

O REERGUIMENTO DO TEMPLO E A NOVA GLÓRIA (40.1—43.12)

O NOVO CULTO E O RIO SANTO (43.13—47.12)

A TERRA REDIVIDIDA E A CIDADE DE DEUS (47.13—48.35)

O livro de Ezequiel presta-se a uma análise muito mais demorada que a aqui proposta, mas isso é tudo o de que necessitamos para o nosso propósito no momento. É bom fixar na mente a estrutura principal em três partes, com a idéia-chave e a mensagem central: “Sabem que eu sou o SENHOR”.

EZEQUIEL (2)

Lição Nº 79

NOTA: Para este estudo, leia Ezequiel de 1 a 3, detendo-se especialmente na visão do capítulo 1. Leia também do capítulo 4 ao 24 de novo.

Por existir tal poder (isto é, a soberania divina) e desde que esse poder pertence a Deus, nenhum motivo além deste precisa ser alegado: “Ele é Deus, e além dele não há outro”. Não pode haver nada mais, porque: 1) só pode haver um Infinito, pois tal ser enche o céu e a terra, não deixando então espaço para outro; 2) só pode haver um Onipotente, pois aquele que é assim tem todos os outros sob seus pés; além disso, quando um pode fazer tudo, mais que um seria uma impertinência; 3) só pode haver um Supremo; o poder supremo pode residir em muitos (como em monarquias mistas e estados democráticos), mas como legisladores e autoridade suprema são sempre um só, e 4) só pode haver uma Primeira Causa, da qual todos os seres derivam; e ela é esse ser bendito de que falamos: “pelo qual são todas as cousas” (1 Co 8.6). E, se ele é o Autor de tudo, ele precisa ter um poder e um direito soberanos de determinar tudo, quanto ao ser, à ordem, à eficácia e ao fim.

ELISHA COLES, *A Practical Discourse of God's Sovereignty*.

EZEQUIEL (2)

A PRIMEIRA VISÃO

A PRIMEIRA visão de Ezequiel é uma das mais notáveis da Bíblia. E é tão necessário compreender seu significado, que dedicamos todo este estudo a ela. Tal visão é descrita principalmente no capítulo 1. Seu conteúdo é tríplice, assim como seu propósito. Quanto às três partes, há um cenário, um grupo central e um superclímax. Se entendermos bem essas partes, saberemos qual seu objetivo triplo.

O cenário

Assim, veja primeiro o cenário nessa visão. O profeta avista um “vento tempestuoso” e uma “grande nuvem” com “fogo a revolver-se e resplendor ao redor dela”, vindo “do norte” (v. 4). A expressão “fogo a revolver-se”, significa literalmente “um fogo *correndo atrás de si mesmo*”. As chamas brilhavam ao redor da nuvem que girava com tanta rapidez que cada uma parecia agarrar-se à anterior. A idéia é de uma terrível nuvem tempestuosa, envolta em lampejos de fogo. Mas o profeta também nos conta que “no *meio* disto”, desta roda de nuvem e fogo, havia uma coisa como de “cor de âmbar”.¹ O termo hebraico traduzido aqui por “âmbar” é peculiar a Ezequiel, sendo agora reconhecido com o significado de um tipo de metal luminoso. O profeta quer dizer que havia um núcleo brilhante nessa nuvem tempestuosa cercada de fogo. Dela surgiram as figuras vivas da visão; mas primeiramente vamos compreender o sentido desse cenário.

Qual o significado dessa tempestade, dessa nuvem e desse fogo? Só pode haver uma resposta: são os símbolos do *juízo*. Isso se confirma com o fato de que vieram “do norte”, pois era da Babilônia, pelo

1. Na ARA a tradução é: “uma coisa como metal brilhante”. (N. da T.)

norte, que o juízo viria sobre Jerusalém (veja Jr 1.14, 15; 4.6; 6.1). E se confirma mais ainda pelo fato de que, no final da visão, uma “mão” deu a Ezequiel um “rolo de um livro”, no qual estavam escritos “lamentações, suspiros e ais” (2.9, 10). A vinda do “norte” não perde sua força por Ezequiel estar na Babilônia e não em Jerusalém naquela ocasião; isso porque em seu íntimo ele foi transportado para bem longe da Babilônia, e ficamos sabendo claramente que mais tarde “o Espírito” o “levou” *de volta* aos exilados na Babilônia (3.14). O ponto de observação, como nas outras visões de Ezequiel, é Jerusalém; e o propósito por trás dos símbolos é revelar a chegada do juízo.

O grupo central

Do meio da nuvem tempestuosa e chamejante Ezequiel vê sair “quatro seres vivos” (v. 5), cada um com quatro rostos, quatro asas e quatro mãos (vv. 6, 8). Deve-se compreender que se trata de criaturas realmente vivas. São os “querubins” — Ezequiel os chama assim no capítulo 10. Ou seja, os seres vivos que aparecem em Gênesis guardando o portão do Éden e reaparecem em Apocalipse como os misteriosos guardiães do trono inefável no céu (Ap 4 etc.). Contudo, deve-se entender igualmente que a *apresentação* deles aqui é apenas simbólica. Os seres espirituais na verdade não têm “rostos”, “asas” ou “mãos”. Os símbolos são usados para expressar a nossas mentes humanas, à medida do possível, a natureza e as funções desses magníficos seres celestiais. O próprio Ezequiel tem o cuidado de dizer que era apenas a “semelhança” desses quatro seres vivos que ele viu (v. 5). Ele é tão cauteloso nesse aspecto, que usa a palavra “semelhança” 15 vezes. Que nos transmite, então, a “semelhança” desses quatro seres?

Em primeiro lugar, cada um tinha quatro rostos: o rosto de um leão, de um boi, de um homem e de uma águia. Os quatro significados aqui são óbvios: força, serviço, inteligência e divindade. Simbolicamente, vemos aqui a força em sua plenitude, o serviço em sua maior humildade, a inteligência em sua magnitude e a espiritualidade mais sublime.

Esses seres tinham também quatro asas e quatro mãos cada — uma asa e uma mão em cada um dos quatro lados, simbolizando juntas a plenitude da capacidade para o serviço (vv. 6, 8).

A seguir, “cada qual andava para a sua frente; para onde o espírito havia de ir, iam; não se viravam quando iam” (v. 12). Isso simboliza sua inabalável execução da vontade divina.

Depois, sua aparência era “como carvão em brasa, à semelhança de tochas” (v. 13) — expressão simbólica de sua absoluta santidade. E novamente, “os seres vivos ziguezagueavam à semelhança de relâmpagos” (v. 14), o que indica sua extrema rapidez de ação.

Portanto, temos, nesses querubins, força, serviço, inteligência e espiritualidade, no mais alto grau; plenitude de capacidade para o serviço; firme execução da vontade divina; santidade absoluta e o máximo de rapidez na ação.

Mas agora, no versículo 15, apresenta-se uma estranha e nova maravilha. Quatro rodas assustadoras aparecem ao lado desses quatro seres vivos. Que eram quatro essas rodas é mencionado no versículo 16. Uma roda ficava ao lado de cada um dos seres vivos, como vemos no versículo 16 (também em 10.9). O tamanho e a abrangência dessas rodas eram enormes. Elas tocavam a terra (v. 15), e ainda se elevavam até o céu. Lemos no versículo 18: “As suas cambotas [aros] eram altas e metiam medo”. Repare bem, então, que essas quatro rodas ligam os seres celestiais à terra.

Talvez o fato mais curioso sobre essas rodas imensas é que cada roda era duas em uma. O versículo 16 diz que sua semelhança era “como se estivesse uma roda dentro da outra”. Muitos leitores interpretam erroneamente o significado disso. Eles imaginam uma roda grande com outra menor no centro, girando na mesma direção. Não foi isso que Ezequiel quis dizer. Seu significado é esclarecido por uma pequena e surpreendente palavra que ele aplica tanto às rodas como aos seres vivos: “... não se viravam quando iam; cada qual andava para a sua frente” (vv. 9, 12, 17). Ora, como os quatro seres vivos não se viravam quando iam? Pelo fato de terem quatro faces, cada um olhava para uma direção diferente — norte, sul, leste, oeste — simultaneamente; portanto, não precisavam virar-se para nenhuma direção.

Também não precisavam voltar-se quando voavam, pois cada um tinha quatro asas, uma em cada um de seus quatro lados, de modo que precisavam simplesmente usar o par de asas apropriado para qualquer uma das quatro direções, sem necessidade de virar. Do mesmo modo, as *rodas* não precisavam virar, pois eram duas em uma só, uma atravessando a outra, ou seja, *na transversal* em relação à outra, uma girando na direção norte—sul e a outra, na direção leste—oeste, não havendo, portanto, necessidade de se virar para nenhuma direção. É claro que uma roda desse tipo seria impossível de delinear; mas o que vemos aqui é *símbolo*.

Essas rodas, que assim giravam com rapidez de relâmpago em todas as direções, sem necessidade de virar, tinham seus vastos aros cheios “de olhos” (v. 18). Esses inúmeros olhos olhavam simultaneamente em todas as direções das cambotas transversais. Eles viam tudo. Nada ficava oculto deles. Isso é sem dúvida o símbolo da *onisciência*.

Finalmente, essas rodas impressionantes estavam repletas da vida dos próprios seres vivos: “... porque nelas havia o espírito dos seres vivos” (v. 20). Em vista disso, as rodas expressavam com absoluta exatidão a vontade e o movimento dos quatro seres vivos (v. 21).

Tente agora imaginar esses quatro querubins com suas rodas, e o significado será inconfundível. Ezequiel, lembre-se, acabara de ver os símbolos de um juízo vindouro. Os babilônios em breve derrotariam a Judéia e levariam a nação para o exílio. Nesses querubins e em suas rodas, Ezequiel aprenderia que os juízos que estavam prestes a acontecer na terra não passavam de uma manifestação do que estava ocorrendo no reino invisível. Os acontecimentos desta terra nunca devem ser vistos independentemente desse reino invisível. Fundamentalmente, há um significado espiritual e divino em tudo o que é permitido. Ezequiel deveria aprender isso particularmente em relação à queda de Jerusalém. Nós também devemos aprender isso de novo em relação aos grandes acontecimentos de nossos dias. O propósito desse grupo central da visão de Ezequiel, então, é mostrar que, *por trás dos acontecimentos da terra, acham-se as operações dos poderes sobrenaturais nos céus*.

Veja quão significativamente as *rodas* mostram isso. Elas tocam a terra, mas alcançam o céu. Elas correm aqui para frente e para trás, porém são movidas por um poder do alto, pois “o espírito dos seres vivos” estava nas rodas! Essas enormes e assustadoras rodas são *as rodas do governo divino*, as rodas da chamada “providência”, com uma referência especial aqui ao exercício do *juízo* providencial. Essas rodas do governo divino correm com rapidez irresistível, como um relâmpago, em todas as direções sobre a terra. Elas nunca precisam virar, pois olham para todos os lados e estão em todos os lugares, cheias de olhos que olham para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste simultaneamente, tudo vendo, em toda parte, a cada minuto.

Ora, assim como as rodas ligam os acontecimentos da terra às potestades do céu, veja como as quatro criaturas viventes *acima* das rodas unem-se ao próprio Deus. Esses quatro seres sobre as rodas surpreendentemente expressam, de forma simbólica, *a vida de Deus*. Como vimos, os quatro rostos de cada um expressavam a idéia quádrupla de força, serviço, inteligência e espiritualidade no mais alto grau, ainda com a noção de inacessibilidade e mistério, presente no símbolo da águia. Ora, cada um desses quatro seres viventes só podia ter cada um de seus quatro rostos olhando para um lado (vv. 10, 12); mas quando apareceram para Ezequiel em formação quadrangular, estavam evidentemente colocados de modo tal — cada um num canto do quadrado — que a face do homem olhava para todos os lados, o mesmo ocorrendo com a do leão, a do boi e a da águia. Portanto, não só os muitos olhos das quatro rodas duplas olham em todas as direções, mas os 16 rostos dos seres vivos, em quatro grupos, também olhavam em todas as direções. E, assim como as quatro terríveis rodas expressavam a onisciência, a onipotência e a onipresença de Deus, as faces dos seres vivos expressavam a natureza moral e intelectual de Deus — pois devemos lembrar que como o espírito dos seres vivos estava nas rodas, assim também o Espírito do Senhor achava-se nos seres vivos (v. 12). Desse modo, então, tais rodas unem os acontecimentos da terra com os querubins no céu, e os querubins, por sua vez, ligam-nas com Deus.

Tanto Ezequiel como João deixam claro que esses quatro seres viventes de algum modo vivem mais perto de Deus do que qualquer outra criatura, e melhor expressam sua vida. Não surpreende, portanto, que, quando o próprio Filho de Deus se encarnou, houvesse uma correspondência entre ele e essas quatro figuras simbólicas da visão de Ezequiel. Isso se vê na ênfase distinta dos quatro escritores dos evangelhos. Em Mateus é o leão; em Marcos, o boi; em Lucas, o homem e em João, a águia.

O superclímax

Isso leva-nos ao super clímax da visão de Ezequiel. Trata-se realmente de um *superclímax*, pois Ezequiel agora vê acima dos querubins uma superestrutura de glória quase ofuscante. Subitamente ouve uma voz do firmamento, por sobre a cabeça dos querubins (v. 25), e ao levantar os olhos vê “algo semelhante a um trono, como uma safira”. Sobre o trono está uma figura envolta em fogo com uma aparência “semelhante a um homem”. Observe de novo a linguagem cautelosa de Ezequiel. Trata-se da figura “*semelhante a um homem*” sobre “algo *semelhante a um trono*”. Não é o Ser Divino que Ezequiel vê, mas certas aparências que tornam vivos para ele o caráter e os atributos daquele que “homem nenhum viu ou pode ver”.

Como a forma *geral* do querubim, deixando de lado as peculiaridades divergentes, era a de “um homem” (v. 5), aqui novamente a impressão geral é a de “*semelhança com um homem*” (provavelmente sendo retida a mesma base por não haver um símbolo mais alto de inteligência que pudesse ser compreendido pela mente humana); mas o que foi acrescentado aqui (ao contrário da descrição dos querubins) é vago, impossível de descrever. A figura está envolta em fogo. Existe um brilho central como de um metal luminoso ou fundido (“âmbar”) e “um resplendor ao redor”. Os símbolos expressam imensa santidade e glória inacessível. Ezequiel imediatamente reconhece nisso “a aparência da glória do SENHOR” e se prostra em adoração.

O *propósito* nesse superclímax é tão claro quanto o das outras partes da visão. Se os querubins e suas rodas expressam o fato de que por trás

dos acontecimentos terrenos encontram-se as operações do céu, esse superclímax do trono expressa o fato de que *tanto por trás de todos os acontecimentos da terra como acima de todos os poderes sobrenaturais do céu estão o trono, a vontade e o propósito soberanos do Senhor infinito.*

Ezequiel ouve e vê, e cai com o rosto em terra. Mas isso não é tudo. Ele vislumbrou algo, depois de tudo o mais, que jamais esquecerá. Ele viu um *arco-íris* em volta do trono (v. 28), coroando a impressionante glória com uma beleza suave. É a marca de uma aliança divina. É o símbolo da fidelidade divina. É a promessa de um brilho final e claro depois de as nuvens tempestuosas do juízo terem desaparecido; ela diz que em meio à plenitude da ira haverá amor infundável. Até mesmo a santidade assustadora e a glória inefável desse trono supremo são coroadas pelo arco da graça! Graças a Deus que esse arco-íris está sempre lá! Os suspiros do homem transformar-se-ão em canções, e, onde o pecado abundou, a graça finalmente triunfará em uma sociedade humana remida que é “santidade ao SENHOR”.

O triplo propósito

Existe, nessa primeira visão, portanto, um propósito tríplice. Primeiramente, no cenário de tempestade, nuvem e fogo, o objetivo é mostrar a iminência do juízo. Em segundo lugar, no grupo central de querubins e rodas, o fim é mostrar que por trás dos acontecimentos da terra encontram-se operações do céu. Em terceiro lugar, no superclímax do trono e do arco-íris, o propósito é mostrar que o próprio Senhor está supremo sobre tudo, que a sua vontade soberana domina sobre tudo, que na ira ele lembra a graça e que no final o juízo resulta no triunfo da graça e da justiça.

Quando ocorresse a tragédia da ruína de Jerusalém, Ezequiel não deveria perder a fé, pensando que o Senhor, afinal de contas, havia-se mostrado incapaz de preservar sua cidade escolhida, que as rédeas lhe haviam sido tiradas da mão e que os deuses dos gentios eram poderosos. Ele deveria saber que muito antes do juízo cair ele já estava previsto e na verdade predeterminado, que por trás dele se encontrava

a operação do poder sobrenatural e que além dele haveria um resultado de bênção irrevogável.

O que essa visão significou para Ezequiel e o modo como ele compreendeu claramente seu propósito tríplice podem-se ver em todas as suas profecias. Não podemos deixar de nos surpreender com o fato de esse homem, em circunstâncias ainda mais desesperadoras que Jeremias, por se achar realmente no exílio, mostrar-se cheio de esperança e jubilante convicção quanto à restauração final de Israel. Embora jamais tivesse derramado lágrimas, como Jeremias, sua visão do triunfo final do propósito do Senhor por meio de seu povo era ainda mais clara. De fato, ele chegou a ver a glória daquele templo final que ainda deve ser construído e a maravilha daquela cidade de Deus que será um dia chamada “Jeová-Shamá” — “O SENHOR está lá”.

Nós também precisamos ter essa visão em dias como estes. A ciência colocou poderes e armas novos e terríveis nas mãos do homem. A maldade vem encontrando formas de expressão muito maiores e bem mais aterrorizantes que antes. As coisas movem-se numa escala tão ampla, com acontecimentos tão assustadores e ao sabor de forças antidivinas tão organizadas, que facilmente a situação internacional torna-se perturbadora em extremo. As rédeas da providência parecem estar soltas. Forças malignas em grandes zonas da terra parecem dominar a situação. É fácil nossos olhos se fixarem tanto na estonteante evolução da história da humanidade hoje que perdemos a visão daquele trono flamejante de glória que paira acima de tudo e o sentido da divina soberania.

Sim, é necessário que vejamos novamente esse trono. Precisamos de vê-lo com os olhos interiores esclarecidos. E precisamos ver novamente, acima desse trono, o arco-íris que representa a fidelidade divina. A presença desse lindo arco-íris dá aos quatro serafins simbólicos um significado que não mencionamos antes, mas que devemos ressaltar aqui. Cada um dos serafins tinha o rosto de um leão, de um boi, de um homem e de uma águia. Foi muito bem observado que o leão representa todos os animais selvagens. O boi representa os animais domésticos e serviçais. O homem representa a espécie humana. A águia representa os pássaros dos céus. O arco-íris faz-nos lembrar de

imediatamente a aliança de Deus com Noé e, mediante Noé, com toda a raça humana e com os animais inferiores que ocupam a terra ao lado do homem. A visão de Ezequiel mostra que essa aliança ainda sela e coroa o governo divino da terra. Deus lembra-se da sua aliança com o homem e com todas as criaturas, mesmo quando seus juízos devam cair sobre a terra e estranhas coisas devam ser permitidas. Graças à Deus o arco-íris ainda se encontra ali, à medida que a época presente avança através de suas últimas décadas para suas convulsões culminantes! Não precisamos perder o ânimo. Não precisamos perder a fé. Aquele arco-íris ainda forma um arco sobre o trono da soberania onipotente; e até a noite da “grande tribulação” não passará de um arauto vestido de luto do glorioso milênio que está para chegar!

EZEQUIEL (3)

Lição Nº 80

NOTA: Para este estudo, leia novamente do capítulo 40 ao 48 duas vezes.

Os anjos apóstatas, ou espíritos malignos, embora não dêem um testemunho de amor ou de boa vontade, ainda assim são uma prova da soberania de Deus tão grande como qualquer outra; pois, sendo inimigos de Deus, orgulhosos e imperiosos, vêem-se, entretanto, intimidados e obrigados a submeter-se. E por essa razão o diabo não ousou replicar quando a sentença fatal foi pronunciada contra ele por ter iludido nossos primeiros pais.

ELISHA COLES, *A Practical Discourse of God's Sovereignty*.

EZEQUIEL (3)

O TRIO DE VISÕES

EZEQUIEL foi chamado “vidente de Patmos do Antigo Testamento”. Assim como ao exilado João na ilha de Patmos, *visões* extraordinárias foram dadas ao exilado Ezequiel junto ao rio Quebar. A primeira delas, que já examinamos, é descrita principalmente no capítulo 1. Uma segunda e mais longa é descrita do capítulo 8 ao 11. Uma terceira, ainda bem mais longa, é descrita do capítulo 40 ao 48. Entendendo-se o conteúdo dessas três visões principais, compreende-se a mensagem inteira do livro.

A primeira visão (1—3)

Dedicamos nossa lição anterior a essa primeira visão. Examinamos seu simbolismo; portanto, não precisamos fazê-lo de novo na segunda visão, pois a mesma apresentação simbólica de querubins e de glória reaparece, apenas com pequenas diferenças. Vimos o propósito central da primeira visão. Em geral, ela mostrava que, por trás de todos os acontecimentos da terra, encontram-se as operações de poderes sobrenaturais, sendo que acima de tudo está a vontade do próprio Deus. Mais particularmente, era para mostrar a Ezequiel que, por trás do juízo prestes a cair sobre *Jerusalém*, estava a atividade soberana do Senhor.

A segunda visão (8—11)

Essa segunda visão veio “no sexto ano” (8.1), isto é, cinco anos após a queda de Jerusalém. Nela, Ezequiel foi transportado a Jerusalém (8.3). A visão movimenta-se em quatro estágios: a) no capítulo 8, vemos a profanação do templo por parte de Judá; b) no capítulo 9, vemos o juízo do Senhor sobre o povo; c) no capítulo 10, a “glória” do

Senhor deixa o templo e d) no capítulo 11 a “glória” deixa também a cidade.

No capítulo 8, mostra-se a Ezequiel a profanação do templo. Na entrada do pátio de dentro, ao norte, ele vê uma “imagem dos ciúmes, que provoca o ciúme” (v. 3). Era um ídolo colocado nos próprios recintos da casa do Senhor. O Deus de Israel, porém, dissera: “Não farás para ti imagem de escultura [...] porque eu sou o SENHOR teu Deus, Deus zeloso” (Êx 20.4, 5; e veja Dt 32.16, 21). Observe o contraste aqui: imediatamente após apontar a “imagem dos ciúmes”, Ezequiel exclama: “Eis que a glória do Deus de Israel estava ali” (v. 4). Quanta provocação — um deus falso erigido *ali*! A culpa de Judá foi medida pelo contraste entre esse ídolo hediondo e aquela *shekinah*¹ celestial.

Mas agora Ezequiel passa a ver um *inferno* de idolatrias. Ele é levado para a câmara secreta de um culto clandestino de animais, em que 70 anciãos judeus oferecem incenso a deuses em forma de animal (vv. 7-12). A seguir, na porta norte do pátio externo, ele vê “mulheres assentadas chorando a Tamuz” (vv. 13-15), o “Adônis” da mitologia grega. A festa anual de Tamuz consistia em as mulheres chorar sua morte, a que se seguia o júbilo por sua volta, acompanhados de abominações fálicas. Depois disso, Ezequiel vê 25 homens de pé entre o altar do sacrifício e o pórtico do lugar santo; contudo, em vez de adorar com o rosto voltado para o lugar santo do Senhor, voltavam-lhe as costas e olhavam para o oriente, adorando o sol (v. 16). Esses 25 homens, por estarem no pátio dos sacerdotes, provavelmente são o sumo sacerdote e os chefes dos 24 turnos.

Assim, nas diferentes partes do templo, Ezequiel vê a adoração geral de imagens por parte do *povo*, a adoração secreta de animais por parte dos *anciãos*, a corrupção sexual das *mulheres* e a desavergonhada apostasia dos *sacerdotes*. Todas as classes estão envolvidas na degradante infidelidade. A corrupção religiosa sempre provoca decadência moral generalizada. Portanto, não ficamos surpresos ao ler no versículo 17: “... encheram de violência a terra”.

1. Shekinah — o sinal visível da presença de Deus sobre a arca do testemunho no Santo dos Santos. (N. da T.)

O capítulo 9 segue com um quadro simbólico do *juízo* sobre os perversos. Sete homens são enviados, um para poupar a minoria santa, seis para matar o resto. Essa matança, note-se, é ordem do próprio Senhor (vv. 5-7). A seguir vem o capítulo 10, com sua significativa cerimônia de partida da presença divina do *templo*. No versículo 4, a “glória” move-se do querubim sobre a arca no Santo dos Santos para a entrada da casa. Nos versículos 18 e 19, ela deixa completamente o templo. Por fim, no capítulo 11, a “glória” sai também da *cidade*. A condenação da cidade agora abandonada por Deus está selada.

O principal significado de tudo isso é inconfundível. Se a *primeira* visão intenta mostrar que o poder por trás do juízo vindouro é do próprio Deus, o objetivo dessa segunda visão é mostrar que o *motivo* do juízo iminente é a culpa de Judá. A primeira visão diz que o juízo vem de *Deus*. A segunda visão diz que o juízo é por causa do *pecado*. A primeira visão explica o *fato* do juízo. A segunda, explica a *causa* dele.

A terceira visão (40—48)

Vejamos agora a terceira visão de Ezequiel. Ele vê aqui um templo e uma cidade do futuro em que a glória de Deus habitará para sempre. Em certo sentido, é o trecho mais notável do livro; mas sua interpretação tem sido objeto de debate. Vamos tentar resolver brevemente nossas próprias concepções sobre ela.

Primeiramente, a descrição de Ezequiel aqui não é a do *antigo* templo construído por Salomão e agora destruído. Não é também, como fica igualmente claro, o templo *posterior*, edificado pelo “Remanescente” após o Exílio. Nem o templo edificado ainda mais tarde por Herodes em Jerusalém preenche as exigências. Todos concordarão até esse ponto. Assim sendo, como não houve mais nenhum templo judeu em Jerusalém desde a destruição do de Herodes em 70 d.C. e como a descrição de Ezequiel certamente não pode ser “espiritualizada” como se indicasse a igreja cristã atual, seu templo e sua cidade devem estar *ainda no futuro*.

Mesmo assim, porém, permanece a pergunta: a descrição de Eze-

quiel deve ser entendida *literal* ou apenas *simbolicamente*? Rejeitamos de imediato a teoria de certos modernos de que esse novo templo, essa adoração e essa cidade eram apenas produto da própria imaginação de Ezequiel, planejados como um modelo da reorganização de Israel depois do exílio; isso porque o próprio Ezequiel afirma que aquilo que descreve lhe foi mostrado por meios espirituais (40.1, 2). Devemos, então, interpretar literal ou simbolicamente?

Em primeiro lugar, acreditamos ser um princípio correto de exegese em geral que, a não ser que exista alguma objeção séria para a interpretação literal de uma passagem, tal interpretação deve ter a preferência. Existem, então, objeções sérias para aceitarmos a descrição de Ezequiel literalmente? Sim. Alguns de seus aspectos principais certamente tornam inconcebível um cumprimento literal.

Observe o tamanho do *templo* e da *área sagrada* que o acompanha. O “pátio externo” do templo tem 500 canas de comprimento por 500 de largura (42.15-20; 45.2); e, como a cana tem cerca de 3 m, esse pátio tem 1,5 km de comprimento por 1,5 km de largura, o que significa que o templo cobre um espaço igual ao da cidade inteira cercada pelos muros da velha Jerusalém. Com certeza, *esse* templo não poderia de forma alguma caber no monte Sião, dentro de Jerusalém. Mas, quando passamos do templo para a área sagrada ou “oblação” de terra que o acompanha, descobrimos que esta tem 25 000 côvados de comprimento por 25 000 de largura (48.20), isto é, 75 km de norte a sul e o mesmo de leste a oeste, cobrindo uma região seis a sete vezes maior que aquela da Londres moderna! Disso, uma área de 75 km por quase 30 é reservada só para os sacerdotes (45.3, 4; 48.10), e uma área do mesmo tamanho para os levitas (45.5; 48.13). Há também uma terceira área, na qual, embora pequena comparada com toda a “oblação”, acha-se uma “cidade” com um perímetro de 20 000 canas, ou quase 61 km (45.6; 48.15-19), enquanto Josefo computou o perímetro de Jerusalém em seus dias como de apenas 6,5 km! Portanto, é concebível que deva haver uma correspondência literal desse templo, o qual é tão grande quanto Jerusalém inteira, e uma área sagrada de mais de 3 500 km²?

Além do mais, essa área sagrada é *fisicamente impossível* — a não ser que o rio Jordão seja transportado mais para o leste! As fronteiras da terra são o Mediterrâneo, no ocidente, e o Jordão, no oriente (47.18); e esse grande quadrado de 75 km x 75 km não pode ser colocado entre os dois, pois a distância entre eles em certos pontos mal chega a 64 km. Mesmo que dobremos o quadrado para corresponder à inclinação da costa, não podemos fazê-lo caber — mais ainda porque em cada lado do quadrado, na visão de Ezequiel, acha-se uma área *adicional* chamada “parte do príncipe” (45.7; 48.21, 22). Sabidamente Deus poderia mover o Jordão; mas será concebível que devamos concluir isso?

Há ainda outra dificuldade. Embora essa área tenha 75 km x 75 km, ela *não inclui o local de Jerusalém*. Portanto, essa “cidade” que Ezequiel vê não é Jerusalém. Se devemos entender essa visão literalmente, então, que dizer de todas as outras profecias que falam de Jerusalém como o centro glorioso da nova ordem vindoura?

A visão de Ezequiel também coloca o novo templo a 500 canas (cerca de 15 km) *ao norte da “cidade”*; de fato, 23 km do *centro* dela. A ligação entre o templo e Jerusalém acha-se tão profundamente arraigada, tanto nas Escrituras quanto no pensamento judeu, que interpretar de maneira literal uma visão que os separe sem apresentar o mínimo motivo parece também inconcebível. Nas palavras de C. J. Ellicott: “Um templo em qualquer outro local que não o monte Moriá dificilmente seria o templo da esperança judaica”. Por difícil que seja imaginar o templo de 1,5 km² de Ezequiel estendendo-se sobre as numerosas colinas e vales que a região apresenta, achamos *ainda mais difícil* pensar na nova cidade a quilômetros de distância de Jerusalém e o novo templo a outros 23 km ao norte e, de fato, bem mais adiante no caminho para Samaria.

Outro problema para uma interpretação literal é encontrado nas águas que Ezequiel viu saindo do limiar do templo, para o oriente (47.1-12). Citando novamente C. J. Ellicott: “Essas águas correm para o ‘leste’ e descem ‘para o mar’, que só pode ser o mar Morto: mas um percurso assim seria fisicamente impossível sem mudanças na superfície da terra, já que o templo da visão fica a oeste da bacia hidro-

gráfica do país. Além disso, elas tinham o efeito de ‘curar’ as águas do mar, o qual não podia ser produzido naturalmente sem fornecer uma saída do mar: nenhum suprimento de água fresca poderia remover o sal enquanto essa água não fosse consumida pela evaporação, e Ezequiel (em 47.11) exclui a idéia de uma saída. Acima de tudo, porém, a natureza das próprias águas é impossível sem um milagre perpétuo. Deixando de lado a dificuldade de uma fonte dessa grandeza sobre o cume de ‘um monte muito alto’ (40.2) nesse local, a uma distância de 1 000 côvados de sua nascente, as águas cresceram muito em volume. Assim, a cada 1 000 côvados sucessivos, até atingir no final 4 000 côvados (cerca de 2,5 km), elas se tornaram um rio não mais vadeável ou, em outras palavras, comparável ao Jordão. Tal aumento, sem a ajuda de afluentes, obviamente não é natural. Contudo, além disso, a descrição das próprias águas claramente as destaca como ideais. Elas dão vida e curam; árvores de folhagem e frutos perenes crescem em suas margens, as folhas servindo de ‘remédio’ e os frutos, embora servindo de alimento, jamais se estragando”.

Mesmo admitindo a possibilidade física de todas essas coisas, existe outro tipo de dificuldade — de certa forma ainda maior. Nesse templo da visão de Ezequiel, o sistema de *sacrifícios de animais* é instituído novamente (43.13-27 etc.). Será concebível que depois do sacrifício perfeito de Cristo poderia haver, no templo ainda futuro, uma volta a eles? Uma idéia desse tipo não insulta o Novo Testamento? Aquele perfeito sacrifício não aboliu para sempre o sistema simplesmente simbólico e temporário do Antigo Testamento? Os que interpretariam literalmente a visão de Ezequiel certamente são censurados aqui. Um escritor sugere que esses sacrifícios serão restabelecidos sob o aspecto *comemorativo*, como acontece hoje com a ceia do Senhor; mas ele esquece-se de que mesmo a ceia do Senhor não passa de uma comemoração temporária até que ele próprio volte. E podemos pensar que, ao cessar a simples e bela comemoração do pão e do vinho, os sacrifícios animais da economia mosaica serão restabelecidos como uma comemoração do Calvário? Será *esse* tipo de comemoração que Deus quer na consumação? Podemos realmente pensar que, quando o Senhor glorificado estiver reinando de forma visível na terra, tal sistema

de comemoração artificial poderia ser necessário ou perpetuado? Claro que não!

Mas, se a passagem *não* deve ser interpretada literalmente, que fazer então? Bem, como um princípio de exegese correta, devemos ter em mente que não estamos lidando aqui com uma profecia direta, mas com uma *visão*. Esse fato em si já nos deve prevenir. Nossa leitura dessa visão deve ser orientada pelas duas visões anteriores. Na visão dos querubins, vimos que, embora eles fossem seres reais, sua apresentação era extremamente simbólica. Ou seja, temos um *fato central e literal cercado e expresso pelo simbolismo*. Encontramos isso repetidamente nas Escrituras. Mesmo assim, nessa visão final de Ezequiel, existe um núcleo de fatos reais, cercado e expresso por símbolos. O templo e a cidade milenares serão realidades concretas. Os símbolos usados para eles nessa visão têm o propósito de manifestar figuradamente seus aspectos principais.

Os principais significados dos impressionantes símbolos são claros. A grandiosidade das dimensões na visão indica a *grandeza transcendente* do último templo e da última cidade. As várias medidas cúbicas simbolizam sua *perfeição divina*. Na descrição do ritual do sacrifício, vemos a *absoluta pureza* da adoração final. As águas maravilhosas correndo do santuário predizem a *plenitude de vida* e a *bênção universal*. A volta da “glória” divina, para jamais partir de novo (43.1-7), fala de *pecado removido para sempre* e de *justiça por fim triunfante*; enquanto a colocação do trono do Senhor “no meio [...] para sempre” (43.7) expressa a *glória perene* da consumação.

Essas são, portanto, as idéias principais simbolizadas com relação ao templo, à adoração e à cidade da era vindoura — grandeza transcendente, perfeição divina, pureza absoluta, plenitude de vida, bênção universal, pecado removido para sempre, justiça por fim triunfante e o próprio Senhor no meio, reinando em glória eterna.

As três visões em conjunto

Por fim, veja agora as três visões conjuntamente. Todas foram necessárias para dar a Ezequiel uma visão completa das coisas. A idéia

central da primeira visão é a de Deus *predominando*. A idéia central da segunda visão é a de Deus *intervindo*. A idéia central da terceira visão é a de Deus *consumando*. Na primeira, Deus prevalece em *governo* soberano. Na segunda, Deus intervém em *juízo* reto. Na terceira, Deus consuma em *restauração* graciosa. Na primeira, vemos a glória *transcendendo*. Na segunda, vemos a glória *partindo*. Na terceira, vemos a glória *voltando*. Na primeira visão, Ezequiel deve ver o trono do Senhor bem alto sobre as rodas do governo. Na segunda, ele deve ver a atividade do Senhor por trás do golpe do juízo. Na terceira, ele deve ver a vitória do Senhor na concretização final do ideal. Em outras palavras, Ezequiel deveria ver nessas três visões o propósito do Senhor *acima* de tudo, por *trás* de tudo e *além* de tudo.

Ezequiel apreendeu e entendeu essa verdade tríplice. Ele viveu e trabalhou na luz e no poder dela. Nós também devemos viver e trabalhar na luz e no poder dessa visão; caso contrário, desanimaremos diante das dificuldades de nossos dias. Servo de Jesus, fique junto a Ezequiel outra vez; ouça o som das asas e das rodas dos carros novamente; veja de novo o homem com o tinteiro selando o remanescente santo e contemple o templo e a cidade que estão no futuro. Essa é a visão trina que transforma o medo em esperança e os suspiros em canções. Que possamos sempre contemplá-la!

O Senhor disse isso, e suas palavras certamente se cumprirão.

EZEQUIEL (4)

Lição Nº 81

NOTA: Para este estudo final sobre Ezequiel, leia novamente do capítulo 25 ao 29. Observe em especial as passagens sobre Gogue e Magogue e sobre a restauração vindoura de Israel.

O teu Espírito anima os anos eternos,
Invade e medita lá no alto,
Muda, sustenta, dissolve, cria e cultiva.
Ainda que a terra e o homem se fossem,
E os sóis e os universos deixassem de ser,
E tu ficasses sozinho,
Toda existência existiria em ti.

EMILY BRONTË

EZEQUIEL (4)

CADA página de Ezequiel tem um brilho de atração para o estudioso da Bíblia. Desde a visão da glória divina, que abre o livro, até a visão final do templo futuro, não há um só parágrafo enfadonho. Três *modos* de atividade profética acham-se distintamente à nossa frente — visões, sermões-sinal e predições diretas. Demos duas lições completas sobre as visões de Ezequiel por causa de sua importância em relação à mensagem como um todo. Mas, se nos quisermos manter dentro dos limites determinados para estes estudos, nosso exame dos sermões-sinal e das predições diretas de Ezequiel deve ser estritamente breve.

Sermões-sinal de Ezequiel

Fico imaginando se de fato reconhecemos a função precisa deles. Como testemunha do Senhor em meio a um povo “rebelde”, Ezequiel recebeu ordens de realizar vários *atos* simbólicos ou típicos diante das pessoas em ocasiões diferentes, todos retratando, num aspecto ou no outro, o juízo iminente sobre Judá. Alguns o colocaram em situação de grande desconforto pessoal, e deviam ser tão desagradáveis para ele como hoje parecem estranhos para nós; mas existe neles um significado particular que talvez poucos tenham notado.

Esse sentido parecerá mais claro se nos reportarmos à análise do livro. O primeiro dos três desdobramentos principais vai do capítulo 4 ao 24, ocupando-se inteiramente da condenação que paira sobre Jerusalém. Ora, nesses capítulos encontramos nada menos que dez desses atos que servem de sinal, enquanto nos capítulos restantes (25—48) só existe um (37.16). Por quê? A resposta encontra-se em três parágrafos em que ficamos sabendo que Ezequiel deveria ficar em certo sentido *mudo* até a queda de Jerusalém. Primeiramente, em 3.26, logo no começo do ministério de Ezequiel, Deus lhe diz: “Farei que a

tua língua se pegue ao teu paladar, ficarás mudo”. A seguir, em 24.27, quatro anos e meio depois, Deus lhe diz: “Nesse dia [quando Jerusalém cair] abrir-se-á a tua boca [...] e já não ficarás mudo”. Finalmente, em 33.21, 22, lemos: “... veio a mim um que tinha escapado de Jerusalém, dizendo: Caiu a cidade [...] abriu-se a boca [...] e uma vez aberta já não fiquei em silêncio”.

Isso parece um pouco mistificador? Na realidade, não é. A questão é apenas esta: que, para um povo cujos ouvidos estavam muito fechados, Deus estava grandemente mudo. Deus enchera o coração de Ezequiel com uma grande e maravilhosa mensagem que, embora incluísse o alarme do juízo iminente, vislumbrava os dias futuros e os fazia brilhar com as graciosas promessas do perdão e da restauração divina. Contudo, seus obstinados companheiros de exílio estavam tão envolvidos em seus maus caminhos que se tornaram absolutamente incapazes de ouvir tal mensagem. Eles permaneceram nesse estado até que Jerusalém fosse de fato arrasada. Viram então que a palavra de profetas como Jeremias e Ezequiel era verdadeiramente a palavra do Senhor. Todavia, mesmo antes da queda de Jerusalém, o testemunho a favor do Senhor *deve* ser dado a eles, “quer ouçam quer deixem de ouvir” (2.5, 7 etc.), ainda que fique restrito a um pronunciamento de castigo pelo pecado deles. Nesse sentido, Ezequiel tornou-se um “atalaia” da casa de Israel (3.17). Deus não permitirá que nem mesmo os mais “endurecidos” e “rebeldes” sejam eliminados no juízo final sem um testemunho e uma advertência, feitos a eles até que bata o sino da meia-noite.

Todavia, aqueles judeus da antigüidade haviam-se tornado tão surdos à palavra de Deus, por causa de sua desobediência, que até mesmo a advertência do juízo deveria ser transmitida a eles na forma desses *atos-sinal*, com o propósito de pelo menos despertar a curiosidade e suscitar o questionamento; possivelmente, também com o objetivo de diminuir um pouco a culpa resultante de ouvirem e rejeitarem vez após outra uma declaração direta de Deus. Com base em trechos como 12.9 e 24.19, sabemos que esses *atos-sinal realmente* geraram um questionamento.

Sem sombra de dúvida, porém, havia ainda outro propósito nesses sermões-sinal: Deus estava desse modo indicando que se absteria de

novas discussões ou apelos. A obstinação deles era tanta que Deus chegara ao ponto de se negar a falar diretamente com eles (14.3). Como se haviam mostrado indiferentes à palavra de Deus, ele se calaria (embora continuasse fielmente a adverti-los), e seriam deixados para decifrar suas intenções por meio dos estranhos *atos-sinal*. Assim sendo, mediante seus sermões-sinal, Ezequiel é uma última e trágica testemunha de Deus para uma “geração corrompida e perversa”.

Lançando um último olhar para os três textos que falam da mudez de Ezequiel, notamos que do primeiro (3.26) ao segundo (24.27) sua mudez era apenas *parcial*, pois em 3.27 Deus acrescenta: “Mas quando eu falar contigo, darei que fale a tua boca, e lhes dirás...” Do segundo texto (24.27) ao terceiro (33.21, 22), porém, a mudez é *total*; pois, nos capítulos que se interpõem (25 a 32), Ezequiel não diz uma só palavra para seu povo, dirigindo-se apenas às nações gentias (porque, segundo as definições de tempo do próprio Ezequiel, essas profecias para os gentios ocorrem no período anterior à queda de Jerusalém, exceto pela seção adicional da profecia contra o Egito: veja 39.17). O *último* sermão-sinal de Ezequiel para seu povo, antes de sua mudez total durante cerca de um ano e meio, foi o sinal culminante e trágico da morte de sua mulher (24.15-27).

Podemos aprender muito desses sermões-sinal. Devemos estar preparados para testemunhar da maneira que Deus quiser, e mesmo entre aqueles que desdenham nossa mensagem. Devemos estar dispostos a desistir de nosso bem maior a fim de levar a verdade salvadora ao coração dos homens, assim como Ezequiel estava submissamente preparado para separar-se da esposa, “a delícia dos seus olhos”. Observe que Ezequiel recebeu instruções para não expressar sua tristeza em nenhuma das formas convencionais de luto, nem mesmo com lágrimas e lamentos (24.16, 17). Ele teria de reprimir seu sofrimento pessoal e sua tristeza na perda maior, ou seja, a ruína de Jerusalém e de sua nação. Da mesma forma, nós também devemos corajosamente afundar os sofrimentos e as tristezas pessoais na calamidade maior e mais desesperada das multidões que perecem ao nosso redor, caminhando para uma eternidade sem Cristo. Além do mais, como Ezequiel falou por meio de atos-sinal e como ele mesmo se

tornou um sinal (24.24), assim também deve haver o sinal de Cristo sobre cada parte de nossa vida — sobre nossa vida doméstica, nossos negócios e nossa vida social, e sobre nossas reações diante de todas as experiências da vida. Deus nos ajude a ser Ezequiéis nos nossos dias e em nossa geração!

Quanto a examinar um por um os *atos-sinal* de Ezequiel aqui, vai muito além de nosso objetivo no momento. Alguns deles são extremamente interessantes. Os que desejarem apreciar seus detalhes e seu caráter apropriado poderão fazer bom proveito estudando-as com o auxílio de um bom comentário moderno, versículo por versículo. Até onde interessa a este nosso estudo, devemos relutantemente deixá-los.

As predições diretas de Ezequiel

Aqui, mais uma vez, abrimos a porta para um campo vasto e esplêndido. Algumas das mais notáveis predições do Antigo Testamento, tanto relativas a Israel como às nações gentílicas, encontram-se em Ezequiel. Basta selecionarmos duas ou três breves referências aqui para ilustrar isso.

Veja a profecia a respeito de *Tiro* (25—28). Tiro era o maior centro comercial marítimo do mundo antigo e uma das fortalezas mais inexpugnáveis. Sua permanência parecia segura acima de todos os outros lugares. Mas um pequeno trecho da canção de condenação de Ezequiel a respeito dela diz: “Porque assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu trarei contra Tiro a Nabucodonosor, rei de Babilônia [...] deitará abaixo as tuas torres [...] quando ele entrar pelas tuas portas [...] as tuas fortes colunas cairão por terra” (26.7-11); e tudo isso aconteceu, embora fosse necessário um cerco de nada menos de 13 anos antes que Nabucodonosor tomasse a poderosa cidade.

Isso, porém, não esgotou, de forma alguma, a profecia de Ezequiel. Foi apenas um incidente nela, dado como sinal e garantia de que o restante certamente se cumpriria. No versículo 4 Deus diz: “... eu varrerei o seu pó, e farei dela penha descalvada”. Isso se repete no versículo 14. Assim também, segundo o versículo 5, apesar de seu co-

mércio de abrangência mundial e de sua orgulhosa riqueza, Tiro deveria tornar-se apenas “um enxugadouro de redes”. Isso também se repete no versículo 14 com o fatal complemento: “... jamais serás edificada”.

Quase 250 anos se passaram, e ainda parecia não haver sinal do cumprimento dessas palavras. Depois da experiência com Nabucodonosor, o povo de Tiro resolvera jamais se expor de novo a igual derrota. Removeram a maior parte de seu tesouro para uma ilha que distava 800 m do continente. Tinham, portanto, uma proteção líquida a seu redor que significava mais para eles que os mais fortes muros construídos pelo homem. Com isso e com sua grande esquadra, a nova Tiro estava perfeitamente a salvo. Mas, depois de dois séculos e meio, a hora chegou, e as palavras de Ezequiel se cumpriram à risca. Alexandre, o Grande, atacou Tiro. Ele contemplou aqueles 800 m de água e de fato decidiu construir uma ponte sólida sobre ela. Ele derrubou os muros, as torres, os palácios e os outros edifícios da antiga Tiro no continente e colocou-os sobre a água, cumprindo assim as estranhas palavras de Ezequiel: “... as tuas pedras, as tuas madeiras e o teu pó lançarão no meio das águas” (26.12). A necessidade de material para esse enorme empreendimento era tão grande que as próprias ruínas e o pó parecem ter sido “raspados” para o uso, até que o local realmente se parecesse com uma “penha descalvada”. Tiro foi assim despojada, e nunca mais a edificaram. Tornou-se um “enxugadouro de redes” dos pescadores, e é assim até hoje.

Vamos examinar agora o pronunciamento igualmente impressionante contra o *Egito*, essa terra de poder, maravilha e mistério desde a antigüidade (29—32). A condenação feita antecipadamente aqui deve ter parecido tão improvável na ocasião da profecia que nenhuma mente humana poderia tê-la previsto sem ajuda superior. Em 29.8-12, encontramos a predição de 40 anos de desolação. Esta é seguida do versículo 13 ao 15 pelas palavras:

Mas assim diz o SENHOR Deus: Ao cabo de quarenta anos ajuntarei os egípcios dentre os povos para o meio dos quais foram espalhados. Restaurarei a sorte dos egípcios, e os farei voltar à terra de Patros, à terra de sua origem; e serão ali um reino

humilde. Tornar-se-á o mais humilde dos reinos, e nunca mais se exaltará sobre as nações; porque os diminuirei, para que não dominem sobre as nações.

Veremos que no versículo 17 *outra* profecia curta é anexada, a qual Ezequiel escreveu cerca de 17 anos depois (compare os versículos 1 e 17). Esse acréscimo posterior fala de um ataque aparentemente próximo de Nabucodonosor contra o Egito, depois de seu bem-sucedido cerco de Tiro (vv. 17-20). Ora, como esse adendo de Ezequiel está datado no “vigésimo-sétimo ano”, estamos no décimo sexto ano depois da queda de Jerusalém; isto é, estamos em 571 ou 570 a.C., e foi em 570 a.C. que Faraó-Ofra do Egito chegou a seu fim. Parece haver dúvidas quanto às circunstâncias exatas de sua morte, mas fica claro que foi nas mãos de inimigos — como também predito por Jeremias (veja Jr 44.30), o qual parece ligá-la a Nabucodonosor. O historiador Josefo de fato nos conta que Nabucodonosor invadiu o Egito e “matou o rei que então reinava”, embora essa data não pareça corresponder à de Ezequiel. É possível que novos esclarecimentos surjam a esse respeito, e também quanto ao fato de a invasão de Nabucodonosor ter acarretado os 40 anos de desolação. Mas, quanto à profecia *maior* com relação à história posterior do Egito até hoje — e para a qual a profecia imediata sobre Nabucodonosor devia evidentemente significar uma temível garantia —, não pode haver dúvida, mas apenas espanto.

Ainda que outros grandes povos como os assírios e os babilônios devessem ser extintos, os egípcios haveriam de *continuar* — e continuam até hoje. Deveriam continuar a ser um *reino* — e ainda o são. Todavia, seriam *o mais humilde* dos reinos — e isso certamente continuam a ser. Seu quediua depende de estranhos. Seu reino achasse sob mandato. Seus impostos são cobrados e controlados por estrangeiros. É apenas um reino, e nada mais. O cumprimento da palavra por meio de Ezequiel permanece para que o mundo inteiro veja.

Mas como são comoventes as predições de Ezequiel sobre seu próprio povo, *Israel!* Quem pode ler sem emoção trechos como 35.11-16, 22-31; 36.8-12, 22-38; 37.1-28; 39.21-29? Como é adequada

e impressionante aquela visão do vale e dos ossos secos no capítulo 37! O povo de Ezequiel conhecera tanto reveses como reavivamentos no passado; mas agora que as 12 tribos estavam dispersas no exílio, não havia mais templo e Jerusalém achava-se em ruínas, parecia sarcasmo para com a miséria do povo pregar uma volta à prosperidade. A visão de Ezequiel sobre os ossos secos e sua volta milagrosa à vida toma pleno conhecimento da situação extrema de Israel, mas revela o Senhor como o Deus do impossível.

Devemo-nos lembrar, naturalmente, de que se trata de uma *visão*, não de profecia direta. Devemos acautelar-nos contra um literalismo injustificado ao interpretar esse símbolo da ressurreição dos mortos. Ninguém sonharia em dizer que os dois “pedaços de pau”, do versículo 16 ao 19, eram literalmente Judá e Israel. São símbolos. Da mesma forma, nessa visão dos ossos secos não devemos considerar os ossos literalmente os mortos de Israel. Precisamos ater-nos cuidadosamente à interpretação dada por Deus. O versículo 11 diz: “... estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança”. Assim, os ossos representam o povo exilado, não os mortos. A visão é um quadro simbólico da *restauração nacional*, não da individual. A ressurreição física de indivíduos é ensinada em outra parte das Escrituras. O que queremos dizer aqui é simplesmente que a visão de Ezequiel não simboliza isso. A previsão gloriosa aqui é o ressurgimento de todas as tribos de Israel das sepulturas de seu cativeiro, em ressurreição *nacional*. O versículo 14 diz que serão colocados de novo em sua terra — o que mostra mais uma vez que se trata dos exilados dispersos, não dos morto em si. Isso porque a maior parte dos mortos de Israel estava *sepultada na terra*, e não precisaria voltar a ela, caso se tratasse aqui de uma ressurreição de corpos! O versículo 19 fala de *reunião*, assim como de renovação. Os dois reinos serão um só novamente, conforme simbolizado pelos dois pedaços de pau que se tornaram um. O versículo 24 prediz o reinado futuro do messias-rei Davi sobre o reino restaurado. O versículo 26 prediz uma “aliança de paz” que continuará perpetuamente, e fala do santuário do Senhor estabelecido entre eles outra vez, para não mais partir! É uma profecia maravilhosa. Todavia, aguarda cumprimento;

mas, como as predições sobre Tiro, sobre o Egito e sobre outras nações se concretizaram e da mesma forma que outras predições relativas à nação de Israel já se mostraram verdadeiras, certamente assim acontecerá com essas gloriosas passagens concernentes ao destino final de Israel.

Temos de deixar agora Ezequiel. Sua mensagem continuará vivendo conosco. Jerusalém caiu, e chora prostrada no pó; mas o Deus de Jerusalém segue avante através dos tempos para a consumação predestinada. Ele não descansará até que a *nova* Jerusalém se torne a cidade rainha de uma nova ordem, tendo a seguinte inscrição: JEOVÁ-SHAMÁ — “O Senhor está lá”. As devastações do pecado ainda nos cercam, mas ouvimos as rodas do carro de Deus; vimos um arco-íris ao redor do trono e tivemos a visão de um templo e de uma cidade que ainda estão por vir. Ele abriu nossos olhos para seu magnífico desígnio e “nos rejubilamos na esperança da glória de Deus”!

Ah! bendita esperança! Com essa exultação,
Não permitas que nossos corações se quedem desolados
Mas, fortes na fé, com paciência esperem
Até que ELE venha!

UMA PROVA SOBRE EZEQUIEL

1. Quando Ezequiel foi levado para a Babilônia? Qual sua idade nessa época? Quanto tempo antes da queda de Jerusalém isso aconteceu?
2. Qual é o evento que Ezequiel toma como ponto de partida para todas as suas datações?
3. Mencione o fator que dificultou o início do ministério de Ezequiel entre os exilados.
4. Quais são os três principais desdobramentos ou agrupamentos por capítulos no livro?
5. Você saberia interpretar brevemente a primeira visão (1) e apresentar seu objetivo principal?
6. Qual era o conteúdo da segunda visão de Ezequiel (8—11), isto é, sobre o templo e sobre a cidade corrupta?

7. Ofereça razões para se pensar que partes da grande visão do templo (40—48) não podem ser *literalmente* cumpridas.

8. Forneça os principais significados simbólicos da visão do templo.

9. Apresente três razões importantes pelas quais foram usados “atos-sinal” em lugar de discurso direto, do capítulo 3 ao 24.

10. Mencione algumas das nações sobre as quais Ezequiel profetiza do capítulo 24 ao 32. Mostre também, em poucas palavras, como uma delas teve um cumprimento notável.

DANIEL (1)

Lição Nº 82

NOTA: Para este estudo leia todo o livro de Daniel uma vez, de preferência ininterruptamente. Repare na presença extraordinária do sobrenatural em todo o livro e dê atenção especial ao capítulo 11.

Em vista do fato lamentável de a crítica bíblica modernista ter feito do livro de Daniel um de seus principais pontos de ataque contra a visão mais antiga da Bíblia como uma revelação de Deus direta e sobrenaturalmente inspirada, sentimo-nos obrigados, nos três primeiros estudos de Daniel, a destinar a maior parte do espaço à reconsideração dos *prós* e dos (supostos) *contras* em relação à autenticidade e ao caráter sobrenatural do livro. Isso, porém, mostra-se muito proveitoso, pois confere proeminência a diferentes pontos e passagens que definitivamente nos ajudam em nossa compreensão e avaliação do livro.

J. S. B.

DANIEL (1)

SIMPLESMENTE por seu interesse, esse livro de Daniel com certeza é o primeiro dos escritos dos profetas. Está repleto de maravilhas sobrenaturais, tanto nos acontecimentos que registra como nas visões que descreve. Mas seu interesse é superado por sua importância, pois preserva para nós não só elos inigualáveis na cadeia histórica, mas também segredos vitais para a interpretação da profecia. Infelizmente, por essas mesmas razões, eruditos de algumas escolas modernas fizeram do livro um foco de crítica, de tal modo que, antes de podermos dedicar-nos a um estudo construtivo dele, somos quase obrigados a reassegurar-nos de sua autenticidade.

OS ARGUMENTOS DOS CRÍTICOS

Para nossos críticos céticos, o livro não passa de um dos *pseudepigrapha*, escritos judaicos dos séculos I e II a.C. publicados com um nome falso. Foi escrito por volta de 164 a.C., para animar os judeus fiéis em meio às suas tribulações no período dos macabeus. Isso significa que foi escrito três séculos e meio depois da época que alega. Seus milagres são imaginários. Suas predições são simplesmente história pretensamente vaticinada 350 anos antes.

Ora, os críticos podem louvar as nobres intenções, os méritos literários e a elevada ética do livro, mas suas empáfias verbais não nos enganam. A pura verdade é que ou o livro foi escrito quando afirma tê-lo sido, sendo assim inspirado por Deus, ou então, se não foi escrito até a data estabelecida pelos críticos para ele, trata-se de uma falsificação. Qual das duas hipóteses é verdadeira?

A predominância do sobrenatural

O primeiro argumento contra sua autenticidade é *a predominância do sobrenatural*. Os críticos modernistas mais extremados não acreditam nem em milagres, nem em profecias. As seguintes palavras de Noldeke são suficientemente representativas: “O livro de Daniel não é autêntico [...] a maioria dos fatos registrados no livro pertence à categoria das fábulas, não podendo ter acontecido”. Ora, quando supostos eruditos bíblicos tomam essa posição abertamente racionalista, de que os milagres não poderiam ter acontecido, um argumento lógico é praticamente impossível. Quem são *eles* para decidir o que o Todo-Poderoso não podia fazer ou não faria? Toda a questão dos milagres é levantada, e não apenas os de Daniel; obviamente, não podemos discutir de novo cada vez que nos defrontamos com algum novo exemplo do sobrenatural. Se não pode acontecer milagres, então podemos muito bem jogar fora nossas Bíblias: suas páginas são mentirosas; os quatro evangelhos estão errados; as bases do cristianismo são infundadas. Graças a Deus, temos certeza que não é assim! Os milagres das Escrituras repousam em base sólida, e nenhum deles é mais certo que aquele que sela todos os demais, a saber, a ressurreição de Cristo. Para aqueles cujas mentes não estão deturpadas pela infidelidade dos estudiosos modernistas, os milagres em Daniel não serão uma barreira para a sua credibilidade, desde que se prove que o livro é certo em outros aspectos.

Na verdade, porém, existe *uma razão especial* para que o sobrenatural tenha tanta predominância em Daniel. Israel estava agora no cativeiro. Jerusalém estava arruinada. Mesmo o templo — aquela última esperança — se fora. Afinal, o Senhor não conseguira prevalecer diante dos deuses dos babilônios! Bel-Merodaque derrotara o Senhor! Era isso o que os babilônios exultantemente supunham. Era isso o que os judeus foram levados a crer. Não parecia haver mais nenhuma possibilidade de restauração nacional. Que importa se Jeremias havia afirmado como palavra do Senhor que haveria uma volta depois de 70 anos? As promessas do Senhor a Davi e a Salomão não se tinham mostrado falsas agora?

Ora, os milagres neste livro de Daniel eram um *sinal de Deus*, tanto para Israel como para os gentios. Quando a soberania terrena foi transferida de Israel para Nabucodonosor, Deus levantou Daniel, esse homem notável, para representá-lo nas cortes da Babilônia; para que, mediante seus lábios e por essas confirmações sobrenaturais, ele pudesse ensinar a Nabucodonosor e gravar na mente dos impérios mundiais gentílicos, por meio de seu chefe Nabucodonosor, a natureza representativa de sua autoridade e sua responsabilidade diante do único Deus verdadeiro, o Deus de Israel. Por conseguinte, quando o testemunho do Senhor cessou em Jerusalém, Deus levantou esse testemunho sobrenatural de si mesmo no coração do império mundial gentílico. O povo escolhido deveria saber que o Senhor continuava vigilante, que sua mão ainda guiava o rumo das coisas na terra e que ele estava tão próximo de seu povo no exílio quanto estivera na própria terra deles, e tão capaz de livrá-lo da Babilônia quanto outrora fora capaz de tirar seus pais do Egito. Assim, a predominância do sobrenatural em Daniel é imediatamente compreensível. Aliás, só poderia ser esperada numa conjuntura tão crítica.

A *realidade* desses milagres extraordinários é testemunhada por seu impacto sobre os judeus. Durante o exílio, ocorreu uma profunda transformação nos conceitos religiosos do povo hebreu, uma das mais espantosas na história de qualquer nação. Os judeus foram para o exílio irremediavelmente entregues à idolatria. Suas inclinações para a idolatria amaldiçoaram-nos durante quase 500 anos, e eles finalmente chegaram a uma desmoralização tão grande, que provocou sua expulsão de Canaã. Todavia, eles surgiram desse breve intervalo do exílio exatamente como continuam até hoje — o povo mais estritamente monoteísta do mundo. Nossos críticos modernos têm-se esforçado em vão para justificar isso. Certamente não se pode atribuir tal fato à influência babilônica, pois a Babilônia era um inferno de idolatria. Tampouco aos persas, pois Ciro e seus sucessores eram todos idólatras. Como, então, isso aconteceu?

Bem, se reconhecermos a autenticidade de Daniel, a explicação fica clara; pois essa grande revolução na história de Israel ocorreu *exatamente no intervalo tratado por esse livro de Daniel*. Sabemos

pelo profeta da mesma época, Ezequiel, que Daniel, já em seus primeiros anos na Babilônia, tornara-se famoso. Como poderia ser de outro modo, com milagres como os registrados nos capítulos 2 e 3? E, certamente, a proclamação de Nabucodonosor a todo o império (4) em reconhecimento do Deus de Israel deve ter causado um efeito indescritível nos judeus. Como devem ter meditado sobre a predição sobrenaturalmente confirmada de Daniel sobre os impérios mundiais que se seguiriam ao da Babilônia! Como se voltariam de novo, então, para a profecia de Jeremias quanto à duração de seu exílio, e para a profecia ainda anterior de Isaías, em que fora predito até o nome de seu futuro libertador (Is 45)! Com que ansiedade ficariam agora esperando seu cumprimento! E quais seriam seus sentimentos quando a fama de Ciro da Pérsia começou a se espalhar? quando a Babilônia caiu? e quando Ciro, o novo imperador, que Isaías havia chamado pelo nome 200 anos antes, publicou o decreto para a reconstrução do templo de Jerusalém, exatamente como predito? Como poderia ser de outro modo, que não as dúvidas dos judeus silenciando por completo e a adoração do Deus verdadeiro curando-os para sempre de sua idolatria?

As palavras “gregas” em Daniel

Um ataque mais concentrado, porém, foi feito contra esse livro em relação às supostas *palavras “gregas” nele contidas*. Essas palavras foram assinaladas como prova irrefutável de uma autoria posterior. Elas não mostram que, na época em que o livro foi escrito, não só Alexandre dominara o Oriente (cerca de 330 a.C.), mas um período considerável de tempo deve ter passado depois disso para que tais termos gregos pudessem ter penetrado na língua hebraica? Poderia haver outra prova mais conclusiva de que o livro não foi escrito senão cerca de 160 a.C.?

Contudo, uma vez mais os “resultados seguros” de nossa “alta crítica” moderna estavam condenados à humilhação. Quando essas palavras foram submetidas a um exame mais minucioso por parte de

outros estudiosos, os resultados foram tais que, no momento em que o Dr. Driver escreveu mais recentemente sobre Daniel, a lista diminuía para três palavras, sendo essas os nomes de três instrumentos musicais, e ainda assim admitiu-se que um deles não era conclusivo por si mesmo! As outras duas palavras são *pesanterin* e *sumphonyah*, supostamente derivadas do grego *psaltērion* e *symphōnia*. O Dr. Driver diz que é “inacreditável” que as duas pudessem ter “chegado à Babilônia cerca de 550 a.C.” (que é mais ou menos a época em que o livro de Daniel alega ter sido escrito).

As escavações de cidades gregas antigas no Egito contam agora uma história diferente! Assim comenta John Urquhart: “O velho argumento de que a Grécia nada levou à Babilônia antes de Alexandre, o Grande, é agora demasiado absurdo para uma discussão séria [...] descobrimos vestígios de intensas relações comerciais entre a Grécia e a Babilônia cerca de um século antes da época em que Daniel foi escrito [...] um comércio ativo de instrumentos musicais imperava”. Sabe-se agora que a harpa de sete cordas inventada pelo poeta e músico grego Terpandro, em 650 a.C., já estava em uso na Babilônia menos de 25 anos depois dessa data! Não precisamos dizer mais nada. Fica claro que os instrumentos musicais gregos, conhecidos por seus nomes gregos, encontravam-se na Babilônia havia um bom tempo antes de Daniel.

A profecia do capítulo 11

Contudo, um tipo diferente de ataque foi feito contra o livro em relação à *profecia do capítulo 11*. Nesse capítulo, os críticos encontraram o que afirmam ser prova irrefutável de autoria posterior, na parte que se refere (como todos concordam) a Antíoco Epifânio (vv. 21-45). O Dr. Driver observa o seguinte: “Enquanto até o período da perseguição de Antíoco os fatos *reais* são descritos com surpreendente clareza, depois desse ponto a *clareza desaparece*: os últimos acontecimentos da vida de Antíoco, ao que parece, não são descritos como realmente ocorreram”. A transição para a falta de clareza aqui referida

está no final do versículo 39. Nesse ponto, segundo o Prof. Charles, fazemos “uma transição da história para a profecia”! Ora, até o versículo 39 sem dúvida encontramos mais detalhes do que no restante do capítulo, e pode ser verdade que nossa informação sobre os últimos anos de Antíoco não corresponda tão nitidamente aos versículos de 40 a 45; mas afirmar, com base nisso, que os versículos de 1 a 39 “não passam de história passada revestida de aspecto profético”, que os versículos de 40 a 45 são simplesmente “especulação por parte do autor sobre o que julgava poder acontecer no futuro imediato” e que essa profecia “aparente”, portanto, deve ter sido escrita nessa altura do tempo (v. 40) em que ela “começa a falhar no cumprimento” — isso certamente é crítica bíblica enlouquecida! O fato de haver menos detalhes nos versículos de 40 a 45 não pode ser simplesmente falta de material, já que Antíoco estava chegando então a seu fim? Não pode ser que, se tivéssemos mais informações sobre seus últimos anos, seríamos mais capazes de entender esses versículos? Perguntas desse tipo imediatamente vêm à mente, embora, felizmente, sem levá-las em consideração, exista uma resposta clara para os críticos.

O capítulo 11 não está sozinho. Os capítulos de 10 a 12 constituem uma só visão e profecia; e, segundo 10.14, o propósito é revelar o que deveria acontecer à *própria nação de Daniel* nos últimos dias. Eis por que Antíoco Epifânio recebe destaque. Ele não foi de forma alguma um dos maiores reis da antigüidade, mas figura na luz profética por causa de seus feitos em relação ao povo da aliança e sua terra. É isso que determina o que é incluído e o que é deixado de lado, tanto até o versículo 39 como depois dele.

Devemos concordar, porém, que *existe* relativa obscuridade a partir do versículo 40. Há nisso um profundo significado que os críticos ignoram. Em cada caso em que Antíoco Epifânio é retratado nesse livro de Daniel, ele é o protótipo do “homem da iniquidade” (iníquo) (2 Ts 2.3-10) que ainda está por vir (veja 8.9-14, 23-25). Com isso em mente, leia de novo o versículo 40. Ele nos diz distintamente que, a partir desse ponto, saltamos por sobre os séculos até o “tempo do fim”. Sabemos que isso indica a “consumação dos tempos” que *está para vir*, porque os três primeiros versículos do capítulo 12, que

continuam ininterruptamente os últimos versículos do capítulo 11, tornam isso claro, sem deixar nenhuma dúvida. Assim, essa sinistra figura de Antíoco, que aqui se move diante de nós, lança uma sombra que chega até a crise final da era presente. E, se alguns traços simplesmente parecem não ajustar-se ao Antíoco da história passada, é por causa desse novo e latente significado nas palavras.

Além disso, ver na suposta interrupção no versículo 40, como fazem os críticos, a prova de um autor falso cujas pretensas profecias simplesmente recontam o passado em vestes proféticas, reportando-se ao reinado de Antíoco Epifânio, é violentar imperdoavelmente o restante do livro. Nada no livro é mais claro do que o fato de os quatro metais da imagem sonhada por Nabucodonosor representarem a Babilônia, o império medo-persa, a Grécia e Roma (veja nosso estudo final sobre Daniel). Ao fazer as previsões atingirem somente Antíoco, porém, os críticos forçam os quatro metais a significarem quatro reinos que terminaram na época, e isso elimina Roma, que não alcançara ainda a hegemonia.

O versículo de abertura

Talvez devamos também notar de passagem uma objeção baseada no primeiro versículo do livro, o qual diz que Nabucodonosor sitiou Jerusalém “no ano *terceiro*” do reinado de Jeoaquim. Afirma-se que essa declaração é um erro, contrariando outros trechos bíblicos, porquanto não só não existe referência em outro ponto a qualquer cerco na época, como também Jeremias, numa profecia datada do *quarto* ano de Jeoaquim (25), fala como se os babilônios não tivessem ainda atacado Jerusalém.

Mais uma vez a resposta é clara. Em Jeremias 25.1 lemos que o *quarto* ano do reinado de Jeoaquim foi o *primeiro* de Nabucodonosor, o que significa que o *terceiro* ano do reinado de Jeoaquim foi o ano *antes* de Nabucodonosor tornar-se rei da Babilônia. Ora, o historiador babilônico Beroso registra que justamente nesse ano o jovem Nabucodonosor comandou um ataque militar contra o Ocidente, incluín-

do-se a Palestina. Ele declara: “Quando Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, ouviu que o governador nomeado sobre o Egito e sobre partes da Celessíria e da Fenícia se havia revoltado contra ele, não pôde mais suportar; contudo, entregando certas partes do exército ao filho Nabucodonosor, então jovem, enviou-o contra o rebelde. Nabucodonosor entrou em combate contra o inimigo, derrotou-o e sujeitou o país novamente a seu domínio. Aconteceu que seu pai, Nabopolassar, ficou doente nessa ocasião e morreu na cidade de Babilônia, depois de reinar 29 anos. Mas quando ele [Nabucodonosor] soube, dentro em pouco, que seu pai Nabopolassar estava morto, ele colocou em ordem os negócios do Egito e dos outros países, e entregou *os cativos que tomara dentre os judeus*, os fenícios e os sírios, e das nações pertencentes ao Egito, a alguns de seus amigos [...] enquanto ele viajava às pressas [...] *pelo deserto* até a Babilônia”.

Talvez os críticos queiram explicar como Nabucodonosor capturara esses judeus se não invadiu a Judéia, e como ele chegou ao Egito sem atravessar a Palestina! Eles argumentam que tudo isso ocorreu no *quarto* ano de Jeoaquim, de modo que corresponda a Jeremias 46.2, que diz que Nabucodonosor esmagou os egípcios *nesse* ano, em Carquêmis. O Dr. Driver afirmou que foi depois dessa vitória de *Carquêmis* que Nabucodonosor voltou às pressas para a Babilônia “pelo deserto”. Mas ele esqueceu que Nabucodonosor não poderia ter voltado à Babilônia *pelo deserto* saindo de Carquêmis no Eufrates! Quanto ao suposto silêncio de outros textos das Escrituras, os críticos estranhamente fizeram vista grossa para 2 Reis 24.1, em que se encontra um ataque de Nabucodonosor contra Jerusalém que *deve* ter sido nos primeiros anos de Jeoaquim! É isso, então! O primeiro versículo do livro é bastante correto. Os ataques ao livro de Daniel não chegaram a confundi-lo, mas a vieram *confirmá-lo*. Mais uma vez somos lembrados das palavras de Paulo em 2 Coríntios 13.8: “Porque nada podemos *contra* a verdade, senão *em favor* da própria verdade”.

DANIEL (2)

Lição Nº 83

NOTA: Para este estudo, leia duas vezes do capítulo 7 ao 12.

O reino de Nabucodonosor foi relatado por Beroso, “o Máneton da Caldéia”. Seus escritos pereceram na maior parte; mas, como no caso do historiador egípcio Josefo, em seu tratado *Contra Ápion*, preservou-se um fragmento que ilustra pelo menos a jactância de Nabucodonosor, registrada em Daniel 4.30: “Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei?”. Esse é também o tema da inscrição da Casa da Índia Oriental (East India House), feita pelo rei, que foi descoberta entre as ruínas da Babilônia em 1803.

É surpreendente a lista de obras públicas que o rei empreendeu para a melhoria da Babilônia. Elas compreendiam mais de 20 templos, com fortificações reforçadas, a escavação de canais, grandes diques junto ao rio e os célebres jardins suspensos. Outra inscrição em dois cilindros em forma de barril no Museu Britânico fornece um relato bastante similar das obras arquitetônicas com que esse grande monarca enriqueceu sua metrópole e seu reino. A descoberta, em toda a Babilônia, de tijolos gravados com o nome de Nabucodonosor confirma assim seus empreendimentos, como sua opulência e seu bom gosto. [...] No livro de Daniel, após a vanglória de Nabucodonosor veio seu ataque de loucura e sua exclusão dos negócios públicos. Nem Beroso, nem nenhuma inscrição descoberta até hoje se referem diretamente a esse fato, o que não precisa causar surpresa, já que referências ao glório e humilhante não combinavam com registros tão monumentais.

ANGUS, *Bible Handbook*.

DANIEL (2)

O ARGUMENTO dos modernistas contra o livro de Daniel tem sido um barco mal construído esfacelando-se nas rochas do fato obstinado. Podemos deixar que os destroços flutuantes contem sua própria história irônica. Aos que quiserem aprofundar-se na réplica aos críticos, recomendamos a leitura do pequeno mas devastador livro de Sir Robert Anderson, *Daniel in the Critic's Den* [*Daniel na Cova dos Críticos*]. Nesse nosso estudo, vamos considerar certas provas *seguras* da autenticidade do livro.

O TESTEMUNHO DOS FATOS REAIS

Em primeiro lugar, citamos o testemunho do *profeta Ezequiel*. A autenticidade e a data em geral aceita do livro de Ezequiel jamais foram seriamente questionadas. Aliás, a opinião de De Wette, de o próprio Ezequiel ter escrito tudo, tem sido amplamente aceita pelos estudiosos, e a última data determinada é o vigésimo quinto ano do cativeiro. Todos concordam, portanto, em que o livro de Ezequiel inteiro foi escrito na Babilônia, sendo contemporâneo de Nabucodonosor.

Ezequiel menciona Daniel três vezes. Veja 14.14, 20; 28.3. As duas referências do capítulo 14 foram escritas por volta do sexto ou sétimo ano do cativeiro de Ezequiel (veja 8.1 e 20.1, entre os quais se acha o capítulo 14). Nessa ocasião, Daniel encontrava-se na Babilônia havia cerca de 15 anos, pois fora levado para ali oito anos antes de Ezequiel (compare Ezequiel 1.2 com Daniel 1.1). Assim, mesmo que Daniel tivesse apenas 18 anos quando levado cativo, deveria ter agora cerca de 33 anos. A probabilidade é que fosse mais velho. A outra menção que Ezequiel faz de Daniel (28.3) foi escrita cerca do *décimo primeiro* ano do cativeiro de Ezequiel (veja 26.1), quando Daniel teria 38 anos, ou mais.

Aqui em Ezequiel, então, temos testemunho da época sobre um Daniel que já naqueles dias era bastante conhecido, sendo considerado um santo e sábio tão proeminente, que podia ser comparado a Noé e a Jó. As palavras dão claro testemunho da historicidade, da integridade, da sabedoria e da fama de Daniel, tendo sido escritas justamente quando Daniel já passara tempo suficiente na Babilônia para tornar-se assim famoso. Uma prova como essa será quase suficiente por si mesma para convencer qualquer indivíduo de mente aberta. Que dizem nossos críticos, então? Por mais inacreditável que pareça, em vez de aceitar o livro, tentam explicar que se refere a outro Daniel famoso que surgiu em período anterior. Todavia, com cômica incoerência, têm de admitir que esse outro Daniel, apesar de sua fama, jamais se mencionou fora dessas supostas referências de Ezequiel! Realmente, a menção que Ezequiel faz de Daniel, além de dar testemunho do verdadeiro Daniel, força os críticos a exporem sua própria casuística.

Primeiro Macabeus

Em geral, todos concordam em que, entre os livros apócrifos, 1 Macabeus possui uma excelência, uma veracidade e um valor bem acima dos demais. Foi escrito cerca de 110 a.C. e dá claro testemunho do livro de Daniel. Em 2.51-61, o agonizante Matatias recorda heróis santos da história passada de Israel, exortando seus filhos a uma lealdade semelhante. Depois de mencionar sete deles, diz:

Ananias, Azarias e Misael, por terem tido fé, foram salvos das chamas. Daniel, por sua retidão, foi libertado da boca dos leões.

Quem pode, com mente imparcial, ler essa narrativa, cuja integridade é geralmente reconhecida, sem perceber que a menção de Sadraque, Mesaque, Abede-Nego e Daniel, junto com as outras grandes figuras e os acontecimentos da história de Israel, indica que o conteúdo do livro de Daniel era nessa época conhecido e aceito por todos os judeus como *história igualmente verdadeira*, semelhante à de outros textos judaicos reconhecidos?

A esse testemunho de 1 Macabeus, queremos acrescentar que o Livro de Enoque, o *primeiro* das chamadas “pseudepígrafes”, cujo núcleo data de cerca de 200 a.C. ou mesmo antes, dá provas da influência do livro de Daniel. Isso significa naturalmente que o livro de Daniel deve ter existido *antes* dele e, portanto, *muito* antes da data alegada por nossos peritos da “nova teologia”. De fato, como diz J. E. H. Thomson na *International Standard Bible Encyclopaedia*, todos os escritos apocalípticos desse período tomam Daniel como modelo, provando assim não só sua existência anterior, mas também sua grande influência e sua autoridade geralmente aceita mesmo na época.

A inclusão no cânon

Agora, porém, testemunho ainda mais decisivo da autenticidade do livro é *sua inclusão no cânon do Antigo Testamento*. Segundo a forte tradição judaica, o cânon do Antigo Testamento foi em grande parte estabelecido por homens da “Grande Sinagoga” convocada nos dias de Neemias, que continuou periodicamente por mais de cem anos, até dar lugar ao Sinédrio. Contudo, os críticos rejeitaram isso, e, portanto, não o imporemos. Mas é certo que o cânon do Antigo Testamento foi estabelecido antes do tempo dos macabeus.

Voltando aos apócrifos, descobrimos que Jesus ben Sirac (Jesus, filho de Sirac ou Siraque), na introdução ao Eclesiástico, fala da “lei, dos profetas e dos outros livros de nossos pais”, e novamente refere-se à “lei em si, aos profetas e ao resto dos livros”. Essa é precisamente a disposição em três partes do Antigo Testamento que o próprio Senhor menciona em Lucas 24.44: “... importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”. Ele chama a terceira parte “Salmos” simplesmente porque esse livro aparecia em primeiro lugar, e algumas vezes dava o nome a ela. Todos devem admitir que “os outros livros” que Ben Sirac coloca com a lei e os profetas devem constituir essa terceira parte do Antigo Testamento, que se tornou geralmente conhecida como “Os Escritos”. Suas pala-

vas certamente não podem implicar muito menos que um *grupo reconhecido* de livros da Bíblia em *sua* época.

Em que data Ben Sirac escreveu, então? Ele diz que foi logo depois de entrar no Egito, “no ano trinta e oito do reinado de Ptolomeu Evergeta”. Segundo os estudiosos, isso foi por volta de 132 a.C. Ora, esse Eclesiástico não é o original hebraico, mas apenas a tradução grega dele feita por Ben Sirac. A obra original, conforme ele nos conta, saiu da pena de *seu avô*; e essa, como é computado, não deve ter sido escrita depois de 200 a.C., e talvez tenha até sido escrita já em 240 a.C. Portanto, o que Ben Sirac nos diz é que as Escrituras em hebraico haviam sido agrupadas de forma tripla *ainda nos dias de seu avô*. Isso significa que cerca de 250 a.C., pelo menos, já existia essa divisão em três partes, o que com certeza implica um conjunto reconhecido de livros sagrados mesmo naquela época. Sem hesitar, portanto, podemos dizer com o sempre cauteloso Joseph Angus que “nos 250 anos a partir de Esdras até [o avô] Ben Siraque (444-200 a.C.), um cânon de livros sagrados foi formado, praticamente idêntico ao das Escrituras em hebraico”. A pergunta que permanece — sendo absolutamente decisiva — é: *esse cânon, ou conjunto reconhecido de livros judaicos, incluía o livro de Daniel?* Se a resposta for positiva, então o forte argumento contra o livro é derrubado com um só golpe.

Na verdade, existe provas de que o livro *estava* incluído. Para começar, há *três citações* extraídas dele no Eclesiástico, fato que por si só mostrará a uma mente imparcial que Daniel era um dos “outros escritos” referidos no prólogo de Ben Sirac. Contudo, se os críticos rejeitarem essas citações, existem outras provas.

Um testemunho notável referente ao cânon judaico chegou até nós mediante a pena de Josefo, o sacerdote-historiador judeu que em tais assuntos não podia cometer erros. Foi escrito por volta de 90 d.C. Repare especialmente nas partes que grifamos.

Porque nós [judeus] não temos uma quantidade muito grande de livros que discordem ou contradigam uns aos outros [como têm os gregos], mas apenas *vinte e dois livros*, que contêm os registros de todo o passado e são corretamente *considerados divinos*. Dentre eles, cinco pertencem a Moisés, contendo suas leis e as

tradições da origem da humanidade até sua morte. Esse intervalo de tempo foi de pouco menos que três mil anos. Mas, quanto ao período da morte de Moisés até o reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, que reinou depois de Xerxes, *os profetas* que se seguiram a Moisés escreveram o que aconteceu em seus dias, em treze livros. Os quatro livros restantes contêm hinos a Deus e preceitos para o comportamento humano. De fato, nossa história foi escrita *desde* Artaxerxes [isto é, desde a época de Neemias] muito particularmente, mas *não foi considerada com a mesma autoridade que as anteriores* por nossos antepassados, porque *não houve uma sucessão exata de profetas a partir dessa época*; e quão firmemente demos crédito a *esses* livros de nossa própria nação [isto é, aqueles até os dias de Neemias] fica evidente pelo que fazemos e, pois *durante tantos séculos que já se passaram*, ninguém teve a ousadia de acrescentar qualquer coisa a eles, subtrair qualquer coisa deles ou fazer qualquer mudança neles; mas é natural para todos os judeus, imediatamente após seu nascimento, considerar que esses livros têm doutrinas divinas, perseverar neles e, se necessário, morrer de boa vontade por eles.

Desse modo, portanto, esses livros que no final passaram a constituir o cânon judaico só foram admitidos depois de reconhecidos durante muito tempo como divinamente inspirados. Não se admitiu nenhum livro que não fosse reconhecido como existente na época de Neemias, pois o Sinédrio afirmava que a inspiração cessara com os profetas e que nenhum “profeta” (isto é, nenhum professor divinamente inspirado) fora enviado desde Neemias. Durante “*tantos séculos*” que “*já se passaram*” quando Josefo escreveu, desde que aqueles 22 livros formaram o cânon, nada havia sido acrescentado e nada omitido. Isso significa, naturalmente, que, se o livro de Daniel se achava nesse cânon, então, como os demais livros do cânon, fizera parte de tal documento nesses “*tantos séculos*”. De que ele realmente *fazia* parte não há dúvidas. Em 32 d.C., vemos o próprio Senhor Jesus referindo-se ao livro de Daniel do mesmo modo deferente com que fala dos outros livros do cânon do Antigo Testamento, ou seja, como tão verdadeiramente inspirado e tão comumente aceito por aqueles que

o ouviam quanto as demais Escrituras canônicas (Mt 24). E o livro de Daniel certamente se encontrava também entre os 22 livros de Josefo, em 90 d.C. E ainda aparece de novo na lista cuidadosamente verificada de livros canônicos deixada por Melito, bispo de Sardes, cerca de 90 anos depois de Josefo.

Além disso, lembre-se de que os judeus se preocupavam com tanto zelo em permitir que apenas os livros verdadeiramente inspirados e testados pelo tempo participassem do cânon, que eles não só excluíram com firmeza obras de grande reputação como Eclesiástico e 1 Macabeus, como chegaram até a questionar livros canônicos como Provérbios, Eclesiastes e mesmo Ezequiel. Todavia, como afirmou o Dr. Edersheim, “*o direito de canonicidade do livro de Daniel jamais foi posto em dúvida na sinagoga da antiguidade*”.

Certamente, essa prova basta por si só. A invencionice modernista de que o livro de Daniel é um romance histórico espúrio, com uma data até 164 a.C., dissimuladamente relacionado com o reinado de Antíoco Epifânio na forma de uma profecia que alega ser originária de séculos anteriores, e depois de algum modo introduzido de forma clandestina no cânon nos anos pós-macabeus — essa concepção, a nosso ver, é absolutamente ridícula.

Isso pode ser especialmente verificado quando refletimos sobre o mérito dos líderes judeus daqueles tempos. Nas palavras de Sir Robert Anderson: “O Sinédrio do século II a.C. se compunha de homens do tipo de João Hircano; homens conhecidos por sua piedade e eruditismo; homens que herdaram todas as orgulhosas tradições da fé judaica, sendo eles mesmos os filhos dos sucessores dos heróis da nobre revolta dos macabeus. Todavia, pedem-nos que acreditemos que esses homens, com seus conceitos rígidos de inspiração e sua intensa reverência pelos escritos sagrados — que tais homens, a congregação de igreja mais escrupulosa e conservadora que o mundo já conheceu — usaram sua autoridade para introduzir clandestinamente no cânon sagrado um livro que, *ex hypothesi*, era forjado, uma fraude literária, um romance religioso de data recente. Tal invenção é digna de seu autor pagão, mas completamente indigna de homens cristãos na posição dos eclesiásticos ingleses e professores universitários”.

Alguns dos críticos podem negar ter dito que o livro foi “introduzido clandestinamente” no cânon. Preferem expressá-lo de forma mais branda, dizendo que os judeus foram *enganados* por ele. Mas isso é igualmente inconcebível. A competência dos eruditos judeus para julgar a autenticidade do livro era tão clara e segura quanto é duvidosa a de nossos modernos hipercríticos. Sir Robert Anderson não hesita em dizer que, se os críticos estiverem certos, então esses homens de outrora, que foram divinamente indicados como guardiães das Escrituras hebraicas (Rm 3.2), ou eram tolos, ou velhacos. Se foram enganados por uma fraude literária de sua época, eram tolos, diz ele. Se participaram de uma conspiração para introduzir a fraude no cânon, eram velhacos. “Se o livro não era autêntico, tratava-se de uma falsificação impingida ao Sinédrio. E, como todas as falsificações desse tipo, o manuscrito deve ter sido ‘descoberto’ por seu autor. Mas a ‘descoberta’ de um livro assim em tal período da história nacional teria sido um evento de interesse e importância sem paralelos. Onde se encontra, então, o registro disso?”

Os críticos também têm argumentado que, embora o livro tenha sido aceito no cânon, ele foi “relegado ao *Kethuvim*, lado a lado com livros como Ester”. Já mencionamos que as Escrituras hebraicas dividiam-se em três partes: a lei (*Torah*), os profetas (*Neveim*) e os escritos (*Kethuvim*). A hipótese é de que os *Kethuvim* eram considerados inferiores ao restante das Escrituras. Ora, isso é absurdo, embora os judeus naturalmente tivessem uma consideração muito especial pela lei. Só precisamos recordar que livros como os Salmos, as Crônicas e Esdras são encontrados entre os *Kethuvim*; e, quanto a Ester, que também faz parte deles, recebeu honra especial por parte dos judeus desde os primeiros tempos. Além disso, obviamente é natural que os que mais tarde organizaram as Escrituras hebraicas devessem pensar em colocar o livro de Daniel logo antes de Esdras e Neemias, pois pertence a esse ponto da história de Israel. Todavia, não precisamos mais discutir sobre isso, pois Charles Boutflower, em sua obra profunda sobre o livro de Daniel, colheu provas incontestáveis de que esse livro se achava originariamente *entre os Profetas* e não entre os “Escritos”, onde veio a ser colocado mais tarde! Josefo (90 d.C.)

coloca claramente Daniel nessa posição. O mesmo acontece com Melito, bispo de Sardes (180 d.C.), em sua lista cuidadosamente verificada dos livros do cânon judaico.

É isso, então: a prova não pode ser simplesmente negada quanto ao fato de que o livro de Daniel estava no Antigo Testamento desde quando o cânon foi completado — tempo suficiente antes dos dias de Antíoco Epifânio! Portanto, a obra é indiscutivelmente autêntica, constituindo parte inspirada da palavra da verdade divina. A teoria modernista não passa de um jarro quebrado que não pode reter água!

DANIEL (3)

Lição Nº 84

NOTA: Para este estudo, leia novamente o livro de Daniel até o fim, observando dessa vez sua clara divisão em duas partes definidas, a histórica e a profética. Observe em especial o capítulo 4, em que a verdade principal do livro é expressa três vezes, e o capítulo 7, com suas referências ao reino vindouro do Filho do Homem.

Depois de ocupar-me do Antigo Testamento em seu texto original por mais de 48 anos, posso testemunhar com a maior veracidade que qualquer coisa que o Antigo Testamento contenha de imperfeição, talvez até de ofensa, ou seja, “a forma de um servo”, ano após ano para mim foi cada vez mais desaparecendo no nada, com uma penetração sempre mais profunda no fenômeno dominante da profecia.

KAUTZSCH

DANIEL (3)

ACREDITAMOS que a prova já apresentada terá sido suficiente para convencer qualquer indivíduo sincero e refletido de que o nosso livro de Daniel é bastante autêntico. Mas existem também outras provas que, embora possam ser estabelecidas muito mais rapidamente do que as anteriores, são, se possível, ainda mais decisivas.

Predição cumprida

Temos o testemunho da *predição cumprida*. Nada prova melhor a inspiração da Bíblia do que a predição cumprida. Há muito tempo, Justino Mártir disse: “Se declarar que uma coisa acontecerá, muito antes de ela ocorrer, e depois fazer-te concretizar essa coisa de acordo com a mesma declaração, não é obra de Deus nada mais o será”. Todos temos de concordar com isso. Tal predição cumprida é prova absoluta de inspiração divina. Portanto, se qualquer uma das predições de Daniel puder ser mostrada como tendo tido cumprimento indiscutível, de modo tal que ninguém senão Deus poderia ter previsto ou determinado, então a inspiração e a autenticidade do livro são colocadas absolutamente fora de qualquer dúvida.

Tal prova — clara e incontestável — certamente pode ser fornecida. Vamos falar do capítulo 9, a profecia das “setenta semanas”. Daniel é informado ali que, desde “a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” até a época em que o Messias seria “morto”, haveria 69 semanas, ou seja, 483 anos. Evidentemente, então, esse longo período se estende até a era depois de Cristo, ao ano em que o Senhor Jesus, o Messias, foi “morto” no Calvário. E pode-se mostrar que esta profecia se realizou não apenas no que diz respeito ao ano, mas também quanto ao dia, em 32 d.C. (veja nosso próximo estudo).

Que dizem sobre *isso* os nossos teóricos da pseudepígrafe? Pois, de acordo com a teoria *deles*, o livro não foi escrito senão aproxima-

damente em 164 a.C., a fim de animar os judeus leais nos dias sombrios de Antíoco Epifânio; suas pretensas predições foram escritas *depois* dos eventos supostamente preditos; e, naturalmente, elas só vão até o reinado desse Antíoco. O Deão Farrar, que colocou o argumento modernista em forma popular para o público britânico, só conseguiu esquivar-se da dificuldade com comentários assim: “Os escritores judeus mostram-se manifestamente indiferentes a assuntos mundanos e secundários como a exatidão de datas”. Que visão da inspiração bíblica! E que interpretação errada e vergonhosa dos fatos reais! Nenhum escritor da antigüidade foi mais meticoloso sobre datas e cronologias exatas do que os da Bíblia.

Mas os críticos também tentaram marcar como ponto inicial dos 483 anos, a *destruição* de Jerusalém, a fim de inserir todos menos cerca de 60 anos (que aparentemente não importam muito para eles) no espaço entre a destruição de Jerusalém e a morte de Antíoco Epifânio. Haveria, no entanto, um argumento mais lamentável de “manipulação enganosa da Palavra de Deus”? Pois, na linguagem mais clara, o ponto de partida é a “ordem para *restaurar* e para *edificar* Jerusalém”. Não vamos mais comentar sobre as perfídias desses homens. Essa profecia verdadeira, que foi cumprida com clareza indiscutível na morte de nosso Senhor, basta por si mesma para confirmar o livro de Daniel a todos os que estão dispostos a aceitar a prova honesta.

O testemunho do próprio Senhor

Os livros da Bíblia sustentam-se ou caem juntos. São tão verdadeiramente pluralidade em unidade, que o valor do todo está ligado à veracidade de cada um. Se “um membro sofre, todos os membros sofrem com ele”. Vez após outra temos visto ser impossível descreditar qualquer parte sem envolver outra. Isso vale predominantemente no que diz respeito a esse livro de Daniel. Ele faz parte dos elementos básicos do Novo Testamento de forma tal, que, nas palavras do famoso Isaac Newton, “rejeitar as profecias de Daniel seria destruir a religião cristã”. A doutrina de Paulo sobre o anticristo vindouro

obviamente reflete Daniel 7 e 11. As visões de João no livro de Apocalipse estão ainda mais ligadas às de Daniel.

Mais vital que tudo, porém, a autoridade do próprio Cristo está ligada ao livro de Daniel, pois ele decidiu colocar o selo do reconhecimento especial sobre esse livro. O título que repetidamente deu a si mesmo, “Filho do Homem”, como todos concordam, foi tirado das páginas de Daniel. Como pode ser visto de forma bem clara, quando ele fala de “Daniel”, está-se referindo a alguém de verdade, não apenas ao pseudônimo de uma personagem fictícia comparativamente recente. Ele fala — atenção! — do “*profeta* Daniel”, significando uma pessoa por meio de quem a revelação divina foi transmitida. Três vezes em seu discurso no monte das Oliveiras (Mt 24) ele cita Daniel. No versículo 15, ele refere-se a Daniel 8.13, 9.27, 11.31 e 12.11 e dá a seus discípulos os sinais ali encontrados de quando devem sair de Jerusalém. No versículo 21, descreve a grande tribulação que virá, com base em Daniel 12.1. A seguir, no versículo 30, descreve seu próprio segundo advento nas palavras de Daniel 7.13. Mais majestoso e solene do que tudo, naquele momento terrível em que o Sumo Sacerdote exclamou: “Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus”, o Senhor respondeu: “Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que desde agora vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso, e vindo sobre as nuvens do céu” — palavras essas novamente tiradas de Daniel (7.13, 14).

Mas essa passagem, Daniel 7.13, 14, realmente forma a base de *todos* os pronunciamentos de nosso Senhor sobre sua vinda (veja Mateus 10.23; 16.27, 28; 19.28; 24.30; 25.31). E, além disso, conforme comenta Charles Boutflower, “a descrição da ressurreição feita por nosso Senhor em João 5.28, 29 acompanha as linhas de Daniel 12.2; enquanto o versículo seguinte, Daniel 12.3, é parafraseado por ele em Mateus 13.43, ao descrever a glória futura que nos aguarda: ‘Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai’”.

Esse testemunho de Cristo a favor de Daniel não se acha apenas nos evangelhos. Simplesmente não temos espaço aqui para discutir o entrelaçamento das visões de Daniel com as de João. No entanto, não podemos deixar de chamar a atenção para o próprio título de Apoca-

lipse — “Revelação de JESUS CRISTO, que Deus LHE deu para mostrar aos seus servos”. Isso significa que, através de todo esse maravilhoso livro, o Cristo ressurreto está colocando de novo seu selo sobre o livro de Daniel!

Esse testemunho indiscutível de Cristo a favor de Daniel torna a questão clara. Ou é Cristo, ou são os críticos. Ou é a “alta crítica”, ou o *maior* Crítico. Para os que o adoramos como o Filho de Deus, ele tem a última palavra. Ouvir a hipótese de que ele agiu a fim de ganhar o favor do povo ignorante em tais assuntos parece-nos inconcebivelmente desonroso para ele. Como acontece com o Pentateuco, com Jonas e Isaías, também aqui, com Daniel, a palavra de Cristo é a pedra de toque. Por sua autoridade, aceitamos o livro como de fato a Palavra inspirada de Deus.

E por fim — o próprio Daniel

A seguir, com absoluta confiança nesse livro vital, passamos a um breve exame de seu conteúdo e mensagem. Primeiramente, porém, devemos reunir os dados principais relativos ao próprio Daniel.

Nossas informações sobre esse santo e vidente heróico baseia-se quase inteiramente no livro que leva o seu nome. Nos primeiros versículos do primeiro capítulo, aprendemos que ele fazia parte de um pequeno grupo de prisioneiros judeus levados de Jerusalém pelo jovem conquistador babilônico, Nabucodonosor, no terceiro ano do reinado de Jeoaquim sobre Judá (2 Rs 23.36 etc.). Isso seria cerca de oito anos antes de Ezequiel também ser levado cativo e quase 19 anos antes da destruição de Jerusalém

Na época de sua deportação para a Babilônia, Daniel era ainda jovem. Isso se deduz primeiramente pelos versículos 3 e 4, nos quais Nabucodonosor encarrega o chefe de seus eunucos para “que trouxesse alguns dos filhos de Israel, assim da linhagem real como dos nobres, jovens sem nenhum defeito, de boa aparência, instruídos em toda a sabedoria, doutos em ciência, e versados no conhecimento, e que fossem competentes para assistirem no palácio do rei; e lhes ensi-

nasce a cultura e a língua dos caldeus”. C. J. Ellicott comenta: “Se os costumes babilônios eram semelhantes aos persas, é provável que o processo de educação iniciasse bem cedo. Um sistema científico tão elaborado como o babilônio, quer teológico, quer astronômico, quer mágico, naturalmente exigiria um treinamento começando o mais cedo possível”. Podemos razoavelmente supor, portanto, que os “filhos” dos hebreus que deveriam adornar a corte do orgulhoso conquistador eram ainda jovens.

Além disso, a pouca idade de Daniel por ocasião do exílio parece implícita pela duração de tempo em que viveu na Babilônia. Veja 1.21, 6.28 e 10.1. O último desses três versículos conta-nos que Daniel ainda estava lá “no terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia”. Ora, se, como vimos anteriormente, Daniel foi levado para a Babilônia 19 anos antes da queda de Jerusalém, então ele começa ali em 606 a.C.; e, como o terceiro ano de Ciro era 534 a.C., Daniel deve ter vivido na Babilônia por pelo menos 72 anos. Durante quanto tempo mais viveu, não sabemos; mas fica evidente que, quando o levaram para a Babilônia, ele era bem jovem e, quando morreu, deve ter sido com bastante idade.

O fato notável a ser visto nesse ponto é que Daniel viveu *ao longo de todo o período de 70 anos do cativo*. Sobreviveu ao reinado de 34 anos de Nabucodonosor e viu o filho deste, Evil-Merodaque (=Amel-Marduk, “servo de Merodaque”) subir ao trono para o breve reinado de dois anos, sendo seguido por Neriglissar (=Nerga-shar-utsur, “Nergal proteja o rei”), genro de Nabucodonosor, que reinou cerca de 4 anos. O filho de Neriglissar, Labashi-Marduk, reinou então só quatro meses e foi sucedido por um usurpador, Nabonido. Daniel assistiu a tudo isso, e depois viu a queda súbita do domínio babilônico. Nabonido coloca seu filho Belsazar no comando da cidade de Babilônia. Belsazar dá um grande banquete, e o escrito aparece na parede. Nessa noite Belsazar é morto. A Babilônia é tomada pelos persas, governados por Ciro. O império babilônico já não existe. O império medo-persa o substitui. Ciro faz sua grande proclamação para a volta dos judeus a Jerusalém. Daniel ainda se encontra na Babilônia quando o “remanescente” parte para Jerusalém, guiado por Zorobabel.

Nosso último vislumbre dele é na velhice, no “terceiro ano de Ciro”. Assim, Daniel liga os períodos pré e pós-exílico.

Voltando ao primeiro capítulo do livro, verificaremos que Daniel, além de jovem na época, tinha um bom físico e bela aparência (v. 4). Parece também provável que fosse de linhagem real (v. 3). Mas o que mais chama nossa atenção, desde a juventude até a velhice, é sua coragem moral — ou devemos chamá-la *santidade irreduzível*? Como podemos deixar de admirar o jovem Daniel recusando-se a contaminar-se com “as iguarias” e o “vinho” do rei? E como não admirar o idoso Daniel indo para a cova dos leões, em vez de abandonar a prática diária de oração, que mantivera durante toda a sua vida? Pois ele tinha então 70 anos! Ah, esse amado Daniel é sem dúvida uma pessoa extraordinária! É um dos poucos homens de quem Deus só diz boas coisas. Por três vezes ele é chamado “mui amado” (9.23; 10.11, 19). O que João, o discípulo amado, foi entre os apóstolos do Novo Testamento, Daniel o foi entre os profetas do Antigo Testamento. Eles tinham um lugar correspondente bem próximo do coração divino. Grandes visões foram dadas a ambos. Foram admitidos, por assim dizer, nos próprios arcanos da divindade. Um estudo profundo, em espírito de oração, do incomparável caráter moral desse homem enriquecerá qualquer um de nós. Ele é uma figura destacada no que se refere à capacidade intelectual e à habilidade de ação. Pensamos nele ocupando um alto cargo administrativo, tanto no reino babilônico como no persa (2.48; 6.1-3). Todavia, através de tudo isso, sua fé permanece simples, seu coração humilde, seu caráter imaculado e sua santidade suprema.

Naturalmente, não podemos deixar de fazer uma ligação entre a fé e a determinação santa de Daniel e a influência do bom rei Josias e do grande profeta Jeremias. Foi no terceiro ano do rei Jeoaquim, ou pouco depois, que ele foi levado para a Babilônia (1.1). O rei Josias morrera havia apenas quatro anos. Se Daniel tinha cerca de 18 ou 20 anos ao ser levado para a Babilônia, portanto, deve ter tido entre 14 e 16 anos, quando Josias morreu. O longo reinado de Josias durou 31 anos. Daniel nasceu aproximadamente no meio dele e, por ser de descendência real, cresceu muito ligado a esse reino. Ora, foi no reinado de

Josias que o templo recebeu reparos, a adoração foi reformada, o livro da lei redescoberto e a grande Páscoa nacional realizada. O rei santo fez um bom governo que poderia ter salvado a nação caso o povo tivesse realmente correspondido. Foi também no décimo terceiro ano de Josias que Jeremias começou seu poderoso testemunho público (Jr 25.3), o qual ainda continuava em Jerusalém quando o jovem Daniel partiu para o exílio. A influência desses dois homens permaneceu com o futuro primeiro-ministro da Babilônia. Mais de 60 anos depois, encontramos Daniel refletindo sobre as palavras de Jeremias a respeito dos 70 anos de cativo (9.2). Um exemplo e uma influência santos sempre exercem poder sobre *alguém*. Quase sempre há algum jovem Daniel observando e ouvindo. Eis um ministério que todos podemos praticar. Não precisamos ser reis nem profetas. Quanto poder pode ser exercido por um pai, uma mãe, um irmão, uma irmã, um amigo, um professor, um sócio nos negócios! *Atentemo-nos — e, se desanimarmos, também animemo-nos*. Não devemos igualmente perder aquela grande verdade que é tanto o centro como a coroa da história pessoal de Daniel, a saber, *Deus honra aos que lhe dão honra* (1 Sm 2.30).

O “livro” de Daniel

Não há de fato nenhuma razão para estabelecer uma análise do *livro* de Daniel: sua disposição é bem clara. Seus doze capítulos dividem-se em duas partes iguais, sendo os primeiros seis *históricos*, e os últimos seis, *proféticos*. O pensamento-chave e o propósito central do livro são expressos no capítulo 4 — três vezes, para ressaltar bem (vv. 17, 25, 32) — “A FIM DE QUE CONHEÇAM OS VIVENTES QUE O ALTÍSSIMO TEM DOMÍNIO SOBRE O REINO DOS HOMENS; E O DÁ A QUEM QUER”. É significativo que esse grande pronunciamento chegue até nós mediante os lábios do humilhado Nabucodonosor, que era a “cabeça” de ouro e o primeiro imperador mundial dos “tempos dos gentios”. É também digno de nota que esse propósito central de Daniel corresponda ao de Ezequiel, o *outro* livro do cativo. O destaque de Ezequiel é: “ELES

[ISRAEL] SABERÃO QUE EU SOU O SENHOR”. O de Daniel: “A FIM DE QUE CONHEÇAM OS VIVENTES [TODAS AS NAÇÕES] QUE O ALTÍSSIMO TEM DOMÍNIO”.

Um aspecto interessante desse livro de Daniel é o fato de ser escrito *em duas línguas*. De 2.4 até o fim do capítulo 7, a língua é o aramaico. No restante, o hebraico. Existe algum sentido especial nisso? Acreditamos que sim. Existe uma correspondência inequívoca entre a imagem do sonho de Nabucodonosor, no capítulo 2, e a primeira das visões de Daniel, no capítulo 7. Ambas dão em linhas gerais todo o curso dos “tempos dos gentios”, enquanto as visões posteriores pre dizem o futuro especialmente em relação ao povo da aliança. Assim, os capítulos de 2 a 7 estão em aramaico, que era na época a língua gentílica usada no comércio e na diplomacia em todo o mundo conhecido. Portanto, podemos ver, nessa passagem da língua judaica para a língua comum dos gentios, um símbolo significativo do que de fato estava acontecendo na história, por um ato soberano de Deus.

Há, porém, ainda mais do que isso. Trata-se de mais uma prova de que o livro realmente foi escrito quando diz que foi. *Antes* dos dias de Daniel, os judeus não entendiam *aramaico* (veja 2 Rs 18.26). *Depois* da época de Daniel, eles deixaram de compreender o *hebraico* (veja Ne 8.8). *No* tempo de Daniel, porém, *eles compreendiam ambas as línguas*. Se o livro foi escrito por um impostor querendo consolar seus conterrâneos, quase 400 anos mais tarde, por que escreveu a metade dele numa língua em que não podiam mais ler? Ou, se quisesse mantê-lo em hebraico, para investi-lo de valor sagrado e antigo, por que colocou esses capítulos centrais na língua comum de seus dias? Eis um belo enigma complicado para ser resolvido pelos que favorecem uma data posterior! Enquanto isso, ficamos gratos de ver no fenômeno um novo selo colocado sobre o livro pela mão de Deus.

DANIEL (4)

Lição Nº 85

NOTA: Para este estudo, leia novamente o livro de Daniel por inteiro, observando agora, cuidadosamente, todas as datas e as referências geográficas que possam ter alguma influência na autenticidade do livro.

A alta crítica começa com a suposição de que tudo nas Escrituras precisa ser confirmado por provas extrínsecas.

A verdadeira crítica procura elucidar a verdade; a alta crítica pretende estabelecer resultados preconcebidos.

O crítico é um especialista; e os especialistas, embora com frequência testemunhas necessárias, são proverbialmente maus juizes.

SIR ROBERT ANDERSON

DANIEL (4)

OS SEIS primeiros capítulos de Daniel, a metade histórica do livro, são fascinantes. Eles têm sido atacados parte por parte pelos críticos modernos, e também igualmente defendidos por estudiosos conceituados. Gostaríamos de dar-lhes tratamento mais completo que esse nosso esquema permite; mas, nessa parte, nossa última seção do livro, devemos tratar de suas *profecias*.

As profecias de Daniel são uma chave indispensável para a profecia bíblica como um todo; daí a importância de compreendê-las. No livro de Daniel propriamente dito, encontram-se duas profecias fundamentais para todas as outras — a referente à imagem do sonho de Nabucodonosor, no capítulo 2, e a das “setenta semanas”, no capítulo 9. Uma delas é fundamental para a profecia relativa às nações *gentílicas*, a outra, para a profecia relativa a *Israel*.

A imagem do sonho de Nabucodonosor

Jamais homem algum teve sonho tão memorável. Além disso, era tão necessário que Nabucodonosor o *esquecesse* quanto que o sonhasse. Se o próprio rei tivesse sido capaz de relatar o sonho, talvez pudesse haver interpretações conflitantes; mas o fato de ele ter sido esquecido completamente e depois lembrado por Daniel mediante a inspiração foi prova cabal de que tanto o sonho como sua interpretação provinham do Altíssimo.

E a interpretação? Com as palavras de Daniel à nossa frente e o registro da história atrás de nós, vemos com toda a certeza que a cabeça de ouro é a *Babilônia*, o peito e os braços de prata, a *Média e a Pérsia*, o ventre e os quadris de bronze, a *Grécia* e as pernas de ferro, *Roma*. Poderíamos ter suposto que isso seria imediatamente aceito não tivesse a escola modernista forçado outros significados para a imagem.

Mas, como se fizeram essas interpretações alternativas, referimo-nos a elas aqui, a fim de verificar a interpretação real.

Para sua própria humilhação, como já vimos, os críticos esforçaram-se para fazer do livro de Daniel uma simples *pseudepígrafe* de cerca de 164 a.C., em que as supostas predições não passam de história recontada até essa época. Como Roma ainda não era um império mundial, os quatro metais da imagem do sonho de Nabucodonosor tinham de representar de alguma forma quatro grandes reinos *antes* de Roma (assim como as *outras* profecias de Daniel devem ser igualmente limitadas). Mas, se Roma é excluída, como justificar então os quatro metais? Quatro recursos foram usados. *Primeiro*, a cabeça de ouro ficou restrita a Nabucodonosor apenas, com a história posterior da Babilônia sendo representada pelo peito e pelos braços de prata. O abdômen de bronze torna-se então a Média e a Pérsia, e as pernas de ferro, a Grécia. *Segundo*, o império medo-persa foi dividido, e desse modo a prata passa a ser os medos, e o bronze, os persas, o ferro continuando a ser a Grécia. *Terceiro*, sendo a cabeça de ouro a Babilônia, e o peito e os braços de prata, a Média e a Pérsia, o quadril de bronze, em vez de representar o Império Grego inteiro, ficou restrito a Alexandre, o Grande, as pernas de ferro representando seus sucessores. *Quarto* (apesar das palavras de Daniel a Nabucodonosor: “Tu és a cabeça de ouro”), fez-se a cabeça de ouro representar o império assírio que precedeu o da Babilônia, de modo que o peito e os braços de prata representam agora a Babilônia, o quadril de bronze, a Média e a Pérsia e as pernas de ferro, a Grécia.

Ora, percebe-se que, desses quatro recursos, três concordam em que a *Babilônia* não deve ser dividida em duas; três concordam em que a *Média* e a *Pérsia* não deve ser dividida em duas; e três concordam em que a *Grécia* não deve ser dividida em duas. Assim sendo, pelo consenso dos próprios críticos, a imagem começa com Nabucodonosor; a Babilônia é um metal, a Média e a Pérsia são um metal, a Grécia é um metal. E o quarto metal? Os próprios críticos nos forçam à conclusão de que *só pode ser Roma*. Além disso, os debates e as concessões conflitantes dos críticos mostram-nos que eles próprios não estão convencidos com nenhum dos quatro expedientes. Cada um é passível de grave objeção, tal como, por exemplo, o artifício de representar os

medos e os persas como o segundo e o terceiro impérios — como a prata e o bronze. Os medos certamente jamais tiveram o que pode ser considerado um reino mundial, e nunca foram senhores da Judéia. Mas, sem necessidade de rejeitar esses quatro expedientes, cada um por sua vez, acreditamos que outras partes de Daniel mostram que os quatro metais de fato representam a Babilônia, a Média e a Pérsia, a Grécia e a Roma.

No capítulo 8, cada um dos dois impérios, Média e Pérsia e Grécia, é mencionado *pelo nome*, de modo que somos absolutamente proibidos de considerar qualquer um deles como mais de um dos metais. Mostra-se a Daniel “um carneiro [...] o qual tinha dois chifres [...] um mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último” (v. 3). O intérprete celestial diz: “Aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia” (v. 20). Assim, a *figura* do carneiro representa os medos e os persas como um só reino, embora o aspecto duplo desse reino seja preservado nos dois chifres, o menor sendo os medos e o último e mais alto, os persas, que, mais tarde, sob Ciro e seus sucessores, assumiram a supremacia. A correspondência aqui com o peito e os braços de prata da imagem se verá imediatamente, em cada caso os dois chifres e os dois braços denotando a natureza dupla da Média e da Pérsia, enquanto a unidade desse império é preservada no único carneiro e no único metal.

Ficamos também sabendo claramente a identidade do “bode” que destrói a Média e a Pérsia (vv. 5-7): “... o bode peludo é o rei da Grécia; o chifre grande entre os olhos é o primeiro rei” (v. 21). Na visão, porém, “o grande chifre” (Alexandre, o Grande) foi quebrado, “e em seu lugar saíram quatro chifres notáveis, para os quatro ventos do céu” (v. 8). Isso é também explicado: “... o ter sido quebrado [o grande chifre], levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão deste povo, mas não com força igual à que ele tinha” (v. 22). Aqui, então, embora as divisões posteriores do império grego sejam claramente previstas, Alexandre e seus sucessores são representados como *um só império*, sob essa figura do bode. Definitivamente, portanto, se a Média e a Pérsia são o peito e os braços

de prata da imagem, a Grécia deve ser a parte inferior do tronco de bronze.

Podemos validar ainda mais esse argumento. No capítulo 7, os quatro reinos representados pelos quatro metais são vistos de novo como quatro animais de rapina. Dá-se especial atenção ao *quarto* animal. A correspondência entre ele e o quarto metal da imagem não pode ser desconsiderada: “sobremodo forte, o qual tinha grandes dentes de *ferro*” etc. (v. 7). Esse animal temível tem dez chifres (o chifre é o símbolo do poder de governar) e entre eles surge um novo chifre, que arranca três dos outros e tem “uma boca que falava com insolência”. Daniel diz: “Eu olhava e eis que este chifre fazia guerra contra os santos, e prevalecia contra eles, até que veio o Ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino” (vv. 21, 22). O quarto reino, em suas partes — as pernas, os pés de ferro e barro e os dez artelhos — deve então continuar “*até*” a vinda do reino mundial do Messias. Esses, certamente, só pode ser Roma.

Desse modo, se o ferro representa Roma, o bronze *deve* representar a Grécia, que é apresentada no capítulo 8 como *um* império; e então a prata *deve* ser a Média e a Pérsia, que também é representada como um império; e logo a cabeça de ouro *deve* ser a Babilônia, de acordo com as palavras de Daniel a Nabucodonosor: “Tu és a cabeça de ouro”.

E agora, depois de aprender da própria Palavra de Deus o significado dos quatro metais, e sabendo quão magnificamente a história revelou seu sentido profético, observamos essa imagem com revelância. Vemos nela todo o curso da história delineado antecipadamente, desde os dias de Daniel, há 2 500 anos, até o fim da era presente. Se isso não for comprovação de inspiração divina, nada mais o será.

Ora, existem dois fatos importantes revelados nessa imagem do sonho que estão ligados significativamente a nós neste século. Primeiramente, o final da era presente não deverá dar-se mediante um aperfeiçoamento gradual até que se atinja um alto ponto de excelência, mas *mediante uma crise, um impacto, uma catástrofe súbita*; pois, nos dias representados pelos dez artelhos, “uma pedra cortada

sem auxílio de mãos” (Cristo em seu reino messiânico, como mostrado no capítulo 7) esmaga a imagem e a reduz a pó (2.34, 35, 43-45). Nas palavras de William Newall: “Todos os sonhos modernos do milênio antes de Cristo voltar são heresias geradas pela vã autoconfiança humana ou por uma ilusão satânica direta”. O mundo estará dizendo “paz e segurança” quando a “repentina destruição” esmagar todo o sistema de coisas existente.

Em segundo lugar, *o fim da era presente agora está próximo*. As duas pernas que representam Roma correspondem ao fato histórico, pois, como se sabe muito bem, o império romano dividiu-se em duas grandes metades: a oriental e a ocidental. *A divisão se deu em 395 d.C.* Assim sendo, da ascensão de Nabucodonosor (606 a.C.) até a divisão do Império Romano nas pernas de ferro (395 d.C.) há apenas mil anos na cronologia popular. Não nos arriscamos a fixar datas! Todavia, não precisamos hesitar em dizer que, tendo em mente essa imagem de sonho interpretada, devemos estar hoje em algum ponto do período final representado pelos pés e pelos artelhos. Os acontecimentos atuais confirmam isso. Conte os tronos que deram lugar a repúblicas recentemente. Observe os portentosos movimentos dos “trabalhadores” hoje em dia. O ferro e o barro agora andam juntos, como nos pés daquela imagem. Com tais presságios diante de nossos olhos, nós, que somos de Cristo, podemos perfeitamente olhar para o alto, sabendo que nossa redenção está próxima. E, já que sabemos tais coisas, devemos ser “como os que vivem em santo procedimento e piedade” (2 Pe 3.11)!

As “setenta semanas”

Em Daniel 9, encontramos uma das mais notáveis predições da Bíblia. Do versículo 24 ao 27, é dito a Daniel que “setenta semanas estão determinadas” sobre seu povo. Desde a expedição da “ordem para restaurar e para edificar Jerusalém” até o dia em que o Messias seria “morto”, passariam “sete semanas; e em sessenta e duas semanas”, ou 69 semanas ao todo; isto é, 483 anos. A septuagésima semana

é tratada separadamente. Nela, um rei perverso quebra a aliança com os judeus e profana Jerusalém.

A fim de entender essa predição, precisamos certificar-nos de quando foi dada a “ordem para restaurar Jerusalém, e assim saber o ponto de partida dos 483 anos. Devemos também averiguar se os anos são solares, lunares ou lunissolares. Três decretos que afetavam Jerusalém são mencionados em Esdras: o de Ciro, em 536 a.C., o de Dario Histapes, cerca de 519 a.C., e o de Artaxerxes Longimano, cerca de 458 a.C. (1.1; 6.3; 7.11). Nenhum deles pode ser o decreto profetizado para Daniel, pois os três estão ligados apenas ao templo e à adoração. O único edito na história para a reconstrução da cidade propriamente dito foi o expedido por Artaxerxes a pedido de Neemias: “... peço-te que me envies a Judá, à cidade dos sepulcros de meus pais, PARA QUE EU A REEDIFIQUE” (Ne 2.5). O próprio Neemias dá a data: “No mês de nisã, no ano vigésimo do rei Artaxerxes” (2.1). Esse é, portanto, o ponto de partida: nisã, 445 a.C. Nisã é o primeiro mês do ano judeu. O primeiro dia de nisã é o Dia do Ano Novo. Como Neemias não menciona nenhum outro dia, o período profético deve ser considerado, de acordo com o costume usual judeu, a partir do dia do Ano Novo. Ora, como o ano judaico era governado pela lua pascal, a data de qualquer nisã pode ser precisamente calculada em relação ao nosso calendário juliano. Em seu livro, *The Coming Prince* [*O Príncipe que Virá*], Sir Robert Anderson mostrou, com a confirmação do astrônomo real, que a data de Neemias era 14 de março de 445 a.C.

Ora, que espécie de *anos* devemos computar? Não somos deixados em dúvida. A inter-relação entre as visões de Daniel e as de João fica evidente para todos; e uma comparação entre elas comprovará que o ano profético é um ano lunissolar de 360 dias. Tanto Daniel como João falam de “um tempo, dois tempos e metade dum tempo” (ou seja, três “tempos” e meio); e ambos deixam claro que três “tempos” e meio são três *anos* e meio (compare Dn 7.25; 9.27; Ap 12.14; 13.5). Mas João avança mais e divide os três anos e meio em *dias* (compare Ap 11.2, 3; 12.6, 14), mostrando-nos que os três anos e meio equivalem a 1 260 dias. Isso confirma que o ano profético é de 360 dias.

Assim sendo, desde o edito para reconstruir Jerusalém até a morte do Messias passar-se-iam 483 anos de 360 dias cada um. A profecia se cumpriu? Sim. Só uma vez nosso Senhor se ofereceu pública e oficialmente como o Messias de Israel. Foi naquele primeiro e memorável “domingo de palmas”. Sir Robert Anderson ressalta corretamente a importância disso: “Nenhum estudante dos evangelhos pode deixar de ver que a última visita do Senhor a Jerusalém não foi apenas de fato, mas também em intenção o ponto decisivo de seu ministério. Desde a ocasião em que os líderes oficiais da nação rejeitaram suas reivindicações messiânicas, ele evitara todo o reconhecimento público de tais direitos. Mas agora seu testemunho fora inteiramente dado, e o propósito de sua entrada na capital era proclamar abertamente seu messiado e receber sua sentença. Até os apóstolos haviam sido repetidamente advertidos para que não revelassem sua identidade; mas agora ele aceitava as aclamações de ‘toda a multidão’ dos discípulos. Quando os fariseus protestaram, ele os silenciou com a indignada censura: ‘Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão’ (Lc 19.40). Essas palavras só podem significar que chegara a hora divinamente determinada do anúncio público de seu messiado, e que o propósito divino não podia ser contrariado”. Foi nesse dia que nosso Senhor olhou para Jerusalém e exclamou: “Ah! Se conheceras por ti mesma ainda HOJE o que é devido à paz!” (Lc 19.42). E somos expressamente informados de que esse dia foi o cumprimento de Zacarias 9.9 (Mt 21.4, 5). Tal destaque concentrado nesse dia de forma alguma pode estar errado. Esse foi o dia profetizado de seu oferecimento público à nação, o qual diretamente provocou sua “morte”. Aqui, então, encontramos o *término* dos 483 anos, sublinhado com clareza demais para ser mal interpretado.

Veja agora *exatamente* como Daniel 9 foi cumprido. Nenhuma data da história é mais bem esclarecida do que o início do ministério público do Senhor. Lucas conta-nos que foi no “décimo quinto ano do reinado de Tibério César” (3.1). Ora, o reinado de Tibério começou em 19 de agosto de 14 d.C., de modo que o *décimo quinto* ano de seu reinado, quando o Senhor começou o ministério público, foi 29 d.C.; e a primeira Páscoa do ministério do Senhor foi no mês de nisã desse

ano. Três Páscoas mais tarde, em 32 d.C., nosso Senhor foi crucificado. Vamos fornecer uma última citação de *Sir Robert Anderson*: “Segundo o costume judeu, nosso Senhor subiu a Jerusalém no oitavo dia de nisã (Jo 11.55; 12.1; JOSEFO, *Wars*, l. 6, cap. 5, § 3), que, como sabemos, caiu naquele ano numa sexta-feira. Depois de passar o sábado em Betânia, entrou na cidade santa no dia seguinte, como registrado nos evangelhos. A data no calendário juliano desse décimo dia de nisã foi domingo, 6 de abril, 32 d.C.”. Assim, qual a duração de tempo entre o decreto para reconstruir Jerusalém e essa culminante apresentação pública de Cristo — entre 14 de março de 445 a.C. e 6 de abril de 32 d.C.? *Sir Robert Anderson* afirma-nos que foram EXATAMENTE 173 880 DIAS, ISTO É, 483 ANOS PROFÉTICOS DE 360 DIAS! Mais uma vez, se essa não for uma prova de inspiração divina, nada mais o poderá ser.

E a *septuagésima* semana? Ainda está para vir. Toda a era presente da “Igreja” está situada entre a morte do Messias e essa septuagésima semana. Como dissemos, a igreja da presente dispensação não é, em parte alguma, tema de predição direta do Antigo Testamento. Ela era o “segredo” mantido “oculto” durante os séculos precedentes (Ef 3). Encontramos repetidamente no Antigo Testamento os dois adventos de Cristo preditos no mesmo versículo ou passagem, mas sem nenhum esclarecimento sobre a localização da era presente entre eles (veja Gn 49.10; Is 53.11, 12; Mq 5.3; Is 41.1, 2 com Lc 4.17-19; Zc 9.9, 10; Mt 3.1; 1 Pe 1.10, 11).

Não podemos continuar aqui o estudo das profecias de Daniel; mas esperamos que nosso breve exame dessas duas passagens básicas possa servir de começo útil para qualquer investigação posterior. Enquanto isso, com essa septuagésima semana em vista, aguardamos o toque de trombeta do céu, a voz do arcanjo, a descida do Senhor, a abertura dos túmulos, a ressurreição dos santos, a posse do reino e a glória que se seguirá.

PERGUNTAS SOBRE O LIVRO DE DANIEL

1. Que disseram os críticos racionalistas sobre a data e sobre a autoria desse livro, e por quê?

2. Dê uma razão especial para a presença em larga escala do sobrenatural no livro, e diga que impacto os acontecimentos milagrosos tiveram sobre os judeus.

3. Que coincidente mas convincente testemunho Ezequiel oferece para a historicidade contemporânea de Daniel?

4. Você pode mencionar outros três testemunhos da autenticidade de Daniel e de seu livro? (Um deles é um livro apócrifo.)

5. De que forma nosso Senhor e o Novo Testamento dão testemunho da autenticidade de Daniel e de sua profecia?

6. Quando Daniel foi levado para a Babilônia, e como sabemos que viveu ali durante pelo menos 72 anos?

7. Quais os dois principais grupos de capítulos do livro de Daniel?

8. Qual foi a imagem do sonho de Nabucodonosor? Que acha você que suas várias partes representam, e por quê?

9. Como essa imagem parece mostrar que o fim da era presente deve estar próximo?

10. Você poderia mostrar, mediante certas datas e fatos, como a profecia das 70 semanas até a “morte do Messias” foi exatamente cumprida?

OSÉIAS (1)

Lição Nº 86

NOTA: Para este estudo, leia o livro de Oséias inteiro uma ou duas vezes. Por razões que mencionaremos, o livro deve ser lido numa tradução moderna, ou pelo menos na Edição Revista e Atualizada, especialmente a partir do capítulo 4.

As Escrituras originais foram escritas em hebraico, com algumas partes em caldaico e outras num estranho dialeto grego. Naturalmente, foram feitas tentativas para tornar esses originais disponíveis mediante traduções em outras línguas. Mas a tradução é inevitavelmente imperfeita. As línguas não são uniformes no vocabulário ou no significado, e nem sempre se encontrarão equivalentes exatos. Desse modo, surgem dificuldades de interpretação que deixam perplexo o lingüista mais douto, e tudo o que se pode fazer é escolher as melhores palavras disponíveis que possam reproduzir o original. Não se pode alegar nenhuma inspiração em tais reproduções humanas; todavia, na prática, são guias seguros.

A. T. PIERSON,
Doutor em Teologia.

OSÉIAS (1)

OSÉIAS é o profeta do momento crítico de Israel. A nação afundara a tal ponto de corrupção, que um golpe severo do juízo divino não podia mais ser adiado. O que o choroso Jeremias foi para Judá, o Reino do Sul, quase um século e meio mais tarde, o soluçante Oséias foi para Israel, o Reino do Norte. De maneira comovente, ainda que não predominante, ele advertiu seus obstinados compatriotas durante aquelas décadas trágicas que culminaram na absolutamente merecida e ainda dilacerante catástrofe da invasão assíria. Mais ainda: da mesma forma que Jeremias viu seus compatriotas do sul ser realmente mergulhados na noite sombria do cativeiro babilônico e, de coração partido, imortalizou isso em suas Lamentações, é provável que Oséias também tenha visto as dez tribos de seu amado Israel ser arrastadas para longe da terra que haviam tão vergonhosamente profanado, para aquele exílio e para aquela dispersão entre as nações das quais, até hoje, elas não foram ainda reunidas. Talvez, de fato, ele se tornou um refugiado na Judéia, levando consigo seus escritos proféticos, dos quais esse “livro de Oséias” chegou até nós.

O cenário

No que diz respeito a Oséias, se quisermos compreender claramente o homem e sua mensagem, devemos vê-lo em relação ao cenário de sua época. O primeiro versículo do livro diz: “Palavra do SENHOR, que foi dirigida a Oséias, filho de Beerí, nos dias de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel”. Note a menção de *Ezequias* aqui. O fato de Oséias ainda estar profetizando nos dias em que Ezequias reinou em *Judá* determina que nosso profeta viveu durante 50 anos ou mais em Israel entre a morte de Jeroboão II e a invasão assíria, pois essa invasão ocorreu enquanto Ezequias reinava em Judá (Is 36). Indica também que o *início* do

ministério profético de Oséias deve ter sido *perto do final* do reinado de Jeroboão.

Esse período, de Jeroboão II até o cativo, foi o terrível “último salto” de iniquidade no declínio de Israel. Não podemos ler essas páginas de Oséias sem perceber que as coisas tinham piorado de modo alarmante em seus dias, achando-se ainda piores que nos dias de seu profeta-predecessor Amós. Com a morte de Jeroboão II e o assassinato de seu filho, termina a dinastia de Jeú (cf. 2 Rs 10.30 com 15.8-12). Jeroboão é o último rei com alguma aparência de nomeação divina a reinar em Israel. Os reis que se seguem tomam o trono assassinando quem o ocupa na ocasião. Salum mata Zacarias depois de um reinado de apenas um ano e meio; Menaém mata Salum depois de um reinado de apenas um mês; Peca mata Pecaías, filho de Menaém; enquanto Oséias, o último deles, por sua vez mata Peca.

É um período terrível. A lealdade ao trono praticamente não existe mais; as conspirações são abundantes; há surtos de anarquia; as condições são deploráveis (4.1, 2; 7.1, 7; 8.4; 9.15 etc.). A nação agita-se em desordem ao redor do trono degradado e vacilante. Como disse George Adam Smith: “Não se expõem apenas os pecados dos voluptuosos, daqueles que estão à vontade em Sião, como se faz em Amós; mas também o derramamento de sangue literal, roubos na estrada seguidos de assassinato, instigados pelos sacerdotes. Amós contemplou as nações estrangeiras através de um Israel tranqüilo; suas concepções do mundo são abrangentes e claras; mas, no livro de Oséias, o pó está levantado, e só temos vislumbres do que está acontecendo além da fronteira. Isso basta, porém, para tornar visível outra grande mudança desde os dias de Jeroboão. A autoconfiança de Israel desapareceu. A nação está tão alvoroçada quanto um pássaro espantado: ‘... *chamam o Egito, e vão para a Assíria*’ (7.11). Mas tudo é inútil; os reis não podem salvar, pois Efraim está tomada pelos golpes de uma crise fatal”. (Em Oséias, “Efraim” é usada para representar todo o Israel, nação de dez tribos.)

Moral e espiritualmente, as coisas estavam ainda piores do que no terreno político. Desde os dias do *primeiro* Jeroboão, quando as dez tribos haviam deixado a casa de Davi para formar um reino separado, a

adoração do bezerro de ouro em Betel havia se tornado uma armadilha para Israel. Embora o bezerro de Betel (como o de Dã, no norte) devesse a princípio representar o Senhor, o ídolo em si cada vez mais se tornava objeto de adoração. Isso abriu espaço para outras formas de idolatria, e as alianças feitas pelos reis de Israel com potências estrangeiras introduziram as idolatrias imorais da Síria e da Fenícia. O caminho foi assim aberto para a grosseira e cruel adoração da natureza associada aos nomes de Baal e de Astarote, com todas suas conseqüentes abominações, dentre as quais os sacrifícios de crianças e a licenciosidade revoltante.

Perceba alguns dos males que Oséias lamenta ou denuncia — perjúrio e mentira (4.1, 2); mortes e derramamento de sangue (4.2; 5.2; 6.8); hordas de salteadores e grupos de sacerdotes assassinos (6.9; 7.1); predominância do adultério (4.2, 11; 7.4); perversão, falsidade e opressão (10.4; 12.7); idolatria (4.12, 13; 8.5; 10.1, 5; 13.2); embriaguez (4.11; 7.5); completo descaso de Deus (4.4, 10; 8.14). Tal era a lamentável condição em que Israel havia afundado! As coisas já eram bem difíceis nos dias de Amós; mas desde então houvera um verdadeiro desabamento na perversidade. O povo estava mergulhado no mal — idolatria, embriaguez, devassidão, perjúrio, violência, banditismo, adultério. Aliás, o adultério era consagrado como parte dos ritos religiosos ligados à adoração idólatra do bezerro (4.14). Foi para esse povo e nessa ocasião que o profeta Oséias, de coração sensível, elevou a voz em nome do Senhor!

Características

Uma coisa fica logo clara ao lermos esse livro de Oséias: os três primeiros capítulos formam uma unidade, distinguindo-se dos seguintes. São *narrativos*, enquanto todos os restantes são discursos. Além disso, porém, esses três primeiros capítulos são uma narrativa *simbólica*. A mulher do profeta, Gômer, e os três filhos, Jezreel, Lo-Ruama (Desfavorecida) e Lo-Ami (Não-meu-Povo), e a tragédia da vida conjugal do profeta, assuntos desses capítulos, são todos símbolos

da relação entre o Senhor e Israel. A narrativa é contínua. O estilo é fluente e fácil.

Mas ocorre muito diferentemente nos capítulos de 4 a 14. Não há nem narrativa, nem símbolos; tampouco esses capítulos parecem acessíveis a uma análise lógica. O já citado estudioso da atualidade afirma que temos aqui “um fluxo de discursos e reflexões, apelos, censuras, sarcasmos, lembranças do passado, denúncias e promessas, que, com um pouco de associação lógica e quase nenhuma pausa ou período, originam-se impulsivamente uns dos outros, sendo em grande parte expressos em orações elípticas e ejaculatórias [...]. A linguagem é impetuosa e abrupta, acima de qualquer comparação. Nela, há pouca métrica e quase nenhum raciocínio. Poucas metáforas são intrincadas. Até mesmo o breve paralelismo da poesia hebraica parece demasiado longo para os rápidos espasmos do coração do escritor”.

Tal parece ser o pensamento dos estudiosos bíblicos em geral sobre os capítulos de 4 a 14, que o livro de Oséias é quase sempre considerado, sem uma análise mais aprofundada, com apenas uma divisão — divisão esta entre os três capítulos simbólicos no início, em que vemos a esposa infiel e o marido fiel, e os onze capítulos restantes, nos quais temos o Israel infiel e seu Deus fiel. Contudo, embora seja essa a opinião geral e apesar da fragmentação apaixonada do estilo de Oséias aqui, penso que, se atentarmos na fraseologia do profeta, veremos em pouco que, sem dúvida, existe uma divisão clara e um desenvolvimento significativo do capítulo 4 ao 14.

Prólogo simbólico

Para sermos de fato cativados pela ternura, pela paixão e pelo significado surpreendente da mensagem de Oséias, precisamos verificar primeiramente o sentido dos três primeiros capítulos, nos quais encontramos a história simbólica da mulher infiel de Oséias e de seus filhos. Na verdade, esses três capítulos não devem ser considerados uma “divisão” no tratado de Oséias, mas sim um *prólogo* dele. Essa certamente é a razão pela qual foram colocados no início, e não no

meio ou no fim! O tratado propriamente dito começa em 4.1, com as seguintes palavras:

OUVI A PALAVRA DO SENHOR, VÓS, FILHOS DE ISRAEL, PORQUE O SENHOR TEM UMA CONTENDA COM OS HABITANTES DA TERRA.

A narrativa simbólica da tragédia conjugal de Oséias, nos três primeiros capítulos, é fixada previamente porque tudo o que se segue na “contenda do SENHOR” deve ser interpretado de acordo com ela.

Qual é, então, a aplicação especial desse prólogo? É esta: *o profeta, por meio da tristeza de seu casamento frustrado, passara a ver o pecado de Israel contra Deus em seu significado mais profundo e terrível*. Oséias tinha amado com um amor puro, profundo, terno e sensível. Havia honradamente recebido por esposa a mulher de sua escolha, contraindo uma união que desejava fosse de felicidade perene. Depois do nascimento do primeiro filho, porém, surgiram em sua mente dolorosas suspeitas quanto à lealdade de Gômer; e elas foram confirmadas mais tarde com a descoberta do adultério. Jezreel, o primeiro filho, foi claramente declarado como de Oséias (1.3), mas os outros não. O segundo filho não é dele. Oséias chama a pequenina de *Lo-Ruama*, que significa Desfavorecida (não amada), ou “aque-la-que-jamais-conheceu-o-amor-de-um-pai”. O terceiro filho, ele não o reconhece abertamente, chamando-o de *Lo-Ami*, que significa Não-meu-povo, ou Não-é-meu-parente”.

Podemos imaginar o conflito de emoções no coração de Oséias, a sensação de vergonha em sua casa profanada. Ele havia perdoado sua amada porém fraca e desleal Gômer uma... duas vezes... Suplicara e advertira. Mas as coisas finalmente chegaram a um ponto em que a separação tornou-se necessária. Depois disso, ao que parece, Gômer vendera-se por dinheiro e mais tarde caiu na escravidão, da qual, porém, foi remida pelo ainda compassivo Oséias (3.2), embora uma nova união não pudesse ser concebida sem um processo de disciplina e purificação (3.3).

Essa história é contada de maneira consecutiva, sendo que em cada ponto o simbolismo é explicado e aplicado. Gômer é a nação, Israel. Os filhos são o povo dessa nação. A tristeza, a paciência e a com-

paixão de Oséias, assim como o ato final de redenção, purificação e restauração de Gômer, são um prenúncio da tristeza, da paciência, da compaixão e do amor de Deus para com o pecador Israel. Toda a trágica história de Israel encontra-se aqui, nesses três primeiros capítulos, além do triunfo final daquele dia que ainda está por vir, quando Deus vai dizer: “Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias” (2.19); “E a Não-meu-povo direi: Tu és o meu povo; e ele dirá: Tu és o meu Deus!” (2.23).

Qualquer leitor cuidadoso, sem dúvida verá que o primeiro versículo do capítulo 2 deveria, na verdade, ser o final do capítulo 1. Fica também claro que o capítulo 2 é a *aplicação* do capítulo 1. De igual modo, o capítulo 3 projeta-se até o fim da presente era, pois suas últimas palavras são: “Depois tornarão os filhos de Israel, e buscarão ao SENHOR seu Deus, e a Davi, seu rei; e, *nos últimos dias*, tremendo se aproximarão do SENHOR e da sua bondade” (3.5). Toda a história de Israel, passada, presente e futura, está aqui, nesse prólogo simbólico.

Mas o fato mais profundo e terrível nesses capítulos é que, mediante seu relacionamento cruelmente profanado com Gômer, Oséias veio a compreender o verdadeiro significado do pecado de Israel: *adultério espiritual* e até *prostituição*! O pecado do adultério tem sido definido como a “busca de satisfação em relações ilícitas”. Israel fizera justamente isso. A prostituição é ainda pior. É o pecado de “prostituir bens superiores por causa de dinheiro e de lucro”. Israel praticara esse ato também. Como Oséias lhes diz, Deus os tomara para si numa relação especial, os amara e levava em seus braços, os ensinara a andar, fora marido e lar para eles; e eles buscaram outros deuses! E prostituíram seus altos privilégios cedendo ao deleite lascivo da idolatria!

Tal pecado, então, é adultério espiritual! Vê-lo dessa maneira é enxergá-lo em sua mais medonha enormidade e, ao mesmo tempo, compreender com profunda perspicácia *o sofrimento que causa no coração de Deus*.

Ora, esse é o pensamento que sublinha todos os demais capítulos de Oséias; os capítulos de 4 a 14 devem ser lidos com isso sempre em

mente. O pecado de um povo com tão altos privilégios e uma relação tão sagrada como Israel é o mais medonho que se possa conceber. Bem lá no fundo e pior do que os simples pecados carnaís está o da *deliberada infidelidade ao amor* — mesmo a esse amor que é “maior que o amor das mulheres”!

Amor ultrajado, mas perseverante

Oséias é o profeta do *amor ultrajado, mas perseverante*. Eis o amor “longânimo e benigno”. Eis o amor que nunca nos deixa ir e jamais nos abandona. Eis o amor que muitas águas não podem apagar — amor ferido, ultrajado, entristecido, decepcionado, que, embora se inflame e arda de indignação violenta por causa do pecado, soluça: “Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel?” (11.8).

Já nos referimos à irregularidade do estilo de Oséias nos capítulos de 4 a 14. Será que não podemos perceber nessa irregularidade de estilo uma vibração sensível à fragmentação dos tempos, e também uma expressão do despedaçamento do próprio espírito de Oséias por causa do pecado e da calamidade que sobreviria a seu povo?

A diferença entre Amós e Oséias é bem marcante. Talvez nos permita o leitor citar mais uma vez George Smith a esse respeito: “Não poderia haver maior contraste (do que Oséias) a essa fixação de consciência que torna tão simples em raciocínio e tão firme em estilo o livro de Amós. Amós é o profeta da lei: ele vê os processos divinos operando por si sós, sem levar em conta as inclinações e as intrigas do povo, das quais, afinal de contas, pouco conhecia. Assim, cada um de seus parágrafos movimenta-se firmemente em direção a um clímax, e todo clímax é condenação — o cativo do povo na Assíria. Pode-se dividir o livro nessas coisas; ele tem seus períodos, estrofes e estribilhos. Marcha como os exércitos do Senhor dos exércitos. Mas Oséias não tinha uma visão assim desobstruída das grandes leis. Estava familiarizado demais com as rápidas mudanças de seu povo volúvel, e seu afeto por eles era muito apreensivo. Seu estilo apresenta toda a inquietação e a irritabilidade da fome — a fome de amor”. Sim, Oséias

é o profeta do amor faminto e perseverante de Deus para com os homens; e o próprio profeta penetrou no grande, sofredor e anelante amor de Deus, por causa de sua própria tristeza solitária em virtude da desviada Gômer.

Esse é um aspecto do amor divino sobre o qual talvez não nos demoremos o bastante. Pensamos num Deus zangado, ameaçador e hostil em relação aos malfeitores; e estamos certos em pensar assim, pois ele obrigatoriamente deve ser desse modo, por ser Governador moral e Juiz da raça humana. Não só é verdade que Deus *não livra nem livrará* “o culpado”, mas ele também *não pode* fazer isso para permanecer coerente com sua própria natureza santa. Todavia, há outro aspecto. É aquele representado em Oséias e que reaparece na parábola do filho pródigo, na compaixão do pai para com o filho. Deus mantém quatro relacionamentos principais com a humanidade: 1) Criador, 2) Rei, 3) Juiz e 4) Pai. Qual desses quatro fornece o motivo e o propósito fundamentais da criação da raça humana? Deus criou unicamente para possuir? Criou apenas para reinar? Simplesmente para julgar? Não, as três relações de Criador, Rei e Juiz não completam o motivo básico. É a paternidade a condição suprema. Deus nos criou para ter *comunhão* com ele. Isso significa que o pecado do homem fere o coração grande e amoroso de Deus. Em seu aspecto mais profundo, o pecado não quebra apenas a lei divina, ele parte o coração de Deus. O Calvário confirma isso. Seja na metáfora de Oséias como o marido entristecido e machucado, seja na descrição feita por nosso Senhor do pai magoado e compassivo, a verdade está ali: *o pecado do homem fere a Deus!* As “almas perdidas” são uma perda para o coração de Deus!

Devemos acrescentar ainda uma palavra — uma advertência contra a veneração de objetos supostamente sagrados. Todo o problema daquele reino de dez tribos da antigüidade teve origem na adoração dos dois bezerros de ouro que o rei Jeroboão instalou em Dã e em Betei. Na época de Oséias, esses bezerros e o culto ilícito que cresceu em volta deles levou a nação a uma tal condição moral, que o juízo divino só podia ser protelado um pouco mais. Esses adoradores de animais dos dias de Oséias são da mesma categoria dos veneradores de imagem romanistas de nossa própria época. Alegavam que, ao adorar os

bezerros de ouro, estavam adorando o Senhor de forma simbólica; mas na verdade eram os ídolos e o sistema idólatra que eles adoravam. Isso abriu espaço para a plena idolatria, provocando pecados de escândalo ultrajante e exigindo assim os severos juízos de Deus. “Filhinhos, guardai-vos dos ídolos” (1 Jo 5.21).

O cristianismo protestante organizado de hoje destaca-se por um declínio no ensino da doutrina evangélica e por um ressurgimento do ritualismo. O colapso do ensino bíblico é um resultado desse liberalismo teológico geralmente chamado de “modernismo”. A volta ao ritual é uma tentativa do clero de preencher a brecha criada por essa ruptura, mas trata-se de um substituto enganoso e fútil. É a tentativa de ocultar a morte interior pela manifestação exterior. É como colocar um cadáver bem vestido no lugar de um organismo vivo. Aqueles bezerros de ouro estão de volta! Deus nos livre deles! É pela doutrina — pelo ensino da verdade da Bíblia como a Palavra de Deus — que os homens aprendem e vivem, e as nações prosperam.

OSÉIAS (2)

Lição Nº 87

NOTA: Para este estudo, leia de novo todo o livro duas vezes do capítulo 4 até o fim. A necessidade de uma tradução mais moderna e esclarecedora agora se terá tornado evidente na leitura desses capítulos.

Se olharmos para um relógio de sol, compreenderemos o uso e a importância dos algarismos; todavia, não saberemos as horas a não ser que o sol brilhe sobre ele. O mesmo acontece com a Palavra de Deus; podemos entender o sentido geral das palavras; todavia, não podemos receber sua instrução espiritual sem que tenhamos a unção do Espírito Santo, por meio do qual é possível saber todas as coisas.

CHARLES SIMEON

OSÉIAS

O PROFETA DO AMOR PERSEVERANTE

PRÓLOGO (1—3) — A história inteira em símbolo

O PECADO DE ISRAEL É INTOLERÁVEL: DEUS É SANTO (4—7)

A ACUSAÇÃO EM CINCO PARTES (4 e 5)

A “VOLTA” FICTÍCIA DE ISRAEL (5)

A CURA IMPOSSIBILITADA (7)

ISRAEL SERÁ CASTIGADO: DEUS É JUSTO (8—10)

A TROMBETA DO JUÍZO (8.1)

Esses capítulos todos são expressões da ira vindoura.

ISRAEL SERÁ RESTAURADO: DEUS É AMOR (11—14)

ANSEIO DIVINO (11.1, 4, 8 etc.)

MESMO ASSIM ISRAEL DEVE SOFRER (12 etc.)

A VITÓRIA FINAL DO AMOR (14)

OSÉIAS (2)

CHEGAMOS agora à parte principal do livro, os capítulos de 4 a 14. Devemos expressar aqui compaixão por aqueles que talvez tenham achado esses capítulos desanimadoramente difíceis de entender na forma em que aparecem na Edição Revista e Atualizada. Sabidamente, a aspereza do estilo de Oséias nesses textos torna a tradução menos fácil. A Edição Revista e Atualizada traz melhorias em relação às versões anteriores, mas esses capítulos devem ser lidos numa tradução completamente moderna. Isso porque, apesar da fragmentação emocional da escrita aqui, os períodos progressivos e as interrupções lógicas estão presentes, como logo veremos. E podem ser vistos da mesma forma que a silhueta das montanhas através da névoa das chuvas de verão — até que, no último capítulo, a chuva e a névoa desapareçam, e o cenário seja banhado pela luz do sol.

Além disso, quando vemos o progresso em três etapas nesses capítulos, somos surpreendidos pela perfeição e pela beleza da mensagem que juntos eles expressam para a humanidade de todos os tempos.

Vamos avançar agora por esses capítulos. A primeira coisa que ficará clara para nós é que os capítulos 4 e 5 estão evidentemente unidos como um discurso progressivo de acusação. Será bom colocar esses dois capítulos em partes aqui, a fim de observar mais claramente a ordem e o progresso no discurso do profeta.

DISCURSO DE ACUSAÇÃO DO SENHOR

a) Para toda a nação

Capítulos 4 e 5

1. *Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel, porque o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra; porque*

nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus.

2. O que só prevalece é perjurar, mentir, matar, furtar, e adulterar, e há arrombamentos e homicídios sobre homicídios.

3. Por isso a terra está de luto, e todo que mora nela desfalece, com os animais do campo e com as aves do céu; e até os peixes do mar perecem.

b) Para os sacerdotes

4. Todavia, ninguém contenda, ninguém repreenda; porque o teu povo é como os sacerdotes aos quais acusa.

5. Por isso tropeçarás de dia, e o profeta contigo tropeçará de noite; e destruirei a tua mãe (isto é, a nação).

6. O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu, te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos...

c) Um “aparte” para Judá

15. Ainda que tu, ó Israel, queres prostituir-te, contudo, não se faça culpado Judá; nem venhais a Gilgal, e não subais a Betel-Áven, nem jureis, dizendo: Vive o SENHOR.

16. Como vaca rebelde se rebelou Israel; será que o SENHOR o apascenta como a um cordeiro em vasta campina?

17. Efraim está entregue aos ídolos; é deixá-lo.

18. Tendo acabado de beber, eles se entregam à prostituição; os seus príncipes amam apaixonadamente a desonra.

19. O vento os envolveu nas suas asas; e envergonhar-se-ão por causa do seus sacrifícios.

d) Para os sacerdotes, o povo e os príncipes

5.1 *Ouvi isto, ó sacerdote, escutai, ó casa de Israel, e dai ouvidos, ó casa do rei, porque este juízo é contra vós outros, visto que fostes um laço em Mispa, e rede estendida sobre o Tabor.*

2. *Na prática de excessos vos aprofundastes; mas eu castigarei a todos eles.*

3. *Conheço a Efraim, e Israel não me está oculto; porque agora te tens prostituído, ó Efraim, e Israel está contaminado.*

4. *O seu proceder não lhes permite voltar para o seu Deus...*

e) Juízo inevitável sobre Israel

8. *Tocai a trombeta em Gibeá, e em Ramá tocai a rebate! Levantai gritos em Bete-Áven! Cuidado, Benjamim!*

9. *Efraim tornar-se-á assolação no dia do castigo: entre as tribos de Israel tornei conhecido o que se cumprirá [...]*

14. *Porque para Efraim serei como leão, e como um leãozinho para a casa de Judá, eu, eu mesmo os despedaçarei, e ir-me-ei embora; arrebatá-los-ei, e não haverá quem livre.*

15. *Irei, e voltarei para o meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face; estando eles angustiados, cedo me buscarão...*

Portanto vemos, nos capítulos 4 e 5, um discurso marcado por ordem e progresso claros, assim como por uma profunda emoção. Além disso, porém, descobriremos agora que os capítulos de 4 a 7 compõem um todo. Isso ficará evidente se observarmos as palavras e as idéias repetidas. No capítulo 5, para começar, o Senhor fala duas vezes de retirar-se de Israel:

Estes irão com os seus rebanhos e o seu gado à procura do SENHOR, porém não o acharão: ele se retirou deles (v. 6) e

Irei, e voltarei para o meu lugar, até que se reconheçam culpados e busquem a minha face; estando eles angustiados, cedo me buscarão (v. 15).

Os capítulos 5 e 6 devem ser ligados pela palavra “dizendo”, ou seja: “... estando eles angustiados, cedo me buscarão, dizendo: “Vinde, e tornemos para o SENHOR...”. Mas a declaração de voltar para o Senhor é fingida, como a imediata réplica do Senhor mostra: “Que te farei, ó Efraim? Que te farei, ó Judá? porque o vosso amor (fingido) é como a nuvem da manhã, e como o orvalho da madrugada, que cedo passa” (6.4). Essa idéia de *volta* (hipócrita) repete-se, ligando os capítulos 6 e 7:

Vinde, e tornemos para o SENHOR, porque ele nos despedaçou, e nos sarará (6.1);

todavia não voltam para o SENHOR seu Deus (7.10) e

... eles voltam, mas não para o Altíssimo (7.16).

Mas veja agora um elemento de ligação ainda mais evidente, mostrando o elo dos capítulos 4 e 5 com o capítulo 6. É a palavra “conhecimento”:

... o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra; porque nela não há [...] conhecimento de Deus (4.1).

O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento.

Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu, te rejeitarei (4.6).

Vinde, e tornemos para o SENHOR [...] Conheçamos, e prosigamos em conhecer ao SENHOR” (6.1-3).

Pois misericórdia quero, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos (6.6).

O pensamento de que Deus desejava curar e livrar Israel aparece de novo no versículo 13 do capítulo 7: “... eu os remiria, mas eles falam mentiras contra mim”.

Ora, esses diferentes termos, que são como elos e chaves dos quatro capítulos, não se repetem nos capítulos posteriores; mas certamente unem os capítulos de 4 a 7 e, ao mesmo tempo, interpretam-nos para nós. O raciocínio progressivo está exposto a seguir.

O conhecimento de Deus fora destruído na terra (4.1, 6), e essa era a raiz de toda sorte de mal (4, 5). Em vista da persistência impenitente de Israel nessas maldades, o Senhor planeja castigá-los e afastar-se deles (5.6, 15). Israel “volta” então a “conhecer” superficialmente o Senhor, tomando por certo de maneira presunçosa que, “depois de alguns dias”, haverá um reavivamento (6.1-3). Mas a volta professada é simplesmente ritualista, e o Senhor protesta: “Pois misericórdia quero, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (6.6). O Senhor, porém, continua desejando poupar e restaurar Israel, mas, quando está para fazê-lo, a perversidade da nação o impede. A conclusão desses capítulos é que *o pecado de Israel chegou ao ponto em que se tornou insuportável*.

Capítulos de 8 a 10

Os capítulos restantes de Oséias podem ser tratados simples e brevemente. Se nos capítulos que acabamos de estudar (4—7) temos a exposição do terrível *pecado* de Israel, fica da mesma forma claro que nos três capítulos seguintes (8—10) encontremos o pronunciamento do terrível *juízo* que se aproxima rapidamente da nação. O capítulo 8 começa assim: “Emboca a trombeta” — isto é, faze soar o alarme de calamidade iminente. Depois disso, nesses três capítulos em todo versículo, ou num versículo sim, noutro não, encontramos uma expressão veemente da ira vindoura. Leia esses capítulos de novo, rapidamente, e confirme.

“Ele vem como a água contra a casa do SENHOR” (8.1); “... Israel rejeitou o bem; o inimigo o perseguirá” (v. 3); “... o teu bezerro, ó Samaria, é rejeitado; a minha ira se acende” (v. 5); “... em pedaços

será desfeito o bezerro de Samaria. Porque semeiam ventos, e segarão tormentas” (vv. 6, 7); “... a erva não dará farinha; e se a der, comê-la-ão os estrangeiros” (v. 7). “... Israel foi devorado; agora está entre as nações como cousa de que ninguém se agrada” (v. 8); “... agora se lembrará [o SENHOR] da sua iniquidade, e lhes castigará o pecado” (v. 13); “... eu enviarei fogo contra as suas cidades, fogo que consumirá os seus palácios” (v. 14). Isso se repete ao longo desses capítulos. Os versículos são como um contínuo flagelo de maldições. Os versículos centrais dos três capítulos focalizam todo o seu conteúdo: “Chegaram os dias do castigo, chegaram os dias da retribuição; Israel o saberá [...] O SENHOR se lembrará das suas injustiças, e castigará os pecados deles” (9.7-9). Assim sendo, nossa segunda descoberta nos capítulos de 4 a 14 é que os capítulos de 8 a 10 se ocupam do *juízo sobre o pecado de Israel*.

Capítulos de 11 a 14

Finalmente, do capítulo 11 ao 14 encontramos um destaque ou tom muito diferente dos capítulos anteriores. O Dr. R. G. Moulton chama esses capítulos “o anelo de Deus”. O anelo é de *amor*. Veja as palavras de abertura: “Quando Israel era menino, eu o *amei*...”. Veja o versículo: “Atraí-os com cordas humanas, com laços de *amor*...”. Veja os versículos de 8 a 11: “Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? [...] Meu coração está comovido dentro em mim, as minhas paixões à uma se acendem...”. Veja também 12.6, 9, 10; 13.14; 14.6. Observe nesses capítulos também a recorrência de um *retrospecto melancólico* (11.1-4, 8, 9; 12.3-6; 13.4-6). E repare igualmente que, embora a inevitabilidade do juízo seja reiterada, como em 11.5, 6; 13.3, 7, 8, 13, a nota é agora de tristeza por ter de ser assim, como é mostrado em cada caso pelos versículos imediatamente seguintes às referências acima.

Acima de tudo, porém, aqui se encontra o triunfo final do amor, culminando no último capítulo. Trata-se de um clímax grandioso e belo. O juízo terminou. O pecado é esquecido. A apostasia está sanada. O amor reina. Veja o versículo 8, que é na realidade o de encer-

ramento, pois o 9 não passa de um breve epílogo. Efraim diz: “que tenho eu com os ídolos?”. O Senhor responde: “Eu te ouvirei e cuidarei de ti”. Efraim diz novamente: “... sou como o cipreste verde”, e o Senhor responde outra vez: “... de mim se acha o teu fruto”.

Temos assim uma surpreendente mensagem tripla nesses capítulos de Oséias, como é mostrado na análise simples no início desta lição (veja página 112).

JOEL (1)

Lição Nº 88

NOTA: Para este estudo leia toda a profecia de Joel duas vezes.

A Bíblia é de fato um livro profundo, quando a profundidade é requerida, isto é, por um povo profundo; mas ela não é dirigida particularmente às pessoas perspicazes. Assim sendo, a primeira idéia da Bíblia, geralmente a principal e dominante, encontra-se em sua superfície, escrita no grego, no hebraico ou no vernáculo mais simples, não precisando de nada [...] além daquilo que todos podemos dar — atenção.

JOHN RUSKIN, *Modern Painters*.

JOEL (1)

TANTO no estilo como no assunto, esse livro de Joel é fascinante. Joel dificilmente se iguala na vivacidade de sua descrição e no pitoresco de sua linguagem. Seus quadros por escrito da terra destruída pela praga, do exército invasor de gafanhotos e da reunião final de todas as nações no vale do juízo são obras-primas em miniatura de forte realismo.

Joel, cujo nome significa “o SENHOR é Deus”, chama a si mesmo “filho de Petuel” (1.1). Afora isso, nada mais sabemos sobre ele. Seu livro deixa razoavelmente certo, no entanto, que exerceu o ministério em Jerusalém ou perto dali. É aos habitantes dessa cidade que se dirige (2.23). É Jerusalém que vê em perigo (2.9). É em Sião que soará o “alarme” (2.1, 15). É no monte Sião e em Jerusalém que se dará a salvação no futuro (2.32). É o cativo de Judá e de Jerusalém que então findará (3.1), e Judá e Jerusalém serão “habitadas para sempre” (3.20). O reino de dez tribos no norte não é mencionado nem sequer uma vez.

Cedo ou tarde?

Quanto à *data* em que Joel escreveu essa mensagem, os estudiosos estão longe da unanimidade. Ele geralmente tem sido considerado um dos primeiros, se não de fato o primeiro, dentre os profetas escritores; mas certos modernistas sustentam, de maneira bastante paradoxal, que provavelmente tenha sido o último deles. Examinamos os argumentos de ambos os lados, e não precisamos de muito tempo para concluir que a teoria da data mais antiga é a verdadeira. Nosso estudo não requer que examinemos esse assunto em nível mais profundo aqui, embora possamos mencionar que um forte indício da data mais antiga determinada para o livro é que os únicos inimigos de Judá mencionados são os fenícios, os filisteus, os edomitas e os egípcios. Ora, apesar de

serem inimigos bastante opressivos, que eram comparados às terríveis potências mundiais dos assírios e dos babilônios, que surgiram mais tarde e esmagaram as nações palestinas, levando Israel e Judá para o cativeiro? Certamente é quase inacreditável que, se Joel profetizou *depois* desses poderosos impérios terem surgido, ele os tenha deixado sem menção; tanto mais se, como afirmado, ele escreveu após o exílio babilônico ter ocorrido!

Não obstante, o livro de *Sir* George Adam Smith sobre os profetas menores declara categoricamente que a data *pós*-exílica de Joel é “provada” por Joel 3.2, que diz que os gentios dispersaram Israel entre as nações e dividiram sua terra. Mas *Sir* George deveria ter sido mais cuidadoso e ter considerado esse versículo em seu contexto. O que se tem em mente aqui são os fenícios e os filisteus (veja o versículo 4), e foram *eles* que, conforme é dito, saquearam a terra e venderam os israelitas a outros povos, levando-os para longe de sua terra (veja os versículos de 5 a 7) — muito antes do exílio! Se houver necessidade de confirmação disso, basta ler Amós (que *Sir* George admite ser pré-exílico), 1.6, 9, para encontrar ali mencionados os mesmos ataques predatórios dos filisteus e o mesmo tráfico de israelitas cativos pelos fenícios. E, caso se peça um exemplo histórico real dessa expatriação dos filhos de Judá de sua terra, nós o temos em 2 Crônicas 21.17, em que somos informados de que os filisteus atacaram e levaram embora todos os filhos do rei, exceto um — o mais novo. Não é necessário acrescentar que eles não teriam sido as únicas pessoas levadas naquela incursão específica.

Contudo, mesmo que Joel 3.2 *realmente* se referisse ao exílio, como afirma *Sir* George, isso não provaria que ele escreveu *depois* desse evento, pois tal versículo se encontra (como o próprio *Sir* George reconhece) na parte *profética* do pequeno tratado de Joel. Portanto, não há nenhuma razão para Joel não ter escrito sobre o exílio muito antes que acontecesse, assim como outros profetas falam de eventos com grande antecipação. Na verdade, em Joel 3.2 e em seu contexto, temos um exemplo de algo repetidamente encontrado nos escritos proféticos, a saber, que a profecia é apresentada de modo que, embora haja uma referência originariamente a um acontecimento histórico com o qual os contemporâneos do profeta eram familiares, há um cumprimento pos-

terior e maior a ser considerado no futuro. Alguns dos outros argumentos “modernos” a favor de um Joel *pós-exílico* parecem mais de estudantes incipientes do que de estudiosos formados. Vamos desconsiderá-los aqui; continuamos mantendo o conceito mais antigo de que Joel profetizou na segunda metade do século IX a.C.

Conteúdo e análise

Vamos agora examinar o livro e analisá-lo, procurando descobrir assim sua mensagem central.

Em primeiro lugar, devemos reler o capítulo 1. Temos aqui uma descrição comovente da desolação na terra, resultante de sucessivas devastações de gafanhotos (v. 4). O que precisamos estabelecer nesse ponto é o seguinte: devemos compreender que a desolação descrita aqui por Joel de fato estava acontecendo quando ele escreveu, ou (como freqüentemente ocorre nos escritos proféticos) ele estava usando o verbo no presente, a fim de dar vividez ao quadro de algo que ainda estava para vir? Minha primeira impressão foi de que ele usou o presente com idéia de futuro para narrar, como se já estivesse ali, uma calamidade que ainda viria sobre a nação, assim como Isaías, centenas de anos antes da encarnação do Senhor, usou o pretérito a seu respeito, nas palavras: “Um Filho nos nasceu, um filho se nos deu”. Minha impressão parecia confirmar-se no versículo 15, no qual Joel continua a usar o verbo no presente com idéia de futuro: “Ah! que dia! porque o dia do SENHOR está *perto*, e *vem* como assolação do Todo-poderoso”. A maioria dos que escrevem sobre Joel, porém, acredita que a desolação descrita por ele no capítulo 1 na verdade existia; e acho que também devemos aceitar essa teoria depois de uma leitura cuidadosa. De fato, a questão parece encerrada em 2.25, em que o Senhor diz: “Restituir-vos-ei os anos que *foram consumidos* pelo gafanhoto migrador, pelo destruidor e pelo cortador, o meu grande exército que *enviei* contra vós outros”. Esse versículo torna absolutamente claro o fato de que a terra já tinha sido atingida pelo flagelo dos gafanhotos. Assim sendo, como primeiro elemento na análise desse livro, regis-

tramos que o capítulo 1 descreve uma desolação já existente, com uma advertência (v. 15) de uma nova e maior calamidade iminente.

Capítulo 2

Se continuarmos lendo até o fim do capítulo 2, descobriremos que os 11 primeiros versículos nele contidos são uma fascinante e terrível descrição dessa nova e ainda maior desgraça que estava para cair sobre a nação. Isso está claro demais para exigir comentários. O capítulo começa assim: “Tocai a trombeta em Sião, e dai voz de rebate no meu santo monte”. Não se faz soar um alarme para algo que já passou, mas sim para advertir sobre o que é iminente. Desse modo, o versículo continua: “... perturbem-se todos os moradores da terra, porque o dia do SENHOR *vem*, já *está próximo*”. Segue-se depois a descrição do estranho e temível exército que haveria de devastar a terra. Isso basta para apavorar qualquer coração. Essa aflição, seja qual for sua natureza, seria tão grave e extraordinária que só poderia ser descrita por uma expressão como “o dia do SENHOR” — palavras que não aparecem só no versículo 1, mas de novo no versículo 11, onde lemos: “... grande é o dia do SENHOR, e muito terrível! Quem o poderá suportar?”.

No versículo 12 há uma interrupção tão clara, que não pode ser deixada de lado. E a partir deste versículo até o 17, há um *apelo* suplicante à nação para que se arrependa antes do golpe fatal ser desferido. O apelo começa assim: “Ainda assim, agora mesmo diz o SENHOR: Converti-vos a mim de todo o vosso coração”. A expressão “ainda assim, agora mesmo” ressalta ser esse um apelo da *undécima hora*. Na misericórdia de Deus, existe sempre essa oportunidade da undécima hora antes que ocorra um golpe maior de juízo. Vemos isso ilustrado na história de Israel e de Judá, e repetidamente na vida das pessoas. A história da Europa moderna também é um exemplo, se conseguirmos discernir a mão de Deus nos acontecimentos.

O versículo 18 mostra agora outra interrupção. Há aqui uma *promessa* de graça — uma promessa de salvação, caso o apelo da un-

décima hora seja atendido. Essa promessa vai do versículo 18 ao 27. A maior parte dos que escrevem sobre Joel supõe que o apelo foi atendido e que esses versículos (18-27) descrevem, portanto, o que realmente aconteceu. Contudo, isso é ler infundadamente “nas entrelinhas” o que elas não trazem, apenas porque o versículo 18 está no tempo passado: “Então o SENHOR se mostrou zeloso da sua terra, compadeceu-se do seu povo”. Mas nenhum dos versículos que se seguem ao 18 está no passado, e este só é colocado no passado para dar um vívido acento, quando o profeta apresenta sua promessa graciosa, ou porque, para efeito de incentivo, ele momentaneamente visualiza a resposta divina, no caso de o povo se arrepender, como se isso já tivesse acontecido. Vemos o tempo passado ser usado dessa forma repetidamente nos escritos proféticos. O capítulo 53 de Isaías, por exemplo, dá praticamente toda a sua belíssima descrição do Salvador que sofre no passado.

Um anexo (2.28—3.21)

Finalmente, de 2.28 a 3.21, onde termina o pequeno livro de Joel, temos uma seção que se destaca claramente por si mesma, pois toda ela *profetiza* o que acontecerá no futuro; sendo essa a única parte de Joel que prediz os dias posteriores aos do profeta. O apóstolo Pedro, em seu discurso no dia de Pentecostes, definitivamente associa Joel 2.28 e o que se segue aos “últimos dias” (At 2.15-21). Aqui, portanto, somos confiantemente guiados em nossa análise e interpretação de Joel por um claro pronunciamento do Novo Testamento. De Joel 2.28 até o final do livro, então, temos um *anexo* profético relativo ao futuro. Assim, podemos fazer a nossa análise como na página seguinte.

Contudo, existe um ponto em nossa análise que talvez pareça exigir novas verificações. Nosso primeiro título é “invasão da praga”; todavia, estamos *certos* de que o exército invasor do capítulo 2 é uma praga de gafanhotos, e não um exército de *homens*? Isso é importante. Três respostas foram apresentadas.

JOEL

“O DIA DO SENHOR VEM!”

ALARME — INVASÃO DA PRAGA! (1.1—2.11)

A DESOLAÇÃO (1.1-20)

A AMEAÇA AINDA FUTURA (2.1-11)

APELO — ESPERANÇA DA UNDÉCIMA HORA! (2.12-27)

APELO: “CONVERTEI-VOS A MIM” (2.12-17)

PROMESSA: “RESTITUIR-VOS-EI” (2.18-27)

ANEXO — NOS DIAS FUTUROS (2.28—3.21)

ÉPOCAS DO FIM DOS TEMPOS (2.28—3.16)

GLÓRIA SUPREMA DE SIÃO (3.17—3.21)

Primeira: alguns interpretam essa passagem como *apocalíptica*, isto é, inteiramente uma referência ao temível “dia do SENHOR” no fim da presente era. Essa explicação da passagem é chamada “apocalíptica” naturalmente por causa da palavra grega *apocalypsis*, que significa um desvendar ou revelação (e que é o título do último livro de nossa Bíblia, porque é uma exposição do futuro). Um exemplo de interpretação apocalíptica dessa passagem de Joel encontra-se na Bíblia anotada por Scofield, que lhe dá o seguinte título: “O VITORIOSO EXÉRCITO INVASOR DO NORTE (v. 20), ASSÍRIA”. A nota de rodapé acrescenta: “Em Joel 2, os gafanhotos em sua forma literal são abandonados, e o dia futuro do Senhor preenche a cenário”. “Todo o quadro diz respeito ao último dia desta era presente.”

Mas não podemos aceitar essa teoria, pois, além de outras dificuldades exegéticas, há um fato que se destaca e depõe contra ela. Podemos realmente crer que o profeta, embora pretendendo dirigir-se à sua própria geração e despertá-la, não estava na verdade comunicando-se com ela, mas com uma geração futura a quase três milênios de distância? Tal artificialidade seria indigna da Palavra inspirada.

Com toda a clareza permitida pela linguagem, certamente Joel se dirige aqui a seus contemporâneos, fazendo soar o alarme de alguma calamidade ali iminente na época. Sem dúvida, ele *pretende* que pensem isso. Se lermos a passagem com a mente verdadeiramente aberta, não poderemos escapar desse fato. Quaisquer que tenham sido os significados *latentes* de sua palavra, o primeiro sentido autêntico está ligado aos dias do próprio Joel; e não cumprimos os melhores propósitos de nossa Bíblia quando, zelosos quanto aos significados proféticos, exaltamos o lado apocalíptico em detrimento da integridade histórica das Escrituras.

Mas existe também uma explicação *alegórica*, segundo a qual Joel estava descrevendo uma crise vindoura simplesmente sob o *quadro* de uma praga de gafanhotos. Havia pouco tinham ocorrido devastações reais na terra provocadas por gafanhotos (como mostra o capítulo 1); e o profeta concebe agora uma praga de gafanhotos ainda pior, fazendo uso disso como uma imagem da crise fatídica por vir, à qual ele chama “o dia do SENHOR”. De acordo com isso, argumenta-se que, apesar da descrição estar *baseada* numa praga de gafanhotos, a linguagem é por demais agourenta para ser limitada por ela. Esses gafanhotos do capítulo 2 na verdade são as “*nações*” do capítulo 3. Diz-se que certos aspectos da descrição implicam um exército *humano*. Os invasores são considerados “um *povo* grande e poderoso” (v. 2). Atacam cidades e atemorizam o povo (vv. 6, 7). Devem ser destruídos de um modo que não se aplica a gafanhotos (v. 20). Pede-se que os sacerdotes orem para que as “*nações*” não “dominem” Israel (v. 17). O flagelo vem do *norte* (v. 20), enquanto os gafanhotos geralmente invadem a Palestina vindos do sul. Todas essas coisas, argumenta-se, indicam algo mais que uma praga de gafanhotos. Quanto ao acontecimento aqui “alegorizado”, as opiniões variam. As invasões posteriores dos assírios, dos babilônios, dos persas e dos romanos naturalmente foram lembradas; e há quem inclua também uma referência apocalíptica final a Armagedom.

Mas a teoria alegórica não funciona. A idéia de que a descrição excede a de uma praga de gafanhotos não se sustenta em face de um exame mais acurado, como veremos. O mesmo acontece com a idéia

de que certos pormenores não se aplicam aos gafanhotos; pois invadem cidades exatamente como Joel afirma, enquanto as palavras seguintes de Joel sobre a entrada deles nas casas “como ladrão” certamente se ajustam mais aos gafanhotos que a um ataque militar! Além disso, o relato de Joel sobre o dano infligido à terra é mais agrícola que militar (v. 3), não havendo sequer um indício do que ocorre no caso de uma invasão militar — massacre e saque. Mas a teoria alegórica é finalmente rejeitada pelos versículos de 4 a 7, em que Joel diz que os invasores são *como* cavaleiros, fazendo um ruído *como* o de carros, subindo nos muros *como* homens de guerra. Observou-se oportunamente que Joel jamais teria comparado um *verdadeiro* exército com ele mesmo.

Todavia, mais ainda que isso, tanto a teoria apocalíptica como a alegórica caem por terra mediante uma comparação entre os versículos 11 e 25; pois, num deles, os invasores são chamados exército do *Senhor* e, no outro, o próprio Senhor diz: “Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo *gafanhoto* migrador, pelo destruidor e pelo cortador, *o meu grande exército* que enviei contra vós outros”. Poderia a linguagem ser mais clara, no sentido de explicar que a calamidade *futura* ameaçada, em 2.1-11, seria da mesma espécie — embora em proporções muito mais severas — que aquela já ocorrida (como descrita no capítulo 1)?

Não, os gafanhotos de Joel não eram nem “apocalípticos”, nem “alegóricos”. Em nossa próxima lição veremos que Joel se referia a gafanhotos literais e que a vinda deles seria tal que ele pôde até chamá-la por esse nome terrível: “o dia do SENHOR”. Enquanto isso, vamos fixar bem em nossas mentes a análise: 1) *alarme*, invasão da praga!; 2) *apelo*, a esperança da undécima hora! e 3) *anexo*, sobre os dias futuros.

JOEL (2)

Lição Nº 89

NOTA: Para este estudo leia novamente a profecia de Joel duas vezes.

Eu sempre os exorto, e sempre os exortarei a se acostumarem a ler diariamente as Escrituras em casa.

CRISÓSTOMO

Fizemos quase tudo o que é possível com os escritos gregos e hebraicos [...] Só resta uma coisa a fazer com a Bíblia; simplesmente lê-la.

PROF. RICHARD MOULTON

JOEL (2)

Invasão de gafanhotos

“TOCAI A TROMBETA!” “Dai voz de rebate!” “O dia do SENHOR vem!” “Já está próximo!” Se essas palavras tiverem um sentido autêntico, então elas significam que alguma crise extraordinária era iminente na própria ocasião em que o profeta escreveu. *Depois* dessas palavras, há a descrição de um exército invasor terrível, desolador e imbatível que viria sobre toda a terra (2.2-11); e, como já mencionado, uma comparação do versículo 11 com o 25 mostra conclusivamente que esse desastre ameaçado era uma invasão de *gafanhotos*.

Os que sustentam que a linguagem do profeta aqui é terrível demais para se referir a uma praga verdadeira de gafanhotos recorrem à explicação *apocalíptica*, que liga a passagem exclusivamente ao fim da era presente, ou à explicação *alegórica*, que diz que a passagem descreve os inimigos *humanos* do povo da aliança, os quais deveriam invadir mais tarde sua terra. Como vimos em nosso último estudo, porém, nenhuma dessas explicações se sustenta diante de um exame mais cuidadoso.

Vamos fornecer agora algumas provas extrínsecas do fato de que a verdadeira interpretação é aquela que considera a passagem *literalmente*, em referência a gafanhotos reais. Leia a passagem com cuidado, mais uma vez, atentando para as peculiaridades aparentes, a partir daquela expressão incomum no versículo 2, “a alva por sobre os montes”, até os versículos 10 e 11, nos quais lemos sobre a terra tremendo e os céus se abalando. A seguir, leia os seguintes relatos de testemunhos competentes. Verificaremos que a descrição de Joel é literalmente verdadeira, sendo que pouca coisa, se é que há, precisa ser considerada hipérbole ou licença poética.

A seguinte citação foi extraída da obra de Van-Lennep, *Bible Lands [Terras Bíblicas]*.

Os jovens gafanhotos logo alcançam o tamanho do inseto adulto e se encaminham em uma só direção, primeiro se arrastando e mais tarde saltando, enquanto prosseguem devorando tudo o que é verde pelo caminho. Avançam mais devagar que um fogo devorador, mas as devastações que provocam dificilmente são inferiores ou devem ser menos temidas. Campos de trigo e cevada, vinhedos, plantações de amoras e bosques de oliveiras, figueiras e outras árvores ficam em poucas horas privados de todo ramo e folha verde, sendo até a própria casca muitas vezes destruída. O solo sobre o qual suas hordas devastadoras passam imediatamente toma uma aparência de esterilidade e falta de vida. Os romanos com razão os chamavam “queimadores da terra”, que é o sentido literal de nosso termo “locustídeos”. Eles avançam, cobrindo o solo tão completamente que o ocultam da vista, e em número tal que em geral leva de três a quatro dias para o poderoso exército passar. Visto à distância, esse enxame de gafanhotos em marcha parece-se com uma nuvem de pó ou areia, pairando a alguns pés acima do chão, à medida que as miríades de insetos se adiantam saltando. A única coisa que impede momentaneamente seu progresso é uma mudança súbita de tempo; pois o frio os paralisa enquanto dura. Eles também se mantêm quietos durante a noite, aglomerando-se como abelhas nos arbustos e sebes até que o sol da manhã os aqueça, vivifique e capacite a continuar sua marcha devastadora. Eles ‘não têm rei’ nem líder, todavia não vacilam, mas avançam em fileiras cerradas, impedidos na mesma direção por um impulso irresistível, sem voltar-se para a esquerda ou para a direita devido a algum tipo de obstáculo. Quando um muro ou uma casa ficam em seu caminho, eles o galgam, passando sobre o telhado para o outro lado, e cegamente se atiram pelas janelas e portas abertas. Quando chegam à água, uma simples poça ou um rio, um lago ou o mar aberto, jamais tentam rodeá-la, mas sem hesitar mergulham e morrem afogados; seus corpos mortos, flutuando na superfície, formam uma ponte para seus companheiros passar. O flagelo chega assim muitas vezes ao fim, mas acontece também com freqüência que a

decomposição de milhares de insetos produz pestilência e morte. A história registra um exemplo notável ocorrido no ano 125 antes da era cristã. Os insetos foram levados pelo vento para o mar em números tão grandes, que seus corpos, trazidos de volta à terra pela maré, provocaram um mau cheiro que produziu uma praga terrível, matando 80 000 pessoas na Líbia, em Cirene e no Egito. O gafanhoto, porém, adquire logo suas asas e prossegue seu caminho voando, sempre que uma brisa forte permite seu progresso. Nossa atenção muitas vezes se tem atraído pelo escurecimento súbito do sol num céu de verão, acompanhado pelo ruído peculiar que um enxame de gafanhotos sempre faz ao mover-se no ar; então, levantando os olhos, vemo-los passar como uma nuvem a uma altura de 60 ou 100 metros.

Chamamos especial atenção para a menção dos efeitos como os de fogo provocados pelos gafanhotos; do ruído feito por suas asas; do escurecimento do sol e de sua destruição junto ao mar, exatamente conforme a descrição de Joel (2.20). Mas, se um “*enxame*” de gafanhotos é tão terrível, quanto mais será uma “*praga*” deles! Não é de admirar que, quando Moisés anunciou uma praga de gafanhotos prestes a cair sobre o Egito, os conselheiros de Faraó exclamassem em desespero: “Acaso não sabes ainda que o Egito está arruinado?” (Êx 10.7).

James Bryce, em sua obra *Impressions of South Africa [Impressões da África do Sul]*, escreve:

É uma visão estranha, bela, caso se possa esquecer a destruição que traz consigo. Todo o ar, de 4 m a 6 m acima do solo, fica cheio de insetos de corpo castanho-avermelhado e asas brilhantes e transparentes. Quando os raios do sol batem neles, é como se fosse um mar faiscante. Quando vistos contra uma nuvem, assemelham-se a flocos densos de uma tempestade de neve. Sente-se como se nunca se tivesse compreendido antes a imensidão numérica. Grandes multidões de homens reunidos num festival, inúmeras copas de árvores surgindo ao longo da encosta de uma cordilheira, as chaminés de casas londrinas vistas do alto da igreja de St. Paul — tudo isso nada significa em comparação

com as miríades de insetos que ocultam o sol no alto e cobrem o solo embaixo, enchendo o ar para qualquer lado que se olhe. A brisa leva-os rapidamente, mas chegam em novas nuvens, um exército sem fim, cada um deles uma criatura inofensiva que se pode apanhar e esmagar com a mão, mas apavorantes em seu poder de devastação coletiva.

Ou, citando de forma abreviada a obra clássica de M. M. Thomson, *The Land and the Book [A Terra e o Livro]*:

O número deles era espantoso; toda a face da montanha tinha enegrecido. Eles avançavam como um dilúvio vivo. Construímos trincheiras e acendemos fogos, e esmagamos e queimamos “pilhas e pilhas”; mas o esforço foi absolutamente inútil. Onda após onda rolava pela encosta da montanha, e se derramava por sobre rochas, muros, fossos e sebes — os que vinham atrás cobrindo e ocupando o lugar dos milhares já mortos. Era perfeitamente amedrontador observar aquele rio animado à medida que corria pela estrada, subindo a colina acima de minha casa. Durante quatro dias eles continuaram a passar em direção ao leste... milhões após milhões. Em sua marcha, eles devoram tudo o que é verde e com fantástica rapidez. O ruído da marcha e da mastigação dos gafanhotos era como um forte aguaceiro sobre uma floresta distante. Nada em seus hábitos é mais surpreendente do que a perseverança com que todos eles seguem na mesma direção, como um exército disciplinado.

No *Journal of Sacred Literature* de outubro de 1865, um escritor registrou: “Tendo acabado com nosso jardim, eles continuaram em direção à cidade, devastando um jardim após o outro. O que quer que se esteja fazendo, pode-se ouvir o ruído deles do lado de fora, como o barulho de exércitos armados ou de muitas águas correntes. Quando na posição vertical, sua aparência a certa distância é como a de um cavaleiro bem armado”. Outro escritor diz: “À força incrível para uma criatura tão pequena, eles acrescentam dentes como serra, admiravelmente calculados para comer todas as ervas da terra”. Outro afirma:

“Depois de comer o milho, eles avançaram sobre as vinhas, as sementes de leguminosas, os salgueiros e até o cânhamo, não obstante ser muito amargo”. Outro ainda diz: “Por 130 km ou 150 km eles devoraram toda erva verde e toda folha da relva”. Ainda outro: “Os jardins do lado de fora de Jaffa estão agora completamente nus, até a casca das árvores novas foi devorada, parecendo uma floresta de videiros no inverno”. E outro: “Tendo acabado com os campos, eles invadem cidades e casas, em busca de alimento. Eles consomem ou rasgam em pedaços alimentos de todo tipo, feno, palha e até roupas de linho e de lã, e garrafas de couro. Entram pelas janelas ou treliças abertas e sem vidros; nada pode detê-los”. W. M. Thomson conta-nos que, quando milhões e milhões de ovos de gafanhoto chocados se abrem, o próprio pó parece ganhar vida e a terra em si parece tremer com eles; e, mais tarde, quando a enorme nova geração adquire asas, os próprios céus parecem estremecer com eles. Quanto ao fato de Joel ter comparado os gafanhotos com “a alva por sobre os montes”, G. A. Smith diz: “Ninguém que tenha presenciado uma nuvem de gafanhotos pode duvidar do realismo até desse quadro: a visão sombria da imensurável massa de insetos, traspassada por lampejos de luz, onde alguns dos enclausurados raios de sol transpuseram a tempestade de asas lustrosas. Isso assemelha-se à madrugada que surge no alto das montanhas, esmagada por massas de nuvens ondulantes, conspirando para prolongar a noite”.

Não precisamos acrescentar mais nada. As provas acima estabelecem duas coisas conclusivamente: o *terror* de uma invasão de gafanhotos realmente grande e a *literalidade* da descrição de Joel. Não pode haver dúvida de que a invasão anunciada por Joel como iminente era a de gafanhotos; nem podemos duvidar de que foi a isso que ele se referiu, em primeiro lugar, quando disse: “O dia do SENHOR está próximo”. A ligação no contexto está clara demais para haver engano.

“O dia do SENHOR”

Cinco vezes nesse desabafo da pena de Joel encontramos a expressão “dia do SENHOR” (1.15; 2.1, 11, 31; 3.14). De fato, pode-

mos dizer que Joel é distintivamente *o profeta do “dia do SENHOR”*. Mais ainda, o uso que ele faz da expressão fornece-nos um guia quanto a seu emprego na profecia bíblica em geral.

Vamos observar, portanto, que Joel faz esse apelo de três maneiras. Em primeiro lugar, em 1.15 e 2.1, 11, ele o emprega em relação à *ameaça da praga de gafanhotos*, como mostra o contexto, e, especialmente na comparação entre 2.11 e 2.25, como já mencionado. Em segundo, em 2.31, ele o emprega em relação a um “grande e terrível dia” que virá, *no final da era presente*; pois, como mostra o comentário do Novo Testamento sobre essa passagem (At 2.14-21), o contexto aqui se refere aos “últimos dias”. Em terceiro, em 3.14, ele o emprega a respeito de um dia de juízo divino, que já estava então “próximo” das *nações palestinas* que haviam afligido Israel; pois o contexto se dirige a elas (3.4-8), e sua reunião no vale de Josafá (3.2, 12, 14) se devia a um “dia do SENHOR” o qual, como estabelecido claramente no versículo 14, estava “próximo” já quando Joel escreveu. Todavia, a linguagem aqui é tal que não podemos *restringi-la* a esse evento do passado remoto. A descrição está envolta em termos que evidentemente pretendem que o acontecimento prefigure aquele “dia do SENHOR” que ainda está por vir. Assim, esse *terceiro* modo em que Joel usa a expressão *combina* tanto o aspecto histórico como o profético, tanto o local como o racial, tanto o próximo como o distante, tanto o agora passado como o ainda futuro — uma característica notável que encontramos repetidamente nos escritos proféticos das Escrituras.

Portanto, essa expressão, “o dia do SENHOR”, é usada de três maneiras: primeiramente, em sentido *local*; em segundo lugar, em sentido *final*; e em terceiro, em sentido *duplo*. Exemplos de cada forma são encontrados nas seguintes referências: Isaías 2.12; 13.6, 9; 14.3; Jeremias 30.7, 8; 46.10; Lamentações 2.16; Ezequiel 7.19; 13.5; 30.3, 9; Amós 5.18, 20; Obadias 15; Sofonias 1.7 etc.; Zacarias 14; Malaquias 4.5.

Assim, a expressão não deve ser *sempre* interpretada como sendo o fim da era presente. Algumas vezes pode *não* ser. Outras, *deve* ser. Outras ainda, *talvez* seja. Se tomarmos uma referência puramente local

e lhe dermos uma interpretação apocalíptica, ficamos confusos. Vemos isso na nota de Joel 2.11 na Bíblia de Scofield. Ela diz que, apesar de o exército invasor nos versículos de 1 a 10 de ser as tropas contra o Senhor no Armagedom, todavia esse exército no versículo 11 é diferente; agora é o exército do *Senhor* (porque diz: “O SENHOR levanta a sua voz diante do *seu* exército”). Ora, essa idéia é terminantemente contrariada pelo versículo 25, que diz com toda a clareza que o exército do Senhor era o exército de *gafanhotos*, cujos efeitos são lamentados no capítulo 1 e do qual nova invasão iminente é descrita em 2.1-11. Assim sendo, todos esses primeiros 11 versículos do capítulo 2 referem-se ao exército do Senhor, e não apenas o versículo 11, como afirma a nota de Scofield! Há muita coisa excelente nas notas de Scofield, e, embora expressemos críticas vez por outra, não deixamos de reconhecer-lhes o valor. Mas os inúmeros leitores bíblicos que aceitam sem questionar a palavra de Scofield em certa passagem deveriam procurar questionar aqui e ali. Não podemos certamente tornar a passagem de Joel apocalíptica sem violá-la.

Entretanto, cabe-nos acrescentar que, mesmo onde a expressão “o dia do SENHOR” não se dirige ao fim de nossa era, ela é reservada para indicar apenas as aflições mais extraordinárias do juízo divino. Aqui em Joel, por exemplo, onde é usada em relação à ameaça da praga de gafanhotos, esta praga é tal que *“desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração”* (2.2). Sabendo o que agora conhecemos sobre o terror das pragas de gafanhotos, podemos imaginar que horror de escuridão tal aviso significaria. Muitos observadores têm confessado que o terremoto e a praga de gafanhotos, acima de todos os demais desastres físicos, geram uma desesperadora, terrível e sinistra percepção do sobrenatural. Pode-se facilmente inferir, portanto, quão indescritivelmente medonha seria essa superpraga de Joel 2.

O que será “o dia do SENHOR” no final da era presente ultrapassa o poder da imaginação de prever. Basta examinar as referências nos dois Testamentos para compreender que todos os acontecimentos da história passada serão excedidos por esse clímax grandioso. Ele eclodirá repentinamente com a volta do Senhor Jesus Cristo em esplendor

sobrenatural. Isso precipitará o Armagedom, quando a “Besta”, o “Falso Profeta” e o anticristo, “os reis da terra com seus exércitos”, serão completamente derrotados, o sistema do mundo presente esmagado, Satanás jogado no abismo sem fundo, e todos os poderes do mal atirados ao pó. E isso instaurará o império mundial de Cristo, com um Israel restaurado na Palestina e todos os povos da terra formando o reino único de “nosso Deus e seu Cristo”. Esse “dia do SENHOR” será anunciado por perturbações cósmicas e outros sinais sobrenaturais. Ele continuará por mil anos; terminará com uma última insurreição do mal inspirada por Satanás e divinamente permitida; e, a seguir, a extinção derradeira do mal de sobre a terra, o juízo geral da raça humana diante do Grande Trono Branco, e um cataclismo de fogo, seguido de “novo céu e nova terra”.

Desde que esperamos por tais coisas, devemos “ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade”!

Adendo a Joel 2.28 etc.

É comum afirmar que o início da igreja data do Pentecoste. Atos 2.16, porém, explica o Pentecoste como: “... o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel”. E a passagem de Joel (2.28—3.21) refere-se não à igreja, mas ao “grande e terrível dia do SENHOR” ainda futuro, à reunião final de Israel e ao reino messiânico. Mas, se essa profecia de Joel ainda não se cumpriu, como Pedro poderia dizer no Pentecoste: “... o que ocorre é...”? A resposta é a seguinte.

Para cumprir a promessa, nosso Senhor proclamou o reino aos judeus, oferecendo-se como Messias. (Como certos antidispensacionistas podem negar isso é muito estranho.) Os judeus, que haviam idolatrado os aspectos materiais do reino prometido em detrimento de suas exigências espirituais, rejeitaram e até crucificaram Cristo — o que, porém, fora previsto e anulado por Deus a fim de pôr em vigor um evangelho mundial de salvação individual.

Nosso Senhor orou na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. Em resposta, foi dada aos judeus uma nova oportunidade no período tratado em Atos, quando a nova oferta foi acompanhada de

outra mensagem (e provas) da ressurreição e da ascensão do Senhor Jesus e do derramamento do Espírito Santo. Os milagres do Pentecoste foram *sinais* dados por Deus de que o reino estava realmente próximo de novo para ser ofertado. Daí as palavras de Pedro: “... o que ocorre é...”. Mas Israel rejeitou novamente, e quando essa nova rejeição se concretizou, os sinais do Pentecoste foram retirados, e assim também o reino. A passagem de Joel espera agora a segunda vinda de Cristo, em que a era da igreja termina e a do reino tem início.

DEZ PERGUNTAS SOBRE OSÉIAS E JOEL

1. Oséias profetizou para o reino do norte ou do sul? Por que podemos chamá-lo de profeta da hora zero?
2. Você pode mencionar alguns dos males existentes em Israel e que foram denunciados por Oséias?
3. Qual era o nome da mulher de Oséias e os de seus três filhos?
4. Quais os três principais grupos de capítulos de Oséias?
5. De que forma a narrativa de Oséias nos três primeiros capítulos é simbólica?
6. Dê razões para a data mais antiga do livro do profeta Joel.
7. Forneça um breve esboço do livro de Joel.
8. Por que não podemos aceitar as interpretações apocalíptica e simbólica do capítulo 2 de Joel?
9. Dê razões para crer que o exército invasor predito no capítulo 2 deveria ser de fato uma praga de gafanhotos.
10. Quais são os três modos em que Joel usa a expressão: “... o dia do SENHOR?” E que grande passagem de Joel é citada por Pedro no Pentecoste?

AMÓS

Lição Nº 90

NOTA: Para este estudo, leia toda a profecia de Amós pelo menos duas vezes.

Nota sobre Amós 5.26, 27.

A ARC traduz assim esses versículos:

Antes levastes a tenda de vosso Moloque, e o altar das vossas imagens, a estrela do vosso deus, que fizestes para vós mesmos. Portanto vos levarei cativos, para além de Damasco, diz o Senhor, cujo nome é o Deus dos Exércitos.

A palavra traduzida por “tenda”, no versículo 26, é o hebraico *Succoth*, e a pesquisa mostrou que se trata do nome de um deus pagão, não apenas do termo hebraico para tenda ou tabernáculo. A interpretação mais correta é “Sicute, vosso rei”.

Schrader traduz o versículo assim: “Então levareis Sicute, vosso rei, e Quevan, vosso deus-estrela, vossas imagens que fizestes para vós mesmos, e eu vos prescreverei em cativeiro...”.

Tratava-se de prévio aviso de expulsão a um povo que se havia esquecido do Senhor e transformado em ídolos os seus deuses.

J. S. B.

AMÓS

AMÓS, o pastor-profeta, é uma figura singular em meio aos profetas do Antigo Testamento. Seu escrito também se destaca pelo curioso vigor e pelo frescor rural. Embora estejamos dedicando menos espaço a Amós do que a alguns dos demais profetas, isso não deve causar a impressão de que esteja sendo subestimado. Longe disso! Dispensamos maior espaço e atenção a um livro como o de Jonas simplesmente por causa dos problemas maiores e dos predominantes mal-entendidos a ele associados. Esse livro de Amós está bem classificado entre os escritos dos profetas. Observemos o homem e depois examinemos rapidamente suas profecias.

O homem

Em 1.1, o profeta fala de si mesmo como “Amós que era entre os pastores de Tecoa”. Era então um campesino vindo do sul, da região agreste, a oeste do mar Morto, a larga faixa de terra descampada conhecida como “deserto da Judéia”. As esparsas ruínas de Tecoa, pequena cidade da Judéia, podem ser identificadas mesmo hoje, cerca de 10 km ao sul de Belém. Quilômetro após quilômetro, a região estende-se para o leste de Tecoa e de Belém até chegar ao mar Morto uns 24 km ou mais.

Foi aí, no chamado “deserto da Judéia”, que Davi apascentou suas ovelhas e mais tarde andou como refugiado da corte de Saul. Foi aí, quase três séculos mais tarde, que Amós esteve com os pastores de sua época; e foi ali que ouviu o chamado de Deus para tornar-se o profeta do reino do norte, Israel. Em 7.14, 15, ele diz: “... Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor [na realidade, “cultivador”] de sicômoros [isto é, o sicômoro-figueira]. Mas o SENHOR me tirou de após o gado, e me disse: Vai, e profetiza ao meu povo Israel”.

Quando Amós declara não ser profeta nem discípulo de profeta, só quer dizer que não exerce essa função no sentido técnico ou profissional. Não fora treinado em nenhuma das “escolas de profetas”, não sendo, portanto, no sentido habitual, um membro da ordem profética oficial. Era o que hoje diríamos “leigo”. É um grande incentivo aos milhares de cristãos hoje que não têm formação acadêmica ou teológica. Deus é soberano ao escolher seus servos. Não está atado a mão alguma de bispo. Não está preso a nenhum grupo de obreiros. Não está restrito em suas atividades por nenhuma ordem ministerial reconhecida. “O vento sopra onde quer...”!

Repare na certeza com que Amós fala de seu chamado divino: “... o SENHOR me tirou...”; “... o SENHOR [...] me disse: Vai, e profetiza...”. Que confiança o conhecimento de um chamado desses dá ao homem, especialmente diante da oposição ou do desânimo como os que Amós teve de enfrentar! Que palavras francas coloca na boca de um homem! Que sensação de autoridade (e ao mesmo tempo de humildade) lhe dá! “o SENHOR [...] me disse: Vai, e profetiza ao meu povo Israel. *Ora, pois*, ouve a palavra do SENHOR...” É esse som do “ora, pois” que não vemos em muitos dos nossos pregadores hoje; e nisso consiste a sua fraqueza. É a convicção de um chamado divino bem no fundo da alma que torna qualquer homem ou mulher uma testemunha atuante para Deus.

Amós, embora nascido na Judéia, foi chamado para profetizar no reino do norte, Israel. Tente imaginar a impressão que sua aparência e sua pregação causariam na capital, ou em Betel. Alexander Maclaren diz: “Se pudermos imaginar um habitante da região montanhosa da Escócia enviado para o *West End*¹ de Londres, ou um lavrador da Nova Inglaterra que lê a Bíblia enviado para a aristocracia de Nova Iorque, teremos alguma idéia desse profeta, da impressão que causou e da tarefa a ele confiada”/Sabemos que Amós foi para Betel, o principal centro de adoração do bezerro de ouro em Israel (7.13), e ali, como um solitário Lutero, ele acusou o prelado, os sacerdotes e a idolatria do estado, sob a própria sombra do “santuário do rei”.

1. Zona elegante na região ocidental de Londres. (N. do E.)

O próprio Amós informa-nos a *época* em que profetizou. Foi “nos dias de Uzias, rei de Judá, e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel” (1.1). O *estilo* de Amós talvez não se caracterize pela sublimidade, mas existe uma clareza e uma regularidade, uma elegância, um colorido e um frescor no livro que lhe conferem um encanto literário todo próprio. Seu vocabulário, suas figuras de linguagem, suas ilustrações, tudo exala a fragrância da vida campestre da qual é proveniente. Havia nele certa aspereza pouco convencional que deve ter sido bem desconcertante para os profetas profissionais por formação, que tomavam parte na adoração ao bezerro de ouro em Betel, com suas ambigüidades e evasivas educadas. Certamente deveriam sentir um frio na espinha ao ouvir Amós dirigir-se às mulheres da classe alta de Samaria como “vacas”! “Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, oprimis os pobres, esmagais os necessitados, e dizeis a vossos maridos: Dai cá, e bebamos” (4.1).

Sem dúvida, Amós causou tumulto quando entrou em cena; e, provavelmente, foi bem recebido no começo, pois anunciava juízos vindouros às nações vizinhas. Mas, quando subitamente se virou com ameaças mordazes de juízo vindouro sobre Israel, mudou-se o semblante de seus ouvintes. Um homem público em *nossa* terra, hoje, pode lançar denúncias à vontade a outras nações; mas basta acusar diretamente os conterrâneos de corrupção e desonestidade de procedimento, e sua popularidade está condenada. Nem sequer precisa admirar-se, caso encontre entre os inimigos os líderes da religião nacional. Betel era a Cantuária de Israel, o sumo sacerdote de Betel era o arcebispo de Israel, e vemos esse primaz de Israel acusar Amós de conspiração contra o próprio rei (7.10, 11) e mais tarde dizer a Amós que fuja do país (7.10-13).

Se Amós voltou ou não à Judéia depois não sabemos ao certo, embora o lugar tradicional de seu túmulo em Tecoa mostra que é possível que sim. Contudo, de uma coisa podemos ter certeza: esse indômito mensageiro de Deus não voltou antes de saber que seu testemunho tinha sido dado por completo — não até que a palavra de Deus fosse verdadeira em seu caso, como o foi mais tarde em relação a Ezequiel: “... hão de saber que estive no meio deles um profeta”.

Amós é o tipo de profeta-pregador necessário em muitos lugares hoje. Ao pensarmos de novo nele, as palavras de Charles Wesley nos vêm à mente:

Devo eu, para abrandar a multidão ímpia,
Suavizar tua verdade ou abrandar minha língua,
A fim de ganhar as recompensas douradas da terra, ou fugir
À cruz suportada, meu Senhor, por Ti?

O livro

Frisamos que a linguagem de Amós é marcada por clareza e regularidade. Veremos agora que o assunto de seu pequeno tratado é disposto numa ordenação equivalente.

Capítulos 1 e 2

Em primeiro lugar, nos capítulos 1 e 2 encontramos oito “*fardos*” proféticos, ou mensagens com as notícias do castigo vindouro. Esses oito fardos referem-se a oito nações palestinas: a Síria, tratada por meio de sua capital, Damasco (1.3-5); a Filístia, representada por sua cidade-fortaleza, Gaza (1.6-8); a Fenícia, representada por seu grande porto marítimo, Tiro (1.9, 10); Edom (1.11, 12); Amom (1.13-15); Moabe (2.1-3); Judá (2.4, 5) e Israel (2.6-16).

Há vários comentários a tecer com respeito a esses oito fardos. Primeiramente, cada um é introduzido pela fórmula “Por três transgressões [...] e por quatro...”. A expressão não deve ser tomada aritmeticamente, com o significado literal de três e depois quatro, mas como uma forma idiomática de dizer que a medida estava completa e mais do que completa. O pecado desses povos passara da conta; ou, em linguagem mais moderna, “fizera pender a balança”. Na primeira vez em que agiram mal, Deus os repreendera. Na segunda vez, ameaçara. Na terceira vez, ameaçara com a mão levantada. Agora, na quarta vez, ele os castiga! Saibam as nações que, embora Deus seja longâ-

nimo com o perverso, elas não podem pecar além da conta! De Deus não se zomba: não pode haver pecado acumulado sem um golpe culminante de castigo. Os profetas acreditavam na “justiça poética” — um castigo correspondente à culpa, exatamente como uma linha de poesia corresponde a outra. A operação dessa justiça poética pode ser vista através de toda a história — e atua hoje, como demonstraram impressivamente os eventos e questões da II Guerra Mundial a todos os olhos que observavam.

Em segundo lugar, em cada um desses fardos, o símbolo do juízo é o *fogo* (1.4, 7, 10, 12, 14; 2.2, 5) — o mais destrutivo de todos os elementos. A culpa extrema acarreta a condenação extrema.

Em terceiro lugar, em cada caso (exceto Judá e Israel) os pecados a ser castigados são *crueldades contra outros povos*. Veja a repetição das palavras “porque eles...”. Deus odeia a desumanidade. Todavia, nunca em toda a história as nações mostraram tal desumanidade friamente calculada para com as outras nações como hoje. E Deus não enxerga isso? E ele não punirá?

Capítulos de 3 a 6

A seguir, nos capítulos de 3 a 6, temos três *sermões* curtos, ou talvez devêssemos chamá-los sermões “abreviados”, pois sem dúvida são resumos por escrito dos *pronunciamentos* bem mais longos do profeta. Esses três discursos são facilmente identificados. Cada um deles começa com “Ouvi esta/a palavra...” (3.1; 4.1; 5.1). O primeiro percorre o capítulo 3. O segundo, o capítulo 4. O terceiro, os capítulos 5 e 6.

Cada um deles é dividido por um enfático *portanto*, de modo que em cada um temos, na primeira parte, o juízo *merecido* e, no restante, o juízo *decretado*. No primeiro desses discursos (3), o “portanto” está no versículo 11. No segundo discurso (4), o “portanto” está no versículo 12. No terceiro discurso (5, 6), o “portanto” está em 5.16. (Nesse quinto capítulo, há dois “portantos” que vêm antes deste, nos versículos 11 e 13, mas são apenas secundários, ao passo que se observe o destaque nesse versículo 16: “Portanto, assim diz o SENHOR, o Senhor Deus dos Exércitos...”.) Observar-se-á que esses três discursos

crescem em intensidade e o terceiro é esticado em relação aos outros por dois “ais” culminantes a ele acrescidos (veja 5.18 e 6.1).

O primeiro desses discursos declara o fato da culpa de Israel no *presente*. O segundo ressalta o pecado de Israel no *passado* (veja os versículos de 6 a 11, que narram novamente os repetidos mas inúteis castigos do Senhor sobre Israel, e note o refrão tristonho que ocorre cinco vezes: “... contudo não vos convertestes a mim, disse o SENHOR” — v. 6, 8, 9, 10, 11). O terceiro salienta o castigo do pecado de Israel no *futuro* (veja 5.1-3 e 5.16—6.14). Repare na veemência e na intensidade no final (6.8-14). No entanto, observe também, nesse terceiro discurso, a advertência da undécima hora no apelo do Senhor feito três vezes: “Buscai-me, e vivei” etc. (5.4, 6, 14).

Quanto a esses três discursos, observe ainda que no primeiro temos o *princípio* subjacente ao juízo divino: “De todas as famílias da terra somente a vós outros vos escolhi, portanto eu vos punirei por todas as vossas iniquidades” (3.2). Esse é o versículo-chave do livro. Amós é o profeta do *juízo sobre o abuso de privilégios*. O juízo é sempre determinado de acordo com o privilégio. Quanto maior o privilégio, tanto maior a responsabilidade. Israel fora supremamente favorecido, sendo, portanto, supremamente responsável. Eis uma lição solene que todos devemos aprender.

No segundo discurso, vemos a *tolerância* por trás do juízo divino. Antes de se permitir que o golpe de um juízo maior e irreversível recaia sobre a nação, ocorre uma sucessão de juízos menores, a fim de advertir (4.6-11). Quando esses são desprezados e a paciência divina é abusada, o juízo culminante se faz sentir (4.12).

No terceiro discurso, vemos a *severidade* inflexível do juízo divino sobre os impenitentes, quando o pecado obstinadamente continuou a existir (5.2, 3; 6.8-14).

Capítulos de 7 a 9

Finalmente, nos capítulos de 7 a 9, temos cinco *visões*. Em 7.1-3, há a visão dos *gafanhotos*, ou locustídeos, comendo o produto do solo.

Mas, em resposta ao pedido de “perdão” do profeta, a praga é *afastada*.

A seguir, do versículo 4 ao 6, temos a visão do *fogo* consumidor. Esse é sem dúvida alguma o símbolo do juízo; todavia, em resposta ao pedido do profeta de “cessar”, o fogo é detido: temos aqui, então, o juízo *restringido*.

Depois disso, do versículo 7 ao 9, há a visão do prumo (símbolo adequado do juízo segundo um padrão justo, divino). Deus diz aqui: “... jamais passarei por ele”; e não há intercessão de Amós. Eis então o juízo *determinado*.

Em seguida vem o episódio parentético da censura feita por Amazias e Amós (7.10-17), tornando claro que a nação, pelo menos oficialmente, com certeza estava contra os apelos do Senhor. Depois, no capítulo 8, encontramos a visão do cesto de *frutos de verão*. Isso significa que os frutos estavam bem maduros, e, uma vez que cheguem a esse ponto, especialmente nos países quentes, eles podem estragar-se logo. Vemos aqui, então, o juízo *iminente*.

Por último, no capítulo 9, em uma das visões mais espantosas da Bíblia, vemos o próprio Senhor “em pé junto ao altar” — isto é, sobre o falso altar em Betel. Nenhum símbolo é usado aqui, como nas visões dos gafanhotos, do fogo, do prumo e dos frutos de verão. É o próprio Senhor, e ele diz: “Fere os capitéis, e estremecerão os umbrais, e faz tudo em pedaços sobre a cabeça de todos eles...”. Aqui o juízo é *executado*.

Assim, nessas cinco visões temos, sucessivamente, o juízo afastado, restringido, determinado, iminente e executado; portanto, vemos que existe uma intensidade crescente nas cinco visões, como acontece nos três sermões. Todavia, mesmo em meio à execução do juízo culminante, nenhum grão do trigo puro deve perecer (veja 9.9)! Mesmo em meio à “ira” Deus “se lembra da misericórdia”!

Eis, então, o livro de Amós. Sentimos não poder tratá-lo mais minuciosamente; mas, se o que foi dito antes está bem gravado, sentimo-nos satisfeitos. Para fins de clareza e fácil memorização, vamos colocar nossas descobertas numa análise simples.

AMÓS

JUÍZO SOBRE O ABUSO DE PRIVILÉGIOS

1. OITO “FARDOS” (1—2)

DAMASCO (1.3); GAZA (6); TIRO (9); EDOM (11); AMOM (13);
MOABE (2.1); JUDÁ (4); ISRAEL (6).

Nota: “Por três transgressões [...] e por quatro...”

2. TRÊS SERMÕES (3—6)

JUÍZO MERECIDO (3.1-10); DECRETADO (3.11-15).

JUÍZO MERECIDO (4.1-11); DECRETADO (4.12, 13).

JUÍZO MERECIDO (5.1-15); DECRETADO (5.16—6).

3. CINCO “VISÕES” (7—9).

GAFANHOTOS (7.1); FOGO (7.4); PRUMO (7.7);

FRUTOS DE VERÃO (8); DEUS SOBRE O ALTAR (9).

Observe a promessa final a Israel (9.11-15).

OBADIAS

Lição Nº 91

NOTA: Leia, para este estudo, a profecia de Obadias várias vezes em seguida, observando o “mas” divisório do versículo 17, que separa a pequena profecia em suas duas partes: uma relativa a Edom, outra, a Israel.

Tudo o que está relacionado com Deus é, necessária e naturalmente, sobrenatural e sobre-humano, extraordinário e inigualável. Pertence a um nível próprio, mantendo-se sozinho e separado, por si mesmo, inatingível, desafiando da mesma forma a competição e a comparação. Devemos esperar, portanto, tanto sublimidade como originalidade, tanto elevação como isolamento, muita coisa que transcenda todos os limites do pensamento humano, envolvendo em maior ou menor proporção o elemento do inescrutável: e a presença de tais características, em vez de servir de obstáculo à fé, fala em defesa dela.

A. T. PIERSON,
Doutor em Teologia.

OBADIAS

ESTE fragmento notável da pena de Obadias é o mais breve e talvez o mais antigo dos escritos vindos até nós dos profetas hebreus. Ele só tem um tema, a saber, o *juízo* sobre Edom, embora isso se compense nos últimos versículos com uma referência contrastiva à salvação final de Israel.

Nada se sabe de Obadias em si. Nem o nome do pai é mencionado no título do livro. O nome *Obadias* era bastante comum entre os hebreus e significa “adorador”, ou “servo de Jeová”; mas nosso profeta não pode ser identificado com nenhuma das pessoas chamadas dessa forma nas Escrituras. O conteúdo de sua profecia, porém, leva a supor que pertencia a Judá, o reino do sul. Não precisamos discutir aqui os *prós* e os *contras* quanto à *data* desse escrito, pois, no caso de Obadias, a questão da data não é vital para a Sua interpretação.

“... a respeito de Edom...”

O profeta começa desse modo: “... Assim diz o SENHOR Deus *a respeito de Edom...*”. Em primeiro lugar, então, devemos despertar a memória com relação à *identidade* dos edomitas. O nome “Edom” significa *vermelho*. É o nome dado ao irmão de Jacó, Esaú, por ter ele vendido seu direito de primogenitura em troca do cozinhado vermelho de Jacó. Veja Gênesis 25.30: “... e lhe disse [Esaú]: Peço-te que me deixes comer um pouco desse cozinhado vermelho, pois estou esmoecido. Daí chamar-se Edom”. Os edomitas eram descendentes de Esaú, e sua terra era o monte Seir. Gênesis 36.8, 9 diz: “Então Esaú, que é Edom, habitou no monte de Seir [...] pai dos Idumeus, no monte de Seir”.

Esse “monte de Seir” não era apenas uma montanha, mas uma *região* montanhosa desde o sul do mar Morto até o golfo de Acaba, sendo chamado de “Seir” por causa de Seir, o horeu. Em Gênesis 14.6

e 36.20 lemos: “... aos horeus no seu monte Seir...” e “São estes os filhos de Seir, o horeu [‘horeu’ significa habitante das rochas], moradores da terra...”. Os horeus, ou habitantes das rochas, foram então os primeiros moradores de Seir, e a terra recebeu o nome do primeiro chefe horeu, Seir. Os edomitas, ou esauítas, expulsaram mais tarde os horeus e se estabeleceram no monte Seir. Lemos em Deuteronômio 2.12: “Os horeus também habitavam outrora em Seir; porém os filhos de Esaú os desapossaram e os destruíram de diante de si, e habitavam no lugar deles...”.

O fato de “Seir” significar peludo, rude e forte é coincidência. Não se conta que o chefe horeu Seir tenha esse nome por ser peludo, rude e forte, embora o fato de ele e a tribo morarem nas rochas possa ser um sinal disso. É certamente verdade, porém, que o nome desse homem, em virtude do qual o monte Seir foi denominado, vinha a calhar no caso *do território* onde ele e seu povo viviam, com bosques e moitas esparsos, seus penhascos desiguais e serranias. É também coincidência que o próprio Esaú conta-se que era homem cabeludo (Gn 27.11) e recebeu o seu nome justamente por essa razão (Gn 25.25) — pois Esaú significa rude ou peludo. Talvez por isso e por seu amor à terra, pelas caçadas e pela vida ao ar livre, Esaú foi atraído pelo monte Seir e pelos horeus, ou habitantes das rochas. Seja como for, essa era a identidade e os antecedentes do povo de Edom, a quem o profeta Obadias se dirige. O pai deles era Esaú. O país, Seir.

À região ocupada pelos edomitas, embora montanhosa e rochosa, não faltavam vales férteis e um solo produtivo. A antiga capital era Bozra, a alguns quilômetros ao sul do mar Morto. Mas, nos dias de Obadias, a capital era a famosa Sela, ou Petra, a cidade das rochas, a qual, por causa da posição singular, do difícil acesso, das casas escavadas nas pedras e das defesas naturais escarpadas, era considerada inexpugnável, criando um espírito de impetuosa independência e segurança nos edomitas, o qual desafiava os ataques e zombava de todas as tentativas de subjugá-los.

O antijacobismo edomita

Ora, os edomitas assemelhavam-se tanto ao seu antepassado quanto ao país. Sua natureza era marcada por uma forte mundanidade. Trabalhava-se de um povo profano, orgulhoso, violento e cruel; e esse temperamento se manifestava através de um rancor estranhamente persistente, implacável, amargo e maligno contra Israel, a nação que descendia do irmão gêmeo do próprio pai de sua nação, Esaú. Este ódio violento se expressara repetidamente na história dos dois povos. Exemplo disso jamais esquecido pode ser encontrado nos dias remotos da peregrinação de Israel no deserto, quando Edom, com violenta ameaça, recusou atender ao pedido amável de Moisés para que Israel tivesse permissão de passar através das terras dos edomitas (Nm 20.14-22).

Nos dias de nosso profeta Obadias, esse antijacobismo imortal se acendera mais do que nunca, manifestando-se mediante traição não provocada. Veja do versículo 10 ao 14. Nos dias da tribulação de Jerusalém, em vez de mostrar amizade, ou pelo menos solidariedade, o povo de Edom havia-se entregado à crueldade passiva de contemplá-la com maldosa satisfação (vv. 11, 12) e incitara os saqueadores. Foi este veneno edomita que os judeus cativos na Babilônia recordaram nas palavras de Salmos 137.7: “Contra os filhos de Edom, lembra-te, SENHOR, do dia de Jerusalém, pois diziam: Arrasai, arrasai-a, até aos fundamentos”.

Mas a crueldade passiva dera lugar à aliança ativa com os destruidores de Jerusalém. Os edomitas “entraram pela porta”, roubaram e despojaram Jacó, impediram a fuga dos refugiados e entregaram os restantes para os inimigos (vv. 13, 14). Veremos dentro em pouco o impressionante significado de tudo isto; mas no momento só salientamos o fato.

Sentença sobre Edom

Em vista dessa culpa longamente acumulada, o castigo divino estava agora sendo dispensado contra Edom, como se registra nesse escrito de Obadias. Se do versículo 10 ao 16 vimos a *razão* desse castigo vindouro, nos versículos anteriores (do 1 ao 9) temos a sua *inevitabilidade*. Note em especial os versículos 3 e 4: “A soberba do teu coração te enganou, ó tu que habitas nas fendas das rochas, na tua alta morada, e dizes no teu coração: Quem me deitará por terra? Se te remontares como águia, e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derrubarei, diz o SENHOR”.

Os que escrevem sobre Obadias geralmente parecem considerar o último versículo (21) como o mais importante aqui. Nele está escrito: “Salvadores hão de subir no monte Sião, para julgarem o monte de Esaú; e o reino será do SENHOR”. Mas, embora seja o pensamento *final*, não é a verdade-chave aqui. O versículo-chave é o 15: “... *como tu fizeste, assim se fará contigo...*”. Seja quem for o profeta e qualquer que seja sua profecia, a visão mais adiante de toda verdadeira profecia é que “o reino será do Senhor”; mas aqui, nessa profecia especial sobre Edom, devemos aprender enfaticamente que existe um princípio de “justiça poética” operando no governo divino dos povos da terra. Eis a marcante contribuição dessa profecia de Edom. Obadias, não nos esqueçamos, é *o profeta da justiça poética*.

Justiça poética!

Veja como essa verdade-chave se amplia no contexto. Edom se envolvera em traição contra Judá (vv. 11, 12); deveria, portanto, perecer mediante a traição de aliados (v. 7). Edom se aproveitara da oportunidade de roubar Judá (v. 13); deveria, então, também ser roubado, e até seus tesouros escondidos seriam esquadrihados (vv. 5, 6). Edom levantara a espada e mostrara violência contra Judá (v. 10); pereceria, portanto, pela matança (v. 9). Edom procurara a completa destruição de Judá (vv. 12-14); seria, portanto, completamente des-

truído (vv. 10, 18). Edom procurara até entregar e expulsar o remanescente da cidade invadida de Jerusalém (v. 14); assim sendo, no final, o remanescente de Jacó possuiria a terra de Edom (v. 19). Sim, justiça poética! O castigo correspondente à iniquidade, da mesma forma que uma linha de poesia corresponde a outra! Não vimos com os próprios olhos a operação da justiça poética em nossos dias na guerra contra o Eixo? Jamais houve uma guerra com anomalias tão estranhas. Para mencionar apenas uma: será que não teve significado o fato de a Inglaterra ser forçada a sair do continente europeu, primeiro no norte, em Dunquerque, e depois no sul, na Grécia, tendo de ficar de lado por algum tempo, enquanto a Alemanha e a Rússia, as duas nações que, oficial e mais abertamente que todas as outras, haviam blasfemado contra Deus, destruíam uma à outra, apesar do pacto de amizade recém-assinado? As brutalidades chocantes desses dois países contra os judeus não foram retribuídas a eles de forma idêntica? Sim, se crermos nos profetas hebreus, e particularmente em Obadias, acreditaremos então na justiça poética!

Devemos notar que Obadias prediz até a *extinção* de Edom: “... serás exterminado para sempre” (v. 10); “... ninguém mais restará da casa de Esaú” (v. 18). Na ocasião em que o profeta escreveu, pareceria muito mais provável que Edom sobrevivesse em lugar de Judá; a história, porém, surpreendentemente endossou a profecia. Edom pereceu, Judá persiste.

Embora não haja registro explícito, parece que os edomitas, a despeito de suas proteções rochosas, caíram sob o jugo da Babilônia cerca de cinco anos depois de terem ajudado essa nação a arrasar Jerusalém. Uma comparação de Jeremias 27.3-6 e Malaquias 1.3, 4 com os escritos de Josefo sobre a campanha da Babilônia torna isso praticamente sem dúvida. A seguir, os nabateus, uma tribo árabe, ocuparam Petra, capital de Edom. Eles possivelmente foram enviados para lá por Nabucodonosor. Depois, em 312 a.C., Antígono, um dos generais de Alexandre, o Grande, esmagou esses povos e despojou Petra. Mais tarde ainda, no século II a.C., os próprios edomitas, que se haviam então estabelecido ao sul da Palestina, foram grandemente derrotados por Judas Macabeu (1 Mc 5.3, 65). Josefo nos conta que, tempos

depois, Alexandre Janus completou a ruína deles. O pequeno remanescente edomita foi quase todo passado a fio de espada no massacre do cerco de Jerusalém. Os sobreviventes se refugiaram entre as tribos do deserto, pelas quais foram absorvidos. Orígenes, no século III d.C., referiu-se a eles como um povo cujo nome e língua haviam perecido por completo. Desse modo, a sentença sobre Edom foi executada, e a profecia de Obadias foi cumprida.

O conteúdo da profecia de Obadias pode ser delineado de forma muito simples, como segue:

OBADIAS

O PROFETA DA JUSTIÇA POÉTICA

1. A DESTRUIÇÃO DE EDOM (vv. 1-16)

SUA INEVITABILIDADE, vv. 1-9

SUA RAZÃO, vv. 10-16

2. A SALVAÇÃO DE ISRAEL (vv. 17-21)

A PROMESSA A RESPEITO, vv. 17-18

A PLENITUDE A RESPEITO, vv. 19-21

Ensino latente do tipo

Finalmente, porém, não entenderemos o significado mais profundo desse pequeno livro, se deixarmos de discernir seu sentido *típico* latente. Nisso repousa sua mensagem viva e seus valores permanentes. Esaú-Edom é tipo do “homem natural”, da natureza adâmica, da “carne”, da velha vida do “eu” em nós.

Existe um interesse simbólico estranhamente fascinante nos sucessivos *pares de filhos* de Gênesis — Caim e Abel, Ismael e Isaque, Esaú e Jacó. Nessas duplas, Abel, Isaque e Jacó são os homens espirituais, representando diferentes aspectos da nova vida que recebemos mediante a união com Cristo. Por outro lado, Caim, Ismael e Esaú são

os homens “naturais”, que são “da terra, terrenos”, e representam diferentes aspectos da “vida do eu” ou da “carne”. Caim é o coração natural em sua antipatia pela *redenção*. Ele tende para uma religião da cultura. Oferece os frutos da terra — daquilo que está sob maldição por causa do pecado. Não se importa com o cordeiro que derramou seu sangue e não reconhece a necessidade de expiação. Ele cultiva o solo, constrói cidades e se satisfaz com a vida presente. Quanto ao segundo desses homens, Ismael, vemos nele a “vida do eu” em seu antagonismo à vida de *fé*, como Paulo nos fala em Gálatas 4.29 (que pedimos para ser lido em seu contexto). A seguir, em Esaú, vemos a “vida do eu” em seu desprezo por aquilo que é *espiritual*. Ele é o homem que “por um repasto, vendeu o seu direito de primogenitura” (Hb 12.16). Com esses três pares de filhos devemos aprender que a “carne” continua conosco — uma triste lembrança da rocha da qual fomos talhados e do abismo do qual fomos tirados. Observemos sua hostilidade para com redenção, a vida de fé e as coisas do Espírito.

Mas Esaú interessa mais que os outros, pois nele vemos a “carne”, a natureza adâmica, *na melhor forma*. Em certos aspectos, é atraente e digno de amor, superando em muito Caim e Ismael. Em Gênesis 25.25, aprendemos que duas características o distinguiam desde o nascimento: ele era “ruivo” e “peludo”, coisas que representam beleza e força. Era uma bela criança e um jovem gracioso, marcado por encanto físico e poder. Não há dúvida de que em Esaú a “carne” é atraente. Mas espere: veja como a beleza logo se corrompe. Esaú, o “ruivo” torna-se Edom, “o vermelho”; e sua cor, como a do cavalo vermelho, do dragão vermelho e da besta escarlata em Apocalipse 6, 12 e 17 é um sinal da vida selvagem em seu íntimo. O pêlo, que a princípio indica força, logo passa a representar grosseria animal. Esaú, o forte, torna-se Edom, o selvagem, o caçador, o matador. Afinal, em hebraico, a palavra “Edom” é na verdade uma forma do termo “Adão”. Edom é Adão, e Esaú é de novo a “carne” — exteriormente belo, mas interiormente violento. Quando de fato se manifesta, veja o valor que dá às coisas espirituais. Por um prato de lentilhas despreza seu direito de primogenitura, mesmo sabendo que o direito de nascimento desde o avô Abraão leva as promessas divinas de grandes bênçãos espirituais e

futuras. Essa é a “carne” em todas as eras. Por uma gratificação momentânea, desprezará a esperança de uma glória celestial, dando maior apreço a um quinhão terreno no presente do que a uma promessa divina no futuro.

Um estudo bastante esclarecedor consiste em traçar as repetidas referências a Edom nas Escrituras. Não podemos fazê-lo aqui; mas Edom é sempre a “carne”, e, em nosso profeta Obadias, vemos a expressão máxima disso. Leia novamente os versículos de Obadias e permita que Edom represente a “carne”, ou a natureza adâmica. Veja primeiro seu orgulho: “A soberba do teu coração” (v. 3); a seguir, sua força: “... tu que habitas nas fendas das rochas” (v. 3); depois, seu desafio: “Quem me deitará por terra?” (v. 3); agora, sua ambição: “... e puseres o teu ninho entre as estrelas” (v. 4); seu ódio pelo que é espiritual: “... por causa da violência feita a teu irmão Jacó” (v. 10); sua verdadeira crueldade (vv. 11-14). Mas, por outro lado, veja como engana a si mesmo (v. 3); como é detestável a Deus (v. 2); sua derrota final pelos filhos da fé (vv. 17-21) e sua destruição final por Deus (vv. 10, 18).

De fato, à luz dos ensinamentos do Novo Testamento, como encontramos em Romanos 6.6-14 e Gálatas 5.17-25, tudo isso está repleto de intenso significado! Nem devemos deixar de notar que Edom é um tipo de todas as nações inimigas de Deus, mostrando antecipadamente os atos vindouros de Deus contra o presente sistema mundial dos gentios. Não devemos deixar de observar também que nenhuma arma contra o povo da aliança de Deus consegue vencer, e que, no momento certo, as nações pagam caro por suas políticas anti-israelitas. Assim sendo, apesar de o livro de Obadias ser o mais curto dos escritos proféticos, ele é certamente *multum in parvo*, muito em pouco.

DOZE PERGUNTAS SOBRE AMÓS E OBADIAS

1. Em que pequena cidade Amós nasceu? Onde ficava? Em que versículo ele nos diz que é de lá?
2. Que diz Amós a respeito de si mesmo com relação ao cargo profético e sua própria ocupação?

3. Onde e quando Amós profetizou? Qual seu estilo de falar?
4. Que prefácio perceptivelmente repetido às suas profecias Amós emprega nos primeiros capítulos, e qual é o significado dessa expressão?
5. Faça um esboço geral do livro do profeta Amós.
6. Qual o tema da profecia de Obadias?
7. Qual o significado da palavra “Edom”? De quem os edomitas descendiam?
8. Onde ficava a região chamada “monte de Seir”, e como adquiriu esse nome?
9. Que ato de hostilidade a Israel os edomitas praticaram nos dias de Moisés? Que diz Obadias sobre o ódio deles em seus próprios dias?
10. Qual o versículo-chave na pequena profecia de Obadias? Qual a marcante verdade do livro?
11. Qual a dupla divisão da profecia de Obadias?
12. Que ensino latente sobre os tipos ela contém para nós com respeito a Edom?

JONAS (1)

Lição Nº 92

NOTA: Leia para este estudo a história de Jonas pelo menos duas vezes.

A revolta religiosa do século XVI libertou a Bíblia do sacerdote. Deus permita que o século XX possa trazer uma revolta que a liberte do professor e do erudito.

SIR ROBERT ANDERSON

Todo conhecimento começa e termina com a admiração; mas a primeira admiração é filha da ignorância, e a segunda, mãe da adoração.

COLERIDGE

JONAS (1)

Fato ou ficção?

O LIVRO de Jonas — será história, alegoria ou romance? Jonas existiu de fato? Ele foi tragado mesmo pelo grande peixe como o livro declara? Ele realmente pregou em Nínive um arrependimento que evitou o juízo divino? Ou será o livro apenas uma ficção? A resposta a essas perguntas tem uma conseqüência muito mais profunda do que muitos percebem. Pois, se o livro é na verdade uma narração de fatos reais, ele nos traz uma das mais surpreendentes revelações de Deus e uma das mensagens mais inestimáveis de consolo divino jamais recebidas. Se, porém, for simplesmente ficção, o livro não contém nenhuma importância autêntica. Além disso, a questão de ser ele realmente histórico ou não importa tanto na integridade das Escrituras como um todo, quanto na palavra do próprio Senhor Jesus, como veremos. A verdadeira resposta à pergunta, segundo cremos, é clara e convincente para qualquer mente aberta.

Os teólogos modernistas, de acordo com sua linhagem saducéia, não dariam crédito ao livro porque relata milagres; mas as “explicações” supostamente eruditas deles contradizem de forma tão ridícula umas às outras que voltamos de novo às Escrituras, preferindo o miraculoso ao ridículo!

Enquanto isso, por um lado, esse livro de Jonas, mais que qualquer outro livro das Escrituras, tem sido alvo de zombaria; por outro lado, porém, os que o aceitam e se deram ao trabalho de descobrir a terna mensagem que contém, apreciarão a descrição que Charles Reade faz dele: “a mais bela história jamais escrita em tão pequeno espaço”, além das palavras de outro, que fala dele como o “ponto culminante da revelação do Antigo Testamento”.

Em primeiro lugar, então, sem perder tempo com as teorias simplesmente negativas dos críticos, vamos examinar as provas a favor da historicidade de Jonas e seu livro.

Será o próprio Jonas histórico?

Não pode haver dúvida de que Jonas em si tenha existido. O primeiro versículo do livro chama-o “Jonas, filho de Amitai”, e diz: “Veio a palavra do SENHOR a Jonas”, indicando assim que ele era um profeta. Lemos em algum outro ponto sobre tal pessoa? Sim. Observe 2 Reis 14.25: “Restabeleceu ele [o rei Jeroboão II de Israel] os termos de Israel, desde a entrada de Hamate até ao mar da planície, segundo a palavra do SENHOR, Deus de Israel, a qual falara por intermédio de seu servo Jonas, filho de Amitai o profeta, o qual era de Gate-Hefer”. Ora, esse rei Jeroboão era uma pessoa bastante real. Na verdade, foi o rei de maior e mais longo reinado de todos os que reinaram sobre o reino do norte. Em sentido moral e religioso, havia pouco a escolher entre ele e seus perversos predecessores no trono, mas em proezas militares Jeroboão distinguiu-se notavelmente. Os territórios que recapturou e anexou chegavam até Hamate, cerca de 320 km ao norte de Samaria, de modo que seu domínio tornou-se quase tão extenso quanto o de Davi! E tudo isso se diz claramente como o cumprimento de uma profecia feita por “Jonas, filho de Amitai o profeta, o qual era de Gate-Hefer”. Com certeza, então, se esse Jeroboão, que *cumpriu* a profecia de Jonas, era uma pessoa verídica, o mesmo acontecia com Jonas, que *pronunciou* a profecia! E, se for necessária a confirmação fora das páginas da Bíblia, vale notar que Gate-Hefer identifica-se agora com um povoado de nome El Meshed, que fica a alguns quilômetros ao norte de Nazaré, em Zebulom, onde, segundo uma segura tradição que data da época de Jerônimo, a sepultura de Jonas se encontra até hoje.

Não podemos, portanto, duvidar de que esse profeta, Jonas, mencionado em 2 Reis, seja uma pessoa real. Nem nos cabe duvidar que o profeta Jonas de 2 Reis seja o mesmo Jonas do livro que leva seu nome, pois, em ambos os casos, Jonas é o filho de Amitai, e nenhum desses dois nomes, “Jonas” ou “Amitai”, é encontrado em qualquer outro ponto do Antigo Testamento. Aliás, a referência em 2 Reis fixa a *data* do ministério de Jonas. Foi durante os últimos anos de Joás e (possivelmente) nos primeiros de Jeroboão II. Ele provavelmente

deveria ser um dos líderes entre as “escolas de profetas” quando Eli-seu estava terminando seu notável ministério.

A narrativa é histórica?

O próprio Jonas foi uma pessoa bastante verídica; mas será que podemos crer no que diz o livro *a seu respeito*? A *narrativa* é histórica? Em resposta, chamamos atenção para os seguintes pontos.

Primeiro: *nada no livro sugere o contrário* — exceto, naturalmente, para nossos críticos modernos, para quem *qualquer* narrativa que registre o sobrenatural é *ipso facto* inacreditável.

Uma leitura sem idéias preconcebidas satisfará qualquer leitor no sentido de que a narrativa pelo menos *pretende* indicar um registro de fatos reais. As escolas de teólogos racionalistas pretendem que acreditemos, com bases supostamente filológicas, que o livro não passa de uma ficção escrita cerca de 300 anos depois dos dias de Jonas. Mas elas se contradizem estupidamente; pois, enquanto algumas defendem uma data bem *tardia* para o livro, outras nos dizem que idéias tão primitivas quanto a de Jonas fugir “da presença do SENHOR” pertencem à época das *primeiras* noções pouco desenvolvidas de Israel sobre Deus! É melhor deixar que os críticos resolvam suas próprias diferenças! O fato é que, com toda probabilidade, a historicidade do livro jamais teria sido posta em dúvida não fosse a presença do sobrenatural nele. Afora a presença admitida de milagres surpreendentes, não existe absolutamente nada a sugerir que o livro não deva ser lido como uma narrativa de fatos verdadeiros.

Segundo: *a tradição confirma fortemente sua historicidade*. Sua posição antiga e indiscutível nas Escrituras hebraicas defende de imediato a crença original dos hebreus em sua historicidade. O livro apócrifo de Tobias, escrito provavelmente no século IV a.C., inclui as palavras derradeiras de Tobi a seu filho Tobias: “Vá para a Média, filho meu; pois creio absolutamente em todas as coisas ditas pelo profeta Jonas sobre Nínive, que ela será destruída”. Filo, o filósofo judeu do século I d.C., e Josefo, o historiador, ambos confirmam sua histo-

ricidade. Aliás, essa tem sido a firme crença judaica desde os primeiros tempos.

Além do mais, até recentemente, a igreja cristã endossou enfaticamente essa crença judaica. Nas catacumbas de Roma, os cemitérios subterrâneos dos primeiros cristãos, não existe representação mais freqüente do que a de Jonas, cuja libertação do ventre do peixe tornou-se agora um símbolo cristão de fé na futura ressurreição dos santos. Jerônimo, Ireneu, Agostinho, Crisóstomo e outros pais cristãos, todos indicam sua fé na historicidade do livro. O mesmo fizeram, mais tarde, Calvino, Lutero e outros grandes homens bíblicos da Reforma. Só recentemente certas escolas da “alta crítica” racionalista se empenharam em lançar o manto da dúvida sobre ele; e o aspecto notável desses mesmos homens é a maneira como se contradizem uns aos outros.

Terceiro: *a palavra do próprio Cristo o confirma conclusivamente*. Em Mateus 12.39, 40, ele diz: “Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra”. Para uma mente cristã sincera, esse testemunho do Senhor sem dúvida encerrará o assunto. Para se justificar, porém, os críticos, duvidarão até das palavras do Senhor. Alguns deles tentam mostrar que essas palavras são uma *interpolação*. Mas, para a infelicidade deles, a prova do manuscrito é bastante sólida; e para maior infelicidade ainda, Lucas também registra as mesmas palavras!

Outros, forçados a repelir a teoria da interpolação, tentam argumentar que o Senhor estava simplesmente citando a história de Jonas da mesma forma que um pregador de hoje usaria um incidente bem conhecido do *Peregrino* de Bunyan ou de uma das peças de Shakespeare, sem implicar em um momento sequer sua historicidade real. Contudo, lamentavelmente para os críticos, essa idéia é desmantelada pelas palavras seguintes de nosso Senhor sobre Jonas, no capítulo 12 de Mateus. Ele diz: “Ninivitas se levantarão no juízo com esta geração, e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas”. Alguém ousará afirmar

que o Filho de Deus estava ensinando aqui (como alguém mencionou) que “pessoas imaginárias, que mediante uma pregação imaginária de um profeta imaginário se arrependeram em imaginação, se levantarão naquele dia e condenarão o não arrependimento *real* daqueles, seus ouvintes *reais*; que os personagens fictícios de uma parábola serão colocados diante do mesmo tribunal com os homens vivos daquela geração? Sustentar isso é monstruoso! Nem ousamos permitir a desonrosa teoria de que nosso Senhor “adaptou” seu ensino à ignorância de seus ouvintes. Nosso Senhor era a “Verdade”, e ele falou a verdade. Um leitor sincero do Novo Testamento certamente perceberá que o Senhor Jesus era o pregador menos inadaptável de todos os que já pregaram!

E então? A resposta é esta: nosso Senhor realmente proferiu as palavras sobre Jonas conforme registradas por Mateus e Lucas, e nessas palavras ele confirmou de forma clara e conclusiva a historicidade do *livro* de Jonas.

Quanto às objeções de que não podemos crer na narrativa porque não há referência na história secular sobre o arrependimento de Nínive; ou de que o livro deve ter sido escrito muito depois dos dias de Jonas porque usa o verbo no passado em 3.3 (“Ora, Nínive *era...*”); ou de que certas palavras aramaicas empregadas pelo escritor indicam sua data recente — podemos dizer apenas que, para nós, isso parece o último recurso dos críticos que, ao verem suas outras “análises completamente destroçadas, estão dispostos a destruir a fé no livro por qualquer meio. De todo modo, essas objeções já foram repetidamente desfeitas, de forma fácil e completa. Podemos ficar certos, tanto pela convicção da prova *a favor* dele quanto pela completa pobreza dos supostos argumentos *contra* ele, que o livro de Jonas de fato é uma descrição de acontecimentos verdadeiros.

Mas que dizer do peixe?

Contudo, mesmo agora, alguém com certeza fará a velha e repisada pergunta: *mas, e o peixe?* É necessário, portanto, acrescentar aqui

uma pequena palavra paciente, embora a pergunta já tenha sido respondida diversas vezes. Essa questão do “grande peixe” tem alcançado uma proeminência desproporcional pela discussão que nossos críticos modernos criaram à sua volta. Não fosse isso, não nos daríamos ao trabalho de fazer este acréscimo, pois não há dificuldade fundamental a respeito disso para aqueles que crêem em Deus e na inspiração das Escrituras. A verdade é que esse milagre *físico* do “peixe” não é tão maravilhoso quanto o milagre *moral* do arrependimento de Nínive, ou quanto o milagre *espiritual* da auto-revelação divina no final do livro. Isso com certeza é verdade: à medida que os críticos ridicularizaram esse incidente do “peixe”, escritores competentes fizeram com que o ridículo dos críticos caísse sobre suas próprias cabeças.

As três perguntas são: *poderia* ter acontecido? *Aconteceria?* *Aconteceu?* Quanto a *poder* ter acontecido, a resposta óbvia para todos os que crêem em Deus é que *naturalmente* poderia! Pois, se Deus criou *todos* os peixes do mar, poderia muito facilmente criar um com o propósito especial de preservar Jonas. Na verdade, porém, não precisamos crer que Deus realmente *criou* apenas um grande peixe para receber Jonas, pois a narrativa diz apenas que Deus “*preparou*” um grande peixe, e o termo hebraico traduzido aqui por “preparou” não indica criação direta. Além disso, a narrativa não diz que o peixe era uma baleia, mas apenas que se tratava de um “grande peixe”. Embora a palavra “baleia” (ARC) seja usada em Mateus 12 para descrever esse “grande peixe”, devemos lembrar que nosso Novo Testamento é traduzido do grego, e a palavra grega traduzida por “baleia” deveria ser “monstro marinho”. *Pode* ou *não* ter sido uma baleia.

Ora, os críticos modernos insistiram no fato de que nenhuma espécie de peixe jamais poderia realizar uma proeza tal como a de engolir e manter em seu ventre um homem adulto. Para sua infelicidade, porém, expuseram assim sua ignorância sobre o mundo submarino, como as seguintes seleções mostrarão.

No *Daily Mail* [*Correio Diário*] de 14 de dezembro de 1928, o Sr. G. H. Henn, morador de Birmingham, deu o seguinte testemunho:

Minha experiência pessoal ocorreu em Birmingham há cerca de 25 anos, quando a carcaça de uma baleia foi exibida durante uma semana num terreno vazio na Navigation Street, do lado de fora da estação New Street. Eu fui um dos 12 homens que entraram em sua boca, passaram através de sua garganta e se moveram no que equivalia a uma sala de bom tamanho. Sua garganta era suficientemente grande para servir de porta. Seria evidentemente muito fácil que uma baleia desse tipo engolisse um homem.

Ou então, no livro de Sir Francis Fox, *Sixty-three Years of Engineering* [Sessenta e Três Anos de Engenharia], o gerente de um posto de baleias nos informa que o cachalote engole pedaços de alimento com 2,5 m de diâmetro, e de fato encontraram numa dessas baleias “o esqueleto de um tubarão de 5 m de comprimento”!

Frank Bullen, em seu livro *The Cruise of the Cachalot* [O Cruzeiro do Cachalote], fornece a informação de que o cachalote sempre expelle o conteúdo de seu estômago ao morrer. Ele próprio testemunhou partes de tal ejeção, consistindo em massas volumosas, algumas delas calculadas em cerca de 2,5 m x 2 m x 2 m o total equivalente aos corpos de “seis homens corpulentos comprimidos em um só”!

Mais surpreendente que todos talvez seja um incidente relatado por Sir Francis Fox, o qual ele assegura ter sido “cuidadosamente investigado por dois cientistas, um dos quais era M. de Parville, o editor científico do *Journal des Debats* de Paris, conhecido como ‘homem sensato e escritor cauteloso’”. O incidente é o seguinte:

Em fevereiro de 1891, o baleeiro *Star of the East* [Estrela do Oriente] estava nas vizinhanças das ilhas Falkland, e o vigia avistou um grande cachalote a 5 km de distância. Dois botes foram colocados na água, e dentro em pouco um dos arpoadores conseguiu atravessar o peixe com o arpão. O segundo bote atacou a baleia, mas foi derrubado por um açoite de sua cauda, atirando os homens ao mar. Um deles morreu afogado, e o outro, James Bartley, desapareceu e não pôde ser encontrado. A baleia foi morta, e dentro de poucas horas o grande corpo estava preso ao

lado do navio, e a tripulação ocupada com os machados e facões para remover a gordura. Eles trabalharam o dia inteiro e parte da noite. No dia seguinte, prenderam um guindaste ao estômago e o colocaram no convés. Os marinheiros ficaram espantados com os sinais espasmódicos de vida, e dentro foi encontrado o marinheiro dado como perdido, vergado e inconsciente. Ele foi posto no convés e submetido a um banho de água do mar que logo o reanimou. Mas sua mente se achava confusa, e puseram-no na cabine do capitão, onde permaneceu por duas semanas completamente alucinado. Ele foi tratado com bondade e cuidado pelo capitão e pelos oficiais do navio, e gradualmente recobrou a posse de suas faculdades. No final da terceira semana, havia-se recuperado do choque e retomado suas obrigações. Durante sua estada no estômago da Baleia, a pele de Bartley, a parte exposta à ação do suco gástrico, sofreu uma enorme mudança. Seu rosto, pescoço e mãos ficaram descorados, terrivelmente brancos, com a aparência de pergaminho. Bartley afirmou que teria provavelmente vivido em sua casa de carne até morrer de fome, pois perdeu os sentidos por causa do medo, e não por falta de ar.

Diz-se que Bartley explicou também que, depois de ser atirado ao mar, as águas espumaram a seu redor, evidentemente por causa das chicotadas da cauda da baleia. Depois, foi lançado na escuridão e viu-se num grande recinto onde o calor era intenso. Procurou às cegas uma saída e só encontrou paredes escorregadias à sua volta. A seguir, a terrível verdade penetrou em sua mente e ele perdeu a consciência, até que o banho de água salgada o reanimou no convés do navio.

Onde estão agora os críticos que afirmaram que a deglutição de Jonas era uma proeza impossível?

Quanto à hipótese de esse milagre providencial *acontecer*, quando considerarmos o conteúdo da narrativa em uma lição posterior, veremos que é inteiramente coerente. Quanto ao fato de ter *realmente* acontecido, temos a palavra confirmatória do próprio Cristo; e, segundo nos consta, assim *o assunto está encerrado*.

É verdade, “está encerrado”. E essas palavras me fazem lembrar de um incidente que minha querida mãe me contou sobre o famoso evan-

gelista D. L. Moody. Há alguns anos, quando minha mãe era uma jovem diaconisa da Missão da Cidade de Manchester, Moody e Sankey, nomes bastante conhecidos na época, compareceram para sua memorável campanha de Manchester. Minha mãe achava-se ali junto com outras diaconisas a fim de ouvir e prestar ajuda. No início, ela não ficou muito impressionada, e o sotaque americano, fanhoso e anasalado de Moody foi-lhe aborrecedor. Mas ele prendia cada vez mais a atenção de seus ouvintes, à medida que as reuniões continuavam, e um maravilhoso trabalho de conversão seguiu-se às pregações. Um amor sincero estava sempre derramando-se por meio das mensagens, e ao mesmo tempo havia um ar de perfeição infalível que poderia ter causado ressentimento a um pregador de personalidade diferente. Contudo, o que permaneceu gravado na memória de minha mãe foi a conclusão dada por ele a um sermão sobre João 3.7, “importa-vos nascer de novo”. Se Moody sentia que estava desperdiçando palavras ou não estava conseguindo de alguma forma atingir os ouvintes não posso saber; mas súbita e abruptamente terminou dizendo: “Homens e mulheres de Manchester, vocês *devem* nascer de novo. Jesus o disse. *E isso encerra o assunto*”.

Eis onde todo *verdadeiro* crente no Senhor Jesus Cristo se encontra. O que *ele* diz encerra o assunto. Encerra o assunto com relação a Jonas, ao Antigo Testamento inteiro e a qualquer outro assunto sobre o qual ele tenha falado. Nosso Cristo não é um simples Cristo *kenosis* da crítica moderna, mas o Cristo de quem, quando ele realmente se encarnou, João escreveu: “... *cheio* de graça e de *verdade*, e vimos a sua glória...”.

JONAS (2)

Lição Nº 93

NOTA: Para esta segunda análise de Jonas, leia de novo toda a pequena história, perguntando: as divisões dos capítulos realmente representam os diferentes movimentos da história?

Depois de ter escrito a parte anterior sobre Jonas, encontramos a seguinte notícia no jornal *Mail*, de Madras, de 28 de novembro de 1946:

Bombaim, 26 de novembro — um tubarão-tigre de 3,7 m, pesando 320 k, foi arrastado para a praia na noite passada, nas Docas Sassoon. Quando o tubarão foi aberto, um esqueleto e roupas de homem foram encontrados em seu interior.

Acredita-se que a vítima possa ser um dos que se perderam no mar durante o último ciclone.

O tubarão foi pego por pescadores a 50 km de Bombaim.

JONAS (2)

DEPOIS de convencidos quanto a esse livro de Jonas ser um fragmento genuíno de história, estamos agora prontos para aprender seu inestimável significado.

A pequena história está dividida em quatro partes, as quais correspondem aos quatro capítulos em que se subdivide em nossa tradução, salvo que o último versículo do capítulo 1 deveria ser o primeiro do capítulo 2 (como de fato o é no hebraico). Jonas é a figura central até os versículos finais, onde a proeminência é transferida para o próprio Senhor e a mensagem suprema do livro é proclamada. Os quatro acontecimentos da história são:

1. JONAS E A TEMPESTADE
2. JONAS E O PEIXE
3. JONAS E A CIDADE
4. JONAS E O SENHOR

Nesses quatro desdobramentos, temos a desobediência, a preservação, a proclamação e a correção de Jonas. No capítulo 1, ele está *fugindo de Deus*. No capítulo 2, ele está *orando a Deus*. No capítulo 3, ele está *falando da parte de Deus*. No capítulo 4, ele está *aprendendo com Deus*. Se conseguirmos entender o conteúdo real de cada um desses capítulos, descobriremos que a mensagem final do livro é de cativante ternura. Vejamos então, em primeiro lugar, o capítulo 1. Aqui, porém, encontramos de imediato uma pergunta cuja resposta determinará nossa apreciação de toda a história, e devemos pensar cuidadosamente sobre isso, tanto mais em vista de ter havido muita confusão a esse respeito.

Por que Jonas fugiu?

A pergunta central é: *por que Jonas fugiu?* Nossa resposta a essa pergunta nos determinará se Jonas era um fanático mesquinho ou um dos mais heróicos patriotas que Israel já produzira. Nossa resposta também nos acentuará ou reduzirá a força do livro como um todo.

A idéia geral é que Jonas era um judeu de mentalidade tacanha, relutante de levar uma advertência misericordiosa a um povo gentio. Por exemplo, até um escritor de tão forte percepção como o Dr. A. T. Pierson diz: “Seu preconceito nacional considerou a eleição de Israel por parte de Deus como uma rejeição de todos os outros. Sua intolerância religiosa estava mesclada com a falta de piedade para com os pagãos. Seu espírito legalista tendia mais para a vingança do que para a graça. Seu temperamento desleal tornou-o obstinado e desobediente”. O Dr. Kitto, cujos escritos já citamos com gratidão várias vezes neste curso bíblico, chegou a afirmar: “Não se pode amar esse Jonas nem pensar bem dele. Parece não podermos reconhecer nele aqueles sinais de graça que esperamos ver adornando os servos escolhidos de Deus. Vale a pena lembrar que não conhecemos completamente o caráter de Jonas, mas apenas parte dele, exacerbado por influências raras e extraordinárias. Todavia, é preciso confessar que existe uma homogeneidade tão penetrante em *todos* os traços que aparecem em sua história, a sugerir que vejamos nele seu caráter real e natural — um caráter sem dúvida sincero, bom e aberto ao arrependimento, mas habitualmente irascível e taciturno, tendente em circunstâncias de agitação, a ver as coisas em seus piores e mais sombrios aspectos”.

Em face de tais palavras, só podemos protestar que o pobre Jonas certamente é a personalidade menos entendida da Bíblia. Se tais eram de fato o espírito e o temperamento desse homem, então, longe de simplesmente precisar ser corrigido nesse ou naquele ponto, ele não servia para o ministério profético nem para a liderança espiritual. Em certas ocasiões, Deus pode fazer e realmente faz uso de vasos estranhos; mas que Deus apoiasse, através de anos de ministério profético

inspirado, um homem, como se diz aqui que Jonas foi, certamente é difícil de acreditar.

Ora, essa idéia usual sobre Jonas se deve principalmente a um mal-entendido quanto ao motivo de sua fuga no capítulo 1. As razões geralmente apresentadas para isso são três: 1) o *medo* covarde de ir a Nínive; 2) o *preconceito* fanático contra os gentios e 3) o *zelo* egoísta por seu próprio prestígio. Contudo, essas três supostas razões caem por terra após uma simples leitura do capítulo 1. Não foi certamente o *medo* que deteve esse profeta sucessor dos valentes Elias e Eliseu, pois a bordo do navio demonstra absoluto destemor da morte, insistindo ele mesmo com os marinheiros para que o lançassem ao mar! Não foi também *preconceito* contra os gentios, por mais forte que pudesse ter sido seu espírito nacionalista, pois ele demonstra imediata compaixão pelos marinheiros gentios adoradores de ídolos, a ponto de se prontificar a morrer para salvá-los! Nem foi *zelo* egoísta, com receio de que, ao profetizar a destruição de Nínive, que deveria ser evitada mais tarde, viesse a prejudicar a reputação profissional que conquistara na corte de Jeroboão quando previu a expansão de Israel; pois é certamente difícil crer que o profeta decidido a sacrificar não só sua reputação, mas também sua vida pelos marinheiros aflitos obstinadamente colocaria seu próprio prestígio acima dos milhares de vidas da grande Nínive!

Portanto, qual é a verdadeira *razão* por que Jonas fugiu, em vez de transmitir sua mensagem a Nínive? A resposta encontra-se nas próprias palavras de Jonas, em 4.2, juntamente com certas informações que, sabemos, Jonas possuía sobre a Assíria, cuja capital era Nínive. Em 4.2, Jonas diz a Deus: “Por isso me adiantei, fugindo para Társis, pois sabia que és Deus clemente, e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade, e que te arrependes do mal”. Nada poderia ser mais franco que isso! *Jonas não queria que Deus poupasse Nínive.* Além disso, Jonas mostrou-se preparado para perder o direito ao cargo profético, preparado para fugir para o exílio, preparado até para renunciar à vida, em lugar de ver Nínive poupada! Ora, uma abnegação assim deliberada, seguida de tanta franqueza com aquele que, como Jonas bem sabia, podia ler seus motivos mais íntimos, certa-

mente nos persuadirão de que Jonas deve ter tido uma razão bem maior que qualquer pensamento de preservação pessoal, preconceito ou prestígio, para querer deixar Nínive ser condenada; e, na verdade, sabemos que Jonas *realmente* tinha uma razão — razão que transforma seu motivo, de aparente mesquinha em algo tocantemente heróico.

Havia dois fatos terríveis sobre a Assíria que deram a Jonas um temor veemente, receando que o julgamento prometido à sua perversa capital, Nínive, fosse evitado, mediante a compaixão de Deus. Em primeiro lugar, *a Assíria era o poder mundial em ascensão destinado a destruir Israel*; e Jonas sabia disso. Em segundo lugar, a infame irracionalidade dos assírios era tal que os povos circunjacentes tremiam aterrorizados com medo de cair em suas mãos. Sem dúvida alguma, os assírios eram os nazistas alemães daqueles dias. As inscrições nos monumentos assírios, interpretadas para nós pelos arqueólogos, revelam como eles se compraziam em praticar crueldades hediondas contra aqueles que subjugavam.

Referindo-se a esse sombrio testemunho das inscrições assírias, John Urquhart diz: “Nenhuma consideração de piedade podia servir de impedimento aos regulamentos assírios. Não havia condições de ocupar as terras conquistadas, e arquitetaram um plano que dispensava em grande parte a necessidade de deixar guarnições por trás dos exércitos assírios. Para começar, ninguém era poupado na matança. Os reis pareciam exultar maldosamente em suas inscrições sobre o espetáculo apresentado no campo de batalha. Eles descrevem como o campo ficava coberto pelos corpos dos vencidos. Essa carnificina era seguida de castigos cruéis sobre as cidades individualmente. Os chefes, como em Laquis quando Senaqueribe conquistou essa cidade, eram arrastados, entregues aos carrascos e submetidos a várias punições, todos eles paralisados de horror. Algumas das vítimas eram presas evitando-se que se levantassem, enquanto um indivíduo de um grupo de torturadores, os quais são retratados nos monumentos deleitando-se satanicamente em sua tarefa, enfiava a mão na boca da vítima, agarra-lhe a língua e a arrancava pela raiz. Em outro lugar, estacas eram pregadas no solo. Nelas, os pulsos de outra vítima eram presos com cordas. Seus tornozelos também eram presos, e o homem ficava

esticado, incapaz de mover um só músculo. O executor aplicava-se então à sua tarefa. Começando no lugar costureiro, a faca afiada fazia sua incisão, e a pele era levantada centímetro por centímetro até que o homem fosse esfolado vivo. Tais peles eram depois esticadas nos muros da cidade, ou então dispostas de algum outro modo a fim de amedrontar o povo e deixar impressões duradouras da vingança dos assírios. Para outros, longos postes aguçados eram preparados. O sofredor, tomado como o restante dentre os líderes da cidade, era posto no chão. A ponta aguda da estaca era enfiada na parte inferior do peito, e levantavam então a estaca com a vítima contorcendo-se em dores; era colocada no buraco cavado com esse propósito, e o homem ficava ali até morrer”.

O Prof. Sayce diz: “As barbaridades que se seguiam à captura de uma cidade seriam quase inacreditáveis, não fossem motivo de vanglória nas inscrições que as registram. As crueldades de Assurbanipal eram especialmente revoltantes. Pirâmides de crânios humanos marcavam o caminho do conquistador; meninos e meninas eram queimados vivos ou reservados para um destino ainda pior; homens eram empalados, esfolados vivos, privados da visão ou privados de mãos e pés, de orelhas e narizes, enquanto as mulheres e as crianças eram levadas cativas; a cidade capturada era saqueada e reduzida a cinzas e as árvores das vizinhanças eram cortadas”. Isso não é tudo sobre a horrível obsessão dos assírios por sangue e vingança; mas preferimos parar aqui.

Todo homem em Israel tinha conhecimento dessas coisas. Jonas com certeza sabia, pois vinha de uma cidade da fronteira e talvez tivesse testemunhado as selvagerias dos assírios em ataques às fronteiras. Vejamos como Naum expressa o pensamento dos profetas hebreus sobre Nínive, a cidade que representava a Assíria: “Ai da cidade sangüinária, toda cheia de mentiras e de roubo, e que não solta a sua presa [...] multidão de traspassados, massa de cadáveres, mortos sem fim; tropeça gente sobre os mortos. Tudo isso por causa da grande prostituição da bela e encantadora meretriz, da mestra de feitiçarias, que vendia os povos com a sua prostituição e as gentes com as suas feitiçarias” (Na 3.1-4); “O leão [Nínive, representando a Assíria] arre-

batava o bastante para os seus cachorros, estrangulava a presa para as suas leas e enchia de vítimas as suas cavernas, e os seus covis de rapina” (Na 2.12); “todos os que ouvirem a tua fama [isto é, as notícias da destruição de Nínive] baterão palmas sobre ti; porque, sobre quem não passou continuamente a tua maldade?” (Na 3.19). Nenhum resquício de piedade mistura-se ao prazer de Naum por causa da destruição de Nínive e da matança dos assírios. *Ele* tinha o mesmo sentimento que *Jonas* quanto a isso!

Ora, além de conhecer perfeitamente a pavorosa selvageria dos assírios, Jonas sabia que a Assíria era a nação predestinada para destruir sua própria amada terra e seu povo. Durante alguns anos antes do ministério de Jonas, a Assíria estivera levantando-se como a potência mundial dominante, e já havia começado a conquistar as nações da costa do Mediterrâneo. Os profetas hebreus foram conscientizados do que aconteceria assim que a Assíria tomasse as rédeas. Vinte ou trinta anos, ou mais, antes do acontecimento em questão, Isaías predisse como a Assíria despojaria Israel (7.17 etc.); e Oséias, logo depois de Jonas, profetiza o mesmo (9.3; 10.6, 7; 11.5). Amós, cujo ministério possivelmente se sobrepôs ao final do de Jonas, fala do juízo que Deus logo enviaria, não apenas sobre Israel, mas também sobre as nações vizinhas, e acrescenta: “Certamente o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas” (3.7). Sim, Jonas conhecia o papel amargo que a Assíria desempenharia; e, quando o quase inacreditável anúncio divino chegou até ele de que Nínive seria destruída dentro de 40 dias, seu coração deve ter pulado com uma repentina sensação de alívio. Jamais recebera notícias melhores! Pois não devemos esquecer que, além de profeta, ele era um homem, e um homem de Israel, um patriota ardente que amava sua terra natal e se preocupava como um pastor com seus compatriotas amados mas desviados. O que ele não teria feito ou dado pela salvação deles? Com que emoção deve ter refletido sobre a ordem divina: “Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até mim”! Então a taça de Nínive estava cheia. O grande Juiz dera a sentença; e se Nínive perecesse — que alegria só de pensar — Israel estaria salvo! Jonas só temia uma coisa

— o Senhor era Deus misericordioso e, se Nínive clamasse a ele, mesmo na undécima hora, a Assíria talvez seria poupada e então Israel pereceria. Ah, se ele pudesse estar certo de que Nínive não seria poupada! Mas como isso poderia acontecer? Bem, havia um meio — ele poderia deixar de advertir Nínive! Assim ela teria de colher o que sua perversidade plantara.

Jonas precisava fazer agora uma escolha extremamente difícil em sua vida. Deveria decidir entre receber sobre sua pessoa a vingança divina pela desobediência e salvar assim Israel; ou então ir a Nínive e talvez causar a salvação da cidade, o que resultaria na ruína de Israel. Sua agonia mental o leva à fuga, em vez de se arriscar a transmitir a mensagem. Ele se sacrificaria a fim de que Israel pudesse ser salvo; pois, se tivesse de ser feita uma escolha sobre qual não seria poupado, Nínive ou Israel, que fosse então a perversa Nínive!

Aqueles que exporiam Jonas ao ridículo como um fanático mesquinho devem refletir sobre essas coisas. Devem colocar-se na posição de Jonas. Não, mais ainda, vamos colocar Jonas no lugar que é seu por direito — com Moisés, que orou: “Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste” (Êx 32.32); e com Paulo, que disse: “... porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne” (Rm 9.3). Sim, é exatamente aí que Jonas deve ficar. Deus sabia o motivo de seu servo, e foi certamente por isso que o preservou e restaurou; eis também a razão por que Jonas mais tarde pôde expressar-se com franqueza tão intensa diante de Deus. Vamos admirar a abnegação de Jonas e concordar com seu motivo, embora ainda devam condenar sua desobediência a Deus. Seu modo de pensar continha o espírito daquelas famosas palavras: “Quem morre se a Inglaterra viver? Quem vive se a Inglaterra morrer?”. Alguém disse muito bem que “com um patriotismo não menos profundo e uma consciência ardente de tudo o que a preservação da nação eleita significava para o cumprimento das promessas divinas feitas aos pais em seu coração, na crise de sua renúncia Jonas talvez tenha dito: “Quem morre se Israel viver? Quem vive se Israel morrer? Que im-

porta se eu perecer?”. Jonas tinha verdadeiramente o espírito dos mártires.

Deve ficar claramente entendido também que, quando “Jonas se dispôs, mas para fugir *da presença do SENHOR* para Társis”, ele com toda certeza não pensou que poderia ir a algum lugar onde Deus não estivesse! Absolutamente não; sua fuga da “*presença do SENHOR*” era a renúncia de sua posição de profeta diante do Senhor, como veremos mais tarde.

Jonas conhecia muito bem a onipresença de Deus. Sabia que não tinha condições de escapar dele; mas estava disposto a suportar a vingança inevitável do céu, se fosse para salvar Israel. Sim — se fosse para saber Israel — foi *por isso* que Jonas fugiu! Jamais acusemos Jonas novamente de fanático obstinado, ou de covarde, preocupado apenas em salvar sua própria pele. Ele se destaca com singularidade como o profeta-*patriota* de Israel; e seu motivo é tocantemente heróico, embora no episódio de Nínive isso o leva a uma lamentável desobediência à sua comissão divina.

Creio ter notado mais de uma vez que aqueles que criticam Jonas por sua suposta estreiteza ou mesquinhez de espírito demonstraram o mesmo tipo de mentalidade, mesmo sem suspeitar de sua presença neles mesmos. Lembro-me de um cristão reto que nos advertiu seriamente sobre a evangelização e a educação aceleradas demais dos negros, que poderiam apressar uma grave crise entre negros e brancos, devendo ser, portanto, moderadas! Lembro-me de outro que afirmou que um esclarecimento similar seria prejudicial para a retenção da Índia no império britânico! E outro ainda me vem à mente, um indivíduo que disse não estar disposto a ajudar crianças alemãs órfãs por causa das atrocidades cometidas por seu país na II Guerra Mundial!

É possível compreender a tendência humana para tais sentimentos em circunstâncias agravantes, e é de fato sinistramente patético o modo como os nobres críticos de Jonas conseguem ser ainda piores “Jonas” sem suspeitar disso. Tais atitudes, porém, não devem ser toleradas, seja em nós mesmos, seja em outros. Não devemos permitir que tais insignificâncias veementes interfiram entre nós e a vontade da

graça de Deus para com outros a quem ele nos envia com a mensagem de seu amor redentor em Cristo.

Aquele evangelista corajoso D. L. Moody, descreveu a cena naquela encosta da montanha, quando o Senhor Jesus ressurreto comissionou seus primeiros discípulos para que saíssem pelo mundo inteiro e pregassem o evangelho a toda criatura. Moody descreve o enorme espanto de Pedro quando ele pergunta a Jesus se deveria ir até mesmo àqueles que pregaram os cravos em suas mãos. Pedro pergunta de novo se devem ir ao homem que cravara a lança no lado do Mestre, e Jesus responde: “Sim, diga-lhe que existe um caminho melhor para o meu coração do que esse”. Esses primeiros discípulos passaram então a ter a mesma compaixão de seu Mestre. Seu Espírito veio sobre eles e derrubou todas suas pequenas barreiras humanas.

Aquilo de que Jonas precisava, e o de que todos nós precisamos, se quisermos ser verdadeiros servos e mensageiros do Senhor, é firmar nossas mentes e sentimentos no grande e amplo fluxo de compaixão divina por homens e mulheres pecadores, sofredores, lutadores e entristecidos, a fim de que todas as considerações menores sejam postas de lado. Os Jonas de Deus devem ir até mesmo a Nínive.

JONAS (3)

Lição Nº 94

NOTA: Para este novo estudo sobre Jonas, leia mais uma vez a história inteira, notando cuidadosamente as palavras na oração de Jonas e os comentários sobre Nínive.

O livro de Jonas [...] que, de qualquer forma, é anterior ao fechamento do Cânon profético, contém uma oração de Jonas (2.2-10), como se sabe, baseada em passagens extraídas de diferentes partes do Saltério. Isso implica certo agrupamento desses salmos.

JAMES ORR,
Doutor em Teologia.

Deus se move de maneira misteriosa
A fim de realizar seus prodígios;
Ele coloca seus passos no mar,
E cavalga sobre a tempestade.

WILLIAM COWPER

JONAS (3)

NESTA terceira parte sobre o livro de Jonas, estudaremos os três primeiros capítulos, reservando nossa quarta e última lição para o último capítulo e para a mensagem final do livro.

Jonas e a tempestade

No capítulo 1, vemos Jonas em meio à tempestade no mar. A tempestade veio *por causa* dele — por ter fugido “da presença do SENHOR”. Três vezes nos dez primeiros versículos lemos que a fuga de Jonas foi “da presença do SENHOR”. Essas palavras nunca tiveram o propósito de insinuar que Jonas julgava ser possível ir para um lugar onde Deus não se encontrasse! Claro que não, pois o próprio Jonas diz aos marinheiros: “Sou hebreu, e temo ao SENHOR, o Deus do céu, que fez o mar e a terra” (1.9). Muito antes dos dias de Jonas, Davi escrevera: “Se subo aos céus, lá está; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá está também; se tomo as asas da alvorada [o ponto mais oriental] e me detenho nos confins dos mares [o ponto mais ocidental] — para onde Jonas agora se dirigia; ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá” (SI 139.8, 9). Aliás, os 24 versos desse sublime salmo 139, com quatro estrofes de seis versos cada, são dedicados sucessivamente à onisciência, à onipresença e à onipotência de Deus, e a seguir vem a reação cheia de reverência do salmista a esses infinitos atributos divinos. Esse salmo, para não mencionar outros escritos similares das penas inspiradas de Israel, estava, naturalmente, no poder de Jonas. A linguagem de sua oração no interior do grande peixe mostra como ele se achava familiarizado com os escritos de sua nação. De fato, desde os dias em que Israel foi constituída nação, sob a liderança de Moisés, o povo hebreu acreditava na onipresença do Senhor, como o Deus dos deuses. Não, Jonas certa-

mente não estava imaginando a possibilidade de navegar para além do alcance de Deus!

Essa expressão, “da presença do SENHOR”, deve ser interpretada de acordo com as palavras de Elias e de Eliseu — “Tão certo como vive o SENHOR, *em cuja presença estou*” — e com palavras como as ditas aos sacerdotes em 2 Crônicas 29.11: “... o SENHOR vos escolheu *para estardes diante dele*”. Quando Jonas “se dispôs, mas para fugir da presença do SENHOR para Társis”, ele estava voluntariamente renunciando o cargo profético e a posição profética diante do Senhor. Este é sem dúvida o significado de tais palavras, devendo ser claramente entendido.

Jonas *sabia* que a tempestade fora enviada por sua causa. Ele explicou isso aos marinheiros (1.12). Mesmo antes dessa explicação, porém, marinheiros já sentiam que havia algo incomum no acontecimento, pois recorreram ao lançamento de sortes para descobrir quem era o culpado (1.7). O fato de Jonas ter sido encontrado dormindo mostra seu absoluto cansaço depois de noites de cogitação insone seguida de sua fuga apressada para o navio.

Note os versículos 9 e 10. Jonas *já* havia contado aos marinheiros que fugira “da presença do SENHOR”. Mas agora, ao compreenderem a grandeza do Senhor a partir das próprias palavras de Jonas, eles ficam cheios de temor por terem um de seus profetas — e desobediente — a bordo de seu barco. Compreendendo perfeitamente agora quem era Jonas, eles tentam ao máximo poupá-lo (como vemos nos versículos 12 e 13), mas sem sucesso. Por fim — tente imaginar a cena — eles relutantemente o atiram, sem resistência, do navio para a fúria espumante das águas; e eis que de maneira surpreendente a tempestade de imediato se acalma por completo! Não nos espanta ler no versículo 16 que aqueles homens assombrados “temeram, pois [...] em extremo ao SENHOR; e ofereceram sacrifícios ao SENHOR, e fizeram votos”.

Pode-se imaginar o que aqueles marinheiros fizeram depois de sua terrível experiência. Não poderiam certamente ter prosseguido viagem, pois toda a carga fora lançada ao mar (1.5) e provavelmente seu barco ficara danificado (1.4). Eles provavelmente voltariam a Jope, a fim de contar o ocorrido e providenciar novos preparativos. E como seria

estranho o relato que levavam de volta! Ficamos imaginando se eles não viram o peixe aparecer e Jonas entrar em sua enorme boca. Não se pode deixar de pensar também quão depressa e até que ponto a história se espalhou — talvez chegasse a Nínive, antes mesmo de Jonas ir para lá!

Jonas e o peixe

Estamos agora no capítulo 2. Entendamos muito bem que o fato de Jonas ter sido engolido pelo “monstro marinho” não foi um ato de punição, mas de preservação. Isso, talvez mais do que tudo, confirma a crença de que o *motivo* da fuga de Jonas era, como dissemos, a razão superior da salvação de Israel.

Observe os seguintes aspectos da oração de Jonas no interior do grande peixe. Não se trata de um pedido de libertação. Jonas sabia que já estava sendo libertado. Sua oração é na verdade um salmo de louvor, um “Te Deum”, uma “doxologia”. Conheço um homem que certa vez cantou a “doxologia” com a cabeça num barril vazio de farinha, como uma expressão de fé de que Deus enviaria novo suprimento de farinha! Mas a novidade de cantar uma doxologia com a cabeça — e todo o resto de seu corpo — dentro de um grande peixe, em meio ao oceano, absolutamente não tem comparação!

A oração de Jonas não contém uma palavra sequer de petição. Ela consiste de ação de graças (vv. 2-6), contrição (vv. 7, 8) e renovada dedicação (v. 9). Dentro daquele peixe, Jonas compreendeu de modo novo o amor e o cuidado maravilhosos de seu Deus. Ele aprendeu, como nunca antes, que por baixo dele e a seu redor estavam os “braços eternos” do Senhor. Foi ali, também, que passou a compreender com vividez a loucura e a inutilidade da desobediência a Deus; pois ele disse: “Os que se entregam à idolatria vã, abandonam aquele que lhes é misericordioso” (2.8) (censurando a si mesmo com essas palavras, por seu subterfúgio obstinado). Mais ainda, foi ali, naquele peixe, que Jonas reconciliou-se com Deus, ao afirmar: “o que votei pagarei”; enquanto sua palavra final foi: “Ao SENHOR pertence a salvação”.

Depois disso, o peixe lançou fora sua carga incomum, sã e salva, em um “porto” anônimo.

Jonas e a cidade

O mais notável de todos talvez seja o capítulo 3, que narra detalhadamente o arrependimento de Nínive. O tamanho desse milagre moral pode-se julgar pelo tamanho da cidade. Três vezes Deus chama Nínive de “*grande* cidade”. Nesse terceiro capítulo, lemos também que “Nínive era cidade *muito importante* diante de Deus, e de três dias para percorrê-la”. A seguir, no último versículo do último capítulo, ela é mencionada como tendo “mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais”.

Pense agora como a cidade era grande. O Prof. C. F. Keil, em seu livro *Archaeology of the Old Testament*, diz: “A conclusão a que descobertas recentes nos levam é que o nome de Nínive foi usado em dois sentidos: em primeiro lugar, para uma cidade em particular, e, em segundo, para um complexo de quatro grandes cidades antigas (dentre os quais a própria Nínive), cujos fossos ainda podem ser percebidos [...] cujos morros cobrem a terra”. Os nomes dessas quatro cidades que integravam o vasto quadrilátero de Nínive são Ninrude, Kuyunjik, Khorsabad e Keramles. Para circundá-las, seria necessário percorrer uma distância de 97 km. Segundo a antiga contagem de 32 km por dia, isso representaria uma jornada “de três dias”.

Essa descrição quadrangular da antiga Nínive é confirmada por Diodoro Siculus, o famoso historiador siciliano, contemporâneo de Júlio César. Ele declara que se tratava de um quadrilátero de 150 estádios de comprimento, 90 de largura e 480 de circunferência. Assim, era um paralelogramo, tendo os lados maiores 58 km, e os menores, 38 km; sendo a circunferência de 97 km aproximadamente. Os muros tinham 30,5 m de altura, sendo tão largos que três carros podiam andar lado a lado sobre eles. Eram fortificados com 1 500 torres, cada uma de 61 m de altura. Com base numa análise trigonométrica da loca-

lidade, a área total da metrópole assíria foi computada em 875 km quadrados, o que é cerca de 32 km a mais do que a atual Londres!

Deve-se compreender, naturalmente que a grande Nínive incluía vastos jardins, chácaras e até mesmo pastagens e campos cultivados. Isso não nos surpreende. As grandes cidades muradas da Babilônia parecem ter incluído amplos espaços para a agricultura e a pastagem, a fim de que, no caso de um longo cerco, eles pudessem manter-se independentes. Esse fato explica a menção de “muitos animais” em Nínive (4.11). Os críticos modernistas sorriram com superioridade frente a esse lapso dos “muitos animais”, mas hoje o especialista *realmente* moderno, com a prova da arqueologia em mãos, pode rir da ignorância presunçosa dos críticos!

Com base na referência bíblica sobre o grande número de crianças em Nínive, a saber, as “mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda” (4.11), no tamanho do lugar e num maior conhecimento dessas grandes cidades antigas, a população de Nínive é calculada em cerca de um milhão, provavelmente mais, e certamente “não menos de 600 000”. Assim, pode-se ver que Nínive era na verdade “uma cidade mui importante”.

Será possível acreditar, portanto, que todos naquela vasta e populosa metrópole se arrependeram, com um arrependimento imediato e sincero, mediante a pregação desse profeta solitário de Israel? Mais uma vez os críticos tiveram oportunidade de rir-se, mas novamente as probabilidades estão contra eles. *Podemos* crer no fato, e por várias razões.

Devemos ter sempre o cuidado de não ler nas Escrituras o que ali não se encontra: todavia, há espaço, repetidamente, para uma legítima “leitura nas entrelinhas”, visto que a Bíblia com freqüência condensa muito em pouco espaço. Por exemplo, nesse mesmo capítulo nos é dito simplesmente que as palavras de Jonas a Nínive foram: “Ainda quarenta dias, e Nínive será subvertida” (3.4). Contudo, ele obviamente não ficou repetindo isso sem alterações ou sem acrescentar uma única palavra de explicação ou ampliação. Quem lhe dera essa mensagem? Qual era sua autoridade? Quem era ele? Seria ele um

profeta de mente sadia e real? Ou seria um fanático desequilibrado? E se havia na verdade uma mensagem do Deus dos deuses, o que Nínive teria de fazer para apaziguá-lo? Jonas lhes contaria com bastante simplicidade como a mensagem divina lhe fora dada e *por que* Nínive seria destruída. Ele talvez lhes contasse também sua fuga desobediente, sua preservação milagrosa e sua nova comissão para advertir Nínive. Certamente, não é preciso muita imaginação para visualizar os ninivitas, a princípio apenas curiosos, depois sérios e finalmente perturbados, cobrindo Jonas de perguntas e, pelo menos, obtendo respostas sinceras para algumas delas. Sem dúvida, não pode ter havido menos que isso, a não ser que privemos a história de toda a naturalidade. Todavia, essas coisas não são declaradas tão explicitamente.

Ora, a pista mais importante para a razão pela qual o aparecimento de Jonas e sua pregação em Nínive criaram tanta agitação é encontrada no Novo Testamento, nas palavras de nosso Senhor: “Esta é a geração perversa! Pede *sinal*; mas nenhum *sinal* lhe será dado, senão o de Jonas. Porque assim como Jonas foi *sinal* para os ninivitas, o Filho do homem o será para esta geração” (Lc 11.29, 30). Grifamos aqui a palavra “sinal”. Jonas foi um *sinal* para os ninivitas da antigüidade, mediante sua experiência milagrosa no grande peixe. Mas uma pergunta logo se suscita: como Jonas podia ser um sinal para eles se os ninivitas *não sabiam* da experiência dele? E, se não tivessem recebido outra prova a esse respeito além da palavra do próprio Jonas, teriam dado crédito?

Vamos fazer agora um pequeno estudo das “entrelinhas”. Nossos pensamentos voltam-se para o capítulo 1, para os marinheiros. Quando Jonas reservou um lugar naquele barco, certas perguntas lhe seriam feitas. Já notamos (1.10) que antes mesmo da tempestade Jonas lhes declarara que “fugia da presença do SENHOR”, mas *poderia* ele ter dado essa explicação extraordinária sem lhes contar pelo menos o *motivo* de sua fuga? Naquela ocasião, o Senhor era apenas um “deus” de ouvir dizer para aqueles marinheiros gentios, e o que Jonas poderia ter dito a eles sobre a mensagem para Nínive talvez nada significasse. Contudo, quando aquela tempestade incomum abateu-se sobre eles e

ficaram sabendo da grandeza onipresente do Senhor, e quando o desaparecimento de Jonas provocou aquela calma igualmente misteriosa, quais seriam os pensamentos deles? Sua carga fora lançada ao mar (1.5). Seu navio estava a ponto de se despedaçar (1.4). O que lhes restava fazer, senão voltar ao porto? E que história teriam para contar! O comércio assírio era intenso ao longo daquela região costeira. Uma das mais surpreendentes revelações das recentes descobertas arqueológicas é sobre o movimento e o tráfico realizados a longas distâncias nesses dias de que estamos tratando. Como o episódio de Jonas teria despertado enorme interesse para aqueles que chegavam e saíam de Nínive!

Quais seriam, porém, os sentimentos de todos, quando o Jonas supostamente afogado apareceu e narrou sua experiência inigualável, anunciando seu propósito de seguir então para Nínive! Não poderia ser diferente: essa história fenomenal alcançaria Nínive antes da chegada de Jonas!

Desse modo, sem necessidade de recorrer a uma explicação como a de que a experiência de Jonas na “baleia” tivesse talvez feito com que ele ficasse com uma aparência descorada(!), podemos imaginar muito bem que “sinal” espantoso e solene ele seria para os atônitos ninivitas.

Por estranho que pareça, também, parece que a missão de Jonas a Nínive coincidiu com um período em que o medo de alguma calamidade iminente estava oculto ali em muitos corações. Embora a Assíria estivesse a caminho de se tornar a orgulhosa e cruel senhora das nações, houve um período em que ela sofreu reveses e declínio temporário, parecendo que uma calamidade maior talvez estivesse a caminho. Nessa época, como o Prof. Rawlinson mencionou, a Babilônia recusou-se a continuar submissa. Israel, Judá e Síria deixaram de pagar seus tributos. Jeroboão, rei de Israel, como vimos, recuperou e anexou vários territórios. Outras revoltas abalaram o domínio da Assíria e diminuíram suas fronteiras. Aos poucos, a hora da Assíria parecia estar chegando. O clamor súbito de Jonas fez-se ouvir no momento mais crucial. Foi como uma fagulha na lenha seca, ou como o passar da foice quando a colheita estava pronta. Os corações dos milhares de ninivitas curvaram-se como o coração de um só homem.

Não há também dificuldade alguma em acreditar que o rei e os nobres encabeçaram o luto de Nínive pelo pecado, e que um jejum geral foi proclamado por ordem real. Pois, como diz o Prof. Sayce: “Um jejum assim foi ordenado por Esardom II, quando o inimigo do norte estava reunindo-se contra o império assírio e orações foram elevadas ao deus-sol para ‘remover o pecado’ do rei e de seu povo”. Nem há dificuldade alguma para crer que os animais foram incluídos no edito, pois outros casos desse tipo ocorreram, como o historiador grego Heródoto nos mostrou.

Não, não existe uma razão real para não acreditarmos que o arrependimento de Nínive teve lugar como descrito no livro de Jonas. Ele é exatamente como *poderia* ter acontecido, e o fato de que *realmente* aconteceu fica firmado pelas palavras do próprio Cristo: “Os ninivitas [...] se arrependeram com a pregação de Jonas” (Mt 12.41). Vimos que não é possível desprezar as palavras de Jesus sobre Jonas e Nínive. Aqueles que não se curvarem perante a clara palavra de Cristo não devem ousar dar-se o nome de cristãos.

Como posso chamá-lo Senhor, mas na realidade
Divergir daquele que disse: “Eu sou a Verdade”,
E oferecer a ele esse estranho desrespeito
De preferir muito mais meu próprio intelecto?

JONAS (4)

Lição Nº 95

NOTA: Para este estudo final de Jonas, leia de novo toda a história, mas concentrando-se especialmente no último capítulo.

Ache-se um viajante a ponto de naufragar em alguma costa desconhecida, e assim orará com a maior devoção para que a pregação do missionário possa ter chegado até ali...

CHARLES DARWIN

Não creio que ao homem seja dado ter pensamentos mais elevados e nobres do que a real verdade das coisas.

SIR OLIVER LODGE

Pois o amor de Deus é vasto,
Mais que a mente do mortal;
Mui maravilhoso e meigo
É o coração do Eternal.

F. W. FABER

JONAS (4)

VIMOS que esse pequeno livro de Jonas tem quatro desdobramentos: capítulo 1, Jonas e a *tempestade*; capítulo 2, Jonas e o *peixe*; capítulo 3, Jonas e a *cidade* e capítulo 4, Jonas e o *Senhor*. Nesta nossa última reflexão sobre o livro, estamos no capítulo 4. Vamos refletir brevemente sobre esse capítulo e depois fazer duas ou três observações finais sobre Jonas, antes de passar para o próximo profeta de Israel.

Jonas e o Senhor

O capítulo 4 dá-nos a mensagem suprema do livro. Ela pode ser expressa em poucas palavras, mas é de uma ternura contagiante. O capítulo é um diálogo entre Jonas e o Senhor.

Jonas apresenta uma figura triste; contudo, se quisermos avaliar corretamente sua atitude, devemos compreender a profunda identidade de interesses que existia entre ele e sua nação. Seu patriotismo religioso era tão veemente que todo e qualquer interesse pessoal desaparecia diante de sua profunda preocupação com Israel. Os capítulos anteriores já tornaram isso claro para nós. Afirmamos que o motivo da fuga de Jonas, para não advertir Nínive, não representava um preconceito antigentílico, mas o sublime motivo da preocupação pela salvação de Israel. Gostaríamos de ressaltar novamente esse aspecto. Todavia, estamos profundamente conscientes também de que, embora a mente de Jonas talvez não tivesse sido prejudicada pelo verdadeiro preconceito, sua própria percepção dos privilégios divinos conferidos a Israel pode tê-lo levado a considerar os outros povos um tanto inferiores. Um erro tão grave assim precisava ser corrigido, e nesse quarto capítulo vemos a paciência condescendente com que é feita essa correção.

Observe os versículos 1, 2 e 3. Jonas não ficou apenas “desgostoso” e “irado”, mas sua angústia diante do futuro sombrio de Israel, visto

que Nínive seria poupada, domina-o de tal forma que ele ora para que sua vida lhe seja tirada. O Senhor o censura ternamente com a pergunta: “É razoável essa tua ira?” (v. 4). Depois disso, pensando que talvez ainda houvesse um raio de esperança, Jonas “saiu da cidade, e assentou-se ao oriente da mesma e ali fez uma enramada, e repousou debaixo dela, à sombra, *até ver o que aconteceria à cidade*” (v. 5). O Senhor arrazoou ali paciente e ternamente com seu servo extenuado, mediante três coisas “preparadas”: uma planta, um verme e um vento.

Primeiramente, Deus fez “nascer uma *planta*, que subiu por cima de Jonas, para que fizesse sombra sobre sua cabeça, a fim de o livrar do seu desconforto”. Foi observado muito bem que “a ternura no coração de Deus não se manifesta apenas em sua compaixão pelos pecadores arrependidos, mas também em sua paciência com os santos descontentes”. A palavra hebraica traduzida aqui por “planta” foi julgada por alguns como uma referência ao rícino (mamona), que, dadas as folhas largas, em forma de palma, forneceria uma sombra reconfortante que Jonas apreciaria. O Dr. W. M. Thomson, porém, em seu livro *The Land and the Book*, apresenta forte objeção nesse sentido. “Os orientais jamais sonhariam em plantar um pé de mamona sobre uma tenda ou para fazer sombra”, diz ele, “e não respeitariam quem o fizesse. Ela não se adapta de modo algum a esse propósito, enquanto milhares de árvores ficam cobertas de diversas trepadeiras da família das cucurbitáceas”. Isso é tudo o que se pode falar sobre o assunto. Contudo, qualquer que tenha sido a planta da família do cabaceiro, seu crescimento foi milagrosamente acelerado, pois ela “numa noite nasceu” (v. 10), e foi assim “preparada” para quando o sol quente voltasse a brilhar no céu. Ela formaria uma fresca cortina ao redor da enramada de Jonas, e não ficamos surpresos ao ler que “Jonas se alegrou em extremo por causa da planta”.

Na madrugada seguinte, porém, Deus também “preparou” um *verme*, “o qual feriu a planta, e esta se secou” (v. 7). Podia ter sido um único verme que perfurou o tronco principal da planta, fazendo-a murchar por inteiro, ou então coletivamente, um *enxame* desses vermes ou lagartas que em pouco tempo despojaram a planta de todas suas folhas — acontecimento bastante comum em muitas localidades

orientais, onde uma noite quente e úmida produz um exército dessas lagartas. Jonas ficou então exposto ao sol novamente.

Deus “preparou” ainda *um vento calmoso oriental*. Até mesmo a palavra “vento” aqui talvez tenda a dar uma impressão errada para aqueles que vivem bem afastados dos trópicos. Um “vento” num dia quente seria para eles um refrescante bem recebido; mas o vento a que nosso texto se refere era o que podia ser descrito como uma espécie de sopro quente, quase sufocando a terra. O Dr. Thomson nos falou de *siroco*, ou vento quente, carregado de poeira, que experimentou quando viajava de Lydd para Jerusalém. “Não existe um ser vivo sequer para fazer qualquer ruído. Os pássaros ocultam-se nas sombras mais densas; as aves ofegam ao pé dos muros com os bicos abertos e as asas caídas; os rebanhos e manadas abrigam-se em cavernas e sob grandes rochas; os trabalhadores saem dos campos, fechando as janelas e portas de suas casas e os viajantes apressam-se, como eu, para refugiar-se no primeiro lugar fresco que possam encontrar”. A lassidão, a debilidade e o cansaço que tal *siroco* provoca são fáceis de imaginar. O pobre Jonas, desanimado com a idéia do futuro negro de Israel, agora que Nínive seria poupada, inadequadamente exposto aos raios do sol impiedoso e reduzido à mais absoluta lassidão por causa do calor sufocante, desfalece e almeja morrer (v. 8).

Entretanto, ele é despertado pela voz de Deus falando: “É razoável essa tua ira por causa da planta?”. E Jonas responde: “É razoável a minha ira até à morte” (v. 9). Isso ocasiona o magnífico pronunciamento divino com o qual o livro se encerra.

Tornou o SENHOR: Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer; que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muito animais?

Essa é a revelação do coração de Deus para a qual todo o livro se move e para a qual, de fato, foi escrito. Assim sendo, no momento em que chega a esse ponto, o livro termina. Não ficamos sabendo o que

Jonas fez ou disse depois, pois não é ele quem deve perdurar em nossas mentes no final do livro. Somos deixados na presença de Deus, face a face com essa comovente revelação da compaixão divina. Para alguns, o livro parece terminar com estranha brusquidão e inconclusão. Mas porque não perceberam seu único propósito real. Não sentiram o espírito e a finalidade dos escritos bíblicos. Nada nos é dito sem uma finalidade. Tudo tem um objetivo moral e divino. O livro de Jonas não foi escrito apenas para nos contar a história de Jonas como um fim em si mesma. Absolutamente não! A história desse homem e de Nínive nos é narrada por causa daquilo que nos revela a respeito de *Deus*. Eis a razão vital por que foi escrita. Uma vez cumprido esse propósito, o escritor contenta-se em pousar a pena. Ele não pretende acrescentar nada mais, apenas com o intuito de despertar nosso interesse. O Espírito inspirador o orienta, e o Espírito lhe diz onde parar, assim como lhe diz o que escrever.

Refleta, portanto, sobre essa revelação de Deus nos três últimos versículos do livro. Trata-se talvez da antecipação mais terna de João 3.16, da parábola do filho pródigo e da mensagem abrangente do evangelho encontrada no Antigo Testamento. A afetuosa paciência de Deus com o profeta ressentido e seu amoroso cuidado para com os ninivitas, apesar da perversidade deles, apresentam-nos juntos uma expressão singular da compaixão divina. Veja-se aqui a compaixão de Deus para com os pecadores arrependidos, para com as pequeninas crianças inocentes e até para com os animais! “... as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (SI 145.9), diz com acerto o salmista. Ele é tão tardio em castigar quanto rápido em perdoar quando há arrependimento.

Jonas precisava aprender que o favor especial de Deus para com Israel não significava menor amor pelos outros povos. Ele deveria aprender que a eleição divina não é arbitrária, mas serve para o cumprimento de um propósito elevado. Israel não fora escolhido simplesmente por sua própria causa, mas para cumprir um propósito divino, cuja finalidade era a bênção de *todos* os povos. A eleição de uma nação não significava a rejeição de outras! Deus ama *todas* as suas criaturas humanas “sem acepção de pessoas” — sim, até mesmo

os pecadores perversos de Nínive, embora odeie o pecado deles! Com revelações como essa feita a Jonas é que o povo hebreu pôde aprender que o Senhor onipresente tinha um cuidado, um interesse e uma compaixão onipresentes por *todos* os homens e mulheres, meninos e meninas, e até mesmo pelos animais inferiores. Sim, mesmo o próprio Jonas, quase sempre mal-interpretado, ajudou a preparar o caminho para Jesus dizer: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).

Há um aspecto de terno significado que parece ter sido desprezado no paralelo entre a piedade de Jonas pela planta e a piedade de Deus por Nínive. A piedade de Jonas por causa da planta não se devia apenas ao fato de uma coisa bonita e fragrante ter sido arruinada, mas porque a perda da planta significava muito *para ele próprio*. Do mesmo modo, a piedade de Deus em relação aos ninivitas não era só por causa da preciosidade intrínseca deles como almas humanas, mas por significarem muito para *seu próprio coração*. Como a comparação deve ter feito Jonas pensar! E como nos é valioso esse pensamento de que cada um de nós significa muito para o coração do Eterno! E como nos comovemos ao saber que cada homem e mulher, menino e menina, de qualquer raça, região ou cor, significa algo muito terno na mente de Deus! Essa certamente é a inspiração mais profunda de toda atividade missionária no exterior! E essa revelação foi dada para o primeiro missionário enviado de Israel para o estrangeiro! A revelação de Deus no final do livro de Jonas é tal, que até um crítico moderno como o Dr. Arthur Peake é obrigado a dizer: “O fato de que do coração endurecido do judaísmo um livro como esse pudesse ser escrito é nada menos que um milagre da graça divina”; enquanto Cornil, outro crítico moderno, declarou: “Uma das coisas mais profundas e maiores já escritas. Eu gostaria de dizer a quem quer que o leia: ‘... tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa (Êx 3.5)’”. De fato, ao chegarmos a essa palavra final no livro de Jonas, devemos realmente pisar com reverência e adorar, pois aqui o coração de Deus é revelado com especial ternura.

Jonas como tipo

Não devemos terminar esta análise prolongada do livro de Jonas sem notar que, além dos valores espirituais e históricos desse livro, o próprio Jonas tem importância como *tipo*. Isso se pode notar de três maneiras.

Primeiramente, Jonas prefigura tipicamente *a história de seu próprio povo, Israel*. Se observarmos cuidadosamente os movimentos desse homem, veremos toda a nação de Israel movendo-se com ele, assim como a sombra de um homem na parede por trás dele move-se com ele. Como quase sempre acontece, a sombra é muito maior que o próprio homem. Vemos aqui o Jonas *nacional*, a nação hebraica. À medida que Jonas se move, a história de Israel também avança diante de nós. Observe aqui o povo de Israel — desobediente à ordem divina, como Jonas; fora de sua própria terra, como Jonas; encontrando refúgio precário entre os gentios, como Jonas; sendo sempre um problema para os gentios, como Jonas naquele navio; ainda dando testemunho do Deus verdadeiro entre os gentios, como Jonas fez junto aos marinheiros; lançado fora pelos gentios, como Jonas, pelos marinheiros perturbados; ainda milagrosamente preservado em meio às suas calamidades, como Jonas no oceano; clamando finalmente ao Senhor, em arrependimento e renovada dedicação, como aconteceu com Jonas no interior do grande peixe; encontrando salvação e libertação no Senhor Jesus, como Jonas encontrou salvação de outro modo no oceano, concluindo sua oração com as palavras “Ao SENHOR pertence a salvação!” e, no final, tornando-se missionários para as nações gentias (veja Zc 8.13, 20, 23), como Jonas, por fim, tornou-se missionário de Deus para a cidade gentia de Nínive.

Em segundo lugar, Jonas prevê tipicamente *a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo*. O capítulo 1 conta-nos que Jonas ficou dentro do grande peixe “três dias e três noites”. Por que ficou retido durante todo esse tempo? Desde que o peixe servira o propósito de evitar o afogamento, o profeta não poderia ter sido vomitado pelo peixe sem mais demora? Nosso Senhor Jesus fez-nos saber por que Jonas ficou dentro do peixe nesse período. Ele disse: “Porque assim

como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra” (Mt 12.40). Existe uma estranha magnificência no fato de que, centenas de anos antes da encarnação do Senhor, o sepultamento de Jonas no grande peixe fosse dirigido de maneira soberana para tornar-se assim um tipo. Como já dissemos antes, a tipologia latente do Antigo Testamento é uma das credenciais mais impressionantes de sua inspiração divina.

Existem alguns que afirmam que Jonas na verdade morreu dentro do peixe, sendo literalmente ressuscitado, de maneira que o tornasse um tipo completo da ressurreição de nosso Senhor. Forçar isso, porém, não é realmente necessário para que Jonas tipifique a morte e ressurreição de nosso Senhor. De fato, a nosso ver, ele desempenhou o tipo de forma muito verdadeira, permanecendo consciente dentro do peixe, pois na oração de Jonas o interior dele é comparado ao abismo (*Seol*; inferno, no NT), para onde o Senhor foi entre a morte a ressurreição de seu corpo e onde “pregou aos espíritos em prisão” (1 Pe 3.19).

Num estudo anterior, mostramos que os três profetas notáveis que surgiram em rápida sucessão durante o último período antes da destruição do reino das dez tribos, ou seja, Elias, Eliseu e Jonas, são uma espécie de *trio de tipos*. Eliseu morre e é sepultado, mas em sua morte dá a vida a outrem — como nosso Senhor em sua morte dá vida a outros. Jonas, simbolicamente, não apenas morre, mas desce ao abismo e depois retorna para não ver a corrupção — tal como nosso Senhor. Elias sobe aos céus e atira seu manto à terra — como nosso Senhor subiu e enviou o Espírito pentecostal para nós.

Em terceiro lugar, Jonas é um tipo do *próprio Cristo, como mensageiro “sinal” de Deus*. Nosso Senhor Jesus disse: “Assim como Jonas foi um sinal para os ninivitas, o Filho do Homem também o será para esta geração”. Qual o significado de suas palavras? Fornecemos uma resposta esplendidamente formulada a essa questão saída pela pena do Rev. John Urquhart. “Faça um retrospecto desses quase dezenove séculos”, diz ele, “e lerá a resposta. Quando Jonas, tendo-se tornado uma maldição para seu povo, voltou, por assim dizer, dentre os mortos, para quem ele levou a palavra do Senhor? Para Israel? Não;

para a cidade gentílica de Nínive. E ali contemplou o que em vão ansiara e orara para ver entre seu próprio povo — a volta de uma cidade inteira para Deus; os líderes guiando por essa vez na direção certa, e o povo seguindo e buscando a Deus com coração sincero. Quando Cristo voltou do túmulo e a palavra do Senhor foi mais uma vez proclamada, para onde foi levada? Ela foi levada aos gentios. E que aceitação a mensagem teve? A Palavra da Vida, rejeitada por Israel, foi recebida por eles. Era após era, aos judeus se têm deparado esse sinal. Da sepultura do Crucificado surgiu esse poder que domou os bárbaros, mudou os selvagens, purificou e levantou os aviltados sem esperança, trouxe de volta as raças rejeitadas para a fraternidade humana e a todos os que receberam a mensagem deu a nobreza, a percepção espiritual, a compaixão e a pureza dos filhos de Deus. Aquele que disse que os judeus deveriam ter esse sinal leu o futuro. Ele fez uma promessa e, levantando-se do túmulo, manteve-a. Ele provou sua afirmação de ser o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Ele confirmou o livro de Jonas. Ele confirmou todas as Escrituras e para nós essa confirmação é incontestável”.

TENTE AGORA RESPONDER

1. Que referência nos livros *históricos* do Antigo Testamento prova que Jonas foi uma figura real da história?
2. Como essa referência a Jonas nos livros históricos nos guia para o *período* do ministério de Jonas?
3. Como as palavras do Senhor sobre Jonas confirmam indiscutivelmente que Jonas e o que é relatado sobre ele são fatos sem dúvida históricos?
4. Quais são os quatro desdobramentos em que a história de Jonas é estruturada?
5. Qual foi, brevemente, a verdadeira razão para Jonas fugir em lugar de ir para Nínive?
6. Qual o número de crianças em Nínive dado em 4.11, e qual o total da população da cidade inferida a partir disso?
7. Por que Jonas foi um pregador tão convincente para o povo de Nínive?

8. Quais as três coisas “preparadas” que serviram para Deus arazoar com Jonas no capítulo 4?

9. Qual a grande lição ou revelação de Deus para a qual a história se encaminha e com a qual termina?

10. De que forma Jonas é uma figura *típica*?

MIQUÉLAS

Lição Nº 96

NOTA: Leia para este estudo a profecia de Miquéias pelo menos duas vezes em seguida. Depois leia novamente em uma tradução moderna.

Como em qualquer organismo, nenhum membro ou órgão, por menor que seja, pode ser compreendido fora de sua relação com o todo; assim também, nas Escrituras, cada parágrafo e cada oração fazem parte do todo, devendo ser estudados em relação a todo o restante. O texto será esclarecido pelo contexto, ou pelos versículos imediatamente precedentes e subseqüentes. Toda ocorrência e todo pronunciamento devem ser estudados com base naquilo que os cerca. O como, o porquê e o quando uma palavra foi dita ou um ato foi realizado ajuda a explicar, serve de tom local. Os relacionamentos ocultos devem ser traçados como se fossem raízes subterrâneas ou canais secretos.

A. T. PIERSON,
Doutor em Teologia.

MIQUÉIAS

É BOM saber que, na capital da Judéia, há muito tempo, o grande profeta Isaías teve um companheiro confiável e valente defensor da verdade, a saber, Miquéias, “o morastita”. Com as primeiras frases de sua pena, Miquéias nos conta que ele profetizou “nos dias de Jotão, Acáz e Ezequias, reis de Judá”, o que significa que ele e Isaías ministraram na mesma época (compare Is 1.1). Isaías, porém, o mais velho dos dois, não só continuou com Miquéias através desses três reinados, mas começou seu ministério ainda antes, no reinado de Uzias, de forma que já estava defendendo a causa do Senhor por alguns anos quando o manto profético caiu sobre Miquéias. Conquanto Isaías era homem estudado e Miquéias homem do campo, esses dois gigantes da fé sem dúvida consultaram um ao outro a respeito dos emocionantes acontecimentos daqueles dias agitados. Não surpreende, portanto, que certos conceitos, expressões e referências históricas apareçam nos escritos de ambos. É provável que o ministério de Isaías tenha sido mais para as classes superiores, e o de Miquéias, para as inferiores — com as quais, em razão de sua ascendência, suas afinidades estavam mais intimamente ligadas.

O nome hebraico traduzido por “Miquéias” significa “quem é como o Senhor?”. Percebemos um pequeno jogo com essas palavras quando Miquéias termina sua mensagem com a pergunta: “Quem, ó Deus, é semelhante a ti...?” (7.18). Nosso profeta chama-se “morastita”, indicando que vinha de Moresete, um povoado da Judéia, próximo de Gate, na fronteira filistéia (chamado Moresete-Gate em 1.14, isto é, “Território de Gate”). Ele não registra nenhum acontecimento de sua vida. O pouco que podemos saber a seu respeito, então, deve ser deduzido dessa sinopse das pregações dele que chegou até nós como o livro de Miquéias. Pelo menos isto fica claro: ele era um profeta de Judá, sendo Jerusalém o ponto central de seu ministério profético e de sua mensagem (embora ele freqüentemente inclua também Samaria).

Os modernos têm posto em dúvida o sobrescrito de que Miquéias profetizou “nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias”; mas, como já vimos repetidamente, uma parte das Escrituras não pode ser contestada sem envolver outra. Esse é mais um exemplo; pois, em Jeremias 26.18, temos uma confirmação casual mas decisiva desse sobrescrito de Miquéias, juntamente com um notável tributo à sua marcante influência como pregador. Além disso, todas as alusões históricas a Miquéias correspondem a essa época, conforme mostra uma comparação entre 2 Reis e 2 Crônicas. Mas não precisamos nos deter nisso agora.

O livro e sua mensagem

É possível que para o leitor comum o livro não seja muito claro a princípio. Isso em parte se deve a problemas de clareza na tradução. Todavia, o livro se abre compensadoramente para o leitor depois de um pouco mais de paciência. Ninguém que leia esses sete capítulos com cuidado deixa de notar (embora pequenos trechos aqui e ali permaneçam obscuros) que os capítulos de 1 a 3 anunciam o *juízo iminente* por causa do pecado; que os capítulos 4 e 5 caracterizam-se por um animador contraste em relação a isso, fixando o nosso olhar na *bênção final* do povo da aliança e que os dois capítulos restantes consistem em exortações ao *arrependimento* tendo por base a mensagem transmitida. Alguns professores da Bíblia afirmam que a pequena obra consiste em três discursos, cada um iniciado pela palavra “ouvi” (1.2; 3.1; 6.1). Essa é simplesmente uma divisão de acordo com a forma literária, não com o assunto. Se quisermos entender a mensagem do livro como um todo, devemos analisá-la por assunto. E fazendo isso, descobriremos, como acabamos de mostrar, uma mensagem tripla, cuja sequência lógica é clara:

1. DECLARAÇÃO DE JUÍZO IMINENTE (1—3)
2. PROMESSA DE BÊNÇÃO FINAL (4—5)
3. PEDIDO DE ARREPENDIMENTO PRESENTE (6—7)

Os versículos obscuros de Miquéias devem ser lidos numa tradução moderna. É um dos livros mais compensadores quando bem compreendido. O pensamento central é este: JUÍZO PRESENTE, MAS BÊNÇÃO FUTURA. O juízo presente é provocado pela infidelidade de Israel à aliança. A bênção futura deve-se à *fidelidade imutável* do Senhor para com ela. No caso de Miquéias, praticamente não é necessário fazer uma análise mais completa, embora o livro se preste a isso. Em virtude do nosso espaço limitado, em vez disso vamos examinar rapidamente as três partes principais, a fim de esclarecer os versículos que ainda parecem obscuros.

Capítulos de 1 a 3

As “feridas” em 1.9 são o golpe de castigo (como interpreta a Septuaginta). Houvera castigos anteriores, mas o que estava por vir seria “incurável”, isto é, não seria possível recuperar-se dele. A vara do Senhor que infligiria o golpe era a Assíria; e depois que os assírios dominaram o reino do norte (Israel), também invadiram o do sul (Judá), chegando até a própria Jerusalém (veja 2 Rs 18.9—19.37), de modo que Miquéias 1.9 verdadeiramente diz antes do evento: “... o mal chegou até Judá; estendeu-se até à porta do *meu* povo, até Jerusalém”.

Os nomes desconhecidos do versículo 10 ao 16 são nomes de *lugares* da região em que Miquéias foi criado — lugares situados entre os vales amplos e férteis do Sefelá ou entre a cadeia de colinas baixas que fica entre Judá e a planície da Filístia, estendendo-se do oeste de Judá até o Mediterrâneo. Miquéias antevê esses lugares suportando a violência da invasão, que virá do sudeste, pois os assírios atacarão primeiro o Egito (em quem Judá insensatamente confiou) e depois marcharão sobre Judá através da própria cidade de Miquéias. Existe um interessante jogo de palavras com os nomes desses lugares. As palavras de Davi, “não o noticieis em Gate” (em sua elegia para Saul; 2 Sm 1.20), tornaram-se um dito proverbial; e com efeito Miquéias diz aqui (1.1): “Não o anuncieis em Gate”.¹ As palavras “nem choreis”

1. “Não o anuncieis na cidade que anuncia.” “Gate” soa como o hebraico “anunciar”. (N. da T.)

(v. 10) são realmente “não choreis na cidade do choro” (*Acco*). Também no versículo 10, “Afra” é pó, de modo que Miquéias diz: “Revolvei-vos no pó, na Casa do Pó (*Bete-Le-Afra*)”. No versículo 11, “Safir” é “beleza”; portanto, Miquéias diz: “Passa, ó moradora do lugar de Beleza (*Safir*), em vergonhosa nudez”. Também no versículo 11, “Zaanã” é “cidade da Marcha”; e Miquéias diz, então: “... a moradora da cidade da marcha (*Zaanã*) não pode sair”. “*Bete-Ezel*” (v. 11) é “casa do lado”, isto é, “cidade vizinha”; e Miquéias diz que o luto da cidade vizinha será tal que tirará todo “refúgio” ou apoio. “*Marote*” (v. 12) significa amargo, perverso; e Miquéias diz: “porque desceu do SENHOR o mal”. No versículo 13, “*Laquis*” significa “cidade dos cavalos”; e Miquéias diz: “Ata os corcéis ao carro, ó moradora da cidade dos cavalos (*Laquis*)”. No versículo 14, “*Aczibe*” significa engano, mentira; e Miquéias diz: “... as casas da cidade da mentira (*Aczibe*) serão para engano dos reis de Israel”. No versículo 15, a palavra “herdeiro” deveria ser “possuidor” ou “conquistador” — referência aos assírios.²

No capítulo 2, os versículos 6 e 7 podem causar problema. Alguns querem simplificá-los mudando a palavra “profecia” para “tagarelise”³ — em referência aos falsos profetas, porque o termo usado por Miquéias aqui não é o comumente aplicado à profecia. Mas a mesma palavra é usada em outra altura para a verdadeira profecia (em Ezequiel 20.46, por exemplo, onde o Senhor certamente não quis dizer que Ezequiel estava tagarelando ou babujando!). Miquéias 2.6, 7 deve ser entendido como parte do contraste entre os profetas falsos e os verdadeiros. Leia agora 2.6, 7 como segue:

“Não profetizeis” — como eles (os falsos profetas) profetizam — “Que ninguém profetize tais coisas” (como Miquéias fez). “Seus insultos” (lit., ‘vergonhas’) são infundáveis!” (Vem agora a resposta de Miquéias.) — “Deverá isso ser dito (não ‘nomeado’), ó Casa de Jacó? Deverá o Espírito do Senhor ser re-

2. Na ARA, a leitura é a seguinte: “... quem tomará posse de ti”. (N. da T.)

3. Ou *babujar*, como na ARA. (N. da T.)

freado? São essas as suas obras? Minhas palavras não fazem o bem para aquele que anda retamente?”

Capítulos 4 e 5

Como já dissemos, esses dois capítulos descrevem a bênção final do povo da aliança. No capítulo 4, temos o *reino* futuro; no capítulo 5, o *rei* futuro. Foi dado a Miquéias e a outros profetas hebreus, pelo Espírito da inspiração, prever uma alvorada radiante de restauração para além do sombrio anoitecer do castigo. Não lhes foi dado ver todos os processos históricos intermediários. Não discerniram o longo período entre a *primeira* vinda do Messias, como o Servo sofredor que suportaria a maldição da lei, e sua *segunda* vinda, na qualidade de Rei dos reis, para ministrar as bênçãos das alianças abraâmica e davídica. Mas *viram*, sim, a consumação final. Em 1 Pedro 1.11, vemos que eles realmente estudaram seus próprios escritos para verificar “qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava, ao dar de antemão testemunho sobre os sofrimentos referentes a Cristo, e sobre as glórias que os seguiriam”. A presente era da graça e da igreja foi um segredo de Deus não divulgado até os tempos apostólicos (veja Ef 3).

Existe algo muito arrebatador no fato de esses pregadores hebreus de 25 séculos atrás nos estarem contando ainda hoje coisas que estão para acontecer. Um exame imparcial das predições como as de Miquéias 4 e 5 convencerá qualquer mente aberta de que não houve ainda um cumprimento total delas. Elas aguardam a era milenar para sua plena concretização. Consumar-se-ão quando reaparecer o grande Libertador de Israel, o Cristo agora rejeitado. Se pelo menos fossem considerados: esses profetas hebreus têm grande sabedoria e poderoso consolo para oferecer às nações perturbadas de nossos dias. Foram homens corajosos; não esconderiam a vingança e a dispersão terríveis que cairiam sobre seu povo. Todavia, eram homens de coração alegre, pois haviam vislumbrado as alturas brilhantes para além do vale tenebroso; tinham ouvido a canção em meio à tempestade; tinham visto o

sol brilhante de uma nova era por trás das nuvens tempestuosas do juízo e dos complexos enigmas do presente.

E agora, nesse quarto capítulo, note a locução de abertura: “Mas nos últimos dias”. Claramente eleva a passagem de qualquer simples aplicação aos dias do próprio profeta, e aponta para o futuro longínquo. Note também o versículo 2. Outras nações que não Israel estarão no reino messiânico e andarão nos caminhos do Senhor. Isso esclarece em grande parte a aparente dificuldade do versículo 5, que parece contradizer o versículo 2. A leitura deveria ser: *“Todos os povos andam agora, cada um em nome do seu deus; mas andarão no nome do Senhor nosso Deus para todo o sempre”*.

Observe igualmente o forte contraste feito por Miquéias entre a restauração prometida para os *últimos* dias e o juízo iminente em *seus* dias. Do versículo 1 ao 8, ele fala de “nos últimos dias” e “naquele dia” (v. 6); mas veja o versículo 9 — “AGORA, por que tamanho grito” — o versículo 10 — “... porque AGORA sairás [...] até Babilônia” — e o versículo 11: “Acham-se AGORA congregadas muitas nações contra ti”. Veja também 5.1 — “AGORA [...] pôr-se-á sítio contra nós” — e 5.3, onde lemos que o momento de Deus entregar a nação à humilhação é “ATÉ” a vinda de Cristo.

Isto nos leva à notável profecia de Miquéias sobre o lugar do nascimento de Cristo (v. 2). Miquéias e Isaías fazem as duas profecias mais claras sobre a encarnação do Senhor. Isaías prediz seu nascimento da *virgem*. Miquéias fala sobre o *lugar* em que ele nasceu de maneira tão clara que, muito tempo depois, quando os magos perguntaram a Herodes onde o rei dos judeus deveria nascer, os escribas responderam sem hesitar: “Em Belém da Judéia [...] porque assim está escrito por intermédio do profeta” (Mt 2.5). Note que entre a primeira metade de Miquéias 5.3 e a segunda, a era presente intervém, com sua nova dispersão dos judeus — o que não foi dado a Miquéias prever. O restante desse capítulo 5 contempla a era do reino ainda por vir. Note o aspecto duplo de Israel nos versículos 7 e 8 — fresco como o orvalho, forte como o leão! Observe a regeneração de Israel nos versículos de 10 a 14. E veja, no versículo 15, a ira vindoura sobre os povos da terra

que não se arrependem. Este versículo deveria dizer: “Com ira e furor executarei vingança sobre as nações que não obedecem”.

Capítulos 6 e 7

Os dois últimos capítulos de Miquéias são em forma de *colóquio* e, quando lidos assim, adquirem novo interesse. Tudo o que podemos fazer aqui é indicar onde entram os diferentes oradores. Primeiramente, em 6.1, 2 os *montes* são exortados a ouvir, como árbitros majestosos, a “controvérsia” do Senhor. A seguir, do versículo 3 ao 5, o *Senhor* suplica. Nos versículos 6 e 7, *Miquéias* fala, representando os que na nação responderiam adequadamente. No versículo 8, os montes que estavam à escuta irrompem: “Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR pede de ti, senão que pratiques a justiça e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?”. A seguir, do versículo 9 ao 16, o *Senhor* fala ao “homem sábio”, onde quer que ele esteja, na cidade, expondo o pecado da nação e mostrando por que a nação sofreu. Depois, em 7.1-6, a *nação* infeliz é personificada como confessando sua condição perversa. Do versículo 7 ao 10, o “homem sábio” fala de novo. Do versículo 11 ao 13, é o Senhor. No versículo 14, o “homem sábio”. No 15, o Senhor. Finalmente, do versículo 16 até o fim é o “homem sábio”. Esses dois capítulos, lembre-se, são a súplica do Senhor por *arrependimento*. São a “aplicação” do grande sermão pregado nos capítulos anteriores. Além disso, eles mantêm um ponto culminante de excelência literária em todo o seu decorrer.

Grandes verdades

Algumas das mais poderosas verdades do Antigo Testamento estão expressas em Miquéias. À medida que nosso profeta associa a soberania do Senhor à vida e à história humanas, ele reconhece e ressalta conseqüentes realidades de imensa importância.

Observe primeiramente *o profundo significado dos tratos divinos com a nação judaica*. Miquéias dirige-se a um povo pequeno numa faixa de terra que abrange cerca da metade do país de Gales; todavia, em 1.2 e 6.1, 2 ele ordena a toda a terra, aos montes e aos outeiros para ouvirem (no uso bíblico, montes e outeiros freqüentemente simbolizam reinos). Isso não é simples retórica. Miquéias compreende que o povo da aliança foi levado à sua relação exclusiva com o Senhor a fim de que por meio dele a soberania do Deus verdadeiro, em sua administração governamental entre as nações, pudesse ser materializada para todos os povos e para sempre. Se Israel tivesse permanecido fiel, ele teria manifestado a generosidade do governo divino. Infelizmente, porém, Israel demonstra um aspecto do governo divino bem diferente e trágico, mas muito significativo; e seria bom que as nações de hoje considerassem isso!

Note também a solene mas gloriosa importância do contraste feito por Miquéias ao *desmascarar o falso governo*, comparando-o com *o desvendar do verdadeiro governo em Cristo*. Deus delega autoridade aos administradores humanos. Miquéias reconhece esse fato na economia divina e dirige-se aos príncipes, sacerdotes e profetas como os representantes ordenados da administração divina. A responsabilidade deles é proporcionalmente grande. Veja a severa acusação que Miquéias faz dos falsos administradores no capítulo 3 em contraste com a impressionante descrição, no capítulo 5, do verdadeiro “REI”, que estava ainda para vir. Cristo é o ideal divino de governante. Miquéias atribui a perversão e a adversidade do povo ao mau governo exercido sobre eles; e todos os que fazem mal uso de tal autoridade incorrerão no mesmo castigo. Que os governantes de hoje prestem atenção nisso!

Finalmente, voltamo-nos para *a augusta declaração* de Miquéias *sobre a verdadeira essência da religião*. Sobre Miquéias 6.1-8, um grande estudioso comentou: “Esses poucos versículos em que Miquéias estabelece a verdadeira essência da religião podem ser considerados entre os mais importantes da literatura profética”. Sublinhe esse versículo 8. Note que Deus “PEDE”, porque ele é *Deus*. E Deus também REVELA, pois “ele te declarou, ó homem, o que é bom”

(referência à lei de Moisés; veja Deuteronômio 10.12). Todavia, nem mesmo isso basta. Se quisermos saber a música inteira, devemos voltar-nos para o Novo Testamento e aprender ali que Deus REDIME. Ele “pede” porque ele é *Deus*. Ele “revela” porque é *bom*. Ele “redime” porque é *amor*. O Cristo de Deus já veio para remir. Ele voltará para restaurar. Enquanto isso, vamos examinar toda a nossa vida à luz dos propósitos divinos e do futuro reaparecimento do grande “REI”, cujas saídas têm sido “desde a antigüidade, desde a eternidade”.

NAUM

Lição Nº 97

NOTA: Para este estudo, leia a breve profecia de Naum três vezes, e depois novamente numa tradução moderna.

Volte também para nosso terceiro estudo de Jonas e releia o que se diz ali sobre a grande cidade de Nínive.

Pois todas as coisas existem apenas como tu as vês, só como tu as conheces.

Todas as coisas existem

Só em tua luz, e tua glória é declarada mesmo naquilo que te nega; as trevas declaram a glória da luz.

Os que negam a ti não poderiam negar se não existisses; e sua negativa não é completa, pois, se fosse, eles não existiriam.

Eles te confirmam ao viver; todas as coisas te confirmam ao viverem.

T. S. ELIOT

NAUM

À MEDIDA que abrimos caminho através dos escritos desses profetas hebreus, uma coisa deve impressionar-nos cada vez mais poderosamente: esses homens inspirados compreendiam profundamente a soberania de Deus, de maneira específica em seu supercontrole governamental das nações e da história. Isso é vivamente ressaltado mais uma vez no oráculo impetuoso de Naum sobre a condenação de Nínive.

Quase nada se sabe desse profeta que faz dobrar os sinos sobre Nínive. Ele chega até nós simplesmente como “Naum, o elcosita”; isto é, nascera em Elcos, lugar que hoje não se pode localizar com exatidão. Supõe-se que fosse da Galiléia. Acredita-se que seu nome foi preservado na cidade galiléia de Cafarnaum, cujo nome (*Kaphar-Nahum*) significa “cidade de Naum”. A povoação atual de *El-Kauzeh*, que fica na região ocupada há muito tempo pela tribo de Naftali, é considerada por alguns como a continuadora moderna de Elcos. Entende-se também que a referência de Naum a Carmelo, Líbano e Basã indica interesse especial na parte norte da Terra Sagrada. Se Naum era de fato um homem da Galiléia, é possível que, quando o monarca assírio Esardom repovoou a província do norte com uma população mestiça, depois da deportação das dez tribos de Israel (2 Rs 17.5, 6), Naum, juntamente com outros de seus desolados conterrâneos que tinham sido deixados na terra, seguisse para Judá. Tudo isso, contudo, permanece na esfera das conjecturas. De uma coisa temos certeza: Naum *dirige-se a Judá* (1.13, 15); e a impressão deixada é que ele também escreveu em Judá.

A *data* do escrito de Naum parece estabelecida por sua referência em 3.8 à conquista de Nô-Amom, famosa cidade egípcia de Tebas, onde o deus Amom era adorado. E sabe-se agora, por descobertas nos monumentos assírios, que o rei assírio Assurbanipal conquistou a cidade em 665 ou 664 a.C. Naum escreveu logo depois disso; assim, ele segue Isaías, no reinado do rei mais perverso de Judá, Manassés.

O Senhor e Nínive

O oráculo de Naum concentra-se num único tema — *a condenação de Nínive*, capital da Assíria e (quando Naum escreveu) maior cidade do mundo. É digno de nota que *dois* livros dos chamados profetas menores sejam dedicados inteiramente a Nínive. Mais de um século antes de Naum, Jonas levantou sua voz pelo Senhor nas largas vias públicas de Nínive; e os ninivitas aprenderam com ele que o Senhor é “tardio em irar-se” (Jn 4.2). Jonas com certeza pregou isso aos ninivitas, fazendo assim um acentuado contraste entre o Senhor e as ameaçadoras divindades dos assírios. Os ninivitas haviam-se mostrado responsivos a essa estranhamente bem-vinda compaixão do Senhor, pronunciada por seu embaixador singular. Mas logo depois eles aproveitaram-se abusivamente dela e passaram a fazer perversidades maiores que as de antes. Portanto, eles teriam de aprender, com Naum que “o Senhor é Deus zeloso” (1.2), zeloso de seus direitos sobre suas criaturas. Deveriam ficar sabendo que a ira reprimida (como nos dias de Jonas) é ira *reservada*, se houver retorno deliberado à perversidade (1.2). Naum, por assim dizer, continua de onde Jonas parou. Como Jonas, ele diz: “O SENHOR é tardio em irar-se” (1.3), porém acrescenta o outro lado da verdade: “mas grande em poder, e *jamais inocenta o culpado*”.

Essas palavras em 1.3 são, de fato, a *chave* para esse hino de condenação escrito por Naum, e elas declaram sua mensagem para sempre: “O SENHOR não inocentará”. O fato de *dois* dos profetas menores se dedicarem a Nínive sublinha sua importância. Essa poderosa metrópole de um império antigo deveria objetivar para todos os povos e para todo o sempre o método governamental de Deus para com as nações gentias. Que as nações e os povos prestem atenção! Que todos os que quiserem aproveitar-se da paciência e do silêncio divino tomem cuidado! Embora Deus perdoe o pecador que se arrepende, ele não desculpa aquele que continua pecando. “De Deus não se zomba”, e não é possível escapar dele; pois, Naum prossegue dizendo, “o SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés” (1.3). Visto que a lição do passado não teve

utilidade para os assírios, o Senhor seguirá agora seu caminho com eles até mesmo na tormenta e na tempestade. Os princípios justos de sua administração entre os povos da terra são imutáveis. A compaixão jamais pode ser exercida em detrimento da justiça. É preciso haver um acerto de contas. Nínive era a mais orgulhosa e violenta, assim como a mais desprezível das cidades. Os povos vizinhos prostravam-se a seus pés. Ela envaidecia-se de orgulho ao pensar em sua aparente invulnerabilidade. Mas agora, além de censurar o orgulho, a opressão, a idolatria e o desafio feito por Nínive ao soberano Senhor, Naum anuncia o decreto irreversível de que ela será destruída para sempre. Tendo Nínive diante dos olhos, podemos perfeitamente dizer com Paulo: “Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus” (Rm 11.22) — sua bondade por meio de Jonas e sua severidade por Naum.

Os povos de hoje devem dar um longo, firme e pensativo olhar à antiga Nínive. Ela é uma das lições especiais de Deus para todos os governantes e nações. É o mesmo Deus que governa o mundo hoje. Ele não diminuiu em nada sua severidade desde os dias do Antigo Testamento, e ele também não aumentou sua compaixão. Ele continua não fazendo concessões ao pecado, sendo da mesma forma compassivo para com os que se arrependem; é o mesmo de geração em geração. A idéia de que o evangelho de Cristo reduz de algum modo a severidade no caráter divino está errada. O evangelho é certamente a suprema *expressão* da graça divina; mas não modifica em nada os inflexíveis princípios de justiça pelos quais Deus governa as nações. Deus foi sempre misericordioso. Deus jamais tolerou a perversidade. Ele continua assim hoje. A não ser que sejamos estranhamente cegos, a guerra contra os nazistas demonstrou de novo como a mão de Deus continua realmente no controle, a fim de castigar as nações culpadas. Os líderes da Europa de hoje atentem nos tratos de Deus com a Nínive da antiguidade!

Não há necessidade de fazer uma análise circunstanciada da profecia de Naum, se compreendermos seus principais movimentos. Ela foi escrita quase toda em forma poética, sendo incomparável pelo poder de descrição. Inicia-se com um relato dos atributos e dos atos de Deus e contém três estrofes, correspondendo aos três capítulos da

nossa tradução. O capítulo 1 afirma a *certeza* da destruição de Nínive. O capítulo 2 narra o *cerco* e a *captura* da cidade. O capítulo 3 fala da *perversidade* que provocou o castigo, terminando com “... sobre quem não passou continuamente a tua maldade?”. Portanto, temos:

Capítulo 1 — Declaração da condenação de Nínive

Capítulo 2 — Descrição da condenação de Nínive

Capítulo 3 — Merecimento da condenação de Nínive

Use uma tradução moderna junto com a tradicional. Isso tornará mais claros os três movimentos. Por exemplo, em 1.12, as palavras “embora fiquem em silêncio” se tornarão “por mais seguros que estejam”, o que dá o verdadeiro sentido, a saber, que, apesar de os assírios serem muito fortes e bastante numerosos, seriam vencidos. Também em 2.2, em vez de “o SENHOR rejeitou a excelência de Jacó”, devemos ler que o Senhor “trouxe de novo” ou “restaurou” a glória de Jacó, o que torna o versículo imediatamente compreensível e de acordo com o contexto. Os versículos 3 e 4 do capítulo 2 descrevem os *atacantes* de Nínive. O versículo 5 descreve os *defensores* enfraquecidos. As palavras “ele se lembra dos seus nobres” (IBB) referem-se ao rei de Nínive.

A vastidão e a perversidade de Nínive

Nínive é sem dúvida alguma uma das cidades mais notáveis da história. Descobertas recentes mostraram que, na verdade tratava-se de um complexo de quatro cidades em uma só, formando um vasto quadrilátero com não menos do que 97 km de circunferência. Os muros tinham 30,5 m de altura, e eram tão largos que três carros podiam andar lado a lado sobre eles. Essas paredes eram fortificadas com 1 500 torres, cada uma com 61 m de altura. Com base num levantamento trigonométrico, a área total foi calculada em 900 km² — comparável à da moderna Londres! Como é natural, a grande Nínive incluía jardins espaçosos, hortas, pastos e campos de cereais. Isso não

nos deve surpreender. As grandes cidades muradas da Babilônia encerravam vastos espaços para pastagens e cultivo, a fim de ficarem auto-suficientes no caso de cerco. A referência em Jonas 4.11 a “muitos animais” em Nínive é, portanto, facilmente compreendida. A menção nesse mesmo versículo de “mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda” significa que havia ali esse número só de crianças. A partir disso, calculou-se que a população de Nínive nos dias de Jonas era de cerca de um milhão, e deveria ser ainda maior na época de Naum.

Mas a vastidão de Nínive era eclipsada por sua *perversidade*. A brutalidade dos assírios para com as vítimas de suas conquistas era horripilante. Os povos a seu redor tremiam com um horror doentio ao pensar que poderiam cair nas mãos deles. Sua sede de sangue e selvageria era medonha e abominável (veja nossa segunda lição sobre Jonas). E Naum expõe agora a violência, os assassinatos, a feitiçaria, a prostituição e a degradável corrupção *dentro* da cidade-meretriz (3.1-7). A palavra de Deus para ela é: “... farei o teu sepulcro, *porque és vil*” (1.14).

O cumprimento da profecia de Naum

A prova incontestável da predição é o cumprimento. Um dos argumentos inquestionáveis a favor da origem sobre-humana da Bíblia é a amplitude das predições cumpridas. O oráculo de Naum a respeito de Nínive é um exemplo impressionante. Sua referência às “comportas dos rios” abrindo-se e ao palácio sendo “destruído”, em 2.6, é surpreendente em vista do que realmente aconteceu. Leia o seguinte excerto abreviado de um artigo sobre Naum do *Pulpit Commentary* [*Comentário de Púlpito*].

Essa profecia, tão precisa e segura, não foi resultado de previsão humana. Quando Naum profetizou, a Assíria estava no apogeu de sua prosperidade. Nenhum inimigo à sua volta ficara indomado: o distante Egito entregara as armas; a Fenícia e Chipre reconheceram seu domínio; Judá pagou o tributo anual; os empreen-

dimentos comerciais fizeram fluir para ela as riquezas de todas as nações. Ninguém naquela época poderia prever o rápido término dessa prosperidade. O fim chegou após 50 anos. Com a morte de Assurbanipal, as coisas começaram a assumir uma forma perigosa. O Egito levantou-se contra seu antigo conquistador; a Babilônia revoltou-se; os medas, agora uma monarquia poderosa, prepararam-se para atacar Nínive. O sucessor de Assurbanipal em pessoa marchou contra estes últimos, enviando Nabopolassar para recuperar a Babilônia. Os medas foram derrotados e repelidos durante algum tempo. Nabopolassar também teve sucesso, e recebeu por recompensa de seus serviços o título de rei da Babilônia. Em sua administração, ele foi tão hábil e fortaleceu-se tão eficazmente, que, depois de 15 anos, conseguiu livrar-se do jugo assírio. Nabopolassar fez aliança com todos os inimigos da Assíria, tornando-se o líder de uma sólida confederação que abrangia medas e persas, egípcios, armênios e outras nações, todos animados pelo ardente desejo de vingar-se dos assírios. Por volta de 612 a.C., as forças aliadas atacaram Nínive, mas foram expulsas, sofrendo perdas. A vitória pairou durante algum tempo sobre os assírios; mas o inimigo, reforçado por Bactria, provou ser imbatível. Os ninivitas, temendo por sua segurança final, tentaram escapar da cidade. Foram alcançados e obrigados a voltar para dentro dos muros. Ali se defenderam por mais de dois anos, quando uma circunstância contra a qual não havia remédio colocou-os à mercê dos sitiantes. Uma enchente extraordinariamente forte do Tigre arrancou boa parte da enorme fortificação que cercava a cidade. Através da brecha assim formada, o inimigo forçou passagem para dentro dos muros e conquistou o lugar. A cidade foi saqueada e grande número de seus habitantes, massacrados. Assim caiu Nínive, em 608 a.C., segundo a profecia de Naum.

Nínive foi tão completamente destruída, podemos acrescentar, que no século II d.C. até mesmo sua localização se tornara incerta. Veja também Ezequiel 32.22, 23.

Últimas reflexões

O nome do profeta Naum significa *consolo*. Concordamos francamente em que na canção melancólica de Naum existe consolo muito real para os piedosos. É o consolo de saber que, no justo governo de Deus, as atrocidades dos malfeitores impenitentes contra seus semelhantes são divinamente castigados. O desejo de vingança não é cristão, mas o pedido de que o próprio Deus vingue a justiça ultrajada e defenda o direito contra malfeitores impenitentes está plenamente de acordo com os princípios cristãos. Note o fato de que Naum praticamente não menciona sua própria nação. A razão disso é clara. Ele não exulta na queda de Nínive apenas por causa de Judá, ou por sua própria causa. Nínive vendera povos inteiros mediante suas prostituições e feitiçarias. Naum serve de voz para a consciência ultrajada da humanidade. Em vez de simplesmente ceder à vingança, ele identifica-se com o governo de Deus em sua garantia de que tais iniquidades não deixarão de ser castigadas.

De fato há consolo aqui. Quando pensamos nas maldades cometidas contra os piedosos com aparente impunidade, quando vemos como os perversos muitas vezes prosperam e alegremente esmagam os inocentes, encontramos alívio na convicção de Naum de que “o SENHOR jamais inocenta o culpado”. Existe consolo para os piedosos até mesmo na ira de Deus. Nínive proclama para nós a justificação final do certo contra o errado, e nisso há conforto. É exatamente isso o que os eleitos clamam dia e noite (Lc 18.7, 8; Ap 6.10, 11); e o Todo-Poderoso prometeu vingança, num dia futuro (Rm 12.19 etc.).

Nínive também representa para nós “este presente mundo perverso”, em sua aparência exterior, sua aparente segurança, sua resposta superficial à mensagem de Deus, sua falsa religião, sua corrupção interior, sua crueldade para com as almas dos homens e sua final destruição pelo juízo divino. Existe, porém, outra correspondência significativa. Em 1.11, Naum diz a Nínive: “De ti, Nínive, saiu um que maquina o mal contra o SENHOR, um conselheiro vil (lit., um conselheiro de Belial)”. É possível que Naum se refira aqui a Rabsaqué, que alguns anos antes viera da Assíria para aterrorizar Jerusalém

(2 Rs 18; 19; Is 36). Rabsaqué com certeza era um “conselheiro de Belial”, um “homem da iniquidade”, cuja boca arrogante proferia insolências e exaltava o rei da Assíria acima de todos os deuses, até mesmo acima do próprio Senhor. Ele certamente prefigurou, caso não tenha de fato tipificado, o “iníquo” que deverá aparecer perto do fim da presente era. Repetidas vezes, no curso da história, o espírito mundano, do anticristo, manifestou-se com espalhafatosa intensidade por intermédio de alguma personalidade maligna proeminente. Um desses exemplos foi Hitler; outro, Stálin. Mas ainda deverá aparecer o Rabsaqué cujo número é 666, mediante quem as forças do mal apresentarão seu desafio culminante ao verdadeiro Deus e seu Cristo. Acontecerá então o mesmo que a Rabsaqué e ao exército assírio, subitamente esmagado e morto (Is 37.36). Pois em 2 Tessalonicenses 2.8 está escrito: “... então será de fato revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca, e o destruirá, pela manifestação de sua vinda”. Sim, Nínive caiu, caiu! O Senhor não absolverá. Seu governo é justo. Ele é a fortaleza dos piedosos. Cristo é seu supremo penhor. Ei-lo que vem, e todo olho o verá! Os erros serão corrigidos. Os vales serão exaltados e as montanhas, niveladas. A escuridão tornar-se-á claridade, e o que é curvo será endireitado. E os reinos deste mundo um dia se tornarão o reino de nosso Deus e seu Cristo.

Nunca é demais enfatizar que esse hino de condenação sobre Nínive não seja um simples apelo humano pedindo vingança. Se assim fosse, não mereceria lugar no cânon das Escrituras, e com certeza jamais teria sido incluído. Naum nem sequer vê a destruição iminente de Nínive com alegria patriótica, do ponto de vista de sua própria nação e conterrâneos. O castigo predito é considerado apenas de acordo com as exigências da justiça divina.

O próprio Deus colocou em nossa natureza humana um sentido constitucional de direito, de justiça, de imparcialidade, de exigência de que os perversos, os desumanos, os que ferem cruelmente as almas não “escapem” no final, mesmo que talvez não nos tenham ferido pessoalmente. Não desejamos nenhuma vingança humana simples; mas existe um sentido de necessidade moral em nós que clama para que Deus

vingue tais erros. E quando lemos uma mensagem como a de Naum sobre um monstro de vileza e crueldade como a antiga Nínive, nosso sentido inato de justiça diz “amém” para a sentença divina. Leia novamente nosso estudo sobre os salmos imprecatórios, pois esse oráculo de condenação de Naum lança mais luz sobre esses salmos, assim como pertence à mesma categoria.

A certeza de que essa profecia de Naum é realmente produto da inspiração divina e não apenas um desejo veemente de vingança humana é assegurada pelo fato de ter sido cumprida à letra. E nestes dias, quando perversidades monstruosas aterrorizam a terra num grau jamais conhecido antes, quando cristãos e pessoas piedosas e inocentes em muitos países sofrem crueldades friamente calculadas ou brutalmente infligidas em decorrência de seus retos princípios, trata-se atitude absolutamente cristã orar pela iminente vingança final de Deus sobre os perversos e por sua justificação dos retos, nelas refugiando-se.

HABACUQUE

Lição Nº 98

NOTA: Para este estudo, leia a breve profecia de Habacuque três vezes em seguida, e depois numa tradução moderna.

O coração geralmente é atingido não mediante a razão, mas pela imaginação, por meio de impressões diretas, pelo testemunho de fatos e acontecimentos, pela história, pela descrição. As pessoas nos influenciam, as vozes nos comovem, os olhares nos subjagam, as obras nos inflamam. Muitos homens vivem e morrem por um dogma; homem algum será mártir por causa de uma conclusão.

J. H. NEWMAN

Fale com ele, então, porque ele ouve,
E espírito com espírito poderão encontrar-se;
Ele está mais perto que o respirar,
E mais próximo do que as mãos ou os pés.

TENNYSON

HABACUQUE

A PERSONALIDADE humana é um estudo infindável. Não existem duas mentes que reajam exatamente da mesma maneira. Cada indivíduo é exclusivo. Ficamos impressionados com isso novamente ao prosseguir pelos escritos desses profetas hebreus. Todos eles têm consciência da inspiração divina, dando provas disso. Todavia, sua inspiração não lhes sufoca a personalidade, mas lhe deixa amplo espaço. Cada um tem características distintas. Cada uma faz sua contribuição bem definida. Cada uma grava sua individualidade no que escreve.

Isso aplica-se em particular ao profeta Habacuque. Ao contrário dos outros profetas, ele não se dirige nem a seus patrícios nem a um povo estrangeiro: seu discurso é feito apenas para Deus. De novo, ao contrário dos outros profetas, não se preocupa tanto em transmitir uma mensagem como em resolver um *problema* — problema que atormentou sua alma sensível com respeito ao governo do Senhor sobre as nações. A primeira parte dessa profecia (1 e 2) é um *colóquio* entre Habacuque e o Senhor. O restante (3) é uma ode primorosamente bela descrevendo uma *teofania* majestosa, ou a chegada visível de Deus à terra. Tanto no colóquio que relata quanto na teofania que descreve, esse livro de Habacuque é sem precedentes.

O foco do problema e da profecia de Habacuque é a *Babilônia*. Dentre os inimigos que afligiram o povo da aliança muito tempo atrás, três se destacavam — os edomitas, os assírios e os caldeus ou babilônios. Foi dado a três dos profetas hebreus em especial pronunciar a condenação dessas três potências. A profecia de Obadias selou o destino de Edom. A de Naum fez dobrar os sinos sobre a Assíria. A de Habacuque cavou a sepultura da Babilônia.

Naturalmente, isso relaciona-se com a *época* em que Habacuque escreveu. Não sabemos mais sobre a pessoa de Habacuque em si do que sabemos de Naum, embora não falem conjecturas: mas o período em que escreveu não parece muito difícil de descobrir. Somos claramente informados de que foi quando os caldeus estavam ascendendo

ao poder (1.5-11). Ora, não foi senão depois da destruição de Nínive que a Babilônia se levantou sobre as outras nações como a nova potência mundial dominante, o que logo leva a supor que Habacuque tenha escrito um pouco *antes* ou, mais provavelmente, pouco *depois* da queda de Nínive, em 608 a.C. Esta última data é sustentada pela omissão de qualquer referência a Nínive por parte de Habacuque, o que pode indicar que toda a ameaça de Nínive já passara.

Anos antes de Habacuque, o profeta Isaías havia advertido o rei Ezequias de que seus tesouros seriam levados para a Babilônia e seus filhos se tornariam eunucos no palácio do rei (Is 39.6, 7). Mas, nessa ocasião, era a Assíria que Judá temia, e foi só depois da queda da Assíria, nos dias de Habacuque, que a ameaça da Babilônia se tornou de súbito iminente. O rei Josias, de Judá, foi morto no campo de batalha pouco antes da queda de Nínive. Quando os egípcios foram juntar-se aos outros aliados contra Nínive, Josias, que era vassalo de Nínive, tentou resistir aos egípcios, mas morreu em Megido (2 Rs 23.28-30). O filho de Josias, Jeoacaz, reinou por apenas três meses, sendo depois levado como cativo por Faraó-Neco do Egito, que fez Judá pagar tributo ao Egito e colocou no trono o *outro* filho de Josias, Eliaquim, mudando seu nome para *Jeoaquim* (2 Rs 23.31-37). Concluímos, assim, que Habacuque provavelmente tenha escrito no reinado de Jeoaquim, por volta de 600 a.C.; e isso é confirmado em 2 Reis 24, que dá o reinado de Jeoaquim como a época em que os babilônios começaram a atormentar Judá, culminando por fim nos 70 anos de cativo na Babilônia.

Portanto, Habacuque, contemporâneo de Jeremias, era profeta de dias fatídicos em Judá. As nuvens tempestuosas estavam-se formando sobre Jerusalém. A Josias, o último rei bondoso de Judá, seguiu-se Jeoaquim, o rei perverso que queimou o “rolo” de Jeremias (Jr 36). As duas ou três últimas décadas haviam começado para Judá quando Habacuque tomou a pena para escrever; e foi talvez para Habacuque que Deus revelou pela primeira vez quão *próximo* estava o fim.

Essa profecia de Habacuque exprime o conflito e o triunfo da fé ocorridos na alma do profeta. Começa com um soluço e termina com uma canção; e no processo de uma situação para a outra é que o pequeno livro revela seu íntimo significado para nós. Não é possível

deixar de perceber a *distribuição* do autor no que ele escreve. Há três partes, correspondentes aos três capítulos do livro em nossa Bíblia (a não ser que talvez o primeiro versículo do capítulo 2 devesse estar no final do capítulo 1). A primeira parte (1) começa assim: “O *peso* que viu o profeta Habacuque”. A segunda parte (2) começa: “O SENHOR me respondeu e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo. Porque a *visão* ainda está para cumprir-se”. A terceira parte (3) começa: “Oração do profeta Habacuque sobre Sigionote” (isto é, sob a forma de canto triunfal). Temos, então, nessas três partes:

Capítulo 1 — Um “peso”

Capítulo 2 — Uma “visão”

Capítulo 3 — Uma “oração”

Um rápido exame do livro mostrará que esses três títulos verdadeiramente representam o conteúdo das três partes. Mas vamos examinar agora o “peso”, a “visão” e a “oração” com mais minúcia, a fim de obter uma verdadeira compreensão.

Capítulo 1 — Um “peso”

O profeta encontra-se aqui numa agonia de perplexidade. Está sendo afligido por um duplo enigma da providência divina ou, pelo menos, pelo que *parece* ser um enigma. Ele suspira:

Até quando, SENHOR, clamarei eu, e tu não me escutarás?
gritar-te-ei: Violência! e não salvarás? Por que me mostras a ini-
qüidade e me fazes ver a opressão? (leia do versículo 2 ao 4).

O problema de Habacuque era o silêncio, a inatividade e o aparente desinteresse de Deus. A violência prevalecia, o desrespeito à lei imperava, abomináveis perversidades desafiavam todos os protestos dos profetas de Deus, e o Senhor parecia não fazer nada. Mas o problema de Habacuque nesse sentido foi esclarecido por uma palavra especial de Deus:

Vede entre as nações, olhai, maravilhai-vos, e desvanecerei, porque realizo em vossos dias obra tal, que vós não creereis, quando vos for contada. Pois eis que suscito os caldeus, nação amarga e impetuosa, que marcha pela largura da terra, para apoderar-se de moradas não suas (leia do versículo 5 ao 11).

Para o perturbado Habacuque, porém, isso resolvia apenas um problema, levantando outro ainda maior. É certo que o castigo esmagador prometido a Judá era merecido; mas por que Deus deveria punir Judá por meio de um povo muito mais perverso e cruel do que os próprios judeus? Esse pensamento chocava penosamente Habacuque. Parecia difícil harmonizar-se com sua fé na justiça do governo do Senhor sobre as nações da terra. Foi o mesmo tipo de problema sentido por alguns de nós quando Hitler provocou tamanho caos na Europa, feriu até à morte a França e pareceu que até executaria seu plano perverso sobre a Inglaterra. Podíamos entender que a Inglaterra e outros povos estavam sendo punidos por sua impiedade; mas por que esse castigo deveria ser infligido pelos nazistas, a horda mais brutal, imoral e anticristã da terra?

O novo apelo queixoso de Habacuque a Deus é feito do versículo 12 ao 17. Que pode Habacuque fazer a respeito? Afinal de contas, Deus é soberano. De nada vale bater a cabeça contra a parede. Deus será misericordioso, dando a seu servo algum esclarecimento sobre esse assunto? Habacuque resolve aguardar a palavra de Deus. Ele diz: “Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza, e vigiarei para ver o que Deus me dirá” (2.1).

Capítulo 2 — Uma ‘visão’

Temos nesse capítulo a maravilhosa “visão” dada por Deus a Habacuque. Aqui a fé encontra uma solução, embora não no sentido *lógico*, mas uma solução *espiritual* perfeitamente compreensível à fé. O capítulo deve ser lido de novo com atenção especial para duas grandes promessas feitas por Deus, nos versículos 4 e 14. O versículo 4 diz: “Eis que a sua alma se incha (a dos babilônios), não é reta nele;

mas o justo pela sua fé viverá". O versículo 14 diz: "*Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar*". Portanto, se no capítulo 1 temos um duplo problema, no capítulo 2 temos uma dupla promessa.

Qual o significado dessas duas declarações? Veja a primeira: "... *o justo pela sua fé viverá*". As palavras quase parecem ocorrer de maneira simplesmente accidental. Todavia, na realidade são tão importantes que foram citadas nada menos que três vezes no Novo Testamento como fator decisivo na apresentação do evangelho (veja Romanos 1.17; Gálatas 3.11; Hebreus 10.38). Deve-se entender imediatamente que as palavras se destinam à *alma*, indo além do corpo. Isso é indicado pela primeira metade da frase, em que Deus fala do caldeu orgulhoso: "Eis que a sua *alma* se incha, não é reta nele". A palavra "alma" indica o sentido mais profundo em que devemos ler o restante da frase, a saber, "*mas o justo pela sua fé viverá*". As palavras vão além do exterior para o *interior*, além do simplesmente físico para o *espiritual*, além do presente para o *futuro*, além do que é intermediário e episódico para o *final* e *eterno*. "É como se Deus dissesse a Habacuque: "É verdade, sua opinião do caldeu está certa; a alma dele não é reta. Mas, embora eu faça uso dele para castigar meu povo, ele também sofrerá no final. E, apesar de o reto sofrer com o perverso e por meio dele no penoso processo atual, ele jamais perecerá no fim como o perverso, mas viverá por causa de sua fé, como ainda se verá, porque a terra finalmente ficará repleta do conhecimento da glória do Senhor". O fato é que essa mensagem a Habacuque é uma daquelas palavras prolíficas do Antigo Testamento que devem ser lidas à luz da revelação do Novo Testamento, caso desejemos compreender seu total significado. Os que são justificados, ou tornados retos, pela fé no Deus do Senhor Jesus *realmente* "vivem" por sua fé, no sentido de que *recebem* nova vida espiritual aqui e agora e *viverão* para sempre com Cristo além dos curtos anos de mortalidade na terra.

Quanto à segunda promessa — "*Pois a terra se encherá (ainda) do conhecimento da glória do SENHOR*" — essa oração também deve ser lida de acordo com o Novo Testamento. As palavras ainda não tiveram cumprimento. Aguardam a volta de Cristo. Contemplam o milênio.

Depois os mansos herdarão a terra, e a controvérsia da história será decidida na justificação final do que é certo e verdadeiro. A palavra de Deus a Habacuque é: "... se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará" (2.3). Deus deu garantia suprema em Cristo de estar de fato realizando grandes e benevolentes propósitos para a humanidade. O próprio Habacuque entendeu algo disso, e afirmou: "O SENHOR, porém, está no seu santo templo; cale-se diante dele toda a terra" (2.20).

Capítulo 3 — Uma "oração"

Essa "oração" de Habacuque é realmente uma sublime rapsódia de fé. Começa, porém, com um apelo a Deus para que conceda um gracioso reavivamento "no decurso dos anos", antes mesmo de seu propósito final para a história ter chegado a seu cumprimento derradeiro (3.2). A seguir, do versículo 3 ao 15, ele gloria-se nos poderosos feitos passados do Senhor, sua ajuda na emancipação de Israel, seus prodígios desde o tempo do Êxodo em diante. Não pode haver dúvida de que Habacuque se refira aqui a essas coisas; todavia, bastante significativamente, ele coloca seus versos no tempo *futuro*, de modo que, baseada nas imagens do Êxodo e da jornada para Canaã, existe uma descrição solene da vinda muito mais importante de Deus para julgar, a qual está ainda para acontecer. Assim, o versículo 3 deveria ser: "Deus *virá* de Temã, e do monte de Parã *virá* o Santo", e similarmente o tempo futuro na maioria dos versículos. "Temã" e "Parã", podemos acrescentar, são a terra de Edom e a que ficava entre Edom e o Egito.

Do versículo 16 ao 19 temos finalmente uma conclusão, em que a fé paira elevada acima de todas as dúvidas e temores. Faz bem ao coração ler exultantes palavras de segurança como essas em dias como os nossos. Embora o profeta tivesse "tremido" por causa do juízo que viria sobre seu povo (v. 16), ele agora fala de si mesmo como "*descanse* eu no dia da angústia". Essa é a tradução mais literal. Apesar de ser levado à mais absoluta penúria, como no versículo 17, ele afirma: "... todavia eu me alegre no SENHOR, exulto no Deus da minha

salvação” (v. 18). A tradução literal é: “... saltarei de alegria no Senhor; darei voltas de prazer em Deus”. Essa é a alegria da fé! Alegria máxima mesmo que as circunstâncias sejam as piores! Que vitória! Que possamos conquistá-la!

Esse é, então, o livro de Habacuque: no capítulo 1, um “*peso*”; no capítulo 2, uma *visão*; no capítulo 3, uma “*oração*”. No capítulo 1, temos um *problema* duplo; no capítulo 2, uma *promessa* dupla; no capítulo 3, um *resultado* duplo — louvor para o passado e confiança para o futuro. No capítulo 1, a fé *suspira*; no capítulo 2, a fé *vê*; no capítulo 3, a fé *canta*. Talvez não possamos fazer melhor do que colocar deste modo:

Capítulo 1 — Um “*peso*”: a fé lutando com o problema

Capítulo 2 — Uma “*visão*”: a fé encontrando a solução

Capítulo 3 — Uma “*oração*”: a fé gloriando-se em segurança

O versículo-chave de Habacuque é 2.4: “O justo pela sua fé viverá”. Em torno dessa verdade, preciosas lições para a fé são escritas. A mensagem viva do livreto é clara. A fé continua tendo problemas. Se os dias de Habacuque pareciam envoltos por enigmas obscuros, quanto mais os nossos. Mas esse livro ensina-nos a não julgar apenas pelas aparências do momento. Deus nos fez grandes promessas e está pondo em prática seus grandes propósitos. Ele não pode contar-nos tudo detalhadamente, mas revelou o bastante para tornar a fé inteligente e dar-lhe oportunidade de se desenvolver.

Existe também uma verdade muito valiosa no *processo* pelo qual Habacuque passou de seu choro de dúvida para sua canção de confiança. Primeiramente, ele declarou sua dúvida sincera a *Deus*, não a um “*confidente*” humano. Se fizéssemos isso em lugar de desabafar nossas dúvidas em ouvidos humanos, quanta inquietação nos seria poupada! Mas, em segundo lugar, Habacuque resolveu *esperar* em Deus. Ele disse: “Pôr-me-ei na minha torre de vigia, colocar-me-ei sobre a fortaleza, e vigiarei para ver o que Deus me dirá”. Deus também não zombou dele. Deus jamais zomba de alguém assim. Não sabemos quanto Habacuque esperou, mas *sabemos* que Deus lhe

respondeu. Ah, se déssemos tempo a Deus, de modo que ele pudesse preparar nossas mentes para o que tem a dizer! As pessoas dizem que Deus não fala aos homens hoje como falava antigamente. A verdade, porém, é que os homens não ouvem hoje como o faziam antigamente. Deus não permanece em silêncio para o homem que espera. Desse modo, Habacuque, em terceiro lugar, abriu o coração em certeza alegre e cânticos. Ele tivera uma visão. Tudo mudara. Quando contemplara as circunstâncias, estava desesperado. Quando esperou e ouviu Deus falar, pôs-se a cantar.

Finalmente, mantenhamos a feliz esperança de Habacuque diante de nós, que a terra será enchida com a glória do Senhor. O tempo passa rapidamente. Os últimos dias apressam-se em nossa direção. A visão tardou, mas agora está prestes a realizar-se. Cristo em breve virá; os grandes acontecimentos do nosso tempo são os solenes mensageiros de seu retorno. Deus nos ajude a aguardar com a paciência de uma esperança verdadeira, a vigiar com os olhos de uma fé verdadeira, a trabalhar com o zelo de um amor verdadeiro — até que ele venha!

Ah, a aurora dourada pode estar bem perto,
Aquele que seca as lágrimas de quem chora!
A guerra e os sofrimentos desaparecerão e serão esquecidos!
Os homens transformarão espadas em relhas de arado,
E em podadeira suas lanças,
Quando o Senhor voltar em glória para os que são seus!

SOFONIAS

Lição Nº 99

NOTA: Para este estudo, leia o pequeno livro de Sofonias inteiro, pelo menos duas vezes, e depois numa tradução moderna.

Um dos aspectos mais característicos e marcantes da Bíblia como um todo que — aspecto que a percorre do início ao fim e a distingue completamente dos demais livros — é o fato de subordinar tudo à idéia de DEUS. Não é sem razão chamada Livro de Deus; e *seria* assim, de maneira muito inteligível, mesmo que não houvesse absolutamente um Deus. Desde a primeira até a última frase, ELE é seu grande tema, o Alfa e o Ômega. Por mais infinitamente que seja seu conteúdo, essa é a diretriz que percorre o todo.

HENRY ROGERS

SOFONIAS

AO SE APRESENTAR a nós, Sofonias revela sua árvore genealógica de modo bem mais completo do que qualquer dos outros profetas. Ele é “Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias” (1.1). A razão disso está no último desses nomes, “Ezequias” [“Hezequias” na tradução da IBB]. Não há razão para duvidar que esse fosse o bom *rei* Ezequias; e podemos compreender como um profeta como Sofonias se sentiria grato por poder mostrar o parentesco próximo com um rei como Ezequias. Sofonias é, então, distintamente o profeta de linhagem real. É um príncipe da casa de Davi e trineto do rei Ezequias.

Sofonias também nos conta *a época* em que profetizou. Foi: “... nos dias de Josías, filho de Amom, rei de Judá” (1.1). Isso implica que ele foi contemporâneo do profeta Jeremias (veja Jr 1.2), embora, naturalmente, este tivesse vivido mais que ele. Podemos entender muito bem que o rei Josias, em suas admiráveis reformas religiosas, tivesse o ardente apoio de seu primo profeta. E, sem ler demais nas entrelinhas, é bem possível que o impulso para a realização dessas reformas partisse de Sofonias, que exerceria a influência íntima de um parente na casa real.

Existe, porém, algo patético a respeito da reforma religiosa dos dias do rei Josias. Ela talvez parecia impressionar externamente, mas internamente ficou bastante aquém do necessário. Era uma reforma externa patrocinada pelo rei, em vez de um verdadeiro avivamento espiritual em meio ao povo em si. Leia de novo 2 Reis 22 e 23 e 2 Crônicas 34 e 35, observando especialmente as palavras da profetisa Hulda a Josias, em 2 Reis 22.15-20. Com efeito, a profetisa disse: “Está certo, rei Josias, faça tudo que tiver em mente; mas o coração deste povo está endurecido. Eles não se voltaram realmente para Deus para evitar o juízo”. A atitude de Josias ao proibir os desmandos religiosos de Judá e, ao reorganizar a religião conforme as antigas tradições, certamente foi um grande começo. Mas nem mesmo um rei pode

“organizar” um verdadeiro avivamento. O momento na época de Josias, então, foi uma reforma, não uma regeneração. Não penetrou na vida íntima da nação. Isso fica claro em Jeremias 3.6, 10. O fluxo da iniquidade continuou sem nenhum impedimento. O juízo era inevitável, embora a tempestade não desabasse senão depois do fim do reinado do bom rei Josias.

Portanto, não ficamos muito surpresos com o fato de que o profeta Sofonias não menciona essas reformas externas. Seu olhar perspicaz não o deixou em dúvida quanto ao verdadeiro estado da vida da nação. Ele expõe as transgressões e as corrupções de seus dias, e severamente adverte o povo de que o “dia do SENHOR” se apressa em direção a eles, com seu furacão de ira divina. Os dois profetas, Joel e Sofonias, são de maneira enfática os profetas do juízo contra Judá; todavia, depois de transmitir sua mensagem de juízo, ambos prevêm um final glorioso. A passagem final de Sofonias é uma das mais belas das Escrituras. É a contemplação daquela era prometida que está por vir, quando o Messias de Israel, o Marido Divino da Igreja, reinará sobre toda a terra.

A mensagem tripla de Sofonias

Vamos agora examinar o livro para descobrir seus principais movimentos e entender sua mensagem central. Se lermos com cuidado, logo veremos que a mensagem de Sofonias divide-se em três partes, embora infelizmente essas seções não coincidam com os três capítulos em que o livro foi disposto em nossa versão.

A primeira parte vai de 1.1 (ou, rigorosamente, de 1.2) até 2.3. Um exame desses versículos nos mostrará de imediato que tudo aqui se refere ao juízo que está vindo sobre *Judá* (veja especialmente 1.4, 7, 8, 11, 12; 2.1; e note que “Mactés”, em 1.11, era uma depressão, ou pequeno vale, em Jerusalém, onde se achavam os bazares). Em toda essa série de versículos, não há menção das nações de fora. O único tema é o pecado e o juízo vindouro de *Judá*. Note o “*porque*” sinistramente significativo de 1.17. Por que toda a terrível calamidade descrita nos versículos anteriores está para cair sobre Judá? O versículo

17 dá a verdade simples, fundamental, aterradora: "... porque pecaram contra o SENHOR". Note também que essa parte do livro termina com um apelo ao arrependimento e uma palavra de incentivo para o pequeno grupo de justos entre a população degradada (2.1-3).

A segunda parte vai de 2.4 a 3.8. Não pode haver engano — nessa parte o profeta desvia os olhos de Jerusalém e de Judá para *as nações a seu redor*. Em primeiro lugar, volta-se para o oeste, para a Filístia e os filisteus (2.4-7). A seguir, olha para o oriente, para Moabe e Amom (2.8-11). Depois, para o sul, para a Etiópia (2.12). E em seguida para o norte, para Nínive e para a Assíria (2.13-15). Observe que essa parte termina com uma volta súbita a Jerusalém, ressaltando a idéia de que, se Deus assim esmaga com o juízo as nações circunjacentes, quanto mais destruirá o povo de Judá, que teve privilégios acima de todos os outros! Que esse é o âmago do desfecho da segunda parte fica claro por seus três últimos versículos: "Exterminei as nações, as suas torres estão assoladas; fiz desertas as suas praças, a ponto de não haver quem passe por elas; as suas cidades foram destruídas, de maneira que não há ninguém, ninguém que as habite. Eu dizia: Certamente me temerás, e aceitarás a disciplina (em vista de tudo isto Jerusalém ficará atemorizada) [...] mas eles se levantaram de madrugada, e corromperam todos os seus atos. Esperai-me, pois, a mim [...] no dia em que eu me levantar para o despojo" (3.6-8).

A terceira parte abrange de 3.9 até 3.20, sendo este o último do capítulo e do livro. Aqui, o profeta não está apenas olhando *para dentro*, para Jerusalém e para Judá, nem *em volta*, para as outras nações; ele contempla *além*, para uma época de cura e de bênção que virá a Israel e a todos os outros povos também, depois que os dias do juízo cumpriram o seu propósito. A passagem começa assim: "Então darei lábios puros aos *povos*, para que *todos* invoquem o nome do SENHOR, e o sirvam de comum acordo". A visão de Sofonias nesse aspecto é semelhante à dos outros profetas. O reino messiânico vindouro abrangerá todas as nações. Todavia, o povo da aliança será o centro desse reino. E Sofonias, portanto, concluiu, descrevendo as bênçãos exaltadas de Israel nessa era dourada. Haverá uma reunião dos que foram dispersos (v. 10). Haverá uma mudança de caráter e de comportamento no povo (vv. 11-13). O mal será completamente banido, e o júbilo

exultará (vv. 14, 15). O próprio Deus encontrará profundo prazer na Cidade Santa e em seu povo. Dir-se-á a Sião: “O SENHOR teu Deus está no meio de ti, poderoso para salvar-te; ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo” (v. 17). Todas as aflições passarão para sempre, e Israel será feito “um louvor entre todos os povos da terra” (v. 20). Trata-se de um quadro de fato deleitoso, e nossos corações anseiam por ele, orando fervorosamente: “Vem Senhor Jesus” (Ap 22.20).

Para lembrarmos melhor, vamos agora colocar tudo isso em forma de análise simples. Não há realmente necessidade de algo mais elaborado do que o que se segue.

SOFONIAS

DO JUÍZO À BÊNÇÃO

OLHAR PARA DENTRO! — IRA VINDOURA SOBRE JUDÁ (1.1—2.3)

O PROPÓSITO DO JUÍZO DO SENHOR (1-6)

O “DIA” DO SENHOR ESTÁ PRÓXIMO (7-18)

E portanto — súplica a Jerusalém (2.1-3)

OLHAR EM VOLTA! — IRA SOBRE TODAS AS NAÇÕES (2.4—3.8)

OCIDENTE, ORIENTE — FILÍSTIA, MOABE, AMOM (4-11)

SUL, NORTE — ETIÓPIA E ASSÍRIA (12-15)

E portanto — “ai” de Jerusalém (3.1-8)

OLHAR PARA ALÉM! — DEPOIS DA IRA, A CURA (3.9-20)

CONVERSÃO DOS POVOS GENTIOS (9)

RESTAURAÇÃO DO POVO DA ALIANÇA (10-15)

E portanto — a nova Jerusalém (vv. 16-20)

O pensamento-chave de Sofonias não é expresso em versículo algum, mas no *contraste* entre o primeiro versículo e o último. Depois do subtítulo, a primeira frase é: “*De fato consumirei todas as cousas*”. Este é o fogo ardente do juízo. Mas a última frase do livro é: “*Certa-*

mente farei de vós um nome e um louvor”. Essa é a plenitude final da bênção.

Deus tem um fim e um propósito gloriosos em mira; mas mesmo esse alvo dourado não deve ser atingido em detrimento da justiça e da retidão absolutas no presente. Portanto, o pecado presente deve ser acompanhado do juízo presente. Todavia, mesmo assim, o propósito final será concretizado; pois o Senhor soberano domina de tal forma que, por mais cruelmente que seu povo peque e por mais cruelmente que ele tenha de castigá-lo, o presente processo de juízo no final resultará na bênção derradeira. É isso que encontramos em Sofonias. É preciso haver o golpe do castigo antes de haver o sorriso da restauração. Podemos então dizer que o pensamento-chave de Sofonias é: “MEDIANTE O JUÍZO RUMO À BÊNÇÃO”. Intimamente ligado a este, está o pensamento de que “o SENHOR está no meio”. Ele está no meio de Jerusalém para *julgar* (3.5) e está no meio de Jerusalém para *salvar* (3.15, 17). Podemos muito bem elevar nossa voz, cantando:

*Embora seu braço seja forte para destruir,
É também forte para salvar.*

Grandes significados

A profecia de Sofonias está repleta de grandes significados para nós hoje. Eis um homem com a mente de Deus sobre a situação nacional e internacional quando poucos, se havia algum, haviam-na avaliado ou sentido sua gravidade; e ele a anunciou, embora fosse tremendamente impopular. Essa sempre é a marca do verdadeiro profeta. Esse homem percebeu a realidade debaixo da nova e súbita explosão de atividade religiosa e julgou-a conforme seu real valor. Ele observou também aquela multidão maior da população, o grupo dos não-religiosos, que simplesmente concordava com um respeito artificial diante do novo movimento de adoração ao Senhor porque o rei era o principal defensor. Todavia, em seu próprio meio eles diziam que essas idéias religiosas não valiam grande coisa, pois “o SENHOR não faz bem nem

faz mal” (1.12); ou, em outras palavras, o Senhor não se preocupava nem se importava — Sofonias observou-os e viu a trágica farsa de sua despreocupação; ele ouvira o baque e o rumor sombrios de um juízo vindouro que esmagaria completamente a nação: ele sabia que logo viria sobre eles a maior calamidade desde que Israel se tornara nação. Sofonias era o homem que sabia disso, e gritou aos conterrâneos: “... o dia do SENHOR está perto!” (1.7). Esse é seu grande tema, especialmente na primeira parte de sua profecia (1.1—2.3).

Se não estamos enganados, existe uma correspondência entre os dias de Sofonias e os nossos. Não queremos absolutamente afirmar que somos profetas no sentido que Sofonias e seus companheiros eram. Todavia, por outro lado, não deixaremos de declarar que verdadeiramente somos os porta-vozes de Deus. Se não temos o tipo especial de inspiração pelo qual Deus falou mediante os profetas hebreus, isso agora não é necessário, visto que “o conteúdo do livro” acha-se agora completo para nossa orientação. Mas *afirmamos* ter a iluminação do Espírito Santo, e *afirmamos* estar interpretando honestamente a palavra das Escrituras, ao declarar nossa convicção de que mais uma vez chegou a hora de clamarmos que “... o dia do SENHOR está próximo”! A descrição zelosa de Sofonias sobre o “dia do SENHOR” — o terrível juízo que estava determinado sobre sua própria geração é na verdade um prenúncio daquele “dia do SENHOR” que a tudo sobrepuja, o qual virá no final da era presente. E, a não ser que estejamos estranhamente enganados, as palavras do Livro, juntamente com os sinais dos tempos, apontam para sua vinda próxima. As condições religiosas e sociais hoje são moralmente semelhantes às da época de Sofonias. Apesar dos novos surtos de atividade religiosa, em movimentos tais como o anglo-católico e outros grupos ritualistas, e do forte entusiasmo pelas conferências sobre a união denominacional, o estado espiritual das igrejas e do povo está pior do que nunca, desde pouco antes do avivamento metodista. O modernismo realizou sua obra mortal por meio de seus “quinta-colunistas” nos púlpitos e nas escolas de nosso país; e o abismo entre a religião organizada e as multidões se amplia cada vez mais. Não fixamos datas. Não damos um limite de anos. Simplesmente nos atemos às claras palavras da Bíblia e

aos grandes indícios de nossos dias. Com certeza estamos agora naquele período que deve avançar rapidamente para o dia majestoso e terrível da volta de Cristo.

Esse dia será de grande júbilo para os cristãos, os membros comprados com o sangue e nascidos do Espírito, que compõem a verdadeira igreja. Devemos, porém, alardear o *terror* desse dia para muitos outros. Esse é o aspecto que domina e agita Sofonias. Observe suas frases ao lutar para impressionar seus compatriotas letárgicos com o pavor disso: “Aquele dia é dia de indignação, dia de angústia, e dia de alvoroço e desolação, dia de escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas, dia de trombeta e de rebate contra as cidades fortes e contra as torres altas” (1.15, 16). O “dia do SENHOR” que veio sobre Judá no passado foi tudo o que Sofonias anunciara. E, se esse dia deve prefigurar o “dia” supremo que está para vir, no qual todos os juízos de Deus sobre a terra terão seu desfecho espantoso, então esse dia vindouro deveria fazer todos os que recusam o evangelho de Cristo e todos os que vivem obstinadamente no erro do pecado tremer de medo. Em épocas recentes, temos visto os horrores que os homens podem infligir sobre seus semelhantes mediante as armas da guerra moderna; mas que são, comparados aos terrores do Todo-Poderoso sobre os perversos? Que acontecerá quando as sete trombetas do Apocalipse soarem, as sete taças da ira divina forem derramadas e a fúria ardente de Armagedom irromper? Podemos muito bem gritar para os pecadores descuidados e adormecidos que nos rodeiam: “Fujam da ira vindoura! Fujam da ira vindoura!”. A atitude comum hoje é exatamente a mesma dos tempos de Sofonias: “O SENHOR não faz bem nem faz mal” (1.12); ou seja, Deus não interfere nos assuntos humanos: não abençoa nem castiga. O mundo é governado por “leis naturais”, e Deus não interfere nessas leis a fim de dar pretensas respostas às orações. A existência de Deus mal é admitida, mas seu interesse e sua atividade nas questões humanas são negados. Esse “dia”, que logo virá, vai acumular brasas sobre as línguas daqueles que assim desonram o Senhor.

Finalmente, vamos aprender a verdade tripla de que Deus permite, mas castiga e no fim aperfeiçoa. Os homens são agentes livres. Deus

permite liberdade suficiente à vontade humana para que qualquer indivíduo saiba sempre que está pensando, falando, escolhendo e agindo por seu próprio querer. Assim, Deus *permite* o pecado — e o sofrimento. Se Deus interferisse toda vez que os inocentes sofrem nas mãos dos perversos, não haveria absolutamente história alguma. Deus, no entanto, *castiga* os perversos — em geral, contrariando os processos naturais, e não por meio de milagres. Portanto, ele *permite* que Israel seja castigado mediante a ação das nações perversas. Por sua vez, contudo, ele castiga essas nações por seus próprios erros. Nesse processo, os inocentes freqüentemente sofrem, mas Deus prometeu uma restituição final. Ele apontou para uma época em que a escuridão presente dará lugar a uma alvorada sem tristezas, e a luta presente será esquecida no triunfo do amor e da virtude. Muitos tiveram a fé abalada pelas crueldades recém-permitidas na guerra. Por que permitir tanto sofrimento? Deus contrariou os processos naturais do pecado humano a fim de trazer juízo sobre as nações perversas, e os inocentes sofreram outra vez com os perversos; mas essa era está findando e o tão esperado amanhecer está prestes a introduzir esse amanhã melhor. O golpe dará lugar ao sorriso. Os povos servirão ao Senhor “de comum acordo”. Deus *aperfeiçoará* seu propósito e cumprirá todas as suas promessas. Cristo reinará. A maldição terá cessado. Deus se regozijará com seus filhos e filhas remidos. Ele descansará em seu amor. Ele se regozijará neles com júbilo.

PERGUNTAS SOBRE MIQUÉIAS, NAUM, HABACUQUE E SOFONIAS

1. Em que reinados Miquéias profetizou? Qual o nome do grande profeta que foi seu contemporâneo?
2. Em que Miquéias e seu ministério diferiam de Isaías e seu ministério?
3. Qual o arranjo triplo do livro de Miquéias e qual o pensamento central?
4. Qual o assunto da profecia de Naum? Qual o versículo-chave? Que contraste com o livro de Jonas encontramos nela?
5. Qual a divisão tripla da profecia de Naum?

6. Você pode mostrar brevemente como a profecia de Naum foi cumprida de maneira surpreendente?

7. Que cidade é o ponto de convergência da profecia de Habacuque? Como sua referência a tal cidade ajuda a fixar a data de sua profecia?

8. Qual a divisão tripla da profecia de Habacuque? Qual foi, resumidamente, seu problema?

9. Qual o excelente texto de Habacuque que é citado três vezes no Novo Testamento? E como Habacuque passou da dúvida para a fé?

10. De que rei Sofonias foi trineto? E em que reino profetizou?

11. Para que reino (Judá ou Israel) Sofonias profetizou? Quem foi o famoso profeta contemporâneo seu?

12. Você pode mencionar o pensamento-chave da profecia de Sofonias e apresentar um breve resumo de seu pequeno livro?

AGEU

Lição Nº 100

NOTA: Para este estudo, leia a breve profecia de Ageu três vezes e depois em uma tradução moderna.

Essas são as tuas obras gloriosas, Pai do bem,
Todo-Poderoso! Esta tua estrutura universal,
Tão esplendidamente bela: tu mesmo quão maravilhoso então.
Indescritível! Assentado acima dos céus
Invisível para nós, ou apenas vislumbrado
Nessas tuas obras mais inferiores; elas, todavia, declaram
Tua bondade, que ultrapassa o pensamento, e o poder divino...
Na terra se unam, todas vós criaturas para louvar
A ele primeiro, a ele no final, a ele no meio e infindavelmente.

JOHN MILTON

AGEU

ESTE “livro de Ageu” é de fato um importante pequeno fragmento. Embora cubra um período de apenas cerca de quatro meses, ele registra um dos pontos decisivos dos tratos divinos com Jerusalém e com o povo da aliança. Ele relaciona-se com o “remanescente” judeu que voltou para Jerusalém e para a Judéia depois do exílio na Babilônia, devendo ser lido juntamente com o livro de Esdras.

Foi em 520 a.C. que esse profeta Ageu, até então desconhecido, levantou-se e pronunciou sua mensagem aos líderes dos judeus que voltaram. Dezesseis anos antes disso, Ciro, o imperador persa, havia expedido seu decreto histórico para a reconstrução do templo do Senhor em Jerusalém; e o “remanescente”, cerca de 50 000 pessoas, voltara à Judéia sob a liderança de Zorobabel a fim de pôr em prática o decreto real (Ed 1 e 2). Dois anos depois os alicerces do templo haviam sido assentados, entre louvores e lágrimas (Ed 3.8-13), e as perspectivas da reconstrução pareciam brilhantes.

Mas agora, em 520 a.C., as circunstâncias mostravam-se sombriamente diversas. Os inimigos, da raça mista dos samaritanos, haviam “alugado conselheiros” para confundir a causa dos judeus durante todo o reinado de Ciro; e quando seu sucessor, Artaxerxes, subiu ao trono, eles conseguiram suspender completamente o projeto (Ed 4). Catorze anos haviam-se passado agora; o templo continuava inacabado, e os alicerces tinham sido cobertos de entulho e de mato.

Os judeus repatriados pareciam ter aceito os acontecimentos com uma resignação quase fatalista. Ao que tudo indica, esse foi, pelo menos em parte, o resultado de uma reação à profecia. Jeremias predissera um período de 70 anos de “assolações” para Jerusalém (Jr 25). Vemos isso mais tarde importunando a mente de Daniel (Dn 9.1, 2), e mencionado de novo por Zacarias (Zc 1.12). Os judeus do “remanescente” que voltou parecem ter inferido erroneamente (apesar do sinal dado a eles por Deus mediante o edito de Ciro) que nem mesmo o *templo* podia ser reconstruído até que o período de “assolações” sobre

a cidade tivesse-se transcorrido. É isso que o profeta tem em mente já em suas primeiras palavras: “Este povo diz: *Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do SENHOR deve ser edificada*” (1.2). Eles ficaram paralisados por uma atitude errada em relação à profecia. Falaremos novamente disso mais tarde.

Ora, o significado principal de Ageu está no fato de que o mesmo ano em que ele pronunciou sua quádrupla profecia, 520 a.C., foi o ano em que terminou o período de “assolações” e que introduziu um novo período de bênção divina. Se os líderes judeus, ou o próprio Ageu, compreenderam isso claramente é outro assunto; mas na verdade foi assim, como fica muito claro na palavra de Deus. Mediante os lábios do inspirado Ageu, o Espírito de Deus marcou e enfatizou o ponto de transição, até o mês e o dia exatos. Veja 2.15-19 e note a ênfase deliberada sobre as palavras:

Agora, pois, considerai tudo o que está acontecendo desde aquele dia. Antes de pordes pedra sobre pedra no templo do SENHOR [...] Considerai, eu vos rogo, desde este dia em diante, desde o vigésimo-quarto dia do mês nono, desde o dia em que se fundou o templo do SENHOR, considerai nestas cousas [...] mas desde este dia vos abençoarei.

Poderia haver linguagem mais clara? Mesmo assim, porém, como *sabemos* que essa data sublinhada terminou o período das assolações? A resposta é muito interessante. Volte para Ezequiel 24.1, 2. Encontramos aqui outra data feita igualmente conspícua por um destaque da mesma forma significativo:

Veio a mim a palavra do SENHOR, em o nono ano, no décimo mês, aos dez dias do mês, dizendo: Filho do homem, escreve o nome deste dia, deste mesmo dia; porque o rei de Babilônia se atira contra Jerusalém neste dia.

Esse décimo dia do décimo mês do nono ano do cativeiro de Ezequiel na Babilônia é também dado claramente em 2 Reis 25.1 como o dia em que o cerco começou. Essa é a primeira vez nos livros históricos em que um evento é datado até o dia preciso. A mesma data exata

é dada também em Jeremias 52.4. Na mesma hora em que o exército babilônico começava a sitiá-la a capital judaica, o fato foi revelado por Deus ao profeta Ezequiel, que se achava a centenas de quilômetros dali, na Babilônia; na época, já havia estado exilado ali desde a deportação anterior dos judeus cativos ordenada por Nabucodonosor e registrada em 2 Reis 24.11-16. Ezequiel recebe então instruções para registrar enfaticamente esse dia que marcou o cerco de Jerusalém, para ser guardado e lembrado — o décimo dia do mês de tebet, 589 a.C. Este dia tem sido observado como um jejum anual por parte dos judeus desde então. Foi esse dia, o décimo de tebet, 590 a.C., que marcou o *início* do período de 70 anos de “assolações”. O fato importante a ser notado é que, a partir dessa data até aquela enfatizada por Ageu, a saber, o décimo quarto dia do mês quisleu, 520 a.C., houve um período de 25 200 dias, exatamente *70 anos de 360 dias cada um*.

Que o ano profético nas Escrituras tem 360 dias está claramente demonstrado (veja nosso artigo precedente sobre a profecia das “setenta semanas”, em Daniel). Assim, como dissemos, Ageu registra para nós um *ponto de transição* nos tratos divinos com Jerusalém.

O profeta Jeremias previu *dois* períodos de 70 anos que não devem ser confundidos. O primeiro abrange os 70 anos de *servidão* à Babilônia; o segundo é o período das “assolações”. O cativeiro na Babilônia começou com a sujeição de Jeoaquim a Nabucodonosor, em 606 a.C., e terminou com a proclamação de Ciro em 536 a.C., libertando os judeus para voltarem à sua terra. Esses 70 anos de servidão são citados em Jeremias 29.10, em que infelizmente nossa Edição Corrigida confunde o leitor, colocando “*em Babilônia*” em lugar de “*para Babilônia*”. Na Edição Atualizada o versículo é: “Assim diz o SENHOR: Logo que se cumprirem *para Babilônia* setenta anos atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar”. Jeremias não afirma em ponto algum que os judeus ficariam *na Babilônia* 70 anos; mas ele *realmente* diz que Deus designou um período de 70 anos *para* a Babilônia, como rainha das nações, durante cujo período Jerusalém e a Judéia, juntamente com os outros povos palestinos, ficariam em *servidão* à Babilônia.

Contudo, *além* desses 70 anos de cativeiro, Jeremias profetiza uma época de “assolações” reais que devastariam Jerusalém e a Judéia em

conseqüência de sua impiedade (Jr 25.9-11). Tanto Daniel como Zacarias entendem isso como um período de 70 anos (Dn 9.1, 2; Zc 1.12). Esse, repetimos, foi o período que terminou com a profecia de Ageu no vigésimo quarto mês de quisleu, 520 a.C. A última sombra profunda dessa noite desapareceu. Um novo sol levantou-se. Eis uma palavra de nova esperança, da parte do Senhor, anunciando as coisas boas que virão: “MAS DESDE ESTE DIA VOS ABENÇOAREI”. Gravemos esse momento decisivo, de grande importância, com clareza em nossas mentes, pois é a essência da mensagem de Ageu.

Talvez quase nem precisemos salientar que esse pequeno rolo escrito pela mão de Ageu tem quatro partes. Quatro vezes em quatro meses nesse notável “segundo ano de Dario”, 520 a.C., a “palavra do SENHOR” veio pelos lábios desse profeta. Cada uma das quatro comunicações é cuidadosamente datada e uma tem seu próprio ponto de convergência evidente. Podemos, então, colocar tudo neste esboço:

AGEU

“MAS DESDE ESTE DIA VOS ABENÇOAREI”

PRIMEIRA MENSAGEM — PARA DESPERTAR (1.1-15)

DATA — Sexto mês, primeiro dia

PONTO ESSENCIAL — “Edificai a Casa” (v. 8)

SEGUNDA MENSAGEM — PARA SUSTENTAR (2.1-9)

DATA — Sétimo mês, vigésimo primeiro dia

PONTO ESSENCIAL — “Eu sou convosco” (v. 4)

TERCEIRA MENSAGEM — PARA CONFIRMAR (2.10-19)

DATA — Nono mês, vigésimo quarto dia

PONTO ESSENCIAL — “Mas desde *este* dia vos abençoarei”
(v. 19)

QUARTA MENSAGEM — PARA ASSEGURAR (2.20-23)

DATA — Nono mês, vigésimo quarto dia

PONTO ESSENCIAL — “*Naquele* dia [...] te farei...”

A mensagem quádrupla

Examinemos agora brevemente essa quádrupla mensagem de Ageu. Em seu *primeiro* discurso (1), seu propósito é reprovar o povo por sua negligência e despertá-lo à ação imediata. Eles estavam interpretando erradamente a profecia, dizendo: “Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do SENHOR deve ser edificada” (1.2). Qualquer justificativa que pudesse haver nisso a princípio, não há dúvida de que se havia degenerado em simples desculpa para negligenciar o dever religioso e continuar em seus interesses egoístas. “Considerai o vosso passado”, clama o profeta. “Acaso é tempo de habitardes vós [que dizeis que o ‘tempo’ não veio] em casas apaineladas [casas caras e decoradas], enquanto *esta* casa [do Senhor] permanece em ruínas?” (v. 4).

Essa censura vinda dos lábios de Ageu tem aplicação em nossos próprios dias. Alguns de nós tiram conclusões erradas das Escrituras e dizem: “Não veio ainda o tempo”. Eles confundem ou desculpam sua inatividade com base nisso, quando deveriam estar-se esforçando para ganhar nossa geração presente para Cristo. Existe uma atitude certa e outra errada com relação à profecia. Devemos sempre lembrar que, embora a predição inspirada seja infalível, nossa interpretação dela *não* é infalível. O erro dos exilados judeus que voltaram é um exemplo. Devemos aprender com ele. Em lugar de se mostrar um tônico para eles, a profecia tornou-se um narcótico. Eles entregaram-se ao sentimento de que havia uma inevitabilidade irreversível nas coisas. O esforço presente não adiantaria; deveriam esperar até que o relógio da profecia batesse a hora predestinada. O resultado foi indiferença, e a causa de Deus sofreu. O povo foi-se acostumando a estar sem templo, e isso se mostraria fatal.

Precisamos estar sempre de prontidão contra essa atitude. Essa foi a atitude do velho e rabujento Dr. Ryland, de Northampton, quando oprimiu o jovem William Carey, replicando: “Jovem, sente-se. Quando Deus quiser converter os pagãos, ele fará sem sua ajuda ou a minha”. Essa é a atitude daqueles que dizem hoje: “Não adianta esperar nenhum grande avivamento do cristianismo no momento. A Palavra de Deus não prediz nada nesse sentido perto do final da era pre-

sente. As coisas deverão apenas ir de mal a pior até a volta de Cristo”. Que idéia paralisante! Ela basta, fora qualquer outra coisa, para anular a oração e o esforço. Todavia, como é estúpida essa suposição! Como explicar os gloriosos avivamentos que passaram por nossa terra no passado? Podemos apontar o capítulo e o versículo da Bíblia em que qualquer um deles tenha sido prognosticado? Onde está qualquer capítulo ou versículo que diga que *não pode haver* ou *não haverá* outra grande colheita de almas antes de Cristo voltar? “Considerai o vosso passado”, diz Ageu. “Subi ao monte [...] e edificai a casa.” Não devemos permitir que suposições desse tipo sobre a profecia paralise os empreendimentos para Cristo.

Há algum tempo, vários ministros evangélicos reuniram-se em conferência a fim de discutir a possibilidade de uma campanha evangelística nacional coordenada. Seus corações estavam angustiados por causa da deplorável condição moral e espiritual do país. Foram realizadas diversas sessões, e em cada uma delas um dos irmãos fez um discurso sobre algum aspecto da questão. Houve marcante unanimidade de opiniões até a última sessão, quando o primeiro orador insistiu na idéia de que toda organização humana desse tipo não tinha realmente muito propósito, a não ser que tivesse chegado o tempo predestinado *por Deus* para tomar uma atitude, e que, quando Deus *entrava* em ação, geralmente agia independentemente da organização humana. Isso provocou acalorada polêmica; mas por fim a conferência confirmou sua convicção unânime de que, *embora a regeneração e o avivamento sejam atos soberanos de Deus, a evangelização é obrigação constante da igreja*. É sempre bom lembrar disso. A falácia deste último orador da conferência estava em fazer uma antítese de duas coisas que não são antitéticas. A soberania divina e o esforço humano não se excluem mutuamente; devem colaborar entre si. Não se trata de um caso de “ou isto, ou aquilo”. Não se trata de *ou* “esperar em Deus”, *ou* “trabalhar para o reavivamento”. As duas coisas devem andar juntas — “esperar” e “trabalhar”. Não é o caso de escolher entre agonizar na oração ou organizar uma campanha. Agonizar e organizar fazem um todo. Jamais devemos permitir que a verdade da soberania divina ou o fato da profecia bíblica obscureçam nossa per-

cepção da responsabilidade humana. Essa grande verdade, talvez mais que qualquer outra, é-nos trazida hoje mediante essa profecia de Ageu.

A *segunda* mensagem de Ageu é surpreendente. Seu propósito era incentivar. Alguns dos judeus mais idosos que se lembravam do antigo templo ficaram deprimidos com o contraste entre ele e o que estava sendo construído. Ageu os anima, então, declarando três grandes fatos. Primeiro: a aliança do Senhor com Israel continua de pé, e, portanto, permanece também a fidelidade do Senhor para com ela (v. 5); segundo: o Espírito de Deus ainda permanece entre eles (v. 5); terceiro: a promessa de Deus é que haverá no futuro um grande abalo; virá aquele que é o Desejo de todas as nações, e “a glória desta última casa será maior do que a da primeira” (vv. 6-9). Essas são as três grandes coisas que devem também inspirar-*nos* — a aliança, a presença do Espírito e a volta prometida do Rei. Um abalo — um advento — um templo cheio de glória; esse é o cenário da promessa. Veja Hebreus 12.26, 27 para um impressionante comentário sobre essa parte de Ageu.

Já mencionamos a importância da *terceira* mensagem de Ageu, no vigésimo quarto dia do mês de quisleu. O povo esperara uma volta à prosperidade material desde o primeiro dia em que haviam respondido a Ageu e recomeçado a obra no templo, três meses antes (1.15). Mas Ageu agora afirma que eles não devem considerar seu trabalho renovado no templo como algo que lhes daria qualquer mérito piedoso que, por assim dizer, faria com que Deus tivesse alguma obrigação para com eles. Nada disso, na verdade era o contrário. Quando uma pessoa cerimonialmente impura tocava algum objeto, esse objeto tornava-se também contaminado (2.11-14), e era isso que na realidade acontecia com eles. Em vez de terem mérito especial, estavam contaminados; e era a graça da parte de Deus que os fazia aceitáveis. Agora, todavia, Deus lhes *daria* um sinal especial de sua misericórdia, *desde este dia* ele os abençoaria (vv. 15-19).

A *quarta* mensagem é para o próprio Zorobabel, o chefe dos judeus repatriados. Todavia, evidentemente, ela vai muito além dele, até a consumação final da linhagem davídica no reino futuro de Cristo. Deve ficar muito claro que Zorobabel é considerado aqui o *representante* da linha davídica. Uma vez mais Deus fala do grande abalo que

virá, mas acrescenta que “NAQUELE DIA” Zorobabel será “*um anel de selar*” (o sinal de autoridade). É peculiarmente digno de nota que essa figura do sinete seja usada aqui em relação a Zorobabel, pois foi empregada para seu pai, o rei Jeconias, de maneira trágica, para expressar sua rejeição por parte de Deus: “Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR, ainda que Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, fosse o anel do selo da minha mão direita, eu dali o arrancaria” (Jr 22.24). Na grande e última vitória do propósito divino, Cristo, o Filho mais importante e o maravilhoso antítipo de Davi e de Zorobabel, será o sinete do Senhor, por meio do qual ele gravará em todas as nações sua majestade, sua vontade e decisões, seu ideal perfeito e sua própria mensagem.

ZACARIAS (1)

Lição Nº 101

NOTA: Para este estudo, leia o livro inteiro de Zacarias sem interrupção. Depois, leia os oito primeiros capítulos de novo duas vezes.

A profecia hebraica é reconhecida por quase todos como um fenômeno absolutamente sem paralelos na história das religiões. Qualquer que seja a etimologia do nome (*Nabi*), o profeta destaca-se claramente como alguém consciente de ter recebido do Senhor uma mensagem direta, que lhe cabe transmitir aos homens [...]. Foi certamente um erro da apologética antiga colocar a essência da profecia na predição como feito com frequência. Em primeira instância, o profeta era um homem falando para seu próprio tempo [...]. A crítica moderna é imensamente responsável pela promoção dessa melhor forma de considerar a profecia, tendo em consequência reavivado muito o estudo dos escritos proféticos e favorecido uma compreensão mais acurada de seu significado. Por outro lado, a visão moderna, no desejo de assimilar ao máximo a profecia de acordo com os pronunciamentos do gênio humano natural, violenta nitidamente os ensinamentos bíblicos ao negar esse elemento da predição ou fazer pouco caso dele.

JAMES ORR,
Doutor em Teologia.

ZACARIAS (1)

DEPOIS da mensagem curta e direta de Ageu, esse livro de Zacarias pode parecer desanimadoramente complicado. Todavia, na verdade não é assim, como veremos. Para um leitor atento, o livro logo se destaca, estando repleto de coisas boas. Zacarias era da mesma época de Ageu (Ed 5.1). As profecias dos dois homens estão relacionadas principalmente com o mesmo momento da história, o qual, conforme vimos em nosso estudo de Ageu, foi um *momento decisivo* nos tratos divinos com Jerusalém e com a nação da aliança. Se realmente captamos o sentido importantíssimo dessa frase-chave enfática em Ageu — “*desde este dia vos abençoarei*” (2.15-19) — não demoraremos a chegar à essência da mensagem de Zacarias, pois tais profecias baseiam-se nesse mesmo momento, completando, desenvolvendo e ampliando a mensagem de Ageu. Isso é tão verdadeiro que o pequeno rolo de Ageu poderia representar quase uma *introdução* a essa obra mais longa da pena de Zacarias.

Zacarias — sacerdote e profeta

Com Zacarias, então, como no caso de Ageu, começamos no ano 520 a.C., no “segundo ano de Dario” do Império Medo-Persa (1.1), e estamos entre os 50 000 ou mais do “remanescente” judeu que voltou (16 anos antes) do exílio na Babilônia, a fim de repovoar e reconstruir a Judéia e Jerusalém. Esses dois homens, Ageu e Zacarias, foram levantados por Deus e inspirados para encorajar o zelo cada vez menor dos líderes e do povo judeu. Zacarias era tanto sacerdote quanto profeta. Ele era “filho de Berequias, filho de Ido” (1.1). Esse Ido era um dos sacerdote que voltaram da Babilônia com Zorobabel e Jesua (Ne 12.4). Isso significa que Zacarias fazia parte da família de Arão. É-nos dito que ele exercia seu ofício sacerdotal nos dias de Joiaquim, filho de Jesua (Ne 12.12, 16).

Havia uma vantagem especial no fato de o ministério de profeta e sacerdote ser desempenhado pela mesma pessoa naquela conjuntura. Em anos anteriores, muitas vezes os profetas tiveram de opor-se fortemente aos sacerdotes. Quando o sacerdote não passava de um simples formalista, insensível ao significado mais profundo dos ritos sagrados que administrava, o profeta era obrigado a lembrar seus compatriotas das verdades vitais ocultas no ritual exterior. Zacarias reunia em si próprio todas as tradições sacerdotais do sacerdócio aarônico com o fervor e a autoridade do profeta. Nada poderia ter sido mais oportuno do que uma só voz fazer esse apelo duplo. Nada era mais adequado para incentivar o povo em meio aos problemas desanimadores, e ao mesmo tempo despertá-los de sua apática demora na reconstrução da casa do Senhor.

Vale a pena notar que, a partir dessa época, o sacerdócio toma a liderança na nação. Quanto ao governo, a história do povo da aliança divide-se em três períodos principais. Primeiro, de Moisés a Samuel temos Israel sob os *juízes*. Segundo, de Saul a Zedequias temos Israel sob os *reis*. Terceiro, de Jesua e a repatriação do “Remanescente” até a destruição de Jerusalém em 70 d.C. temos Israel sob os *sacerdotes*.

Capítulos de 9 a 14

Antes de examinar e analisar o livro de Zacarias, talvez devamos notar que os capítulos de 9 a 14 foram questionados por alguns dos críticos bíblicos mais recentes. Mais por confiança do que com razão, eles argumentaram que esses capítulos não saíram das mãos de Zacarias, mas de um escritor (ou escritores) que viveu, segundo alguns, já em 770 a.C., ou, segundo outros, até cerca de 330 a.C. Um estudioso vê diferença de autoria no fato de o estilo dos oito primeiros capítulos ser prosaico, medíocre, pobre, enquanto o dos seis restantes é *poético, ponderado, brilhante*. Contudo, outro estudioso fundamenta seu argumento na “linguagem *sem vida*” desses últimos capítulos. Não podemos resistir à observação de que certamente deve haver alguma coisa estranha com um sistema de crítica bíblica que, a partir dos mesmos

pormenores, produz extremos tão contraditórios, tanto no que se refere ao estilo quanto com relação à data.

Não precisamos, no entanto, discutir o ataque a esses capítulos. Os críticos tiveram sua resposta, e a integridade do livro tem sido repetidamente provada por estudiosos de mérito mais confiável. Uma abordagem competente da questão é feita no *Commentary* de J. C. Ellicott e também na introdução ao livro de Zacarias no *Pulpit Commentary*. Em estudos anteriores dessa série, examinamos os ataques modernistas aos livros de Jonas, de Isaías e de Daniel e mostramos como os argumentos contra tais escrituras são falazes. A tentativa contra esses últimos capítulos de Zacarias enquadra-se na mesma categoria e revela um resultado similar, a saber, que a “batalha” erudita destrói a si mesma, apenas para provar mais claramente que nunca a absoluta autenticidade do precioso e antigo Livro.

Conteúdo e análise

Se examinarmos cuidadosamente esse livro de Zacarias duas ou três vezes, logo descobrimos que seu arranjo se nos torna claro. Com certeza veremos, em primeiro lugar, que existe uma divisão básica entre os capítulos 8 e 9, a separar o livro em duas partes principais. Não é difícil perceber isto, pois as características das duas partes são marcadamente diferentes. Os oito primeiros capítulos compõem-se principalmente de *visões* proféticas; os seis capítulos restantes são totalmente profecias *diretas*. Os oito primeiros capítulos foram escritos durante a reconstrução do templo; os seis capítulos restantes foram escritos consideravelmente *depois* de o templo ter sido reconstruído. Os oito primeiros capítulos fazem uma referência *particular e imediata* ao “remanescente” judeu agora de volta à sua terra; os seis capítulos restantes possuem uma referência *geral e de longo alcance* a Israel como um todo, ao futuro derradeiro e às nações gentias. O conteúdo dos oito primeiros capítulos foi cuidadosamente datado (1.1, 7; 7.1); o conteúdo dos seis capítulos restantes não está datado *em lugar algum*.

As duas partes

Na primeira parte (1—8), temos *sete visões* (1—6) com uma mensagem de aplicação a “todo o povo desta terra” (7.5; 8.9, 11, 12). Alguns consideram oito as visões, fazendo do símbolo do “efa”, no capítulo 5, uma visão separada. Mas uma leitura cuidadosa desse capítulo, a nosso ver, mostrará que se trata essencialmente de uma única visão em três aspectos: o rolo, o efa e as mulheres. O versículo 6 mostra a ligação do efa com o que aconteceu antes. Com certeza não há *dez* visões nesses capítulos, como afirma a Bíblia anotada por Scofield, dividindo artificialmente a visão dos quatro chifres e quatro ferreiros em duas (1.18-21), e a visão do sumo sacerdote Josué também (3), assim como a do rolo e a do efa (5). Verifique com cuidado essas sete visões e veja quão adequadamente a mensagem *falada* de Zacarias nos capítulos 7 e 8 as acompanha.

A *segunda* parte do livro (9—14) consiste em uma profecia contínua que se desdobra, ultrapassando a época do profeta e chegando até as conquistas de Alexandre, o Grande, o desequilíbrio do império grego, as lutas heróicas dos macabeus e a vinda do Pastor-Rei de Israel, o Messias. Assim, ela anuncia o primeiro advento do Rei em fraseologia velada e mística, fala de sua rejeição e depois salta por sobre a era presente, descrevendo a luta final e o triunfo de Sião, quando as campainhas dos cavalos e as panelas nas cozinhas serão “santas ao SENHOR”. Esta não é a mais fácil das passagens para o leitor comum entender, mas isso deve-se em parte a dificuldades de tradução. Uma vez reconhecidos seus três desdobramentos principais e esclarecidos certos problemas de tradução, logo compreendemos que se trata de uma das profecias mais surpreendentes já escritas. Ela é composta de três desdobramentos. Primeiro, nos capítulos 9 e 10, temos a vinda do Pastor-Rei e a bênção resultante de Sião. Segundo, no capítulo 11, encontramos a ofensa ao Pastor-Rei e suas trágicas conseqüências. Terceiro, do capítulo 12 ao 14, temos a luta final e o triunfo de Sião, assim como a vitória suprema do Senhor.

Qual a *frase-chave* nessa profecia de Zacarias? Em nosso estudo de Ageu vimos que a frase-chave era: “Desde este dia vos abençoarei” (2.19). O Senhor voltara-se de novo para Jerusalém abençoando, depois dos 70 anos de “assolações”. Da mesma forma, a frase-chave em Zacarias é: “Com grande empenho estou zelando por Jerusalém e por Sião [de novo] [...] Voltei-me para Jerusalém com misericórdia” (1.14-16; 8.1-3). Esse pensamento, de o Senhor zelar de novo por Jerusalém, percorre o livro todo, como logo veremos ao examinar cada capítulo em separado. Contudo, vamos agora colocar nossas descobertas num diagrama simples:

ZACARIAS

“ESTOU ZELANDO POR SIÃO”

PRIMEIRAS PROFECIAS: A RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO (1—9)

Visão em sete partes: os quatro cavalos (1.8-17), os quatro chifres e ferreiros (18-21), o cordel de medir (2), troca dos trajes de Josué (3), o candelabro de ouro (4), o rolo, o efa e as mulheres (5) e os quatro carros (6).

Mensagem em quatro partes: 7.1-7, 8-14; 8.1-17, 18-23.

PROFECIAS POSTERIORES: DEPOIS DA RECONSTRUÇÃO DO TEMPLO (9—14)

A vida do Pastor-Rei e a bênção resultante de Sião (9—10)

A ofensa ao Pastor-Rei e suas trágicas conseqüências (11)

A luta final e o triunfo de Sião: a vitória do Senhor (12—14)

As sete visões simbólicas

As sete visões descritas na primeira parte do livro são na verdade sete em uma, pois todas vieram, ao que parece, numa única noite, “aos vinte e quatro dias do mês undécimo, que é o mês de sebate, no segun-

do ano de Dario” (1.7). Isso ocorreu exatamente cinco meses depois que a reconstrução do templo foi retomada (Ag 1.15). Que deveriam transmitir essas visões simbólicas a Zacarias e aos judeus? Creio que não precisamos ficar em dúvida por muito tempo quanto a seu significado central. Vamos examiná-las e tentar descobrir o ponto essencial em cada uma.

Vejam os a primeira delas, *a dos quatro cavalos e seus cavaleiros* (1.8-17). Zacarias vê uma patrulha de anjos entre as murteiras no vale.¹ Esses “vigilantes” celestiais (v. 10) relatam ao anjo do Senhor o resultado de sua inspeção das condições do mundo: as nações estão “tranqüilas” (compare os versículo 11 e 15). Zacarias deve entender que, embora as nações vizinhas estejam numa tranqüilidade descuidada enquanto o “remanescente” do Senhor passa dificuldades, e apesar de praticamente não haver indícios de que o juízo está prestes a ser executado sobre essas nações perversas, segundo a palavra do Senhor por meio de Ageu (Ag 2.22), no reino invisível, todavia, Deus está observando e os poderes celestiais já estão-se preparando para o golpe do castigo. O que se segue na visão confirma perfeitamente tal significado. O anjo do Senhor pergunta: “Ó SENHOR dos Exércitos, até quando não terás compaixão de Jerusalém e das cidades de Judá, contra as quais estás indignado faz já setenta anos?” (v. 12). A resposta é: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Com grande empenho estou zelando por Jerusalém e por Sião. E com grande indignação estou irado contra as nações que vivem confiantes; porque eu estava um pouco indignado [com Jerusalém e Judá], e elas [as nações] agravaram o mal. Portanto, assim diz o SENHOR: *Voltei-me para Jerusalém com misericórdia; a minha casa nela será edificada, diz o SENHOR dos Exércitos, e o cordel [cordel de medida para sua reconstrução] será estendido sobre Jerusalém*” (vv. 14-16). Fica claro, portanto, que o ponto essencial nessa primeira visão é que agora o

1. Algumas versões dão a entender que, atrás do primeiro cavaleiro, o homem no cavalo vermelho, havia um bom número de outros cavalos. Mas há versões que corrigem isso, mostrando que havia apenas quatro ao todo. A ARA não especifica o número de cavalos. (N. da T.)

Senhor se tornou novamente zeloso de Jerusalém, estando prestes a punir as nações pelo abuso de seu povo da aliança.

A segunda e a terceira visões reproduzem esse mesmo fato com símbolos diferentes. Na *segunda* visão (1.18-21), Zacarias vê “quatro chifres” e depois “quatro ferreiros” que viriam para “amedrontá-los”. Os quatro chifres são as nações que “dispersaram a Judá, a Israel e a Jerusalém”, e os quatro ferreiros são os instrumentos do juízo do Senhor contra essas nações. Na *terceira* visão (2.1-13), Zacarias vê um “homem” com um “cordel de medir” que ia “medir Jerusalém”. Mas um mensageiro celestial corre para o homem dizendo: “Jerusalém será habitada como as *aldeias sem muros*, por causa da multidão de homens e animais que haverá nela” (2.4) — isto é, ela excederia todas as medidas do muro que o homem pretendia tomar, tão grande seria sua prosperidade. O próprio Senhor seria o muro de Jerusalém, como continua o versículo 15: “Pois *eu* lhe serei, diz o SENHOR, um muro de fogo em redor, e eu mesmo serei, no meio dela, a sua glória”. Aqui novamente, portanto, na segunda e na terceira visão, temos o juízo das nações e a volta do favor do Senhor para com Jerusalém (veja especialmente os vv. 6-13). Mais uma vez o Senhor tornou-se “zeloso de Sião”.

A seguir, na *quarta* visão (3.1-10), é mostrado a Zacarias “o sumo sacerdote Josué [do remanescente que voltou], o qual estava diante do anjo do SENHOR, e Satanás estava à mão direita dele, para se lhe opor”. Não há necessidade de entrar em minúcias: o objetivo principal dessa simbólica troca de trajes de Josué é evidente demais para passar despercebido. Durante o período das “assolações”, Jerusalém foi rejeitada e castigada, e seus sacerdotes e seu povo sofreram sob a indignação do Senhor. Mas agora houve uma mudança, mostrada nessa troca de trajes de Josué, que representa aqui o povo da aliança. Em lugar de Josué ser censurado, Satanás recebe agora a repreensão, e Josué, como representante do remanescente que voltou, é “um tição tirado do fogo”. As vestes sujas de Josué são removidas (v. 4), e o significado simbólico disso é evidentemente *a remoção da iniquidade dele* (como representante de seu povo). Josué é então vestido com “*finos trajes*”; um “turbante limpo” (“mitra” — IBB) é colocado em

sua cabeça (veja o v. 5), sendo-lhe dadas uma nova comissão e uma nova promessa para o futuro. Se essa não for uma expressão simbólica do mesmo fato manifestado nas visões anteriores, ela nada significa. De forma muito clara, o sentido aqui é a volta do favor de Deus a seu povo e cidade. Mais uma vez o Senhor se tornou “zeloso de Sião”.

A *quinta* visão, do candelabro de ouro e das duas oliveiras (4.1-14), é um encorajamento especial para Zorobabel, o líder *civil* do remanescente (vv. 6-10), assim como a visão precedente o foi para Josué, o líder *religioso*. A montanha transformar-se-ia em planície diante dele, e ele certamente completaria a reconstrução do templo. O versículo 10 é o clímax. A leitura deveria ser: “Quem desprezou o dia das pequenas coisas [os humildes começos da reconstrução]? Pois esses sete olhos do SENHOR [as sete lâmpadas do candelabro] que percorrem toda a terra *contemplanão com alegria o prumo na mão de Zorobabel*”. Mais uma vez, portanto, o significado é o novo prazer e favor do Senhor para com Sião. Veja também o versículo 12, que deveria ser: “Que são aqueles dois raminhos de oliveira, que através dos dois bicos [ou tubos] de ouro derramam o azeite dourado?” (o óleo pingava sozinho dos dois ramos com frutos em dois “bicos” ou canais que o levavam ao reservatório central). A resposta é: “São os dois ungidos [filhos do óleo], que assistem junto ao SENHOR de toda a terra” — Josué e Zorobabel (embora possa haver outros significados latentes), representando o povo da aliança e por meio de quem o Espírito do Senhor estava agora fluindo outra vez para abençoar. Novamente o Senhor tornou-se “zeloso de Sião”.

Na *sexta* visão (5.1-11), Zacarias vê um enorme rolo, com 20 côvados de comprimento e 10 de largura (9 m x 4,5 m), voando pelo ar, e ficamos sabendo que essa é “a maldição” que “sai” contra a perversidade na terra. Quando Deus estabelece sua casa na terra (como na visão precedente), sua palavra sai (como nessa nova visão) para julgar e sentenciar tudo o que não estiver em harmonia com tal casa. Não pode haver a restauração da bênção do Senhor sem que o mal seja expulso. Aquele grande rolo volante, aberto para que todos pudessem ler, explicava por que até então houvera tamanha adversidade entre o remanescente: tratava-se da maldição do Senhor sobre o mal que ainda

restava. Agora, porém, Zacarias fica sabendo o que deve ser feito com o mal. Ele vê um “efa” (a maior das medidas de capacidade para secos em uso entre os judeus, equivalente a 27 ou 31,5 litros) em um grande recipiente, sendo-lhe dito que isso representa a iniquidade em toda a terra. A tampa de chumbo é levantada da boca do efa, e eis que uma mulher estava sentada dentro dele. O anjo-intérprete diz a Zacarias: “Isto é a impiedade”. Então, ele lança a mulher para o fundo do efa e põe o peso de chumbo sobre a boca deste. De repente, aparecem duas outras mulheres, cada uma com asas de cegonha (um pássaro imundo) e vento em suas asas, e elas levam embora para a Babilônia o efa iníquo. Quaisquer que sejam os significados latentes nos detalhes peculiares dessa sexta visão, o ponto em destaque é perfeitamente claro. Que os juramentos falsos e os furtos execrados no rolo volante (v. 3) vão para o lugar a que de fato pertencem, mesmo para a Babilônia, para a sede dos inimigos de Deus desde os dias de Ninrode (Gn 10.10). Se o “efa” era o antigo símbolo judeu para o *comércio*, então a mulher no efa representaria a corrupção babilônica que estava fermentando o comércio entre o remanescente que voltou. O lugar adequado para tal corrupção não é Jerusalém, a cidade do Senhor, mas a cidade rival de Satanás, Babilônia. O próprio fato do novo zelo do Senhor por Sião significa uma intolerância renovada contra tudo o que é pecaminoso.

Por último, na *sétima* visão (6.1-8) e na *coroação* simbólica de Josué que se segue a ela (vv. 9-15), vemos de novo o juízo iminente do Senhor sobre as nações gentias e a volta de sua misericórdia para com Jerusalém. Praticamente não pode haver dúvida de que os quatro carros de guerra dessa visão representam o juízo divino que virá em breve. Os quatro anjos que os dirigem são “os quatro espíritos do céu, que saem donde estavam perante o SENHOR de toda a terra” (v. 5) — correspondendo aos “quatro anjos” de Apocalipse 7, como agentes do juízo de Deus.² Um juízo especial é aplicado à “terra do norte” de onde os invasores gentios tinham saído (vv. 6, 8). Mas em marcante contraste com isso, é dada a Zacarias — aparentemente de madrugada — a ordem de realizar uma notável *cerimônia de coroação* (vv. 9-15).

2. Na ARA, em vez de quatro “espíritos”, temos “quatro ventos”. (N. da T.)

Ele deveria receber prata e ouro de certos visitantes judeus da Babilônia e fazer um diadema combinado para coroar Josué, o novo sumo sacerdote de Jerusalém. A seguir, deveria dizer: “Eis aqui o homem cujo nome é Renovo: ele brotará do seu lugar, e edificará o templo do SENHOR” (v. 12). Existe aqui, naturalmente, uma referência a Cristo, na forma de tipo. Mas o sentido *imediato*, não obstante, e mais uma vez, é que o Senhor, além de enviar seu juízo por meio de carros sobre os poderes gentios circunjacentes, “voltou-se com misericórdia” e promessas graciosas para o remanescente de seu povo.

Essas são, portanto, as sete visões de Zacarias. Julgamos que agora ficou claro que o pensamento-chave ou idéia unificadora que as percorre é aquele pronunciado em relação à primeira delas: “*Com grande empenho estou zelando [outra vez] por Jerusalém e Sião. E com grande indignação estou irado contra as nações que vivem confiantes; porque eu estava um pouco indignado, e elas agravaram o mal. Portanto, assim diz o SENHOR: Voltei-me para Jerusalém com misericórdia*” (1.14-16). Se for necessária uma confirmação final para isso, basta ler os dois capítulos restantes dessa primeira parte do livro (7 e 8). Veja 8.1-3, 9-15.

Obviamente, não devemos deixar esse capítulos sem reconhecer que vez ou outra eles vão além do imediato e do local, prevendo um cumprimento derradeiro na segunda vinda de Cristo. Veja 2.10-13; 3.8-10; 6.12-14. A *razão* de a plena concretização dessas passagens ser ainda futura é que, quando o Messias-Rei veio e se ofereceu a seu povo, eles o rejeitaram e crucificaram, suspendendo desse modo a prometida era de bênção. Contudo, vamos falar disso novamente em nossa próxima lição, quando examinarmos a grande profecia de Zacarias do capítulo 9 ao 14.

ZACARIAS (2)

Lição Nº 102

NOTA: Para este estudo, leia novamente do capítulo 9 ao 14. É muito importante dominá-los. Leia-os cuidadosamente em alguma tradução moderna. A seguir, leia pelo menos mais duas vezes em seguida.

“... no rolo do livro está escrito a meu respeito” (Sl 40.7). As Sagradas Escrituras e a pessoa do Senhor Jesus Cristo estão de tal forma ligadas, que o que prejudica a integridade e a autoridade de uma afeta igualmente a outra. A Palavra escrita é a Palavra Viva velada: a Palavra Viva é a Palavra Escrita revelada. Cristo é a pedra angular de toda fé, mas essa pedra angular foi colocada nas Escrituras como um fundamento, e perturbar a autoridade das Escrituras abala o alicerce da fé do cristão e o alicerce da própria igreja.

ARTHUR T. PIERSON

ZACARIAS (2)

ESTAMOS agora nos capítulos de 9 a 14. Como já dissemos, eles constituem uma das profecias mais notáveis jamais escritas. A passagem como um todo, porém, pode parecer bastante complicada a princípio, mas, se descobrirmos seus três movimentos principais e depois esclarecermos certos problemas de tradução, ela desvenda-se grandiosamente para nós. Seus significados são elucidados por outras predições do Antigo Testamento que já estudamos, e mais ainda pelo que tornou-se conhecido durante o primeiro advento do Senhor Jesus, o Messias de Israel. É realmente importante compreender o sentido dessa grande profecia messiânica. Assim, vamos oferecer aqui grande parte numa apresentação que ajudarão a simplificá-la, com breves explicações entre colchetes onde julgamos necessário, além de comentários entre alguns dos parágrafos.

PRIMEIRA PARTE

A VINDA DO PASTOR-REI E A CONSEQÜENTE BÊNÇÃO DE SIÃO (9—10)

A sentença pronunciada pelo SENHOR é contra a terra de Hadraque, e repousa sobre Damasco, porque o SENHOR põe os seus olhos sobre os homens e sobre todas as tribos de Israel; também repousa sobre Hamate que confina com ele [*nota: essas eram cidades da Síria*], sobre Tiro e Sidom cuja sabedoria é grande [como pensam]. Tiro edificou para si fortalezas, e amontou prata como o pó, e ouro como a lama das ruas. Eis que o SENHOR a despojará, e precipitará no mar a sua força; e ela será consumida pelo fogo [*nota: essas eram cidades da Fenícia*]. Ascalom o verá e temerá; também Gaza, e terá grande dor; igualmente Ecrom, porque a sua esperança será iludida; o rei de Gaza perecerá, e Ascalom não será habitada. Povo bastardo habitará em Asdode, e

exterminarei a soberba dos filisteus [*nota: essas eram cidades da Filístia*]. Da boca destes [dos filisteus] tirarei o sangue dos sacrifícios idólatras, e dentre os seus dentes tais abominações [*uma referência aos sacrifícios idólatras dos filisteus*]; então ficará ele como um restante para o nosso Deus; e será como chefe em Judá, e Ecom como jebuseu [*os jebuseus, como deve ser lembrado, tiveram permissão de habitar com os filhos de Judá em Jerusalém como seus iguais, não como uma raça conquistada; veja Josué 15.63*]. Acampar-me-ei ao redor da minha casa para defendê-la contra forças militantes [diz o Senhor], para que ninguém passe nem volte; que não passe mais sobre eles o opressor; porque agora vejo isso com os meus olhos.

Isso é tudo com respeito aos versículos de 1 a 8. Mas agora, no versículo 9, em contraste com esse prelúdio de juízos previstos sobre as nações gentias, Zacarias irrompe em uma rapsódia sobre o Rei que virá e a bênção futura de Sião.

Alegra-te muito, ó filha de Sião;
exulta, ó filha de Jerusalém:
eis aí te vem o teu Rei,
justo e salvador,
humilde, montado em jumento,
num jumentinho, cria de jumenta.

Destruirei os carros de [contra] Efraim e os cavalos de [contra] Jerusalém e o arco de guerra será destruído. Ele anunciará paz às nações; o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o Eufrates até às extremidades da terra.

Quanto a ti, Sião, por causa do sangue da tua aliança [*a aliança do Senhor com a nação*], tirei os teus cativos da cova [Babilônia] em que não havia água [*aqui Zacarias volta por um momento às circunstâncias mais imediatas*]. Voltai à fortaleza [isto é, para Sião], ó presos de esperança [*este é um apelo para os judeus que preferiram ficar na Babilônia depois do exílio ter terminado, em lugar de voltar à Judéia com o remanescente*]; também hoje vos

anuncio que tudo vos restituirei em dobro [*isto é, uma dupla recompensa de bênçãos para Sião por todos os seus castigos*]. Porque para mim curvei Judá como um arco, e o enchi de Efraim; suscitarei a teus filhos, ó Sião, contra os teus filhos, ó Grécia! e te porei, ó Sião, como a espada de um valente [*nota: essa surpreendente referência à Grécia aponta para um tempo além dos dias do próprio profeta, para as conquistas vindouras de Alexandre, o Grande, o domínio do império grego e as posteriores vitórias heróicas dos macabeus; todavia, os versículos que agora se seguem indicam também uma vitória maior que ainda virá, e que foi suspensa por causa da incredulidade dos judeus quando Cristo veio e se ofereceu como o prometido Messias-Rei, há quase 2 000 anos*].

- O SENHOR será visto sobre os filhos de Sião,
e as suas flechas sairão como o relâmpago;
- o SENHOR Deus fará soar a trombeta,
e irá com os redemoinhos do sul.
- O SENHOR dos Exércitos os protegerá;
devorarão os fundibulários [seus inimigos] e os pisarão;
também beberão deles o sangue como vinho;
encher-se-ão como bacias do sacrifício e
ficarão ensofados como os cantos do altar.
- O SENHOR seu Deus naquele dia os salvará,
como ao rebanho do seu povo;
porque eles são pedras de uma coroa, e resplandecem
na terra dele.
- Pois quão grande é a sua bondade! E quão grande a sua
formosura!
- O cereal fará florescer os jovens, e o vinho as donzelas.

Talvez tenha sido notado que, na passagem acima (capítulo 9), a idéia central é aquela encontrada na primeira parte do livro, a saber, que o Senhor está prestes a castigar as nações e que novamente se tornou “zeloso de Sião”. Vamos ler isso outra vez no capítulo 10, que

se segue agora. Mas, antes de continuar, devemos compreender que o período dos macabeus, profetizado no capítulo 9, que levou à primeira vinda do Rei de Sião (9.9), *poderia* ter avançado diretamente para a batalha final e para a vitória de Sião agora descritas nesse capítulo 10, não fosse a incredulidade e o pecado dos judeus. Em vista do ocorrido quando o Rei de Sião veio e ofereceu a si mesmo, há 2 000 anos, a luta e a vitória finais agora descritas no capítulo 10 foram adiadas, e a era presente intervém (como acontece entre os versículos 9 e 10 no capítulo 9). Zacarias, como os outros profetas do Antigo Testamento, não é esclarecido quanto ao longo intervalo atual da era da “Igreja” (Ef 3). Pode-se perguntar: por que Deus não revelou isso antecipadamente, visto que viu com antecedência que aconteceria? A resposta é dupla. Primeiramente, se Deus tivesse revelado isso de forma clara antecipadamente, então o Senhor Jesus jamais poderia ter vindo e feito uma oferta real e *bona fide* de si mesmo como Messias; e Deus jamais poderia ter testado os judeus em relação a ele. Em segundo lugar, Deus *se agradou* em predizer repetidamente a rejeição e a crucifixão de Cristo na profecia do Antigo Testamento, para que nós, nesta era presente, tanto judeus quanto gentios, possamos saber que ele prevaleceu graciosamente sobre a incredulidade e o pecado dos judeus na primeira vinda de Cristo. E agora damos o capítulo 10 (em parte), que simplesmente continua o final do capítulo 9.

Pedi ao SENHOR chuva no tempo das chuvas serôdias, ao SENHOR, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiro, e a cada um erva no campo. Porque os ídolos do lar falam cousas vãs, e os adivinhos vêem mentiras, contam sonhos enganadores, e oferecem consolações vazias; por isso anda o povo [o povo da aliança] como ovelhas, aflito, porque não há pastor [verdadeiro]. Contra os pastores [falsos] [*isto é, os reis vizinhos, como veremos mais tarde; veja também Isaías 41, em que o rei Ciro é chamado pastor*] se acendeu a minha ira, e castigarei os bodes guias; mas o SENHOR dos exércitos tomará a seu cuidado o rebanho, a casa de Judá [*note que Judá é aqui chamado “rebanho” do Senhor; isso nos guiará mais tarde*], e fará desta o seu cavalo de glória na batalha. De Judá sairá a pedra angular, dele a estaca da tenda,

dele o arco de guerra, dele sairão todos os chefes juntos [...]. [agora o versículo 9] Ainda que os espalhei por entre os povos, eles se lembram de mim em lugares remotos; viverão com seus filhos, e voltarão. Porque eu os farei voltar da terra do Egito, e os congregarei da Assíria; trá-los-ei à terra de Gileade e do Líbano, e não se achará lugar para eles. Passarão o mar de angústia, as ondas do mar serão feridas, e todas as profundezas do Nilo se secarão; então será derribada a soberba da Assíria e o cetro do Egito se retirará. Eu os fortalecerei no SENHOR, e andarão no seu nome, diz o SENHOR.

SEGUNDA PARTE

*A OFENSA AO PASTOR-REI E AS
TRÁGICAS CONSEQUÊNCIAS (11)*

Como a anterior, essa parte começa com um surto de calamidades sobre as potências vizinhas — “Líbano”, “Basã” e “a soberba do Jordão”, indicando regiões ao norte, nordeste e leste, pouco além da área então ocupada pelos judeus. Zacarias conta-nos a seguir como o Senhor lhe ordenou “*apascentar as ovelhas destinadas para a matança*” (Judá, como visto acima), como ele fez isso (simbolicamente) e o que ocorreu.

Abre, ó Líbano, as tuas portas
para que o fogo consuma os teus cedros.
Geme, ó cipreste, porque os cedros caíram,
porque as mais excelentes árvores são destruídas;
gemei, ó carvalhos de Basã,
porque o denso bosque foi derribado.
Eis o uivo dos pastores,
porque a sua glória é destruída!
Eis o bramido dos filhos de leões,
porque foi destruída a soberba do Jordão!

Assim diz o SENHOR meu Deus: Apascenta as ovelhas destinadas para a matança [o povo da aliança]. Aqueles que as compram matam-nas, e não são punidos; os que as vendem, dizem: Louvado seja o SENHOR, porque me tornei rico; e os seus pastores não se compadecem delas. Certamente, já não terei piedade dos moradores desta terra, diz o SENHOR; eis, porém, que entregarei os homens cada um nas mãos do seu próximo, e nas mãos do seu rei; eles ferirão a terra, e eu não os livrarei da mão deles.

Apascentai, pois, as ovelhas destinadas para a matança, as pobres ovelhas do rebanho. Tomei para mim duas varas: a uma chamei Graça, e à outra União; e apascentei as ovelhas. Dei cabo dos três pastores [falsos] num mês. Então perdi a paciência com as *ovelhas* [o próprio rebanho do Senhor], e também elas estavam cansadas de *mim*. Então disse eu: Não vos apascentarei: o que quer morrer, morra, o que quer ser destruído, seja, e os que restarem comam cada um a carne do seu próximo. Tomei a minha vara Graça e a quebrei, para anular a minha aliança, que eu fizera com todos os povos [*isto é, o propósito ou aliança do juízo acima mencionado, em que o rebanho do Senhor deveria ser socorrido e seus algozes castigados*]. Foi, pois, anulada naquele dia; e as pobres do rebanho que fizeram caso de mim reconheceram que isto era palavra do SENHOR. Eu lhes disse: Se vos parece bem, dai-me o meu salário; e se não, deixai-o. Pesaram, pois, por meu salário trinta moedas de prata [o preço de apenas um escravo estrangeiro; Êxodo 21.32]. Então o SENHOR me disse: Arroja isso ao oleiro [*o preço é tão desprezível que é lançado ao mais insignificante artesão*], esse magnífico preço em que fui avaliado por eles! [*dito ironicamente*]. Tomei as trinta moedas de prata, e as arrojéi ao oleiro na casa do SENHOR. Então quebrei a minha segunda vara União para romper a irmandade entre Judá e Israel.

Desse modo, o verdadeiro Pastor é desprezado e rejeitado, com conseqüências trágicas. Os poucos versículos restantes desse capítulo falam de um pastor *infiel* que se aproveitaria do rebanho. O fato

principal a ser compreendido na passagem acima é que a transação de 30 moedas de prata, segundo Mateus 27.9, 10 refere-se claramente a *Cristo*. Em consequência de sua humilhação, os judeus têm estado sob pastores falsos desde então. E o mais falso dos pastores ainda os explorará quando a era presente se aproximar do fim. Não surpreende que nosso Senhor tenha chorado sobre Jerusalém, no próprio dia em que cumpriu Zacarias 9.9: “Ah! Se conheceras por ti mesma ainda hoje o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos” (Lc 19.42).

TERCEIRA PARTE

A LUTA E O TRIUNFO FINAIS DE SIÃO: A VITÓRIA DO SENHOR (12—14)

Nessa terceira parte da grande profecia messiânica de Zacarias, precisamos apenas apresentar certos trechos como orientação. A linguagem deixa claro que essa passagem salta por sobre o intervalo atual da “igreja”, indo até aquela época culminante no final da era presente, quando, depois do trágico atraso causado pela rejeição do verdadeiro Pastor-Rei, o Senhor retomará e completará seus grandiosos propósitos com e para a nação de Israel, e por meio dela.

Peso da palavra do SENHOR sobre Israel [*note que essa passagem se refere especialmente ao povo do Senhor*]. Fala o SENHOR, o que estende o céu, e funda a terra, e forma o espírito do homem dentro dele. Eis que eu porei a Jerusalém como um copo de tremor para todos os povos em redor, e também para Judá [*porei o copo de tremor*], quando do cerco contra Jerusalém. E acontecerá naquele dia que farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos; todos os que a carregarem certamente serão despedaçados, e ajuntar-se-ão contra ela todas as nações da terra [*essa linguagem, naturalmente, transcende qualquer cumprimento do passado, olhando em direção ao fim dos tempos, ao gigantesco drama mundial que ainda virá, do qual Jerusalém será o centro da tormenta, e que precipitará o segundo advento e impé-*

rio mundial de Cristo; passemos agora para o versículo 10].

E sobre a casa de Davi, e sobre os habitantes de Jerusalém, deramarei o espírito de graça e de súplicas; olharão para MIM, a quem traspassaram [*sabemos por João 19.37 que isso se refere a Cristo*]; pranteá-lo-ão como quem pranteia por um unigênito, e chorarão por ele, como se chora amargamente pelo primogênito [*note o “MIM” e o “O (ele)”*]. *Por mais que isto deva ter deixado perplexos os leitores desta profecia, nós agora sabemos como ambos os pronomes de fato são pertinentes. O próprio Senhor foi “traspassado” na crucificação de Jesus Cristo; veja Apocalipse 1.7*. Naquele dia será grande o pranto em Jerusalém... [*passemos agora para 13.1*]

Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusalém, contra o pecado e contra a impureza. E acontecerá, naquele dia, diz o SENHOR dos Exércitos, que tirarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória, e também farei sair da terra os [falsos] profetas e o espírito da impureza. E será que, quando alguém ainda profetizar [falsamente], seu pai e sua mãe, que o geraram, lhe dirão: Não viverás, porque mentirosamente falaste em nome do SENHOR; e seu pai e sua mãe, que o geraram, o traspassarão quando profetizar [*tão grande seu zelo pela honra do Senhor!*]. E acontecerá naquele dia que os [falsos] profetas se envergonharão, cada um da sua visão, quando profetizarem; nem mais se vestirão de manto de pêlos, para mentirem. Mas dirão: Não sou profeta, sou lavrador da terra; porque tenho sido servo desde a minha mocidade. E [*imensa tragédia, o verdadeiro Profeta-Sacerdote-Rei ser tratado da mesma maneira que esses falsos profetas!*] se alguém LHE disser [o “*lhe (ele)*” reportando-se a 12.10 — “*pranteá-lo-ão*”]: Que feridas são essas nas tuas mãos?, dirá ele: São as feridas com que fui ferido em casa dos meus amigos. [Sim!] Ó espada, ergue-te contra o meu pastor e contra o varão que é o meu companheiro, diz o SENHOR dos Exércitos; fere o pastor, e espalhar-se-ão as ovelhas [*nosso Senhor Jesus liga essa profecia a si mesmo em sua primeira vinda; veja*

Mateus 26.31. A ocasião em que será perguntado “que feridas são essas nas tuas mãos?” é sua segunda vinda; veja Apocalipse 1.7]; mas volverei a minha mão para os pequenos [um remanescente]. E acontecerá em toda a terra, diz o SENHOR, que as duas partes dela serão extirpadas, e expiarão; mas a terceira parte restará nela. E farei passar essa terceira parte [o remanescente] pelo fogo, e a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei, como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi; É meu povo; e ela dirá: O SENHOR é meu Deus [esse remanescente ainda existe, e essa promessa ainda será cumprida].

Segue-se agora o capítulo 14. Os versículos seguintes são suficientes para mostrar que ele olha em direção ao fim da era presente.

Eis que vem um dia do SENHOR, em que os teus despojos [ó Sião] se repartirão no meio de ti. Porque eu ajuntarei todas as nações para a peleja contra Jerusalém [...]. [agora o versículo 3] E o SENHOR sairá e pelejará contra essas nações, como pelejou no dia da batalha. E naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá um vale muito grande; metade do monte se apartará para o norte, e a outra metade dele para o sul. [...] então virá o SENHOR meu Deus, e todos os santos contigo, ó SENHOR [a mudança para a segunda pessoa aqui denota a expectativa alegre do próprio profeta] [...] [agora o versículo 9] E o SENHOR será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o SENHOR, e um será o seu nome [...] [agora o versículo 11] e já não haverá mais anátema, porque Jerusalém habitará segura [...] [agora o versículo 20]. Naquele dia se gravará sobre as campaignhas dos cavalos: SANTIDADE AO SENHOR; e as painéis na casa do SENHOR serão como as bacias [sagradas] diante do altar. E todas as painéis em Jerusalém e Judá serão consagradas ao SENHOR dos Exércitos, e todos os que sacrificarem virão, e delas tomarão, e nelas cozerão.

E não haverá mais cananeu [negociante] na casa do SENHOR dos Exércitos naquele dia (IBB).

Eis então o livro de Zacarias. É como uma obra-prima musical inigualável, com movimentos mais simples na primeira parte, seguidos de uma estrondosa rapsódia final, com acordes estalando, rápida sucessão de notas e alterações súbitas entre os tons maior e menor e um final triunfante. Todavia, tanto nos *primeiros* movimentos (1—8) quanto nos *posteriores* (9—14), ouvimos a mesma nota central repetida todo o tempo — o Senhor tem “zelo por Sião”. A respeito de 9.13, o *Pulpit Commentary* declara: “*Nada, senão a inspiração*, poderia ter capacitado Zacarias e Daniel a prever a ascensão da dinastia macedônia e a luta entre os judeus e o poder siro-grego no período dos macabeus, anunciado aqui”. Que devemos dizer, então, sobre as passagens em que Zacarias fala diretamente da primeira e da segunda vindas do Messias — sua entrada pública em Jerusalém, humildemente montado num jumento; o fato de ser “ferido” na casa de seus próprios amigos; a “morte do pastor e a dispersão do rebanho”; a preservação do “remanescente” mesmo até nossos dias; o “pranto” por ele, que ainda está para acontecer, quando os judeus “olharão para mim [ele], a quem traspassaram”; o último e terrível conflito e as glórias do reino final? Sim, que diremos de tudo isso? Não é uma maravilha da inspiração? Oh, quem dera esse triunfo final predito por Zacarias! “*Ora vem, Senhor Jesus!*”

MALAQUIAS

Lição Nº 103

NOTA: Leia para este estudo a curta profecia de Malaquias por inteiro pelo menos duas vezes em seguida, e depois numa tradução moderna.

O Novo Testamento cita todos os livros do Antigo, menos Rute, Esdras, Neemias, Ester, Eclesiastes, Cantares e Lamentações. Ou, considerando-se de outra forma, matematicamente: existem no Novo Testamento 260 capítulos, dos quais 209 fazem referências ao Antigo Testamento, com apenas 51 sem menção. Assim, o Antigo e o Novo Testamento acham-se entrelaçados *numa trama de referência, alusão e citação constantes*; e não há uma única referência do Novo Testamento que contradiga o Antigo ou abale sua autoridade. Todas elas aceitam sua absoluta autoridade e sua natureza divina.

G. CAMPBELL MORGAN,
Doutor em Teologia.

MALAQUIAS

MALAQUIAS chama! É o último chamado do Antigo Testamento antes que a voz da profecia se cale num silêncio de 400 anos. Uma grande fase da revelação divina agora deve encerrar-se. O último porta-voz expressa sua alma e retira-se por trás das cortinas enevoadas do passado. Uma solenidade curiosa o envolve. Que diz esse último mensageiro? Qual é a mensagem final? Qual é a palavra de despedida?

Não precisamos perder tempo aqui replicando aos modernos que nos dizem não ter Malaquias existido de fato. Eles não conseguem produzir um vestígio se quer de provas positivas, e já foram competentemente respondidos em outras obras. Alguns deles nos dão a impressão de que gostam de divergir dos conceitos anteriores só pelo prazer da contradição. Coam mosquitos e engolem camelos. Seus argumentos aqui, como em vários outros pontos, não pesam mais que penas. Para uma curta mas excelente sinopse do assunto, indicamos os artigos introdutórios sobre Malaquias no *Commentary* de Ellicott e no *Pulpit Commentary*, que, embora não sejam os mais recentes, continuam absolutamente confiáveis ainda hoje.

Nosso primeiro passo para avaliar a mensagem de Malaquias é observá-lo em sua própria época. Ele não data sua profecia, mas existem indicações quanto a seu período aproximado. Todos concordam em que seja pós-exílico, sendo posterior aos dois outros profetas pós-exílicos, Ageu e Zacarias. A probabilidade é de que tenha sido escrito *pouco depois dos dias de Neemias*. É bom fixar na mente as datas e os eventos principais relativos ao remanescente judeu, desde sua volta até o ministério de Malaquias, como segue:

- 536 a.C. No decreto de Ciro, os 50 000 voltam à Judéia sob Zorobabel (Ed 1 e 2).
- 534 a.C. Assentam-se os alicerces do novo templo (Ed 3) — mas a reconstrução é adiada.

- 520 a.C. Ministério dos profetas Ageu e Zacarias. Retomada a construção do templo (Ed 5; Ag 1.15).
- 516 a.C. Completada a restauração do templo (Ed 6.15), exatamente 20 anos depois da volta dos 50 000.
- 457 a.C. Volta de mais 1 800 (mais esposas, filhas e servos) sob Esdras (Ed 7).
- 445 a.C. Neemias volta a Jerusalém por decreto real, como governador, para reconstruir *a cidade* (Ne 2).
- c. 430 a.C. Neemias volta a Jerusalém depois de se ausentar numa visita a Artaxerxes (Ne 13.6, 7). Malaquias profetiza um pouco depois disso.

Quando Malaquias escreveu?

Ora, como dissemos, a probabilidade é que esse pequeno livro de Malaquias pertença ao período seguinte aos dias de Neemias. Somos dessa opinião por não se ajustar facilmente a nenhuma conjuntura anterior. Em primeiro lugar, não se enquadra nos primeiros dias de Esdras na Judéia. As ofertas, os sacrifícios e outras observâncias do serviço do templo haviam-se pervertido e profanado na época de Malaquias (1.7, 8, 12; 2.8); contudo, apesar dos outros males que *Esdras* teve de enfrentar, não encontramos em nenhum lugar alguma referência a ele tendo de reformar tais abusos em relação ao serviço no novo templo. Além do mais, na época de Esdras todas as coisas necessárias para os serviços do templo eram fornecidas pelo tesouro real (Ed 6.9, 10; 7.17-20), de modo que as censuras de Malaquias por causa da avareza do povo para com o templo (1.13; 3.8-10) dificilmente viriam ao caso. Mais ainda, as palavras iniciais de Malaquias sobre a condição desolada da terra de Edom (1.3-5) teriam sido de pouco consolo para o remanescente judeu, se na mesma ocasião sua

própria cidade (Jerusalém) continuava “desolada, e suas portas consumidas pelo fogo”. Não, a cidade havia sido reconstruída quando Malaquias profetizou, e isso nos leva aos dias de Neemias.

Malaquias profetizou na época de *Neemias*, então? Bem, com certeza não profetizou durante *os primeiros doze anos* de *Neemias* como governador de Jerusalém, quando foram realizadas essas grandes restaurações (Ne 7—12). Assim, será que ele profetizou durante o breve *intervalo* em que *Neemias* esteve ausente na corte persa (Ne 13.2)? Dificilmente, pois existe uma atitude e um comportamento estabelecidos, e uma condição de endurecimento e hostilidade desafiadora, indicados no período de Malaquias, que não eram apenas produto de um colapso súbito no decorrer de poucos anos, mas sim um desenvolvimento ao longo de um período mais longo (1.6, 7, 10, 13; 2.8, 9, 17; 3.7). Ao voltar, *Neemias* certamente descobriu que certos abusos já haviam reaparecido (13), mas fica também claro que eles não representavam a nação inteira, como foi o caso quando Malaquias profetizou (3.9). De novo, se a extrema corrupção denunciada por Malaquias se desenvolvesse totalmente na curta ausência de *Neemias*, então isso significa muito pouco para a eficiência de Malaquias caso tivesse profetizado *nessa época*!

Malaquias profetizou, então, durante o *segundo* período de *Neemias* em Jerusalém? É pouco provável, pois é difícil pensar que tal estado de coisas como o exposto por Malaquias se desenvolveria enquanto *Neemias* ainda estivesse no controle e enquanto *Esdras* talvez ainda vivesse. Existe também uma referência ao “governador” em Malaquias 1.8 que certamente parece inexplicável, se *Neemias* fosse o governador na ocasião. Malaquias teria-se referido assim anonimamente a alguém como *Neemias*? Claro, isso é possível, mas será provável? Além do mais, esse versículo fala de “ofertas” ao governador; mas *Neemias* nos diz expressamente que *ele* sempre *se absteve dos direitos do governador* (Ne 5.14, 15), e não é provável que tivesse mudado mais tarde!

Concluimos, portanto, que Malaquias profetizou depois dos dias de *Neemias* — e suficientemente mais tarde para que se desenvolvessem as condições corruptas que ele pranteia e denuncia. O livro de *Esdras*

de fato se refere aos dois profetas, Ageu e Zacarias, que profetizaram durante o período abrangido por esse livro; mas o livro de Neemias não fala em ponto algum da presença de Malaquias. Vemos nisso, mais uma vez, outra ligeira prova da conclusão de que Malaquias apareceu em cena um pouco mais tarde. Neemias, como perceberemos, pode ter vivido durante um tempo considerável após o último acontecimento registrado no livro que leva seu nome; e, enquanto vivesse, teria exercido forte influência a favor da pureza moral e religiosa. Contudo, as condições descritas por Malaquias sugerem uma deterioração que surgiu *depois da eliminação dessa influência*. Não só o zelo primitivo do povo e dos sacerdotes arrefecera, mas dera lugar a um conjunto de formalismo relaxado (3.14) e até a subterfúgios enganosos (1.14). Nosso último vislumbre de Neemias em Jerusalém é por volta do ano 430 a.C., mas ele provavelmente continuou ali por algum tempo depois disso. Portanto, estabelecemos o ministério de Malaquias em algum ponto entre 420 e 397 a.C.

As primeiras “sete semanas” de Daniel — e Malaquias

Isso leva-nos a uma consideração realmente notável. Ela está ligada à profecia das “setenta semanas” de Daniel (Dn 9). Disse-se a Daniel que, a partir da data do decreto para reconstruir Jerusalém até a morte do Messias, haveria “sete semanas, e sessenta e duas semanas”. A data do decreto foi definitivamente 445 a.C. (veja nosso estudo anterior sobre Daniel). Por que as sessenta e nove semanas a partir dessa data até a morte do Messias deveriam ser divididas em “sete semanas, e sessenta e duas semanas”? Sem dúvida as Escrituras têm algum limite importante em vista no final dessas primeiras “sete semanas”, ou 49 anos, e é difícil resistir à conclusão de que esse limite foi *o final da era profética com Malaquias*. Isso faria com que o ministério de Malaquias *terminasse* em 397 a.C., data que de fato se encaixa bem às circunstâncias. Malaquias determina assim os 49 anos ou “sete semanas” dos “tempos angustiosos” previstos (Dn 9.25). De maneira especial, Deus espera agora para mostrar graça. À luz disso, como é signifi-

ficativa aquela grande e derradeira promessa do Senhor por meio de Malaquias: “TRAZEI TODOS OS DÍZIMOS À CASA DO TESOURO, PARA QUE HAJA MANTIMENTO NA MINHA CASA, E PROVAI-ME NISTO, DIZ O SENHOR DOS EXÉRCITOS, SE EU NÃO VOS ABRIR AS JANELAS DO CÉU, E NÃO DERRAMAR SOBRE VÓS BÊNÇÃO SEM MEDIDA” (3.10).

O significado e a mensagem do livro

Qual é então o propósito especial, a mensagem central, o pensamento-chave do livro? Não precisamos fazer uma análise muito minuciosa para descobrir isso. Se nos colocarmos mentalmente no círculo dos primeiros ouvintes de Malaquias e lermos o livro num ritmo discursivo, deixando que ele nos fale como se fosse a voz viva do próprio profeta soando em nossos ouvidos, não podemos deixar de perceber que do começo ao fim esse pequeno livro é UM APELO — um apelo poderoso, apaixonado, suplicante — um apelo ao *arrependimento* do pecado e à *volta* a Deus — um apelo acompanhado de rica *promessa* se o povo atender, e de severa *advertência* se recusar. Leia novamente o livro e compartilhe do vibrante e premente fluxo dos pensamentos e das palavras do profeta, e veja se não é assim: “Se eu sou pai, onde está a minha honra? E se eu sou senhor, onde está o respeito para comigo?” (1.6); “agora, pois, suplicai o favor de Deus, que nos conceda o mesmo Deus? Por que seremos desleais uns para com os outros, profanando a aliança de nossos pais?” (2.10); “desde os dias de vossos pais vos desviastes dos meus estatutos, e não os guardastes; TORNAI-VOS PARA MIM, E EU ME TORNAREI PARA VÓS OUTROS, DIZ O SENHOR DOS EXÉRCITOS” (3.7); “TRAZEI TODOS OS DÍZIMOS À CASA DO TESOURO [...] E PROVAI-ME NISTO, DIZ O SENHOR DOS EXÉRCITOS” (3.10); “LEMBRAI-VOS [OBEDECEI DE NOVO À] DA LEI DE MOISÉS [...] A QUAL LHE PRESCREVI” (4.4).

Ora, não precisamos tentar analisar esse pequeno livro em cinco, seis ou sete partes difíceis de lembrar. O simples fato a ser notado é que esse APELO de Malaquias divide-se naturalmente em DUAS PARTES. Nos capítulos 1 e 2, o apelo é feito em vista do *pecado presente*

na nação. Nos capítulos 3 e 4, ele se deve ao “*dia do SENHOR*” que virá.

Examine de novo agora os capítulos 1 e 2. Depois dos primeiros versículos introdutórios (vv. 1-5), as palavras são dirigidas aos *sacerdotes* (veja 1.6; 2.1, 7). Observe que o *próprio Senhor* se dirige diretamente a esses sacerdotes, e até 2.9 os versículos estão na primeira pessoa. A seguir, em 2.10, há uma mudança. É o *profeta* agora, falando *por parte* do Senhor. O discurso não é mais aos sacerdotes, mas *ao povo em geral*. O profeta coloca-se entre eles e pergunta: “Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?” A partir desse ponto, todos os versículos estão na *terceira* pessoa. Isto é tudo, então, com respeito aos capítulos 1 e 2.

Veja agora os capítulos 3 e 4. Uma nova nota se faz ouvir. O profeta observa o presente à luz do grande “*dia do SENHOR*” que virá. Notaremos que, a partir do primeiro versículo do capítulo 3, é o próprio Senhor que fala diretamente outra vez, usando a primeira pessoa (“eu, mim, meu”) até o final do livro. Primeiramente, do versículo 1 ao 6, é-nos dito que *aquele que virá*, que era a esperança de bênção futura da nação, surgiria para *julgar* (não apenas, como se suponha, para abençoar indiscriminadamente a nação!); e, com base nisso, é feito um *novo apelo* para que o povo “volte”, “leve todos os dízimos” e “prove” a oferta de bênção do Senhor (vv. 7-12).

Depois, do versículo 13 até o fim do livro, existe outro acréscimo sobre esse “*dia do SENHOR*” vindouro — ele não só julgará os culpados (como acabamos de dizer), mas também *vingará a minoria santa* (3.13—4.3). Surgindo disso, vem o apelo final do livro, para “obedecer” novamente à “lei de Moisés” (4.4-6). Essa seção final do livro que começa em 3.13 não é apresentada claramente em nossa versão. Existe um contraste entre duas classes — entre o número maior que *resistia* ao Senhor e “falava em conjunto” (v. 13), e a minoria que “temia” ao Senhor e “falavam uns aos outros” (v. 16). Só existem *dois tempos verbais* na língua hebraica, e o *contexto* deve decidir em que tempo eles aparecem em nossa tradução. Os versículos de 13 a 16 deveriam conter a seguinte leitura:

As vossas palavras são duras contra mim, diz o SENHOR; mas vós dizeis: O que falamos [juntos] contra ti? Vós dizeis: Inútil é servir a Deus [...].

Mas os que temem ao SENHOR falam uns aos outros; o SENHOR atenta e ouve; um memorial está sendo escrito diante dele, daqueles que temem a Deus e se lembram do seu nome. Eles serão para mim particular tesouro naquele dia que estou preparando, diz o SENHOR dos Exércitos...

“... eis que ele vem [...] mas...”

O pensamento-chave de Malaquias encontra-se em 3.1, 2: “... *eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas quem pode suportar o dia da sua vinda?*”. Em nosso estudo de Ageu, vimos que o remanescente judeu tornara-se indiferente à reconstrução do templo graças a uma interpretação errada da profecia. Com base na predição de Jeremias de que 70 anos de “assolações” haviam sido determinados para Jerusalém, os líderes e o povo estavam dizendo: “Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do SENHOR deve ser edificada” (Ag 1.2). Eles se justificaram assim, mantendo-se em indolência culpada — e foram justamente censurados por isso. Cem anos mais tarde, na época de Malaquias, há uma *atitude errada para com a PROMESSA divina*. Os primeiros profetas haviam predito que aquele que viria traria libertação final e bênção duradoura para a nação da aliança. Ezequiel e Daniel haviam mantido esse tom; os profetas pós-exílicos, Ageu e Zacarias, prosseguiram mais ainda assim. O tempo estava agora certamente se aproximando, e o Prometido viria para exaltar a nação, dando-lhe uma dignidade e uma prosperidade indizíveis. Tudo então ficaria bem, diziam os líderes, os sacerdotes e o povo entre si, e o presente não importava muito. Eles se afundaram assim num formalismo negligente e até em desavergonhada hipocrisia em seus tratos com Deus e com os outros. Malaquias mostra agora que a promessa divina é uma espada de dois gumes. O “dia” vindouro des-

truirá não só os inimigos *externos* da nação, mas também os corruptos *dentro* da nação. O “mensageiro da aliança”, cuja vinda prometida estavam “desejando” (3.1), certamente viria, como prometido; *mas* (que marquem bem esse grande “mas”) — quem poderia “suportar o dia da sua vinda”? Pois ele viria como “o fogo do ourives” e seria uma “testemunha veloz” contra todos os malfeitores (v. 5). Existe realmente um “mas” na promessa: “... eis que ele vem [...] *mas*”. Eis o pensamento central de Malaquias. Vamos agora colocar nossas descobertas numa análise simples.

MALAQUIAS

“EIS QUE ELE VEM [...] MAS”

APELO A — EM VISTA DO PECADO PRESENTE (1—2).

O SENHOR FALA: o apelo é feito aos sacerdotes (1.6—2.9).

MALAQUIAS FALA: o apelo é feito ao povo (2.10-17).

APELO B — EM VISTA DO “DIA” QUE VIRÁ (3—4).

O DIA JULGARÁ OS CULPADOS (3.1-6),
portanto, o apelo (vv. 7-12),

O DIA ABENÇOARÁ OS PIEDOSOS (3.13—4.3).

portanto, o apelo (4.4-6).

Observações finais

Esse último fragmento das Escrituras do Antigo Testamento está ricamente repleto de verdades vitais e aplicações vivas para os nossos dias. Nesses últimos parágrafos, podemos citar apenas algumas delas.

Em primeiro lugar, notamos que o Antigo Testamento deixa-nos com *uma promessa final da vinda de Cristo*. Assim, a primeira e a última promessa do Antigo Testamento referem-se a ELE. Mas que riqueza de desenvolvimento encontra-se entre Gênesis 3.15 e Malaquias

4.6! A voz conjunta das Escrituras do Antigo Testamento é: “eis que ele vem!”. Observamos também que a vinda de Cristo descrita em Malaquias é aquela que mesmo para nós continua futura. A primeira vinda de nosso Senhor como o Servo sofredor é, com toda a certeza, um fato *histórico*; e sua segunda vinda como Rei e Juiz, também com a mesma certeza, é um fato *profético*. O atual intervalo entre a primeira e a segunda vindas não foi revelado a Malaquias nem a nenhum outro profeta do Antigo Testamento. Notamos isso repetidamente. Todavia, ainda assim os *dois aspectos* de sua vinda — como o Servo sofredor e como o Soberano universal — acham-se indiscutivelmente presentes aos olhos da profecia do Antigo Testamento. Existe um sentido real no fato de que João Batista foi o precursor do Elias de Malaquias (cf. Ml 4.5 com Mt 17.12, 13); no entanto, é igualmente claro que, em consequência da rejeição do Senhor, haverá um cumprimento *final* mais dramático da predição de Elias em Malaquias (Mt 17.11, “virá”, e Ap 11).

Devemos fazer sempre uma nítida distinção entre a presciência divina e a predeterminação divina. Deus previu a rejeição de Cristo por parte dos judeus; mas ele não a *determinou* previamente. Deus jamais predestina o *pecado*! Em seu governo deste mundo, Deus não permite que seus propósitos maiores para a raça humana repousem sobre o comportamento incerto da vontade humana. Todavia, ele deixa espaço suficiente para a liberdade de ação da vontade humana, a fim de que os homens tenham sempre consciência de que estão agindo por si mesmos e mediante sua escolha inteligente. Assim, ele permitiu até mesmo a crucificação de Cristo. Mas a previu e providenciou antecipadamente contra ela, de modo que *a crucifixão do Messias de Israel se tornasse a coroação do Salvador do mundo*, e dos tristes escombros do fracasso judaico emergisse o novo propósito de Deus, isto é, a IGREJA e a proclamação de um EVANGELHO MUNDIAL ABRANGENTE de salvação pessoal por toda a era presente. Contudo, Deus não podia revelar tudo isso aos profetas do Antigo Testamento, pois, se tivesse agido assim, Cristo jamais poderia ter vindo e feito uma oferta *bona fide* de si mesmo como o Messias de Israel. Já falamos disso antes, mas é tão

importante entender claramente essa idéia, que consideramos sábio repeti-la.

Mais uma vez, portanto, com esse pequeno livro de Malaquias diante de nós, devemos sempre nos guardar de uma *atitude errada para com a promessa divina*. Vimos como essa atitude errada amaldiçoou a geração de Malaquias. Ela se acha evidente hoje também. Existem alguns cuja atitude em relação à esperança da volta de Cristo gera indiferença complacente. “Servo mau e negligente!” — será que essas terríveis palavras serão um dia pronunciadas para alguns de *nós* que cremos na segunda vinda do Senhor? Que a esperança de sua volta seja sempre um incentivo à santidade e um estímulo a fim de se ganharem outras almas para ele!

Ora, se lemos Malaquias cuidadosamente, não podemos ter deixado de ver que os dois principais males de sua época eram o *formalismo* e o *ceticismo*. Vemos neles os primórdios do farisaísmo (formalismo) e do saduceísmo (ceticismo), que mais tarde ficaram prontos para a colheita nos dias de nosso Senhor. Como essas duas coisas nos prejudicam hoje! E como fazem os homens se voltarem contra Deus! Por sete vezes os sacerdotes e povos dos tempos de Malaquias são confrontados com os pontos vitais da verdadeira religião, e sete vezes eles respondem com “em quê?": “Em que nos tem amado?” (1.2); “em que desprezamos nós o teu nome?” (1.6); “em que te havemos profanado?” (1.7); “em que o enfadamos?” (2.17); “em que te roubamos?” (3.8); “que temos falado contra ti?” (3.13). O formalista não gosta de ver seu formalismo *perturbado*. O cético não gosta de ver seu ceticismo *contestado*. Ambos fugirão das verdadeiras questões da religião essencial com contra-argumentos “autojustificadores”. É certo que “têm o seu dia”! Mas “eis que vem o dia, e arde como fomalha” (Ml 4.1); e, como disse D. L. Moody, “O manto da falsa profissão de fé se acenderá em chamas quando Deus queimar o restolho”.

Finalmente, vemos em Malaquias quão preciosa para Deus é a minoria santa em tempos de decadência. Um “memorial” é guardado; e eles, o remanescente de Deus, serão um “particular tesouro” no “dia” que ele está “preparando”. Desse modo, ao terminar o Antigo Testamento, vemos o remanescente piedoso suavemente falando entre

si sobre uma grande esperança — “Ele está voltando!”. A seguir, durante 400 anos eles desaparecem de vista, até ressurgirem da obscuridade nos tempos do Novo Testamento, representados pelos idosos Simeão e Ana, que são encontrados em Jerusalém, esperando “a consolação de Israel” (Lc 2.25). O mesmo acontece hoje. Os que temem o Senhor Jesus falam uns para os outros em meio às décadas finais da era presente, consolando-se com as palavras: “Ele está voltando!”. E o memorial de Deus está sendo mantido. É verdade, ele certamente está vindo — pois “... para vós outros que temeis o meu nome”, diz o Senhor, “nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas!”. E nossa oração é: “Vem, Senhor Jesus”.

Que perspectiva consoladora e vibrante — ele está vindo, vindo pela *segunda* vez! A garantia inviolável disso é o fato histórico de sua *primeira* vinda, como Salvador vicário, que cumpriu inúmeras predições maiores e menores do Antigo Testamento, com precisão divina. Esse primeiro grupo de cumprimentos, há 2 000 anos, constitui a mais poderosa garantia concebível de que *todas as outras* predições e promessas relativas a seu reinado sobre a terra num império mundial serão igualmente cumpridas. Sim, ele está vindo! ELE está vindo — o Noivo da igreja, o Messias de Israel e o Deus-Homem Imperador de todas as nações!

Jesus, meu Senhor, estás vindo!
 O teu Espírito me assegura interiormente.
 Vindo, Senhor amado, tu estás vindo,
 Para banir o império do pecado.
 Jesus, teu povo espera;
 O mundo clama, sem o saber, por ti.
 Ah, para ver a tua volta prometida,
 tua face e tua glória!

“VEM, SENHOR JESUS!”

PERGUNTAS SOBRE AGEU, ZACARIAS E MALAQUIAS

1. Que descrição Ageu faz da condição moral do “remanescente” que voltou?
2. Qual é o momento decisivo registrado por Ageu? Qual sua data?
3. Quais são os dois períodos de 70 anos profetizados por Jeremias que não devem ser confundidos?
4. Quanto à sua essência, quais são as quatro mensagens que compõem o livro de Ageu?
5. Quando Zacarias profetizou — em que anos e no reinado de que rei medo-persa? Há quanto tempo o “remanescente” havia voltado?
6. O livro de Zacarias divide-se em duas partes: quais são elas?
7. Em poucas palavras, quais são as sete partes da visão com sete divisões de Zacarias nos seis primeiros capítulos? E qual o significado da primeira?
8. Quais as três partes principais da grande profecia messiânica em Zacarias, do capítulo 9 ao 14? (Dê simplesmente os títulos das três partes principais.)
9. Que razões você poderia dar para dizer que Malaquias profetizou algum tempo depois dos dias de Neemias?
10. Você saberia mencionar alguma ligação possível entre a data de Malaquias e as sete primeiras semanas da famosa profecia de Daniel sobre as 70 semanas?
11. Dê um breve esboço do livro de Malaquias e diga qual seu versículo ou idéia-chave.
12. De que forma tanto Ageu como Malaquias nos advertem contra uma atitude errada em relação à profecia?